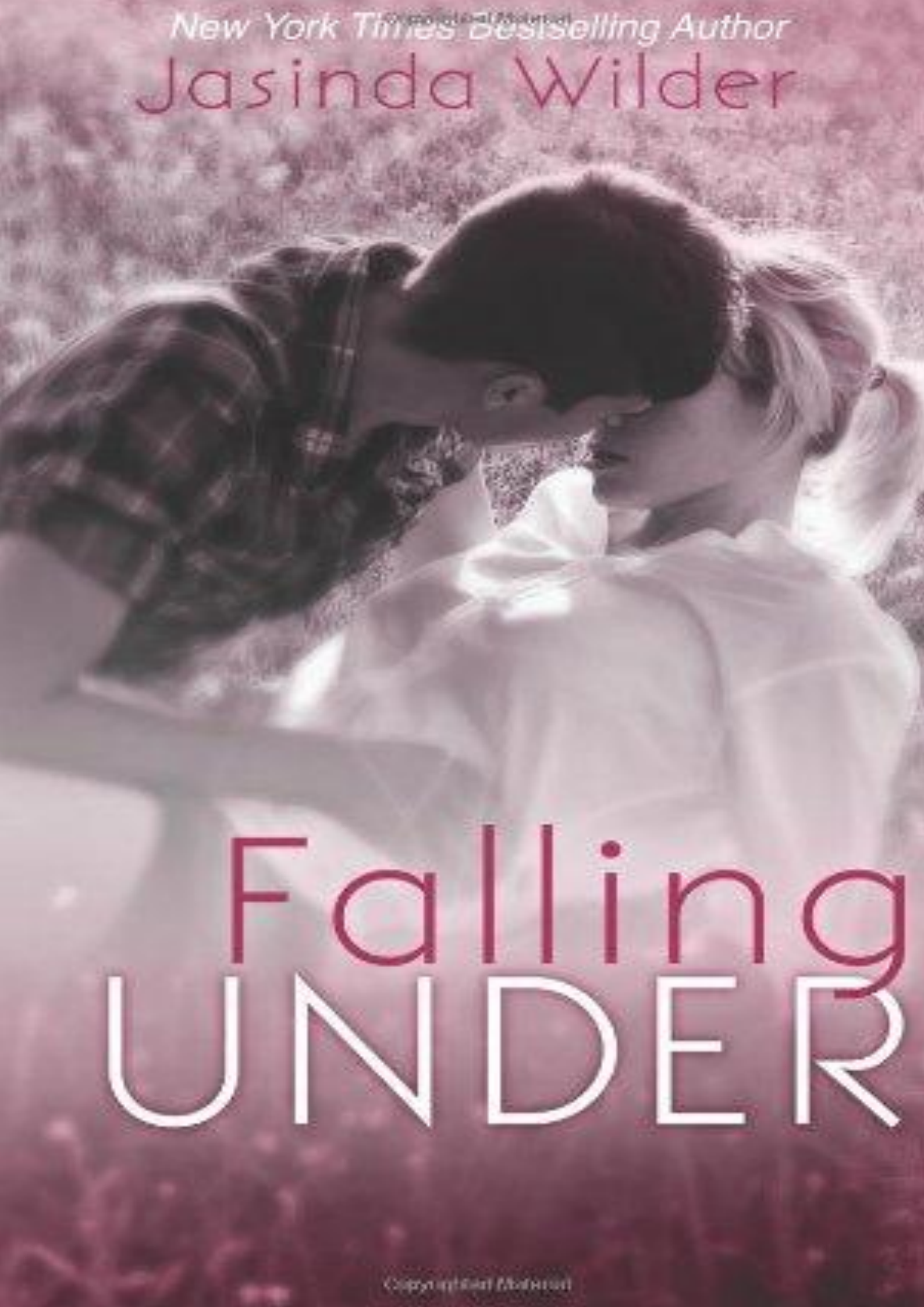
New York Times Bestselling Author

Jasinda Wilder



Falling UNDER

Copyright Material

♥ *Pegasus Lançamentos*

&

Warriors Angels of Sin ♥

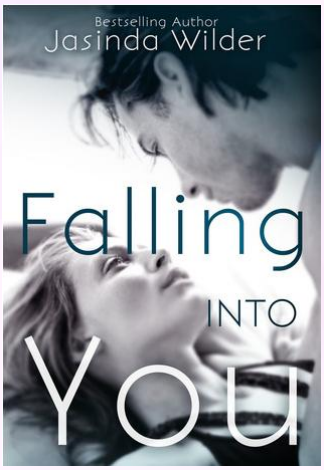
Disponibilização: PL

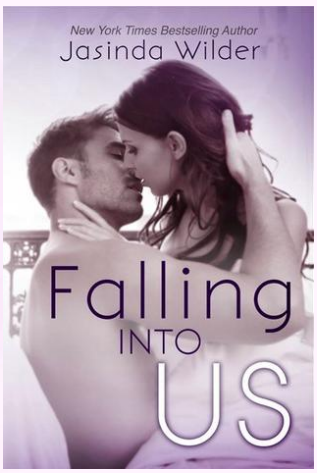
Tradução e Revisão: PL

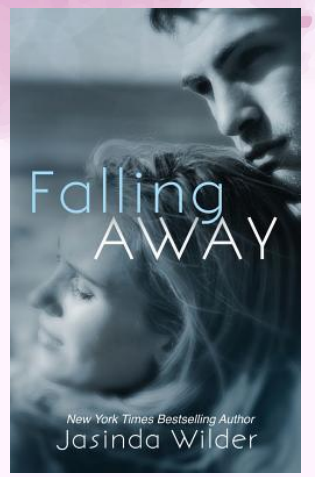
Leitura Final: WAS

Formatação: WAS

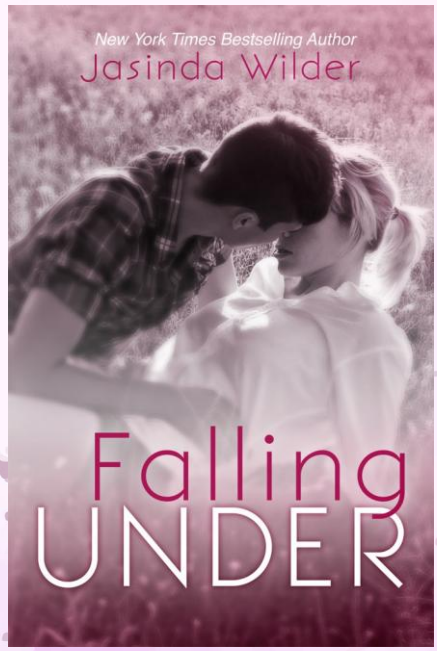
Série Falling







Lançamento – Livro 3



Sinopse

Meu nome é Colton Calloway.

Você já ouviu parte da minha história, mas tem mais. Minha menina, Kylie, está crescida. Dezessete anos, bonita e talentosa, assim como sua mãe. E, assim como Nell, minha filha parece ter se apaixonado por um bad boy, um com um monte de escuridão e um monte de segredos.

* * *

Você achava que sabia toda a história. Você pensou que tudo estava acabado. Felizes para sempre para todos.

Você estava errada.

Meu nome é Oz Hyde, e você não me conhece. Eu sou parte da história, também, mas eu sou um aparte, uma linha rápida praticamente esquecida. Bem, adivinhem? Eu tenho a minha própria história para contar.

Apertem os cintos, porque isso vai ser um inferno de uma viagem atribulada.

Dedicatória

Este livro é para você, leitor. É para todos vocês que vieram comigo na intensa, dolorosa e, finalmente, gratificante jornada que esta série tem sido. Você tomou Nell e Colt, Jason e Becca em seus corações, e você amou, como eu os amei, e você ajudou a torná-los reais.

Este livro é para todos aqueles que se identificaram com esses personagens, com suas lutas e com os problemas que eles têm enfrentado.

Obrigada, eu amo-vos.

Capítulo Um
Mais Azul

Oz
Setembro

Eu odeio ser o cara novo. É uma merda. Achei que estaria acostumado com isso, mas não estou. Minha mãe e eu estamos sempre nos mudando. A cada ano uma nova cidade, uma nova escola. Eu gostaria de saber o que ela procurava, de quem estava fugindo e o que estava escondendo. A si própria, eu acho. É como se, em cada lugar que vamos algo a assustasse. Eu fui para uma nova escola a cada ano desde a sétima série. St. Louis na sétima série, Denver na oitava, Biloxi na nona, Atlantic City na décima, Rochester New York no décimo primeiro ano e Atlanta no meu último ano.

Então, sim, eu sei como é ser o cara novo. Mas, felizmente, na faculdade, especialmente faculdade comunitária, significa que todo mundo é novo. Poucas pessoas se conhecem e são amigos desde o jardim de infância. Eu posso ir fundo aqui, o que é bom, um começo. Uma boa mudança. Eu aprovo.

Comecei a ter aulas na faculdade comunitária em Atlanta, e consegui cursar um ano - dois semestres - antes de mamãe decidir que nos mudaríamos de novo. Saímos, até finalmente nos estabelecermos em Nashville. Então eu não tinha escolha, tive de transferir a faculdade. O que significa a retomada de algumas aulas das quais não consegui transferência. Eu já estou atrasado. Tenho vinte e um. Deveria estar quase acabando a minha licenciatura, mas não estou nem na metade do curso. Isso é um saco. Eu lhe disse para não mudarmos, até que eu, pelo menos, terminasse a porra do meu curso. Pedi que me desse esse tempo.

Se dependesse de mim eu teria ficado em Atlanta e terminado lá. Teria deixado mamãe ir pra onde diabos ela quisesse. Eu pensei longamente sobre isso e era realmente o que eu queria fazer, mas no final, eu tive que ir com ela. Só temos um ao outro. Ela luta apenas

para sobreviver, e conta comigo ajudando, contribuindo com qualquer renda que eu puder. Ela precisa de mim. Então... Aí vou eu, Nashville.

Eu vou pra fileira de trás, na minha primeira aula, cálculo. É absurdamente terapêutico para mim, mas tenho que tomar isso como um pré-requisito para as aulas mais difíceis. Eu desejaria que fosse algo mais avançado do que a matemática do ensino médio. Aprendi essa merda na nona série, matemática é calmante para mim. É bizarro, eu sei, mas sentar para trabalhar com um monte de equações acalma o caos na minha cabeça e me ajuda a lidar com a flutuação constante do meu humor.

Todas as outras pessoas nesta classe são do tipo que você esperaria – sentados, de costas retas, cadernos abertos e lápis na mão rabiscando. Ok, talvez seja um pouco de exagero. A maioria deles é igual a mim, estou aqui como qualquer um. Depois, há *ela*. Santo inferno! Ela está na fileira da frente, no canto direito da sala. Sentada na frente, um pouco de lado, e eu consego uma vista de perfil de seu cabelo ruivo e o par mais elétrico de olhos azuis que já vi. Jesus. Meu pulso está batendo, e ela não está nem olhando para mim. Ela parece tão entediada quanto eu. Encostou-se na sua cadeira, enrolando uma mecha de seu cabelo longo ao redor de um dedo, goma de mascar, o cotovelo sobre a mesa, de braços cruzados rabiscando em seu caderno, não prestando muita atenção. Como se ela já soubesse tudo o que o Sr. Stuffypants[1] está falando lá em cima. Não consigo tirar meus olhos dela. Estou hipnotizado.

Deslizo mais baixo em minha cadeira, envergonhado com a minha própria reação louca por uma garota que eu nem conheço. Todo mundo sabe que meninas gostam dos meninos maus, e eu sou completamente ruim. Então eu nunca tive problemas para uma menina ficar comigo. Mas também eu nunca tive trovões correndo em minhas veias, ressoando em meus ouvidos, nunca tive minhas mãos suando. Eu só queria atravessar a sala, e implorar por seu nome, seu número, e ter cinco malditos minutos a sós com ela.

Pego meus fones de ouvido do meu bolso, e coloco na minha orelha, escondendo o outro e dificultando a visualização. Aperto 'play' e

[1] Calças Entediantes – alcunha do professor.

aumento o volume. 'Monolith' do Stone Sour enche meu ouvido, e ajusta o resmungo da monótona voz do professor. Eu abro uma cópia esfarrapada de um livro da Biblioteca Pública de Nashville pra disfarçar.

A aula passa devagar, e eu olho para cima do quadro negro para fingir que estou atento. A aula finalmente termina, e os alunos se embaralham para fora, conversando, rindo e olhando para mim. A menina com o cabelo ruivo faz uma pausa na minha mesa.

– Não é educado ficar me olhando. – Ela joga sua juba espessa de cabelo loiro-avermelhado por cima do ombro. – Qual é o seu nome?

Dou de ombros. – Eu não sou educado. Pode me chamar de Oz.

Ela franze a testa. – Oz? Isso é o que está em sua certidão de nascimento?

– Será que isso faz alguma diferença?

– Não, mas...

Ela é interrompida pelo professor. – Mexam-se vocês dois. Eu tenho outra aula para começar.

Os alunos estão entrando, tentado encontrar lugar, mesmo que a próxima aula só se inicie em mais de dez minutos. Nós saímos da sala, e eu escapo antes que ela possa me incomodar mais sobre meu nome. Ela é apenas uma garota, não a quero próxima, me dando trabalho. Eu tomo o meu caminho para a minha próxima aula, um curso de história do mundo, bastante genérico. Não é ruim, mas chato. Quando estou a ponto de entrar, eu vejo a garota conversando com um casal de amigos. Desvio e caminho até ela. Só para provar a mim mesmo que a minha reação do início era apenas um acaso.

– Eu não sei o seu nome. – Disse sem me importar com seus amigos.

Ok, eu os vi, mas eles estão apenas... ali. Mas não há nessa mesma galáxia alguém que me chame tanta atenção como essa garota. Eles estão me olhando, mas eu os ignoro completamente. Estou obcecado por esta ruiva de olhos azuis hipnóticos.

– E eu não entendi o seu. – Ela levanta a sobrancelha.

Reviro os olhos. – Meu nome é Oz. Eu me chamo assim, Oz desde a terceira série. Nem mesmo minha mãe me chama pelo nome da minha certidão de nascimento.

– Qual é?

Eu balancei minha cabeça, com irritação e descrença. – Por que você se importa?

Ela encolhe os ombros. – Estou curiosa para saber.

– Então, qual é o *seu* nome?

Ela balança a cabeça. – Vou dizer o meu quando você me disser o seu. – O modo como seus olhos brilham, o seu belo sorriso faz meu peito bater acelerado.

Ando para a sala de aula, sorrindo para ela por cima do meu ombro. – Faça do seu jeito, então.

Tenho mais uma aula, de literatura americana. Asqueroso. Dê-me Hemingway ou Faulkner ou qualquer um desses caras, mas essa literatura americana puritana e entediante? Não, obrigado.

Na saída da escola, eu a vejo novamente. Ela está abraçando um cara grande, musculoso usando um boné de Vanderbilt Commodores. Ele tem a pele bronzeada e cabelo preto cortado curto, do tipo que grita 'jogador de futebol'. Merda. Ela o está abraçando como se o conhecesse desde sempre, e eu sinto um fio estúpido de ciúme ondulando através de mim. Eu acabei de a conhecer, nem sei o seu primeiro nome. Então, porque eu teria ciúme? Ele está, obviamente, aqui para buscá-la, a julgar pelo fato de ela estar abrindo a porta do passageiro de seu brilhante, e preto, Silverado e jogando a mochila como se fosse seu próprio carro.

Eu realmente deveria simplesmente esquecer que alguma vez a conheci, pois sei qual é meu lugar. Mas o cara atleta tem seu caminhão monstro estacionado perto da minha moto. Eu ajo como se eu não os visse. Fecho a minha jaqueta de couro, aperto as alças da minha mochila, puxo meu boné Broncos[2] fora de minha cabeça, coloco minhas coisas na bagageira e ponho meu capacete prendendo a alça

[2] O **Denver Broncos** é um time de futebol americano da cidade de Denver, Colorado que disputa a NFL na divisão Oeste da Conferência Americana.

embaixo do meu queixo. Eu sei que ela me viu, sinto seu olhar em mim, quando ela se inclina contra o caminhão, conversando com seu amigo/namorado, quem diabos seja.

Eu jogo minha perna por cima da moto, sento e dou a partida ouvindo o motor roncar. É uma Roadmaster Cruiser 2003. É o meu bebê. Comprei-a com dinheiro do meu último ano do ensino médio. A partir do momento em que fiz doze anos, eu cortei gramados, limpei neve com pá, entreguei jornais, lavei pratos, fiz qualquer tipo de trabalho que eu pude encontrar, para comprá-la. Levei quase seis anos para juntar o suficiente. Era a única coisa que eu sempre quis, a minha própria moto. Mamãe odiava a ideia, mas depois que ela viu que eu estava falando sério sobre economizar cada centavo, ela não podia dizer não. Ela até ajudou em algumas centenas de dólares ao longo do caminho. Então, eu a tinha visto na beira da estrada com uma placa de "vende-se" sobre ela. Passei por ela todos os dias no caminho para o meu trabalho no restaurante mexicano pra vê-la. O proprietário queria 8500 dólares pela máquina, e eu tinha apenas 8100 dólares. Então Mamãe, sendo Mamãe, disse-me que ela me ajudaria, contanto que eu concordasse em usar sempre o capacete, não importando que seu uso não fosse obrigatório.

O barulho do motor é sexy como o inferno. O proprietário original era um motociclista que faz parte de um grupo de motoqueiros e chegou com a moto fazendo muito barulho. Ele havia colocado acessórios na moto, e até mesmo me vendeu o seu próprio capacete, um daqueles que se parece com os capacetes alemães da Primeira Guerra Mundial. Muito foda, se me permite dizer. Além disso, eu encontrei uma jaqueta de couro em uma loja de penhores em Louisville que tinha um monte de patches[3] e merdas sobre ela, que me agradou muito. Eu coloquei alguns dos meus próprios patches e logos de bandas de metal que gosto.

Acelerei provocando o estrondo do motor e em seguida, comecei a rolar a moto pesada para trás. Faço a volta de modo a ficar virado para a saída do estacionamento, e, em seguida, arranco, fazendo um rugido

[3] Trata-se de emblemas que são colocados nos coletes. No caso dos MC, os emblemas estão relacionados com a posição que ocupam no MC, o nome, etc. Neste caso, ele colocou os seus próprios emblemas, juntando aos existentes.

ensurdecedor. Eu a senti olhando para mim, e perguntando se eu ia dizer alguma coisa. Eu devia simplesmente ir embora e terminar este pequeno flerte que tenho com ela.

Mas então, foda-se, eu lancei um sorriso arrogante para a Olhos Azuis e disse: – Você vem? – Eu chego mais perto e pego o capacete sobressalente na parte de trás do assento.

Ela olha para mim, e eu posso ver que ela quer. Ela é curiosa. Eu mantenho o meu sorriso fácil e arrogante. No fundo, o meu coração está batendo de nervoso.

– Ky, não, – diz o rapaz. Ela o ignora e se move em minha direção. Ele agarra-a pelo braço. – Kylie, eu disse que não.

Eu coloquei o estribo lateral para baixo. – Eu não estava perguntando a você. Eu estava perguntando a ela. Deixe-a resolver.

Ele dá um passo em minha direção, e parece inchar quando eu digo, – Ou o quê?

Eu realmente não quero confusão com esse cara. Ele é grande. Vai doer, e provavelmente estragar minhas chances com essa garota mandando minhas intenções pro inferno, mas ei, por que não. Só que... eu não quero lutar. Eu só quero sair em um passeio com ela.

Ignoro o desafio do atleta e olho para ela. – Kylie, hein? Combina com você. – Eu pisco para ela. – Então. Você vem ou o quê, doçura?

Ela olha bem pra cara dele e depois para mim. Acena com a cabeça. – Claro. Mas não me chame de doçura.

– Ok, entendi.

– Maldição, Kylie. Você não conhece esse cara. Fique aqui. – O atleta chega para ela, mas ela sai de seu alcance e joga uma perna por cima da moto, atrás de mim.

Ela olha para ele. – Eu vou ficar bem, Ben. – Ela coloca o capacete e não se preocupa com o seu cabelo ficar bagunçado. O que é quente.

– Então, eu dirigi até aqui para buscá-la, e você vai embora assim com ele?– Ele parece chateado e, sinceramente, tem uma razão. Não que eu me importe.

Eu não espero. Assim que ela está atrás de mim, engato a marcha e saio com a moto. Nós saltamos para frente, e me pego sorrindo do rugido que ouço atrás de mim. Suas mãos vão à volta do meu

estômago, segurando-se com mais força. Oh, merda. Eu posso senti-la contra mim. Cada centímetro. Os seios dela estão esmagados contra as minhas costas, seus braços estão apertados em volta da minha cintura e as coxas estão firmadas nos meus quadris. Nós saímos do estacionamento, e então assim que eu piso o asfalto da estrada principal, eu torço o acelerador e nos distanciamos como um foguete. Ela está quieta, depois disso, mas eu posso sentir a sua excitação. Montar uma moto é algo que nunca envelhece, nunca. O vento no meu rosto, a liberdade, a estrada tão perto de mim, a velocidade. É viciante. E agora, essa garota segurando em mim, melhor ainda. Quero dizer, claro, eu tive outras meninas na moto comigo, mas nunca me senti assim. Eu tive exatamente três conversas com ela, cada uma com duração de menos de um minuto, mas há algo nela que me atrai.

Eu vou para um lugar que encontrei ontem, um pequeno café não muito longe do campus Vanderbilt. Tem um bom café, e uma batata frita assassina de pimentão com queijo. Eu puxo para o estacionamento, desligo o motor e ofereço minha mão. Kylie aceita, e eu sinto um formigamento. Seu sorriso, enquanto a ajudo a sair da moto, me surpreende, como se um cara como eu não pudesse saber nada sobre boas maneiras. Só que eu fui criado por uma mãe solteira, e ela espera que eu faça essa merda. Para ela, e para todos. Eu nunca tive um pai, então ela tentou ensinar coisas que ela acha que um homem deve saber. Gosto de ser um cavalheiro. Kylie pendura o capacete no punho, e eu faço o mesmo com o meu próprio capacete e minha jaqueta, sem me preocupar em esconder o meu olhar enquanto ela arqueia para trás para correr os dedos pelo cabelo, e depois amarrá-lo de volta num rabo de cavalo. Deus, ela é linda. Esbelta, mas com curvas exuberantes. E Jesus, aquele cabelo. O ruivo em contraste com a pele branca como leite e para combinar, um salpico de sardas no nariz. Seus olhos encontram os meus, e me pegam olhando, eu não disfarço, não tento dar desculpas. Eu não vou pedir desculpas por olhar para uma mulher bonita, especialmente quando eu estava apenas olhando para os peitos dela ou algo assim. O que eu fiz foi dar uma boa olhada, porque santo inferno, eles são perfeitos. Ela tinha um estilo, botas de cowboy feminino, jeans desbotado, uma camisa xadrez

rosa pálido com mangas arregaçadas, e um cinto com uma grande fivela. A camisa é desabotoada para mostrar apenas um pouco do decote, mas é o suficiente para ver que ela tem um air bag de morrer. Grande, redondo, firme, alto. Não enormes, mas provavelmente um punhado macio e saboroso. Eu empurro meus olhos de volta para seu rosto, para os olhos azuis de tirar o fôlego.

Ela me olha. Eu sou mais alto, uns bons centímetros. Eu não sou um atleta ou um cara malhado, mas eu estou em forma, sou magro e tenho cabelo castanho na altura dos ombros, puxados para trás em baixo do meu pescoço. Bronzeado, pele morena, um nariz adunco longo, olhos cinza acastanhado. Tenho tatuagens, uma imagem de uma estrada no meu antebraço esquerdo, duas pistas, que se dividem no meio em duas linhas de cada lado. É feito em tons de cinza, indo desde a base do meu pulso até o cotovelo. Eu tenho alguns projetos tribais no meu bíceps esquerdo, e no meu antebraço direito eu tenho algumas linhas de letras de Metallica de *'Wherever I May Roam'*. As palavras estão inscritas na horizontal, feito para olhar como se alguém tivesse escrito à mão apenas momentos antes, a tinta preta é brilhante Estou com uma antiga e desbotada calça jeans rasgada e desgastada e botas de combate, parecendo todo como um motociclista.

Depois do nosso mútuo longo olhar, eu mantenho a porta do café aberta, e sou mais uma vez tratado com um sorriso surpreso e um atordoado 'obrigada'.

Nós nos sentamos em uma mesa de canto. Ela pede uma Coca-Cola, e eu tomo um café e peço uma batata frita com pimentão e queijo. – Você quer alguma coisa para comer? – Eu pergunto. Peguei meu chapéu do meu alforje enquanto eu saía da moto, colocando-o na minha cabeça, para encobrir o meu cabelo pós-capacete.

– O que você pediu está bom, – diz ela.

– Então, vamos compartilhar, – eu digo. Ela apenas balança a cabeça, e eu decido começar uma conversa. – Então, esse cara, Ben. Seu namorado?

– Não! – Ela protesta, um pouco rápido demais, eu acho. Ela parece perceber também, e se acalma imediatamente. – Não,

crescemos juntos. Nossos pais são melhores amigos. Nós temos vivido na mesma rua em frente um do outro desde o jardim de infância.

– Ele parecia terrivelmente protetor em relação a você. Um pouco demais pra serem apenas amigos.

Ela passa rapidamente a língua pelo lábio. É quente, e perturbador. Eu assisto a língua, olho em seu rosto, e eu me pergunto o que ela pode fazer com a língua dela. Eu quase perco o que ela está dizendo. –... Sempre foi protetor. Ele olha por mim, isso é tudo.

Eu mexo meu café, mais para me fazer parar de assistir a língua e os lábios do que, misturar a bebida – Olhar por você, ele queria me matar quando você subiu na minha moto. Roubei você dele.

Seus olhos escurecem, e ela franze a testa. – Sim, provavelmente mas não vai além disso.

– Eu espero não lhe causar muitos problemas, – eu digo.

Ela encolhe os ombros. – Nah. Ele só vai ficar irritado. Por que estamos falando de Ben, afinal? Você não tem uma cantada para usar em mim?

Eu sorrio. – Eu já usei, doçura.

Ela estreita os olhos para mim. – Não me chame assim.

– Por que não?

– Eu não gosto disso, – diz ela.

– Sim, você gosta, – eu digo.

Ela abre a boca para protestar novamente, mas a garçonete traz as minhas batatas fritas, que se tornam as nossas batatas fritas quando Kylie alcança e pega uma. Ela inclina a cabeça para trás e dá uma mordida, pimentão e queijo escorrendo sobre o queixo. Até comendo ela é sexy. É irreal. O chili está quente e no queixo dela, ela está tentando pegar o guardanapo, sem sucesso. E sem pensar, acabo limpando o chili com o meu polegar. Idiota. Mas... caramba, sua pele é macia. E então, deliberadamente, eu lambo o meu polegar. Também estúpido e imprudente, e constrangedor para todos os envolvidos.

Ela tem um olhar fixo em mim, como se ela não conseguisse acreditar no que aconteceu. Nem tão pouco eu. Eu não sei o que deu em mim. Eu não sou o tipo de cara que faz charme. A menina que fica comigo, sabe como funciona. Mamãe e eu somos nômades. Nós não

ficamos nos lugares por muito tempo. Assim, qualquer relação que eu tenho é, por natureza, de curta duração. Não vou perder tempo com besteira, e fazer uma garota achar que eu a amo.

Então, por que eu fiz isso, tocá-la com o polegar dessa maneira? Claro, ela é gostosa, mas não é como se eu fosse ficar em Nashville por muito tempo. Faltam poucos semestres pra terminar a graduação. É isso aí. Então... Que diabos, Oz?

Eu não tenho certeza de nada.

– De onde você é Oz? – ela pergunta, pra quebrar o constrangimento.

Eu odeio essa pergunta. – De todo o lugar.

– Seu pai está no exército ou algo assim?– Ela diz tão inocentemente, sem saber como eu sou amargo sobre o tema pai.

Eu dou de ombros, tentando manter sempre presente a fúria da minha voz; não é culpa dela. – Não, é só mamãe e eu. E nós apenas nos mudamos muito. Várias razões. – Eu não sei porquê, é a verdadeira resposta, mas eu não vou a dizer mais para essa garota.

– Você nunca soube do seu pai? – Ela olha para mim, limpando seu rosto com o guardanapo. Seus olhos estão me avaliando, lendo, me perfurando.

Eu balanço a cabeça. É tudo o que vai sair de mim. – Você tem ambos os seus pais?

Ela acena com a cabeça. – Sim.

– O que eles fazem?– Eu não estou pedindo para tirá-la do tema de pais; estou realmente interessado. Outro mau sinal.

Seus olhos brilham, e eu invejo essa alegria. – Eles são músicos. São Nell e Colt. Eles tiveram contrato com a Columbia por um tempo, mas eles são independentes agora. Eles têm a sua própria gravadora, e eles realmente acabam de assinar com seu primeiro artista.

Eu estou um pouco impressionado, na verdade. Sei quem são Nell e Colt. Sou um metaleiro e serei até o dia em que eu morrer, mas tenho um pequeno ponto fraco secreto pela música de cantores/compositores. Graças à minha mãe, principalmente. Portanto, temos as músicas que podemos ouvir juntos. Ela curte hip-hop e pop nacional e um monte de besteiras que eu não suporto. Eu

tinha que encontrar um meio-termo, para que pudéssemos ouvir música no carro em momentos de cruzar o país. Nell e Colt são grandes no mundo da música, grandes como cantores e compositores, na verdade. Eu chamo isso de música café, o tipo de coisa que você ouve em pequenas casas modernas, onde eles fazem arte com a espuma de café com leite.

– Já ouvi falar deles – eu digo. – Eu gosto deles.

Kylie pisca surpresa. – Você... você gosta? – Diz me olhando como se eu tivesse um corvo cor de rosa empoleirado no crânio.

Eu pisco para ela. – Sou cheio de surpresas, doçura.

Ela suspira. – Pare de piscar para mim, e pare de me chamar de 'doçura'.

– Você sabe que não vai me obrigar a fazer mais isso, né? – Eu pisco para ela novamente, exagerado. – Doçura.

Ela balança a cabeça, rindo. – Quem ainda pisca, afinal? Quero dizer, realmente? Piscar o olho? Isso não é para tios assustadores?

Eu rio. – Eu não sou um tio assustador. Mas talvez você tenha razão.

– Eu sei que estou certa. É por isso que eu disse isso. Duh. – Ela enche mais sua boca de queijo frito e mancha novamente de pimenta o canto de sua boca.

Eu não posso evitá-lo. Minha mão se estende por si só. Meu polegar toca seu rosto, mas seus dedos cercam meu pulso. Nossos olhos se encontram, os meus olhos cinza-marrom em seus olhos azuis ardentes.

– Não, – ela sussurra.

– Porquê? – Eu combino com seu volume, não sei porquê.

– Eu não gosto disso.

– É mentira, doçura. E por que estamos sussurrando? – Eu digo tudo isso em voz baixa[4], e eu sei que soa estúpido, usando essas deixas sobre ela, mas elas simplesmente saem.

Eu não deveria estar fazendo isso, não deveria estar agindo como se essa garota significasse algo para mim, ou eu para ela. Ela tem pais ricos, famosos. Quero dizer, eles não são tão famosos, mas se você já

[4] No original ele fala *sotto voce* em italiano, que significa em voz baixa.

ouviu o tipo certo de música, você já ouviu falar deles. O ponto é, eu sou um ninguém, indeciso, com uma mãe ninguém, andarilha. E Kylie? Ela tem raízes aqui em Nashville. Amigos, família, tudo.

Ela se inclina para longe de mim, limpa o rosto com um guardanapo. Desliza para fora da cabine. – Eu tenho que fazer xixi.

Eu pago a conta enquanto ela vai ao banheiro, e eu acabo com o prato de batatas fritas. As garotas que eu conheci não teriam ido para a cidade por algo como batata frita com queijo, de modo a observá-la comer alegremente e com prazer era interessante. E quente. Sim, eu estou percebendo um padrão aqui. Qualquer coisa que ela faz é quente. O jeito que ela deslizou para fora da cabine, por exemplo. Era graciosa, um movimento elegante. Não era espalhafatosa ou tinha movimentos desajeitados, apenas um deslize suave, e então ela estava fora, andando por todo o café com o balanço de sua bunda.

Quando ela voltou, levantei-me para encontrá-la. – Pronta? – Eu pergunto.

Ela olha para a mesa, na pequena pilha de dinheiro que eu deixei à esquerda como uma dica. – Você já pagou?

– Claro.

A terceira vez que recebo o sorriso surpreso. – Você não é o que eu esperava, Oz.

– O que você esperava?

Ela encolhe os ombros, corando. – Eu não sei. Você tem tatuagens, cabelo comprido e a motocicleta. Eu pensei que você fosse... Eu não sei. Você é legal. Eu julguei mal, então... Desculpe.

Estamos do lado de fora em pé ao lado da minha moto India[5]. Eu toco o seu queixo com a junta do meu dedo indicador. – Eu posso ter boas maneiras, doçura, mas não sou bom.

– Não?

Eu balancei minha cabeça. – Não... Você vai ver.– Eu balanço, passo para a frente para dar espaço.

Oh, cara. A forma como o meu zíper aperta quando ela desliza por trás de mim e envolve seus braços em volta da minha cintura e esmaga o peito nas minhas costas, segurando-se com muita força... ruim. Ligo

[5] Alusão ao modelo da moto, que tem também esta designação, além da já referida.

os sinais de alerta. Ela é uma boa menina, com um futuro. Eu sou um bad boy sem futuro nenhum. Pena que eu seja um idiota que nunca presta atenção aos sinais de alerta.

Ela me dirige, apontando com gestos, e logo entramos em um condomínio fechado fora de Nashville. Enormes casas. Tijolo, muito vidro. Calçadas largas e garagens de três carros. Lincoln, Beemers, Mercedes, algumas pickups, Rovers e Hummers. Gramados bem cuidados, tudo no lugar. Eu estou intimidado. Apartamentos de dois quartos são tudo o que eu já conheci. Como você vive em lugares como este? O que seria isso? Você já se acostuma com tal riqueza? Qual é a sensação de viver na mesma cidade toda a sua vida? Não consigo entender isso.

Ela aponta para uma casa no lado esquerdo da rua. Não é a maior do quarteirão, mas é boa. Linda. Uma grande varanda na frente, um enorme deck em volta. A porta da garagem aberta revela uma enorme picape com pneus de tamanho grande, um pequeno e elegante BMW preto e uma motocicleta Triumph clássica. A moto estava sendo trabalhada, a julgar pela variedade de ferramentas em torno dela e do pano com graxa no assento.

Ela estava sendo trabalhada por um homem enorme, que está em pé na calçada, com grandes braços tatuados cruzados sobre o peito duro. Eu o ouvi cantar, mesmo visto vídeos do YouTube dele e Nell se apresentando juntos, mas o homem em pessoa é assustador pra caralho. Eu não me assusto fácil, mas se tinha alguém capaz de fazer isso, esse alguém era esse cara. Engulo meus nervos, e procuro minha frieza. Eu puxo em sua garagem, deixo a moto rolar para uma parada ao lado do pai de Kylie, e desligo o motor. Eu coloquei o suporte para baixo e saio fora. Ele está olhando para mim. Na minha jaqueta de couro, o capacete cravado, meu cabelo comprido. Encarando-me. Eu estaria mentindo se eu dissesse que não estou um pouco nervoso. Não com medo, apenas... Nervoso.

Kylie pula fora, pendura o capacete na parte de trás da moto, e bate em seu pai para um abraço. Ele a abraça com um braço, a outra mão continua no bolso. – Papai!– Ela inclina-se e beija sua bochecha. – Você está de volta!

Ele balança a cabeça. – Sim, cheguei esta tarde.– Ele não tira os olhos de mim enquanto ele fala. – Quem é este?

Eu caminho na direção dele. – Oz Hyde, senhor.

– Colt – Seu aperto está esmagando, mas não com a intenção, simplesmente porque suas mãos são fortes. – Oz, hein? Que tipo de nome é Oz?

– O meu.– Eu encontro seu olhar calmamente. Eu vejo de onde Kylie tem seus olhos de safira.

Há algo em sua expressão. Suspeita? Consciência? Não tenho certeza. Ele olha para a filha. – Ben disse que tinha saído com um cara.

– Ben disse?– Ela diz que com um pouco de raiva. – Deus, sério? Ben é meu amigo, papai, não é meu namorado, nem meu pai. Eu não tenho que ficar com ele só porque ele quer.

Ele não tem nada a dizer. Ele olha para mim. – Novo na cidade, Oz?

Concordo com a cabeça. – Sim, senhor.– Eu tento ser respeitoso com Colt. Ele é perigoso. Eu posso sentir isso nele. O lutador em mim, o sobrevivente em mim, reconhece a dureza nele. Ele já viu alguma merda, e ele pode viver uma vida calma agora, mas ele nem sempre teve. Imagino.

– De onde você veio?

– Atlanta.

Ele olha para a minha moto, acenando com apreço. – Boa moto.

Eu sorrio, e aceno com a cabeça em meu triunfo. – Obrigado. Eu gosto da sua. É de que ano?

– Quarenta e oito.

– Droga. Com certeza é suave.

– Sim. – Ele pisca para mim, avaliando, pensando. – Olha. Minha filha tem idade suficiente para escolher seus próprios... amigos. Mas ouça-me, rapaz. Se você pegar a minha filha para um passeio, você tome cuidado. Entendeu? Se você a machucar, vai se entender comigo.

Kylie corou, embaraçada, e ficou entre mim e Colt. – Puxa pai. Você vai sair com sua espingarda na próxima vez?

Ele nem sequer se moveu. – Quem precisa de uma espingarda?

Não ele, isso é claro.

Eu encontro o seu olhar de forma firme. – Eu entendo você, senhor. Ela vai estar segura.

Vejo-o olhar por cima do meu ombro, e eu volto para ver o amigo de Kylie, Ben se aproximando com outro homem que tem que ser seu pai. Eu reconheço o pai dele, também, mas eu não me lembro quem é. Ele é um homem baixo, musculoso, e parece estar muito em forma, especialmente considerando que tem um filho adolescente. Eu não deixo que as coisas com Ben sejam notadas, e eu não tenho vontade de refazer a agressão territorial com ele, não na frente de seu pai, Kylie, e Colt. Estava em desvantagem. Merda. Não era a hora...

Mas antes que eu possa sair, eles estão atrás de mim. Ben me encara com hostilidade aberta, e seu pai vê isso, o olhar dele para mim e para Kylie dizia tudo. Ele estende a mão e aperta a mão de Colt, puxando-o para um abraço. – Colt! Que bom te ver. Quando chegou de volta?

– Jay. É bom ver você também. Há algumas horas.

De repente, eu sei quem é: Jason Dorsey, receptor para o Tennessee Titans. Ele jogou para os Saints por vários anos no início de sua carreira, e estava com eles em todos os três Super Bowl consecutivos. Ele foi em grande parte a razão pela qual eles eram tão bons, honestamente. O quarter back foi nada surpreendente, mas ele poderia bater Dorsey em qualquer parte do campo, e uma vez que Dorsey teve a bola era um touch down garantido. Ele foi adquirido pelos Titãs há doze anos como um agente livre, e ele está aqui desde então, acumulando números que provavelmente irão levá-lo para o Hall da Fama.

E Ben, é seu filho.

Eu engulo meus nervos. – Mr. Dorsey.– Eu aperto sua mão. Eu me forço a ser casual e neutro e agradável para o seu filho. – Ben.

– Chame-me de Jason. – Ele olha seu filho novamente, mas não diz nada. Pelo menos não na minha frente.

Ben aperta minha mão, mas a hostilidade em seus olhos poderia fazer furos no meu crânio. – Oz. – Ele rosna bastante e trinca os dentes.

Eu tenho que sair daqui. Colt está logo ali, e é uma ameaça apenas pela sua presença. Jason Dorsey está tentando descobrir a fonte da tensão entre mim e Ben, e Kylie claramente só quer ir para dentro. Dou-lhe um sorriso. – Eu te vejo mais tarde, Calloway.– Eu me viro e com um aceno de cabeça digo. – Colt, Jason. Prazer em conhecê-los. – Eu não me incomodo em dizer adeus a Ben.

Ele e eu estamos indo para nos pegar em algum momento, e isso vai ser foda.

Ondas transmitidas por Kylie passam por mim quando subo em minha moto, deixando-a rolar da entrada de automóveis. Eu aceno para trás e, em seguida, ligo o motor. Assim que eu estou fora do condomínio sobre a autoestrada para casa, eu abro o acelerador e deixo-a roncar. Em todo o caminho para casa estou pensando em uma garota alta com cabelo ruivo e grandes mamas redondas e um sorriso que poderia matar.

Foda-se. Talvez eu seja o único a sugerir que avancemos neste momento.

Capítulo Dois
Desejos à Noite

Colt

Kylie está sentada na ilha da cozinha, enviando mais um texto vai saber pra quem. Eu me inclino contra o refrigerador e tiro uma fatia de queijo com uma faca. Ela está tranquila esta noite, e eu acho que sei o porquê.

– Você gosta dele? – Eu pergunto, comendo o queijo.

Ela abaixa o telefone, tudo com muito cuidado. – Quem, papai?

– O cara novo. Oz. O da moto.

Ela cora e olha para longe. – Ele é... surpreendente.

Não é uma resposta típica, e me intriga. – Surpreendente? O que é que isso significa?

Ela encolhe os ombros. – Só... não é o que eu estava esperando. Eu meio que o julguei pela sua aparência. Ele tem a moto, e a jaqueta com os patches, e as tatuagens, e eu acho que pensei que ele fosse... não sei. Não é o que parece ser.

– Como? – Eu não sei exatamente porque eu insisto com ela. Só que eu vejo algo no garoto, algo que eu reconheço. E assusta-me que ela está interessada nele.

– Inteligente. Educado. Fácil de falar.– Ela coça uma mancha na tela do seu telefone com uma unha. – Ele segurou a porta para mim no café, e ele pagou a conta, mesmo sem me dizer.

– Espere, o café?

Ela morde o lábio e encolhe os ombros. – Nós comemos algumas batatas fritas, isso é tudo. Esse não é o ponto, papai.

– O que aconteceu sobre nos dizer se você está indo para algum lugar?

– Desculpe. Foi uma coisa de última hora. – Ela olha para mim. – E, além disso, eu estou na faculdade agora, papai. Eu não deveria ter mais horário pra chegar.

Eu levanto uma sobrancelha. – Você não está na faculdade ainda, Kylie. Você está tomando aulas da faculdade, enquanto ainda está no colegial. Há uma grande diferença.

– Ugh. Você é impossível. Você está agindo como se eu ainda fosse uma criança. Estou com quase dezoito anos. Confie em mim um pouco.

Eu suspiro. – Tudo bem. Mas pelo menos avise sua mãe ou eu para sabermos onde você está. Isso não é ter horário, é apenas respeito.

– Eu vou, da próxima vez. Eu prometo pai.

Eu a deixo ir. Ela é uma boa garota, e tem uma boa cabeça. – Então ele é inteligente e ele tem boas maneiras. Qual é a questão de Ben com ele? Se olhares pudessem matar, nosso garoto Ozzy estaria morto há muito tempo.

Ela encolhe os ombros mais uma vez. Ela precisa aprender um novo gesto. – Eu não sei. Ele não queria que eu fosse com Oz, eu acho.

Eu não posso evitar, mas me pergunto se ela faz ideia do que Ben sente por ela, e que tem sido desde a quarta série. Acho que não. Ou, se sabe, prefere negar ou ignorar. – Eu acho... apenas que... ele é seu amigo mais antigo, Ky. Não estrague essa amizade por algo novo que você vê brilhando. – Não é o meu papel dizer-lhe que Ben está apaixonado por ela. Ela vai descobrir isso, ou ela não vai, e eu não estaria fazendo nenhum favor a ela, interferindo. Enquanto ninguém se machuca, sua vida amorosa é o seu problema.

Nell pode não concordar, mas o que diabos eu sei sobre adolescentes e suas vidas sociais? Merda nenhuma, isso sim.

Falando de Nell, aqui está ela, finalmente emergindo de nosso estúdio no porão. Estamos juntos há mais de 18 anos, e eu juro por Deus que ela é ainda mais impressionante do que o dia em que nos conhecemos em Nova York. Ela faz o caminho mais curto para mim, enfia-se contra mim.

– Baby – ela respira, inclinando o rosto para o meu.

– Hey.– Passo o meu polegar sobre os lábios antes de beijá-los. – Está saindo tudo como previsto?

Ela revira os olhos. – Sim, finalmente. Levou apenas cerca de quinze vezes para eu conseguir uma nota certa. Estava fora do tom.

– Você? Fora do tom? – Eu ri. – Nunca.

Ela se enfia no meu peito. – Idiota. Você sabe que eu tenho problemas com notas altas.

– Então por que você escreveu a canção com essa nota?

– Foi o melhor ajuste – Nell deixa meu lado para ficar atrás de Kylie e envolver os braços ao redor dela. – Como está o meu bebê? – Ela pergunta com um beijo no topo da cabeça de Kylie.

Kylie bufa e vai para longe de Nell. – Deus, mãe! Você é tão pegajosa! – Ela ri quando diz isso, apesar de tudo. – Eu estou bem. A mesma velha merda.

– Olha como fala, Kylie Olivia Calloway.

– Desculpe, mãe. É o hábito.

– Sim, hábito, exceto para a nossa filha, mostrando-se na parte de trás da moto de um cara – eu falo só para assistir o circo pegar fogo.

Kylie me dá um olhar horrorizado. – Papai! Seu traidor!

Eu só ri.

Nell parece rasgada quanto a quem colocar em primeiro lugar. – Colton. Acabei no caso da nossa filha corrigir sua linguagem. Você tem que dar o exemplo.– Ela se vira para Kylie. – E você, mocinha. Um cara? Motocicleta?– Nell me ignora. – Derrame, Ky.

Kylie olha pra mim, com cara de quem quer me matar. Eu só rio. – Não é grande coisa. Seu nome é Oz. Eu não sei muito sobre ele, exceto que ele tem uma moto, ele é bonito, e ele é bom.

Eu bufo. – Ele pode ter sido bom para você, mas eu duvido que ele seja bom.

Kylie franze a testa para mim. – Ele disse algo parecido...

– Inteligente, educado, e capaz de manter uma conversa agradável não é o mesmo que ser bom – eu digo. – Veja eu, por exemplo. Sou um monte de coisas. Bom não é uma deles.

A carranca de Kylie se aprofunda. – Sim, você é.

Eu rio. – Eu sou seu pai, Ky e serei sempre bom para você.

Kylie olha para a mãe dela. – Ele é bom?

Nell bufa. – Não... para mim, normalmente. Para você, sempre. Para todos os outros? Depende do quanto ele gosta.

– Você não foi muito bom para Oz quando ele me deixou – Kylie ressalta.

Eu estalo meus dedos. – Minha filha, minha única filha, aparece na parte de trás de um motociclista com tatuagens, metaleiro de cabelos compridos. É meu trabalho assustar um pouco e impor respeito a ele.

– Que idade tem esse Oz?– A voz de Nell está calma, mas Kylie e eu sabemos que ela é tudo menos isso.

Kylie levanta uma sobrancelha para a mãe dela. – Mamãe. Sério?

Vejo-a reunir-se, fechando os olhos e respirando fundo. Quando ela abre os olhos, ela está visivelmente mais calma. – Quantos anos ele tem, Kylie?

Kylie apenas encolhe os ombros. – Eu não sei. Um pouco mais velho que eu.

– Você não sabe, ou não quer dizer. – Nell suspira. – Basta usar o seu julgamento, menina. Não faça nada estúpido. Não se envolva com a turma errada, ok?

Kylie claramente não quer ter mais essa conversa. Ela revira os olhos e vai embora. – Eu sei disso, mãe.– Eu ouço resmungar em voz baixa – Todo mundo precisa seriamente relaxar sobre esse assunto.

Eu rio, sabendo que sua mãe teria ficado aterrorizada por isso. Eu a deixo ir. Depois que ela se foi, eu expresso um pensamento que vem me incomodando. – Alguma coisa sobre esse cara... ele parece... familiar. Eu não sei. Não posso dizer ainda o que é.

Nell não me olha de onde ela está puxando alimentos fora da geladeira para fazer o jantar. – Eu não o encontrei, então eu não poderia dizer. – Quando ela escolhe um quilo de carne moída que deixou descongelando no balcão, olha para mim, e há uma pergunta em seus olhos. – Realmente achou que ele parecia bom? Você sabe o quanto é difícil negar qualquer coisa a essa menina. Eu não quero fazer nenhum julgamento precipitado, mas existem estereótipos *bad boy* por uma razão.

Eu levanto uma sobrancelha. – Oh, sério?

Ela acena com a mão confusa para mim. – Você é uma exceção, obviamente. E talvez este Oz, não é? Talvez ele seja também. Mas eu não quero vê-la se machucar. E o que dizer de Ben?

Eu levanto os dois ombros. – Eu não sei, querida. Ela vai ter que entendê-lo por si mesma. Da maneira mais difícil, talvez. Você não pode aprender sobre o amor sem se machucar. Quanto a Ben, eu estou me perguntando a mesma coisa. Acho que ela não está conseguindo ver o óbvio, entende?

Nell assente. – Sim, eu acho que você está certo.– Ela termina a mistura do tempero taco na carne e joga em uma frigideira. Eu limpo o cortador enquanto ela doura a carne. – Eu só gostaria de poder protegê-la. Eu não quero que ela passe pelo tipo de coisas que você e eu passamos.

– Não há nada que possamos fazer sobre isso, eu estou com medo.

Ela suspira. – Eu sei. Eu sei. Eu odeio isso.

– Eu também.

Mais tarde naquela noite, na cama aquecendo o brilho de um ato de amor lento e minucioso, Nell parece perdida em seus pensamentos. Pensamentos privados e profundos. O tipo que eu tenho que arrastar para fora dela.

Eu me viro para ela, puxando meu braço por debaixo de sua cabeça, apoiando seu rosto em minha palma. – O que está incomodando você, Nelly ?

Não respondeu imediatamente. – Às vezes eu... desejo, Deus, que estúpido.

– Deseja o quê?

– Que nós tivéssemos tido outro bebê.

Estremeço, e caio de volta no travesseiro. – Deus, Nell. Eu sei. Nós tentamos há dez anos.

Ela encolhe os ombros, e eu vejo um brilho nos olhos. – Porquê, Colt? Não houve problemas com o nascimento de Kylie. Os médicos não conseguiram encontrar nada. Nenhum aborto. Só um obviamente. Mas... dez anos, e... nada. Porquê?

Eu quero levantar e sair do quarto, pois ter novamente essa conversa que sempre surgia de forma aleatória ao longo dos anos,

durante todo o nosso casamento era cansativo – Eu gostaria de ter uma resposta para você, baby. Ele só não era para ser, eu acho. Essa é uma resposta de merda. Não há resposta. Mas simplesmente não sei. Eu lhe daria outro, se eu pudesse.

– Nós poderíamos ter adotado.

Eu gemo. – Porra, Nell. Nós já conversamos sobre isso.

– Eu sei, Colt. Eu sei.– Ela limpa o rosto dela. – Eu só... eu queria que tivesse dado certo.

– Eu gostaria, também, Nelly. Eu queria um filho, ou uma filha. Você sabe as razões pelas quais nós não adotamos. Nós não tínhamos o dinheiro, ou tempo. Nós estávamos em turnê com Kylie em um carrinho de criança, sua mãe nos seguia de cidade em cidade. Contratamos babás. E, em seguida, uma vez que nos estabelecemos aqui, só não deu... certo. Eu não sei.

– E agora isso nunca vai acontecer.

Eu dou um longo suspiro, e eu não posso ficar na cama mais. – Eu não sei, Nell. Kylie irá se formar este ano. Será que realmente vamos falar sobre trazer outra criança em nossas vidas agora? – Eu entro em um par de shorts. – Eu amo você, Nell. Eu só não acho que eu possa continuar a ter esta conversa.

– Sim. – Eu ouço a amargura em sua voz, e eu não sei o que fazer sobre isso.

Eu vou até a garagem e mexo com a Triumph por uma hora ou duas, porque é o que eu sei. Eu tenho passado muito tempo na garagem, mexendo, só para ficar longe de uma conversa que não tem solução. Muito por Nell, a maior parte do tempo. Mas de vez em quando, sem motivo, que já não sou capaz de decifrar, não há nada a fazer sobre isso. Nós tentamos. Eu tentei. Nós dois fomos testados; nada parecia errado com qualquer um de nós. Mas ela nunca concebeu outra vez. Nós conversamos sobre adoção, in vitro, barriga de aluguel. Nada disso era possível, ou provável, ou ele só parecia errado para nós. Não é o que queríamos. E de vez em quando, sem aviso, ela fica piegas sobre isso, rasga, pergunta porquê. E eu não tenho as respostas. Eu nunca tive as respostas.

Eu lanço uma chave na caixa de ferramentas com um pouco mais de força do que eu preciso, e vou para dentro. Eu vou pra varanda de trás, observando as luzes de Nashville, ouvindo a corrida de carros ao longe, desejando que eu pudesse encontrar uma resposta para ela, algo para encerrar o assunto de uma vez por todas. E, como sempre, eu não tenho nada.

Capítulo Três
Cicatrizes de queimadura e retalhamento de Guitarras

Oz

Estou sozinho no apartamento. Minha mamãe está trabalhando. Ela está sempre trabalhando. Eu tenho um maço de cigarros em uma mão, meu isqueiro na outra. Estou em meu quarto, a janela está aberta para sugar a fumaça. Eu aumento o volume no meu iPod até – *We Stitch These Wounds* – de Black Veil Brides abafar meus pensamentos, enterrando minha mente sob guitarras e bateria e a angústia de outra pessoa, a raiva de outra pessoa, passam por mim.

Deixei minha cabeça bater contra a parede em cima da minha cama e olho ao redor. Não há nenhuma estrutura da cama, sem cabeceira. Apenas o colchão de casal e uma caixa de molas no chão. Eu não me incomodo com os lençóis também. Apenas um cobertor fino sobre o colchão, e outro para cobrir, se eu estiver com frio. No armário, apenas uma cesta grande de lavanderia com as minhas roupas limpas dobradas, e dois sacos de lixo cheios de roupas sujas. Uma estante cheia de livros, principalmente de ficção científica e fantasia, e várias dezenas de volumes de textos de matemática. Alguns são livros comprados barato na Amazon, e do colégio e faculdade, álgebra, física e cálculo. Outros são mais esotéricos, livros sobre física quântica e da teoria das cordas e da história dos números, kabbalah, Sudoku, lógica, estatística, livros sobre a relação entre a matemática e xadrez, e entre matemática e música. A única outra coisa que eu tenho é uma guitarra surrada de terceira mão Fender Stratocaster, um amplificador de vinte anos de idade, e um par de fones de ouvido sem marca.

Eles são os pertences de um nômade. Todos eles vão caber na caçamba enferrujada da Dodge Ram de mamãe, e o pequeno trailer que ela comprou em Biloxi. Seu quarto parece o mesmo, embora ela

tenha uma cabeceira para a cama que ela ganhou do Exército de Salvação em Colorado Springs.

Eu aciono a Bic, assisto a chama amarelo-alaranjado tocar a torção de papel de arroz branco. Inspiro com profundidade, e prendo, ele não bateu de imediato. Esta erva está uma merda, mas eu não tive a chance de poder inalar uma de boa qualidade. Fazer o quê, no entanto. Não são as melhores, mas é decente. Depois de outra longa inalação, eu sinto isso. Tonto, lento, flutuando. Fecho os olhos e me deixo levar...

Vejo minha mão levantar o isqueiro. Fico olhando para ele. É meu isqueiro favorito. Vermelho, fino e transparente, e fico sacudindo o reduzido líquido na parte inferior. Ele acende facilmente, tem uma boa chama alta. Tem um regulador, para que eu possa voltar a ligar se eu quiser. Eu faço isso agora, deslizando o pequeno pedaço de plástico preto para o lado, por todo o caminho. Rolo meu polegar sobre o botão, tentando lembrar por que eu não deveria fazer isso. E eu faço de qualquer maneira. Coloco a chama quase um centímetro de altura agora. Segurando minha palma virada para baixo, eu trago o isqueiro para cima, para cima. Eu sinto o calor. É um calor suave no início. Então, quando passo a chama mais perto da minha palma sinto o calor se transformar em dor.

Eu dou outra tragada, sentindo o alto giro através de mim, me jogando para cima e longe, numa nuvem nebulosa indiferente. Sinto os motivos da minha dor. Derruba-me, me ancora para que eu não flutue. É apenas a palma da minha mão em primeiro lugar, o calor assando minha pele. Eu sigo a chama ao longo das linhas da minha palma da mão. Não é suficiente. Eu executo ao longo do meu dedo, até a ponta do meu dedo indicador. Agora, a dor torna-se real. É uma verdadeira queimadura. Duro e furioso, profundo e dolorido. As chamas me queimam, e eu gosto disso. Avermelhando a ponta do dedo. Quando o calor atinge um limite que não posso ignorar, eu deixo a chama extinguir. Coloco o dedo para cima e examino. Vai fazer bolha.

A música se desvanece, e *'Home Sweet Hole'* por Bring Me the Horizon começa. Concordo com a cabeça em aprovação. Eu gosto dessa música. Eles são um pouco melosos para o meu gosto, mas esta

é uma boa melodia. Outro sucesso, e eu sopro a fumaça para fora da janela e, através da tela, vejo-a ser arrebatada pelo sopro de brisa. Estou no éter agora. O barato está quase acabando. Eu belisco a vermelhidão entre o indicador e o polegar, nem mesmo registro a ligeira pontada de dor. Abrindo a tampa da caixa de Band–Aid, lanço mais profundo o saquinho de maconha. A caixa vai para a minha mochila, no fundo do bolso da frente, sob as coisas e palhetas de guitarra e barras de cereal esmagadas.

Deito-me na cama, fecho os olhos e ouço a música, sentindo a queimadura dolorida da minha palma da mão e dedo. *Life of Uncertainty* de It Dies Today vem, e eu mergulho, afundo. À deriva, à deriva.

É um alívio passageiro.

Quando a clareza indesejada começa a penetrar na neblina, eu deslizo para fora da cama, pego minha guitarra e meu amplificador. Ajusto a afinação um pouco, ajusto rapidamente o volume para um pouco mais alto, e faço algumas escalas para alongar os dedos. Meu dedo indicador dói o que torna difícil deslocar de corda para corda, mas está tudo bem. Eu estou acostumado com isso. A queimadura é o meu segredo, minha libertação. Eu fumo maconha porque afrouxa a aderência da raiva e a amargura do meu pai, da vida nômade. A queimadura é... eu não sei o que é. A raiva é desgastante, a amargura é desgastante. A queimadura é uma maneira de sentir algo mais, algo pra aliviar a dor em meu peito. Para sentir algo nesta vida.

Breaking Out, Breaking Up de Bullet for My Valentine começa. Eu aprendi esta canção, e toco junto. Quando a música termina, eu ando a pequena distância do chão e desligo o iPod. Toco uma das minhas próprias canções. É instrumental, porque eu não canto e com certeza não escrevo nenhuma poesia maldita. É rápido e duro, técnico. Minha facilidade com números ajuda de alguma forma. Não posso fazer qualquer tipo de afirmações científicas sobre isso, mas eu relaciono os números a tocar guitarra. Cada acorde é uma equação. Cada sequência é um número. Eu acho que tenho dedos rápidos, de modo que é parte dele, mas o verdadeiro jogo acontece na minha cabeça. Eu vejo os riffs como cordas de equações, um ligado a outro e outro até

que haja todo um novelo sem fim de números atirando a partir das seis cordas.

Eu me perco tocando, pressionando duro com o meu dedo indicador queimado para manter a dor fresca na minha cabeça.

Não percebo quando minha mãe chega e se abaixa pra desligar o amplificador. Eu tiro os fones de ouvido e falo para ela. – Que porra é essa, mãe?

– Você estava fumando.

Dou de ombros e não a olho, alcançando o interruptor 'ON'. – Sim. E daí?

Ela sabe que eu fumo. Ela fuma comigo às vezes. Somente quando ela está muito ruim, quando tudo se torna muito pesado. Ela fica melancólica como o inferno quando ela fuma, como se estivesse lembrando algo.

Ela agarra meus pulsos, empurrando. Merda. Eu resisto, e quando ela tenta me dominar, eu tiro minha mão de seu aperto. – Deixe-me ver suas mãos, Oz. – Ela me deixa ir, mas se ajoelha na minha frente. Preocupação enche seus olhos cinzentos.

Eu não posso olhar para ela por muito tempo. Eu mantenho minhas mãos planas nos joelhos. – Está tudo bem. Não é nada. Não é grande coisa.

– Mostra... pra mim. – Ela morde as palavras.

Eu reviro os olhos e viro as palmas das mãos para cima. Ela imediatamente vê a queimadura fresca na minha mão esquerda, a vermelhidão na palma da minha mão e bolha no meu dedo. – Eu estou bem, mãe. Não é grande coisa.

– Você se queimou novamente. Você disse que não fazia mais isso.– Ela afunda de volta a sentar-se de pernas cruzadas no chão, na minha frente. Ela ainda está com o seu avental, com os bolsos cheios de trocados. Ela nunca foi realmente discreta em torno de mim, e agora não é exceção. Ela trabalha em uma boate como garçonete. O que significa saias curtas e camisas decotadas. Eu olho para a parede, para fora da janela.

Eu dou de ombros. – Simplesmente aconteceu. Eu estou bem.

– Queimar a si mesmo não é bom, Oz. – Ela puxa o montante fora de seu avental e conta o dinheiro, empilhando–o em notas de cinco, dez e vinte.

Vejo-a contando lentamente. – Mãe, Deus. Eu estou bem. Realmente. É apenas uma pequena queimadura. Eu não... Eu não estou me queimando com frequência novamente. Eu juro.

Ela olha para mim, me examina. O dinheiro agora empilhado em sua mão. – Oz, por que você faz isso? Eu não entendo.

Eu dou de ombros novamente. – Foda-se, mamãe. Eu não sei. Você me pergunta isso, e eu não posso te dizer. Eu faria se soubesse. Eu só não sei. Isso simplesmente... ajuda.

Mamãe inclina a cabeça para trás e suspira. Ela puxa um maço de Pall Mall de seu avental e caça um isqueiro. Está vazio. Eu cavo minha lata fora da minha mochila, encontro o isqueiro, acendo seu cigarro. Eu pego um para mim da mochila, acendo, devolvo o isqueiro para a lata. Nós fumamos em silêncio, pensando.

Eventualmente, ela o quebra. – Oz, porque você me odeia?

Estou chocado. Atordoado. – Odiar você? Que merda, isso não é sério né, mãe? Por que você me pergunta isso? Claro que não. Eu te amo. Você é a minha mãe.

Ela olha ao redor do quarto para a fumaça. Eu pego o cinzeiro de plástico preto do pé da minha cama e entrego a ela. Ela bate o final do seu cigarro contra ele, olhando para a cereja laranja. – Mas eu não sou uma boa mãe.

– Você fez o melhor que podia. – É uma resposta sem sentido, e nós dois sabemos disso.

Ela franze a testa para mim. – O que significa que não.

Eu balancei minha cabeça. – Jesus, mãe. Como é que eu vou responder a essa pergunta, porra? Huh? *'Não, mãe, você foi uma merda.'* É isso o que eu devo dizer? Ou talvez *'Puxa, mamãe, tem sido ótimo. Você fez malditos milagres, tendo um merdinha ingrato como eu.'*

Sua cabeça empurra para cima, e seus olhos estão feridos, com raiva. – Caralho, Oz. Sério?

Deixei escapar um suspiro. – Desculpe. O que eu devo dizer? Eu não sei. Você é a única mãe que eu já tive e o único pai que eu já tive.

Nós não temos uma vida normal. Nós não somos uma família típica. Mas é o que nós somos e... É isso, eu acho.

Ela balança a cabeça, sopra uma fina corrente de fumaça. – Eu acho. Eu só lamento não ter feito melhor para você.

– Isso é tudo?

Ela levanta um ombro, apagando o cigarro. – Você se queimando novamente. Você não deveria... Isso não deveria acontecer. Mas aconteceu. E a culpa é minha.

Eu não tenho certeza do que dizer a ela. Eu gostaria de poder dizer que eu não a culpo, mas eu faço. É uma merda, mas é verdade. Eu resisti, com grande esforço, a vontade de queimar meu cigarro na parte de trás da minha mão. Mamãe me olha, como se soubesse o que eu estou pensando.

Conte-me sobre o meu pai. Meus lábios formigam com a vontade de perguntar, mas eu seguro e não faço a pergunta. Eu pedi um milhão de vezes, e ela se recusa a responder. Uma vez ela estava um pouco bêbada e eu perguntei sobre ele, pensando que a bebida a faria soltar a língua. Em vez disso, ela soltou sua mão. Ela me deu um tapa com força. E imediatamente se sentiu horrível e começou a chorar me implorando para perdoá-la, mas ela nunca me disse nada. Ela nunca me bateu antes, ou depois, mas ela nunca me contou sobre o meu pai. A queimadura é uma questão de pai, eu acho. Eu tive uma consulta marcada com um psiquiatra, mas eu enrolei o suficiente para não ir.

Mamãe sai, então eu a deixo ir. Eu duvido que ela não esteja perdida e eu lhe dei garantias sobre ela ser uma boa mãe. Ela não é. É a verdade. No entanto ela é minha mãe, e tudo que eu tenho.



Há uma rotina nos meses seguintes. Eu encontro um trabalho decente em um Jiffy Lube, troca de óleo. Não é nada de especial, mas é um trabalho. Coloca dinheiro no meu bolso e ajuda a mãe com as contas.

Kylie e eu saímos sempre na pequena cafeteria no campus. É apenas uma amizade fácil. Quero dizer, sim, eu estou atraído por ela,

mas não vou forçar nenhuma situação, eu meio que me sinto culpado por me pendurar em torno de Kylie. Ela é boa, inocente. Limpa. Pura. Eu tenho certeza que ela é virgem. Eu sei que ela é mais jovem do que eu por alguns anos, mas eu não perguntei quantos anos exatamente. Ela não bebe, não fuma, raramente até mesmo diz palavrões. Ela simplesmente é... boa. E se ela continuar saindo comigo, ela vai ficar contaminada. Ela vai ver as cicatrizes em meus braços, ela vai ver as manchas suaves de pele queimada em minhas mãos. Evidências de minha bagunça fodida de vida. Penso em torno de minhas recaídas, dizendo a mim mesmo que ela sabe fazer suas próprias escolhas sobre o que ela quer, e ela me quer ao seu redor. Eu não escondo o fato de que eu estou do *lado errado do trilho.* Me sinto um pouco culpado, às vezes penso duramente sobre isso, sabendo que gosto dela e penso em beijá-la e tê-la na cama, e levá-la ao delírio. Ela é boa, e eu não sou, e certamente, Ben é o cara para ela. Rico, atlético, de boa família. Bom. Ele é realmente o garoto bom do caralho.

Depois, perto do meio de novembro, há um panfleto sobre a cortiça perto do balcão de bebidas, que anuncia uma noite de microfone aberto em dez de fevereiro. Kylie vê os panfletos, agarra meu braço, e aperta. – Uma noite de microfone aberto! – Ela me gira ao redor para enfrentá-la, aperta-me outra vez. – Eu tenho que fazê–lo! É a minha chance!

Estou perplexo. – Chance de quê?

– De tentar! Eu tenho escrito músicas, e tenho praticado no meu quarto, mas eu fui muito covarde para fazer qualquer noite de microfone aberto sozinha. Esta é a minha chance de tentar realizar uma pequena apresentação.

Estou ainda mais perplexo. – Kylie. Você é a filha de uma das duplas mais populares do mundo.

Ela acena com a cabeça. – Bem, sim, duh. Eu sei disso. Mas isso é deles, Oz. Eu quero fazer isso sozinha, sem eles.

Eu dou de ombros. – Ok, então faz.

Ela hesita. – Toco piano decentemente, mas se quero realmente mostrar as músicas que eu quero, preciso de um guitarrista.

– Aqui é Nashville, Kylie. Se você estalar seus dedos, agora mesmo, pelo menos uma dúzia de caras apareceriam pra tocar pra você.

Ela revira os olhos. – Bem, sim, duh para isso, também. Não quero qualquer cara tocando a guitarra, e eu não conheço ninguém. Eu quero alguém sério. Se tudo der certo, eu gostaria de tentar e, eventualmente, conseguir uma vaga em um bar na Broadway. Mas para isso, eu preciso de alguém bom. – Nós começamos a caminhar de novo, e ela me pára, uma expressão de esperança no rosto. – Você toca, não é? Diga-me o que você toca.

Eu bufo. – Sim, eu toco guitarra, mas eu não poderia tocar o que você quer. – Eu gesticulo na minha camiseta Spineshank. – Eu interpreto isso, Kylie. Metal. Você quer um rapaz country. Isso não sou eu, doçura.

Ela não parece perturbada. – E daí?

Eu dou de ombros. – Eu não sei. Eu não toco para as pessoas. Eu toco porque é divertido. É um passatempo. Eu aprendi. Eu não posso ler música ou qualquer uma dessas besteiras. É como matemática. Eu faço assim.

– Eu quero ouvi–lo tocar.

Balancei minha cabeça. – Claro que não. Eu não toco para as pessoas. E, além disso, é só metal.

Ela faz uma cara de eu não sei. – Eu nunca ouvi isso.

– Vai fazer seu nariz sangrar, baby.

– Eu quero ouvi-lo tocar. Eu vou cantar para você, você vai tocar para mim. Vamos fazer uma troca musical.

Eu quero dizer a ela que não, mas não digo. Ela parece tão esperançosa. Eu vou tocar algo duro e perverso, e ela vai ficar com nojo, vai ser assim. A ideia de eu tocar em um banquinho em uma casa de espetáculos na Broadway, interpretando um cover Ron Pope é no mínimo... cômico. Kylie provavelmente engasgaria se ela percebesse que eu conhecia esse tipo de música.

– Tudo bem. Mas você não vai gostar.

– Deixe-me julgar isso. – Ela sorri para mim, aperta meu braço novamente. É um hábito dela. Eu odeio isso, mas eu gosto. – Ok, então vamos para minha casa. Meus pais têm um estúdio no porão.

Estamos no estacionamento, indo em direção a minha moto, tendo a intenção de ir tomar um café, mas ela pára, olhando para o outro lado do monte, xingando baixinho. – É Ben. Eu lhe disse que não precisava de carona hoje. Espere aqui. Eu já volto. – Ela corre para a sua caminhonete, inclina-se na janela do passageiro aberta, em seguida, olha para mim, mostra o dedo para indicar um minuto e entra.

Dou de ombros, e continuo caminhando para minha moto. Minutos passam, e ela não volta. Eu continuo esperando, observando a caminhonete. Eventualmente Kylie sai, começa a caminhar em direção a mim, claramente chateada. Ben a pára e agarra-lhe o braço, e gira em torno dela. Eu não gosto disso. Eu saio da minha moto e corro ao encontro deles. Não posso deixar de ouvir a sua luta.

– Você não o conhece, Ben!– Kylie grita.

Merda, eles estão discutindo sobre mim.

– Eu não preciso! Eu não confio nele! – Ben diz isso calmamente, sem gritar, mas ele pontua cada palavra com um golpe de seu dedo.

– Diga-me porquê, Ben. Dê-me uma razão. Uma boa razão.

– Eu só tenho um mau pressentimento sobre ele, Ky. Estou tentando protegê-la. Algo sobre esse garoto está... errado. Além disso, ele é mais velho do que você. Eu sei que é.

– Sim? Bem, assim como você! Que diferença isso faz? Eu não sou uma menina, Ben! Eu posso cuidar de mim mesma – Kylie rosna, em seguida, gira ao redor e vai embora. – Eu estou encerrando essa conversa. Eu posso ser amiga de quem eu quiser Benji.

Ele agarra-lhe o braço e a puxa de volta para ele. – Ele não é seguro. E não me chame de Benji.

– Vamos lá! Ele é perfeitamente seguro. Você não tem que gostar dele. Você não tem que ser amigo dele. Mas isso não significa que eu não possa ser.

Ele não a deixa ir, e é aí que eu entro em cena – Ela disse que queria ir, idiota.– Eu deixo cair a minha mochila no chão, pisando em direção a eles.

– Oz – Kylie empurra seu braço e se afasta de Ben. – Desculpe o atraso, eu estava...

– Defendendo-me. Eu ouvi.– Eu quero afastá-la dele, mas não faço. – Você está bem?

Ela franze a testa em confusão. – Eu estou bem.

– Você não tem que ficar discutindo com ele por minha causa, Kylie. Se Ben tem um problema comigo, ele pode trazê-lo para mim. – Eu suspiro. – A palavra-chave aqui é trazer.– Eu levanto o meu queixo, olhando de baixo.

– Sim? Trazer? – Ben dá um passo grande, agressivamente em direção a mim. – Tudo bem. Eu não gosto de você, Oz. Não confio em você. Não quero você perto dela.

– Não é com você, não é? – Digo. Mas no fundo, eu meio que concordo com ele. Eu não sou seguro. Eu não sou bom para ela. Eu nunca diria isso, obviamente. Me viro pra ela e digo – Olha, eu vou embora. Eu não tenho tempo ou paciência para discutir com este gorila. Você vem? – Eu deliberadamente viro as costas para Ben, como um desafio, uma demonstração de desprezo.

Sou girado e empurrado para trás, com força. Tropeço no meu pé. Eu nunca entendi por que caras encaram o desafio como uma luta. É estúpido, e perigoso. Como Ben está prestes a descobrir. Assim que eu fico em pé, eu me lanço para frente. Eu não luto bem, ou justo. Meu soco vai direto pra boca do estômago. Eu dou um passo atrás, armo o meu punho, e estou a ponto de deixá-lo voar, esmagando o seu nariz como um ovo maldito. Mas ela está lá, observando. Chorando. Lançando-se na minha frente, empurrando-me para trás.

Eu deixo minha mão cair e recuo. – Desculpe Kylie. Ele está certo, você sabe. – Eu recuo mais, pego minha bolsa do chão, e lanço em meus ombros. – Sobre mim, eu quero dizer. Eu não sou seguro. O caso em questão... – gesticulo entre Ben e eu, que está dobrado, ofegante, com o rosto vermelho.

Ela olha para Ben, confusão em seus olhos. – Eu vou com ele. Por favor, entenda. Ele é meu amigo, e você também. – Kylie se inclina e o abraça. – Você está bem?

Ele se endireita, dando passos para trás, para longe dela. – Eu estou bem.– Seus olhos em mim. – Você quer ir com ele? Tudo bem, então. Vá com ele. Eu não me importo.

Kylie e eu estamos na minha moto. Seus braços são quentes e fortes em torno da minha cintura, e não posso evitar, mas gosto da maneira como sinto suas coxas contra os meus quadris.

Eu viro minha cabeça para olhar para ela. – Coloque o capacete, Kylie.

Ela se vira, pega o capacete, e coloca na sua cabeça, e trava no queixo. – Oz, sobre Ben...

– Ele está apenas cuidando de você. – Eu efetivamente corto a conversa com o rugido e faço roncar o motor.

Nós não falamos novamente até estarmos subindo em sua garagem, que está cheia de carros.

– Caramba – diz Kylie. – Acho que o estúdio está ocupado.– Ela aponta para os carros. – Isso parece ser os Harris Mountain Boys. É um novo projeto do papai e mamãe. Espere aqui. – Ela está fora da moto, me jogando o capacete e correndo para dentro de casa.

Poucos minutos depois, ela sai. – É, e eles estão gravando até tarde esta noite. Eu disse a mamãe que eu estou com você. Por isso, é bom irmos.

– Para onde vamos?– Peço, enquanto ela ajusta atrás de mim.

– Sua casa?

Eu pisco algumas vezes. – A minha casa? Você não quer ir para lá.

– Por que não?

– Porque é uma merda?

– Eu não me importo. Só vamos tocar música.

Eu não sei como responder a isso. É uma espécie de declaração. Tocar música não tem nada a ver com o fato de que mamãe e eu vivemos em um lugar tão ruim naquela parte da cidade, e eu duvido que Kylie já tenha passado seu tempo em um lugar como aquele. Mas ainda assim eu não consigo dizer-lhe que não. Eu estou levando a moto por toda a cidade, tecendo através do tráfego, correndo pelas luzes amarelas, desviando pelo acostamento, saboreando a maneira apertada das suas mãos na minha barriga e a forma de suas coxas se apertarem em mim.

Os edifícios vão envelhecendo, ficando sujos, as ruas mais sujas. Os carros ficam mais enferrujados. Passamos por lojas de bebidas e

lojas de vídeo para adultos, fachadas de lojas abandonadas, edifícios industriais soltando fumaça, garagens de mecânica, complexos de apartamentos. Eu posso sentir o desconforto de Kylie no nosso meio, posso sentir o medo. Nós vamos para o meu complexo, mas antes, passamos pelo parque abandonado faltando três dos balanços, o amarelo enferrujado, a estrutura de escalar marcada com grafite. Os carros são todos de vinte a trinta anos de idade. Um monte de saco de plásticos de lixo, quando eu puxo para uma vaga em frente à entrada do meu prédio.

Eu não desligo o motor. – Deixe-me levá-la para casa, Kylie. Você não pertence a este lugar.

Um trio de rapazes negros com calças cáqui caídas, enormes camisetas brancas, e enormes agasalhos com capuz passam de lado por nós, lentamente, na calçada que passa em frente dos edifícios. Seus olhos encontram os meus, e eu não desvio o olhar. Eles parecem reconhecer que eu sou um deles, ao contrário da garota na parte de trás da minha moto, e continuam caminhando. Um deles balança a cabeça, uma espécie de aquiescência. Quando eles passam, Kylie suspira de alívio.

– Você os conhece? – Ela pergunta.

Eu dou de ombros. – Não.

– Por que eles estavam olhando para nós?

Eu não sei como explicar-lhe isso sem assustá-la. – Somos brancos. – Faço uma pausa, e então continuo. – Não foi um desafio, apenas... Curiosidade, eu acho. Não sei.– Eu não estava prestes a dizer-lhe que não me atrevi a olhar para longe, ou mostrar qualquer tipo de medo.

Ela parece sentir que eu não estava dizendo tudo. – É seguro aqui?

Eu dou de ombros novamente. – Enquanto você estiver comigo. – Eu me viro para olhá–la. – Vamos, Kylie. Deixe-me levá-la para casa. Podemos tocar outra hora. Na sua casa.

Eu a sinto se enrijecer, endireitando. – Não. Está tudo bem. Vamos entrar, quero ver onde você mora.

Eu suspiro. – Tudo bem. Mas... Eu avisei. É uma merda.

Com a minha mão em suas costas, eu a empurro na minha frente, guiando-a através da porta de entrada, o que não é garantido. Há um teclado e uma série de botões de chamada para os apartamentos, mas eles não funcionam desde antes de eu nascer, provavelmente. A porta emperra, e eu tenho que empurrar duro para abrir. Há um pequeno hall de entrada, coberto por um puído tapete azul industrial. Ele tem cheiro de cerveja velha e mijo novo. Eu cutuco Kylie para subir os quatro degraus. Um corredor se estende à nossa esquerda, as paredes riscadas e esburacadas aparecem entre as pálidas portas azuis que estão numeradas com algarismos pretos manchados. Uma escada que leva para cima. Cinco andares, e os elevadores estão parados. A escada não tem qualquer apoio, ou iluminação para que possamos enxergar, e está coberta com a mesma carpete azul do hall.

– Terceiro andar.– Eu indico, e ela continua.

Eu vejo sua bunda redonda balançar a subir as escadas, sem me preocupar em fingir que eu não estava olhando quando ela olha de volta para mim. Eu apenas sorrio, encolhendo os ombros. Ela cora e continua andando. Talvez até balance com um pouco de exagero. Bom.

Chegamos ao terceiro andar, e amaldiçoo sob a minha respiração quando vejo Dion, meu fornecedor, trancando a porta. Ele mora em frente a nós, suficientemente conveniente. Ele me vê, levanta o queixo em saudação.

– Como vai, Oz?– Dion é baixo, magro, de pele negra e um comportamento lento, preguiçoso que esconde uma vantagem perigosa. Ele é legal, mas eu não iria querer lhe dever dinheiro. Nós batemos as mãos, e os ombros opostos.

– Hey, D.– Eu mentalmente espero que ele não diga nada, mas ele não recebe a mensagem.

Ele aponta para a porta com um polegar. – Eu peguei uma ótima hoje. É sério, cara. Você quer um? Eu vou dar a você por sessenta.

Eu lambo meus lábios. Eu quero. Eu só tenho dinheiro no meu quarto, e eu ainda estou cá fora. Mas eu não posso comprar, não com Kylie aqui. – Não, cara. Eu estou bem. Segure-o para mim para mais tarde.

Dion acena. – Legal. Mas eu não posso prometer que vai durar muito tempo. É uma boa merda, cara.

– Obrigado.– Eu destranco minha porta e entro com Kylie, que está claramente tentando descobrir exatamente o que aconteceu.

Eu fecho a porta atrás de mim e me inclino para trás contra ela, esperando as perguntas.

– Oz – Ela entra na sala, olhando ao redor, em seguida, gira para me encarar. – Não devo saber do que se tratava?

Eu levanto uma sobrancelha. – Se você não sabe, então não, você não deve saber.

Ela está franzindo a testa. – Ele é um traficante de drogas...?

Eu rio. O jeito que ela disse, parecia que ela estava se referindo a alguma criatura mística, como unicórnios ou grifos. É engraçado. – Eu acho. Quero dizer, ele apenas vende alguma erva. Nada sério.

Ela está claramente perdida. – Erva?

Eu balanço minha cabeça, ainda rindo. – Eu achei que você não quisesse saber.

Kylie pisca. – Não. Eu não.– Ela se afasta de mim e olha ao redor da sala de estar e da cozinha.

Há um sofá ao longo de uma parede, pego no Exército da Salvação, quando nos mudamos para cá. Mamãe nunca leva sofás com a gente. É mais fácil simplesmente comprar um do Exército da Salvação quando chegarmos onde vamos ficar. A nossa TV, não é uma cinquenta polegadas, é velha, mas funciona. A mesa de café baixa de carvalho com um tampo riscado em vidro, um cinzeiro meio cheio, e uma lata vazia de cerveja. A cozinha é pequena, é claro, com os armários brancos sujos, uma velha geladeira, um forno de micro-ondas e fogão. A pia está cheia de copos sujos, um pote de sobra de queijo, os restos de espaguete. É embaraçoso. Eu vi como ela vive. Quer dizer, eu não entrei, mas posso imaginar. Cozinha limpa, os pratos sempre feitos. Pisos de mármore. Balcões de granito. Vastos espaços e aparelhos. O oposto disso, basicamente.

Eu aponto para um corredor, um comprimento de seis metros com uma porta do quarto de cada lado e um único banheiro no meio. O banheiro é uma merda, no chuveiro a água vem com sujeira, e a pia

está coberta com coisas da mamãe: maquiagem, ferros, escovas, laços de cabelo, uma caixa de absorventes.

– O meu quarto é do lado direito.– Eu a levo lá, deixando a porta aberta. Mais Kylie do que qualquer outra coisa. Mamãe não vai chegar em casa antes das três da manhã.

É confuso, é claro. Roupas cobrem o chão, amontoadas em pilhas de roupa suja, as roupas limpas em uma cesta. Há um cinzeiro no parapeito da janela, e tem pontas de cigarro na mesma, bem como um par de baratas. O quarto cheira a roupa suja e fumaça. Eu não posso acreditar que eu a trouxe aqui. Jesus, o que eu estava pensando?

Eu recuo. – Isso é tudo, por isso eu não queria te trazer aqui. Minha casa é muito ruim. Vamos embora.– Eu agarro seu braço gentilmente, e a vou puxando.

Ela se afasta de mim para se sentar na cama, o único lugar para se sentar. – Está tudo bem, Oz. É apenas um quarto. Meu quarto é tão bagunçado quanto o seu.

Eu bufo. – Certo.

Ela ri. – É! Olha só, é como este!– Ela olha para o cinzeiro. – Quero dizer, ele é um pouco maior, e cheira melhor, mas... Fora isso, é assim.

Eu levo o cinzeiro para a cozinha, despejando as cinzas, e pego o spray pelo caminho até o banheiro. Eu pulverizo deliberadamente, até que estamos tossindo.

– Eu acho que isso está bom, Oz.– Ela ri, acenando com a mão na frente do rosto, em seguida, olha para mim com uma expressão curiosa. – Eu não sabia que você fumava.– Acabei de dar de ombros, e ela franze a testa. – Não havia mais do que apenas os cigarros lá, não é?

– Não quer saber, se lembra?

Carrancas de Kylie. – Talvez eu queira. Talvez eu esteja curiosa.

Eu gemo e caio na cama ao lado dela, não muito perto, não a tocando. – De jeito nenhum, Kylie. Nós não estamos tendo essa conversa. Seja curiosa com outra pessoa. Ben já me odeia.

– Ben não é o meu guardião.

Eu não respondo a isso. Talvez ele deva ser... é o que eu estou pensando, mas não digo. Eu sei que eu deveria ficar longe de alguém tão boa e inocente como Kylie, mas eu sou idiota o suficiente para não me afastar. Isso não significa que eu vá manchar a sua leveza com a minha escuridão.

Em vez de responder, eu me inclino e pego minha guitarra, desconecto os fones de ouvido e aumento o volume no amplificador. Eu me inclino contra a parede, com os pés pairando ao lado da cama. Eu olho para Kylie e sorrio. – Pronta?

Ela acena com a cabeça. – Deixe-me ouvi-lo.

Eu bati um acorde de energia, apenas para testar o volume. Torço o botão um pouco, bato o acorde de novo, e desta vez é apenas alto suficiente para que eu, provavelmente, vá ter algumas queixas, mas não o suficiente para causar nenhum problema real. Alto o suficiente, essencialmente, para chocá-la. Fixo meu dedo na corda, faço a minha escolha, em seguida, deslizo o dedo para baixo do pescoço da guitarra, em direção à ponte. Uma ascendente nota discordante enche o ar, e quando eu chego no meio caminho da ponte eu deixo os meus dedos dançando em todo o bordo, dedilhando as cordas o mais rápido que eu posso, provocando um rife gritante, que bate forte. Eu transformo o acorde num baixo rife, fecho meus olhos, e subo a ponte, dedilhando e escolhendo. A lamentação das notas vão ficando mais e mais rápidas a cada acorde. Este é um solo que eu estive trabalhando por um tempo, adicionando notas e acordes, aqui e ali ao longo das últimas semanas, nas seções de trabalho.

Com os olhos fechados, quase posso ver os números sobre as minhas pálpebras, como luz prateada, reduzindo pela metade e pela metade novamente com cada nota, sobre as frações de cada acorde desafiado, as cordas. Eu me perco momentaneamente. Deixo a música assumir, cortando através de mim e afasto o conhecimento da minha luta iminente com Ben, minha amargura, minha tristeza e minha solidão, até a minha crescente atração de cruzar estrelas com Kylie. Por enquanto meus olhos estão fechados e as minhas mãos trabalham a música da minha guitarra, nada mais importa. Eu não quero me queimar quando estou tocando. É só para mim. Eu deixo o solo ir,

vira improvisação, batendo meias notas e acordes em staccato[6], cruzando a partir de solo, de metal, o metalcore.

Eventualmente, eu me lembro de que Kylie está aqui comigo, e eu deixo uma nota estremecendo, pairando no ar, abro os olhos para ver Kylie me encarando. Sua expressão é ilegível. Horrorizada? Amedrontada? Um pouco dos dois, talvez. Não tenho a certeza. Eu apenas sento e espero, revendo a minha escolha.

– Jesus, Oz!– Kylie respira. – Isso foi incrível. Eu não tinha ideia que você era tão talentoso!

Reviro os olhos. – Eu não sou. É apenas um hobby.

– Um hobby?– Ela balança a cabeça e se inclina para mim. – Oz, que louco. Eu nunca ouvi nada parecido. Você poderia ser um músico profissional com um talento como esse.

Estou desconfortável. Eu apoio a minha guitarra no chão ao lado da cama e desligo o amplificador. O tiro parece ter saído pela culatra. Eu vasculho o bolso da frente da minha mochila, encontro o meu maço de cigarros. Ignoro o estanho que mantém meu estoque, mesmo que eu gostasse de uma tragada agora. Acendo um cigarro, deslizo a janela para abrir, e fico ao lado dela. Talvez ela vá ficar tão enojada pelo fato de que eu fumo que ela vá me deixar em paz. Quero dizer, eu não quero que ela me deixe completamente sozinho, apenas que esqueça essa ideia de que eu poderia tocar um pouco de música country para ela.

– De jeito nenhum, doçura. Eu só faço isso por diversão. Para mim mesmo. Você é a única pessoa que já me ouviu tocar. Nem mesmo a minha mãe. Eu não sei por que eu toquei para você, realmente. Meu ponto é - é isso que eu toco. Não toco nenhuma outra besteira. Eu não sou o cara que você está procurando. Sinto muito.– Eu explodi uma longa corrente de fumaça de minhas narinas, e Kylie afasta a nuvem, acenando com a mão para a fumaça.

Ela se move para fora da cama, me observando. – Por que você fuma?

---

[6] Palavra de origem italiana, que significa em português destacado**.** Termo muito utilizado na música, principalmente por pianistas e instrumentistas de sopro, por ser ima técnica mais clássica. É bastante utilizado também para estudos vocais. O *staccato* é basicamente a forma de tocar "batendo" nas notas, não dando continuidade a nenhuma delas. Cada nota é tocada em forma de "pulo" com os dedos, ou seja, você não toca deixando sua mão nas teclas, mas sim tirando-as rapidamente.

Eu dou de ombros. – Não sei. Só fumo. Eu gosto.

– Será que o gosto é bom? Ou você, acha que é bom? Eu nunca entendi por que as pessoas fumam cigarros.

Eu ri. – Claramente. Ninguém sabe porque fuma, né?

– Eu acho que meu pai costumava fumar, mas ele abandonou há muito tempo. Eu acho que ele ainda fuma, na verdade, de vez em quando, quando ele está na garagem, mas nunca quando estou por perto.– Ela fareja o ar, e eu posso dizer que ela está lutando contra sua curiosidade. – Deixe-me experimentar.– Ela pega meu cigarro.

Eu mantenho longe dela. – De jeito nenhum. De jeito nenhum, Kylie.

– Por que não?

– Porque é ruim. E você é boa.

– Não é ruim para você?

Eu balanço minha cabeça, não na negação, mas sem acreditar. – Não, é ruim para mim. Mas não importa se é ruim para mim.

Ela está claramente perplexa com esta resposta. – O que diabos isso quer dizer? Claro que isso é importante. E se você tiver câncer de pulmão?

– Então se eu tiver câncer de pulmão. A única pessoa que tenho pra cuidar de mim é a minha mãe.

Registro os olhos feridos de Kylie. – E eu?

Eu ignoro a dor em seus olhos azuis e continuo empurrando. – Você supera isso. Você mal me conhece. Esta é apenas uma novidade que está acontecendo para você – eu digo, apontando entre mim e ela. Eu me inclino para ela, sopro fumaça nela. – Se você realmente me conhecesse, você não estaria aqui.

Ela não recua. Não registra minhas palavras. Ela só chega perto, lentamente, e pega o cigarro em minhas mãos entre o indicador e o polegar, tomando-o de mim. Eu deixei. Ela colocou o filtro ligeiramente esmagando em seus lábios, hesitante. Ela está nervosa. Não tem a certeza se quer fazer isso, ela sabe que não deveria. Mas ela faz. Ela inspira forte. Merda. Ela provavelmente vai tossir tão forte que ela vai vomitar.

Sim. Ela começa a tragar, e devolve o cigarro pra mim, inclinando-se mais de duas vezes e tossindo tão forte que está quase vomitando. Eu pego um punhado de seu cabelo pra afastar do seu rosto.

– Respire, doçura. Vai passar em um segundo. Basta tentar respirar. Você vai ficar bem. – Puta merda, seu cabelo é macio. Como seda deslizando entre meus dedos. Ela suspira, o rosto pálido, olhos lacrimejando e quase entra em pânico. – Respire Kylie. Force o oxigênio para dentro.

Ela abre a boca e chupa uma respiração profunda, tossindo ainda, e, em seguida, começa a recuperar a sua cor. – Que merda! Como você pode fazer isso?

Eu dou de ombros. – Todo mundo faz isso na sua primeira vez. Eu vomitei a primeira vez que eu tentei fumar. Eu fiz apenas o que você fez, dei um grande trago e expirei tudo pra fora. Vomitei por todo o caminho. Eu, de verdade, pensei que eu ia morrer. Claro, eu tinha dez anos.

– Dez? Você fuma desde que você tinha dez anos?

Eu ri. – Não! Isso foi só quando eu tentei pela primeira vez. Minha mãe é fumadora, e foi um dos dela. Foi quando ela estava fumando Reds, e esses filhos da puta são fortes. Eu não comecei a fumar regularmente até estar... com quinze anos. Dezesseis? Há alguns anos atrás.

– Reds?

– Reds Marlboro. Eles são quase sem filtro. O fumo é muito mais forte do que isso.– Este é Parliaments Lights. Eles são um dos cigarros mais leves que você pode comprar.

– Isso é leve?

– Sim, querida. É como respirar o ar regular em comparação com Reds.

– Ugh. Forte!– Ela estremece. – Ok, isso é suficiente sobre cigarros. Voltando à música.

– Kylie...

– Não, apenas ouça. Alguma vez você já ouviu a música realmente? Tente esquecer o fato de que você acha que você odeia e realmente tente ouvir.

Dei de ombros. – Não, mas...

– Em seguida, basta tentar.– Ela puxa o telefone do bolso de trás da calça jeans, do tipo com código de acesso, e puxa para cima seu aplicativo de música, procura em busca de uma música específica. Ela encontra, eu assumo, e conecta seu telefone. – Ouça. Isso não é o que eu quero que você toque. Eu só quero mostrar uma coisa.– Ela aperta play', e eu ouço o que soa como uma caixa de música, um pouco de tilintar, e, em seguida, é acompanhado por uma guitarra acústica.

– O que é isso?

Ela acena. – É, *I'm Still a Guy* por Brad Paisley. É uma música divertida. Ouça.

Eu escuto. Por ela, eu tento afastar meu desagrado, e realmente ouvir. É uma canção engraçada, e contra a minha própria vontade, eu encontro-me acenando junto. É mole, e não tem a mesma batida do metal, obviamente, mas é algo com que eu não me importo. Quando as letras falam sobre como você não pode pegar uma caixa de equipamento com creme nas mãos, eu ri em voz alta. – Ok, isso não foi tão ruim. O que mais você tem?

Ela percorre as suas músicas novamente e seleciona uma. – Este é o *Goodbye Town* de Lady Antebellum. Isso é mais parecido com o que eu quero tocar.

Eu escuto. A harmonia é muito boa, e a melodia é cativante. Não é muito ruim. Eu nunca ouviria por vontade própria, mas eu não estou segurando em meu próprio vômito, como eu tinha esperado.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela tem outra música que está tocando. – Você pode gostar disso. É *Four on the Floor* por Lee Brice.

É filtrado, ligeiramente distorcida, e tem uma sonoridade dura. Eu digo. – Eu poderia tentar essa. Não soa como country, de verdade.

Ela acena com a cabeça, e eu posso dizer que ela é apaixonada por isso. – Eu acho que um monte de pessoas que dizem que odeiam country estão pensando em Vince Gill e Randy Travis. Old school, o country tradicional. Todos sem guitarra e sotaque. Country moderno não é assim não. Quero dizer que ainda há artistas como Easton Corbin e Joe Nichols, que estão mais próximos do som tradicional,

mas se você ouvir Jason Aldean ou Luke Bryan ou Lee Brice, vai ver que não é assim. Ele tem um som principal mais forte, mais como um tom de música rock. Quero dizer, ainda é country inequivocamente na maior parte, mas não são noções preconcebidas de country.

– Este é um grande negócio para você, não é?

– Sim. É. Eu gosto de todos os tipos de música, Oz. Eu gostei do que você tocou. Eu realmente gostei. Foi diferente do que eu costumo ouvir, mas se você observar... – ela esfrega o nariz, sorrindo para mim sarcasticamente – *sem sangramento do nariz.*

Eu ri. – É justo. Eu a julguei mal. Peço desculpas.

Ela franze a testa e balança a cabeça. – Nós dois estamos sempre julgando mal um ao outro.– A canção termina, e ela coloca algo mais. – Eu realmente gosto desse cara. Brantley Gilbert. Eu acho que você vai gostar dele também. Esta canção é *Hell on Wheels*.

Há um estilo característico para esta música, um trabalho de guitarra que eu posso mudar para umas batidas Rock and Roll que soam no meu ouvido para melhorar a música. Quando a música termina, eu aceno para ela. – Tudo bem, eu realmente gosto.

Ela grita e aplaude literalmente tonta de felicidade. – Sim! Eu sabia que poderia convertê-lo. – Ela puxa seu telefone fora da base e aponta para mim. – Sua vez. Toque algo que você ouve.

Eu penso em colocar algo realmente barulhento, como Spineshank ou algo assim, mas não. Coloco *The Sadness Will Never End* por Bring Me the Horizon. Enquanto a lenta introdução melódica toca, eu lhe digo o nome da música e da banda, e assisto sua expressão de surpresa quando as guitarras e tambores ecoam de uma vez. Suas feições se fecharam, em foco, ouvindo. A canção termina cinco minutos depois de gloriosa angústia. Eu amo essa música. Eu passo para outra música, um pouco mais difícil *In Place of Hope* e deixo tocar. Ela permanece focada, ouvindo, dissecando.

Quando essa canção termina, ela fica em silêncio por alguns minutos. Espero ela processar tudo que ouviu. – Há muita raiva nisso. Muita amargura...

– Sim. Esse é o foco dele.

– Porquê?

Eu dou de ombros. – É... Não sei, eu nunca tentei explicar isso antes. Hum. Trata-se de entendimento. Alguém entender como você se sente. Compreender como pode ser a raiva... correndo em seu maldito sangue. Como a amargura, raiva e tristeza podem te consumir. E eles sabem como expressar tudo isso.

Ela acena com a cabeça. – Eu posso ver.

– E realmente, esse tipo de música, não é tão profundo como parece ser. Não é tão dura quanto parece. Há melodia e uma variedade de emoções e sons nesse estilo de música. Você tem elementos como death, metal pesado e black metal, onde é só... raiva. Puro ódio transformado em som.

Ela franze a testa. – Mostre– me.

– Sério? Porquê? É...

A resposta de Kylie é quase com raiva. – Pare de pensar que você pode me dizer o que eu gosto, ou o que não é bom para mim. Isso é tão ruim quanto Ben tentando me dizer com quem eu posso sair.

– Ele tem boas intenções.

Ela boceja em mim. – Por que você está defendendo ele?

Eu gostaria de saber. – Eu não estou – eu digo. – É verdade. E bem... se você realmente quer ouvir algo verdadeiramente difícil e sombrio, então aqui vai.– Eu seleciono uma música. – Este é o Amon Amarth. A canção chamada *The Beast Am I.* Eles são realmente muito mais melódicos do que a maioria das outras bandas de death metal.

Ela escuta, e seus olhos estão arregalados, os cantos de sua boca apertados. Ela não gosta disso. As outras coisas não são tão sombrias e furiosas. Não há leveza nesta música. É impenitentemente pesada, negra e sangrenta.

Ela está visivelmente aliviada quando a música termina. – Jesus, Oz. Isso é... uau!

Eu ri. – Sim. Eu te disse.

Ela move sua cabeça de um lado para o outro. – Eu posso ver o talento, no entanto. Quer dizer, tocar tão duro, tão rápido, por tanto tempo? Cada canção? A quantidade de pura energia que se deve ter para tocar dessa forma é... impressionante.

Estou impressionado que eu possa ver que a sua reação inicial está passando. – Você deveria ver um show ao vivo desse tipo de música. As pessoas transformam no inferno. Realmente. Ossos quebrados, é uma merda. É brutal. Mas você está certa, é preciso uma quantidade farta de velocidade e precisão técnica para tocar assim.

Ela estremece, fazendo uma careta de desgosto. – Eu vou passar o show ao vivo, obrigada. Eu posso imaginar.

Eu ri. – Não, realmente não acho que você possa.– Eu levanto a manga da minha camisa para mostrar a ela a crosta grossa de uma cicatriz ao longo do meu bíceps esquerdo. – Eu tenho isso de um show de death metal. Foi... merda, eu nem me lembro o que estava tocando. Eu estava um pouco... explosivo, eu acho. Foi em um bar em Denver onde algumas bandas estavam tocando. Eu não deveria ter sequer sido admitido, porque eu não estava nem com dezessete ainda, mas a segurança era um pouco... frouxa. De qualquer forma um cara no poço havia cravado braceletes nos pulsos com pontas, as pontas eram afiadas com dois centímetros de comprimento, e ele estava batendo em volta, chutando, batendo. Ele deve ter cortado uma dúzia de pessoas, e a banda estava incitando-o. Quanto mais ele se debatia, mais duro eles tocavam. Os seguranças tiveram que finalmente jogá-lo pra fora porque ele estava ficando agressivo demais mesmo para um show de metal. Bem, eu estava muito perto, e ele me acertou no braço. O pico realmente cravou em mim, e eu tive que chutá-lo para longe para me soltar. Era uma loucura. Minha mãe estava tão chateada. Eu levei por volta de treze pontos, e nós realmente não tínhamos o dinheiro pro hospital. Ela teve que atrasar o aluguel por causa da minha cagada.

Kylie está justamente horrorizada. – Isso é... Horrível.– Ela balança a cabeça. – Eu não me importei com as outras coisas que você colocou pra tocar. Mas isso não é realmente a minha praia.

– Eu não achei que seria. Eu não estava tentando-lhe dizer o que ouvir, nem nada. Eu realmente não achei que você fosse gostar.– Faço uma pausa para formular um pensamento. – Não é o tipo de música pra você. É música pra você sentir. Foi só uma experiência.

Kylie assente. – Sim, eu posso ver isso. Mas de qualquer forma, sobre a noite do microfone aberto...

Eu suspiro. – Realmente, Kylie? Você ainda me quer pra isso?– Eu franzo a testa. – Eu realmente não tenho certeza se posso tocar assim. Eu nunca toquei uma guitarra acústica. Eu não posso ler partituras ou qualquer coisa. Eu toco de ouvido.

– Apenas tente? Por favor?

Eu realmente não quero. Eu não sei. Quero dizer, não dou a mínima para o que as pessoas pensam sobre mim. Mas então... Isso é besteira, porque todo mundo se preocupa com o que seus colegas pensam deles. Se você não se importa, nem mesmo lá no fundo, onde você não se atreve a olhar, então há, de verdade, algo psicologicamente errado com você. Ou você está tentando obter a sua aprovação e tentando se encaixar e ser legal, ou você é apenas mais um na multidão, como eu, do lado de fora, agindo distante, quando tudo dentro de você queria saber como é ser como eles. Você não se encaixa, e você nunca encaixará.

Eu poderia fazer isso na noite do microfone aberto? Sim, provavelmente. Quero dizer, se eu posso aprender a tocar através de vídeos do YouTube e livros da biblioteca e horas de prática, eu posso aprender a tocar alguns acordes acústicos simples, certo?

Eu gemo. – Tudo bem. Vou tentar. Mas não prometo nada.

Ela bate as mãos juntas, em seguida, atira-se do outro lado da sala para me abraçar. Eu fico duro, congelado. Ninguém me abraça. Mamãe nunca me abraça. Durante a noite ninguém me abraça. Eu não sei o que fazer com um abraço. Seus braços estão em volta do meu pescoço, seu corpo pressionado contra o meu. O rosto dela está contra o meu peito, e ela está na ponta dos pés para ficar perto, porque eu sou alto e talvez ela seja uns dez centímetros mais baixa. Ela não me larga, mas ela sai da ponta dos seus pés, se inclina para trás para me olhar, com as mãos sobre os meus ombros, os olhos acusadores.

– Você não retribuiu meu abraço!

Eu ri. – Eu não tenho o costume de receber abraços.

– Bem, agora é a sua chance. Você deveria me abraçar de volta. Vamos tentar de novo.– Ela levanta outra vez, desliza os braços ao redor do meu pescoço, e me puxa.

Eu tento, porque ela pede. Eu deixei meus braços deslizarem em volta dela por trás, acima, logo abaixo de onde eu suponho que esteja seu sutiã. É platônico, sem ser ameaçador. Esta menina não é qualquer uma, e eu não vou brincar com ela. Então eu a abraço. Pelo menos, eu acho que isso é o que estou fazendo. Eu a seguro, sinto seu corpo inchar com cada respiração, ignorando a suavidade e a forma como ela parece se encaixar tão bem, e o fato de que eu posso sentir suas curvas tentadoras. É apenas um abraço. Eu respiro e seguro-a de volta, minhas mãos espalmadas sobre ela.

Depois do que parece ser ridiculamente muito tempo para um simples abraço, Kylie se afasta, dizendo séria. – Isso foi melhor. Nós vamos praticar até você relaxar.

– Até eu relaxar?

– Sim. Temos que trabalhar em suas habilidades de abraçar.

– Trabalhar minhas habilidades... – Eu paro.

– Suas habilidades de abraçar– ela conclui.

Concordo com a cabeça. – Tudo bem. Se você diz...

Ela concorda comigo. – Ok, então. Vou discutir uma rotina de ensaio com os meus pais, para que possamos usar o seu estúdio. Vou pegar uma lista de possíveis músicas, e nós vamos escolher algumas. Temos mais de um mês, de modo que deve ser bastante tempo para conseguir deixar tudo pronto.

Eu me sinto nervoso. – Hum. Ok. Nada de músicas muito estúpidas, no entanto.

Ela apenas ri. – Confie em mim, Oz.

Sim, não sei bem como funciona essa coisa de confiança. As pessoas dizem o tempo todo, confie em mim, como se isso fosse fácil. Não há uma pessoa em todo o mundo em que eu confie, além de mamãe. E mesmo ela realmente não tem a minha confiança total, porque ela mente para mim e esconde a verdade sobre meu pai. Mas, apesar disso, ela sempre esteve lá para mim. Eu nunca passei fome, nunca fui sem-teto. Bem, exceto duas semanas entre um contrato de aluguel e outro. Nós vivemos no nosso caminhão por essas duas semanas, mas estava tudo bem, porque era Verão no Mississippi.

Mamãe é minha única família, e minha única amiga, e uma constante em minha vida.

E Kylie está dizendo *confie em mim* como se fosse uma coisa simples. Eu quase ri em voz alta.

Talvez Kylie veja alguma coisa na minha expressão. – Eu quis dizer sobre a canção, Oz. Confie em mim sobre a música.

Eu levanto uma sobrancelha. – Vamos ver, eu acho.

Capítulo Quatro
Sinais de Aviso

Colt

Os meninos do Harris Mountain Boys são bons. Muito bons. Eles são um trio folk–bluegrass[7]: um baixo, um banjo, e um violino. Gareth Fink, que toca banjo, é incrível. Estou sentado na cabine, observando-o tocar tão rápido que é desumano. Buddy Helms no baixo é uma presença sólida, cabeça balançando para frente batendo no ritmo, os dedos dedilhando sobre as cordas. E depois há Amy Irons no violino. Ela é um gênio, um turbilhão de energia frenética. O nome é engraçado, para um trio popular, uma vez que um dos Harris Mountain Boys é na verdade uma menina, e maravilhosa posso acrescentar, mas funciona para eles. Suas letras são muitas vezes bem-humoradas e com ironia e muitas vezes desmentem a quantidade insana de talento que os três têm. Encontrei-os tocando na Broadway, e perguntei se eles gostariam de gravar uma demo no meu estúdio.

Lembro-me de tocar, sentado na rua com a minha guitarra, tocando simplesmente por tocar, sentado em um banquinho em algum canto sem que ninguém prestasse atenção. Se eu tivesse uma demo, provavelmente já teria meu lugar ao sol. O que é discutível, e eu meio que estou feliz que não tenha acontecido, porque provavelmente não teria conhecido Nell na rua naquele dia. Porém, eu posso ajudar esses garotos talentosos, permitindo-lhes gravar uma demo sem custo, até porque todo mundo precisa de um gesto amável de vez em quando.

Uma vez que tivermos a demo pronta, eles economizam seus dólares e conseguirão uma tiragem de 150 discos, que serão prontamente vendidos depois de alguns poucos shows. Então Nell formaliza um contrato, dizendo basicamente que se acertarem o contrato com outra gravadora, eles precisam nos avisar com antecedência. E assim, a Calloway Música LLC tem seu primeiro

[7] **Bluegrass** é uma forma de música popular e tradicional norte-americana, com raízes na música tradicional das montanhas Apalaches. Este é um dos gêneros musicais característicos do sul dos Estados Unidos.

contrato assinado com uma banda. Usamos nossos contatos ao redor de Nashville e lugares mais distantes para conseguir uma turnê pela Costa Leste e selecionamos cidades do Sul, sendo os bares e cafés onde eu e Nell continuamos a tocar regularmente quase 20 anos depois. A turnê dos Harris Mountain Boys começa em Janeiro, logo após o Ano Novo e então teremos um par de meses até sair o álbum completo para lançarmos com a turnê.

Ouço a porta que dá acesso ao porão, onde é o estúdio, se abrir, me volto e vejo Kylie entrar. Ela despenca na cadeira ao meu lado, como uma adolescente preguiçosa.

Ela observa a banda tocar por alguns minutos, e se vira para mim.

– Posso usar seu estúdio?

Eu dou de ombros.

– Claro, assim que terminarmos. Eu quero finalizar essa última parte da faixa, e então ele é todo seu.

Volto minha atenção para o trio atrás do vidro. – Deus! Vamos tentar mais uma vez, Amy e Gareth. Vocês precisam desacelerar um pouco. É só uma dica.

Giro de volta para minha filha. – O que você vai fazer?

Ela dedilha o teclado. – Praticar.

– Para quê?

– Noite do microfone aberto no Café da Faculdade.

Concordo com a cabeça.

– Isso é legal. Sim, claro. Nós vamos ficar aqui quase todos os dias, provavelmente até às seis, então se você puder esperar até depois que terminarmos, você pode usar o estúdio para praticar.– Aponto para ela. – Apenas certifique-se de fechar tudo quando terminar.

Ela ainda não acabou, eu sinto. – Eu estava pensando... Oz vai tocar guitarra para mim, já que eu sou uma droga. Assim ele virá ensaiar comigo.– Ela me olha, nervosa. – Se estiver tudo bem para você... Por favor.

Estou um pouco surpreso. – Oz? Ele toca violão?

Ela acena com a cabeça. – Sim. Ele é muito, muito bom!

– Huh. Eu não teria imaginado. A julgar por aquela camisa que ele estava usando, eu pensei que ele seria mais do tipo *hard rock*.

Ela encolhe os ombros.

– Ele é, mas ele vai tentar tocar algumas músicas para mim.– Ela me dá outro olhar hesitante. – Você tem uma guitarra, ele pode pegar emprestado?

Eu suspiro.

– Eu acho... Apenas... não é que eu não confie nele, mas... fique de olho, ok? Este material é caro.

Kylie me lança um olhar perplexo.

– Sério, pai? O que ele vai fazer, contrabandear a placa mix nas calças? Deus! – Ela se levanta. – Acho que você de todas as pessoas seria a que menos deve julgá-lo.

– Eu não estou julgando, querida. Só estou dizendo. Você nunca realmente conhece uma pessoa.

Pergunto-me se eu deveria dizer algo sobre eles ficarem sozinhos aqui. Eu decido seguir esse caminho, já que eu sou um pai e é meu trabalho suspeitar de caras farejando minha filha.

– Só mais uma coisa, Kylie. Vocês estarão aqui só para tocar música. É isso aí, ok? Você me entendeu?.

Ela fica corada. – Papai. Deus! Você é tão constrangedor. Sim, eu entendo. Somos apenas amigos, ok?

Suas bochechas coradas me dizem que ela pensava de outra forma, mas levando pela cor da sua face. Eu esfrego suas costas.

– Só estou fazendo o meu trabalho como seu pai.

– Eu sei, eu sei...

Ela já saiu porta afora, e subiu as escadas antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Depois de mais duas tomadas, estou feliz com a finalização e a banda faz as malas e todos rumam para o andar de cima. Nell, Kylie e Oz estão todos na cozinha, comendo húmus e pita. Isso é coisa da Becca. Ela tem essa receita de húmus que é carregado no alho. É viciante como o inferno, ela está sempre trazendo enormes embalagens deles para nós pra comermos uma tonelada. Paro e vejo que Oz está comendo muito, rindo de algo que Nell está dizendo. Eu o assisto a partir da porta de entrada do porão. Ele é um garoto grande, magro e forte com seus longos cabelos castanhos amarrados para trás em um

rabo de cavalo, escondido sob um boné Broncos. Ele está vestindo uma bonita camiseta com a logo de uma banda de metal e um par de velhas calças jeans azuis e botas de combate. Há uma jaqueta de motociclista que paira sobre a parte de trás de uma das cadeiras, e tem todos os tipos de manchas sobre ela. Olho para o antebraço, e meu estômago se revira. Ele tem cicatrizes. Não cicatrizes de corte, mas algum outro tipo de cicatriz. Não parece acidental. Há marcas circulares perto de seu cotovelo. Queimaduras de cigarro intencionais, talvez? Eu não posso dizer só olhando de longe. Há outras marcas também, manchas irregulares na pele lisa e brilhante, bordas crespas e torcidas.

Oz percebe e segue meu olhar, logo puxa as mangas compridas da camisa branca até aos pulsos e enfia as mãos nos bolsos. Sua expressão não muda, e ele não desvia o olhar e tão pouco age como culpado, mas ele se cobriu. Na minha experiência, para não mencionar Nell, isso me deixa desconfiado e até mesmo preocupado.

Os meninos do Harris Mountain Boys marcharam para fora de casa, e nós quatro continuamos na cozinha. Devo dizer algo a ele? Ainda não, decidi. Lhe darei uma chance. Talvez não fossem cicatrizes de automutilação. Espero que não. Espero que não, pelo amor de Kylie. Essa merda não é brincadeira, não é algo que eu queria que minha filha fique presa. Ela tem de fazer suas próprias escolhas, tenho de deixá-la, mas eu não quero que ela se envolva com algo tão desagrad-vel como cortes ou queimaduras a si mesmo. Já passei por isso, Nell já passou por isso. E posso dizer que é bastante desgastante. Não quero isso para ela.

Não posso exagerar, no entanto. Ei, sei que não sou esse tipo de pai. Ela é uma boa garota, e confio nas suas escolhas, mas sei o que é ter sua idade. No final, os deixo descer as escadas juntos e guardo minhas preocupações para mim. Em algum momento, acho que vou confrontar o garoto. Sei que vou irritar Kylie, mas é dever dos pais proteger os filhos mesmo sendo irritante. É um fato.

Depois que eles se vão, percebo Nell olhando para a porta do porão com uma expressão preocupada.

– Você viu os braços?– ela me pergunta, sem olhar para mim.

Me inclino sobre o balcão ao lado dela. – Sim... eu vi.

– Ele é um bom garoto – diz Nell, – *'Sim Senhora'* e – *"Não Senhora"* – e tudo mais. Mas essas cicatrizes... me assustam, Colt.

Suspiro. – Merda, sei bem o que é isso. A questão, querida, é que nós somos mais parecidos com aquele garoto do que Kylie. Nós dois temos cicatrizes que fizemos em nós mesmos.

A palma da mão de Nell patina para cima e para baixo em seu braço, alisando sobre as linhas brancas finas gravadas em sua pele cremosa.

– Sim, nós temos. E é isso que me assusta. Porque nós dois sabemos o tipo de inferno que é preciso para fazer alguém chegar a esse ponto.

Ela olha para mim, implorando. – Eu quero dizer a ela para ficar longe dele. Muito longe. Eu me assustei quando vi seus braços, Colt. Mas eu não posso lhe dizer, posso? Ela não vai ouvir.

– Não, não podemos, e não, ela não vai. – Eu envolvo um braço em volta dos ombros e a seguro contra mim.– Ela é inteligente, Nell. Temos que confiar nela.

– Mas não podemos ignorar os sinais de alerta.

As mãos de Nell estão esfregando em suas cicatrizes, quase obsessivamente. Nell quase nunca mais faz isso, especialmente em torno de Kylie.

– Não, você está certa. Mas escute querida, Oz ter cicatrizes não significa que ele ainda esteja fazendo isso, e ela com certeza não está fazendo nada disso. – Eu agarro seus pulsos e prendo-os.

– Eu sei. Eu só... eu não quero que ela saiba o que cicatrizes assim significam, Colt. Quero protegê-la de tudo o que nós sofremos. – Ela se agarra em mim, o rosto contra meu peito.

– Nós não podemos protegê-la da vida, Nell. Você sabe disso. Ela vai se machucar algum dia. Tudo o que podemos fazer é amá-la, e estar lá quando isso acontecer.

É fácil falar, mas não é tão fácil de fazer.

Capítulo Cinco
Melodias Acústicas e Dores Antigas

Oz

Eu estou enlouquecendo, mesmo. Perdendo totalmente o controle sobre tudo. Estar na casa de Kylie me faz sentir assim. É enorme. Não é chamativa ou berrante, apenas de bom gosto, sutil. Eles são bons uns com os outros. E eles já fizeram isso por conta própria, como independentes. É impressionante. E este estúdio? Jesus. Completamente impressionante. Todos os melhores equipamentos, racks de guitarras, um piano em um canto, vários microfones de gravação top de linha.

E depois há o fato de que eu tenho certeza que tanto Nell e Colt viram minhas cicatrizes de queimaduras e perceberam exatamente do que se tratava. Não sei o que fazer sobre isso.

Estou em pé no meio da sala de gravação, de boca aberta como um peixe, congelado no lugar. Kylie vem por trás de mim, e eu recuo ao seu toque nas minhas costas.

– Oz – Ela se move em torno na minha frente. – Você está bem?

Eu me abalo com isso. – Sim. Apenas... sua casa é incrível. Eu nunca estive em uma casa tão grande.

Ela franze a testa.

– Isso? Não é tão grande. Uma de minhas amigas é a filha de um grande executivo industrial. A casa dela sim é enorme. Tipo, eu realmente me perdi uma vez. Vaguei totalmente perdida por literalmente 20 minutos antes de eu chamar Lin no meu celular. Ela teve que marcar um lugar, para que ela soubesse onde eu estava. E foi ridículo.

Não consigo entender isso.

– Eu não sei por que alguém precisaria de uma casa tão grande.

Kylie encolhe os ombros. – É totalmente desnecessário. Lin realmente odeia. Ela diz que fica cansada só de andar de seu quarto

para a cozinha. Não há realmente nenhum sentido para se ter uma casa tão grande.

Ela aponta para a casa acima de nós. – Isso? São apenas quatro mil metros quadrados. Em comparação com a maioria das casas dos meus amigos, é pequena.

Eu bufo. – E a minha mãe e eu moramos em um apartamento de oitocentos metros quadrados. Ele se encaixaria em sua cozinha.

Ela parece envergonhada. – Oz, Eu...

Eu a empurro pelo braço, delicadamente, provocando. – Ky, está tudo bem. É o que é. Somos de mundos diferentes.

– Não são tão diferentes – diz Kylie.

– Sim, é diferente. Totalmente diferente. Não somos mesmo iguais.

Eu examino a seleção de guitarras, admirando todas elas. – Andei pensando... por que você está indo para um colégio da comunidade? Por que você não foi para Vanderbilt ou onde quer que fosse, como Ben e seus outros amigos?

Kylie cora. – Eu ainda estou tecnicamente na escola – ela murmura.

– Você o quê? – Eu exijo, voltando no lugar, engasgando com minha própria surpresa. – Quantos anos você tem, Kylie?

– Tenho dezessete anos, quase dezoito anos – diz ela. – Quantos anos você tem?

Merda.

Eu pensei que ela tinha pelo menos dezoito anos.

Foda–se. Não é bom. Não é bom.

– Tenho vinte e um,– eu digo. – Então, se você ainda está tecnicamente na escola, como é que você vai para a faculdade comunitária?

Ela brinca com a tampa do teclado.

– Eu passei na maioria das minhas matérias com excelentes notas e faço parte de um convênio que minha escola tem com a faculdade comunitária que me permite assistir às aulas e acumular créditos para a faculdade. Vou terminar o ensino médio com mais de vinte créditos universitários.

– Droga – eu digo, impressionado. – Então você é perversamente inteligente, né?

Ela encolhe os ombros. – Acho que sim.

– Quando você completa dezoito anos?

– Em dois meses–, ela murmura. – Por que isso importa?

Importa porque dezoito está no limite do aceitável, já que eu tenho vinte e um, mas dezessete anos? Nem tanto. Eu não pareço ter vinte e um, o que é provavelmente a única razão pela qual seus pais me deixaram estar perto dela. Porque nós não estamos realmente namorando, eu suponho. Apenas andando juntos. Amigos. Apenas amigos.

Eu não sei o que ela quis dizer, no entanto. – Não, eu acho que não importa. Eu apenas pensei que você fosse mais velha, é só.

Ela me olha com cautela.

– Você não vai sumir, correr de mim agora, não é? Eu vou ter dezoito anos em breve. Pare de se preocupar com isso.

– Eu não estou preocupado.

Mentira. Eu estou totalmente preocupado com isso. Eu gosto dela. Eu quero fazer coisas sujas com ela. Mas ela não tem nem dezoito, nem mesmo saiu da escola. Foda-se, eu sou um idiota.

– Então, vamos tocar–, diz Kylie, descartando o assunto.

– Ok – eu digo, e pego uma guitarra do rack.

Não é a mais bonita, é uma vintage Martin. Esta provavelmente vale mais do que toda a minha existência. Resolvo pegar uma mais antiga, uma Taylor acústica clássica. É velha, mas bonita. Kylie pára de tocar abruptamente, atingindo a nota errada.

– Não! Não essa. Essa é favorita da mamãe. Escolha outra.

Há uma Yamaha, mid–grade, preta básico. – Esta aqui?

Ela balança a cabeça, perdida na música. – Isso é bom.– Ela sorri para mim. – Você deveria tocar a Martin.

Eu faço uma cara de horror. – Você está brincando? Você sabe o quanto isso vale?

A cara de Kylie diz tudo. – Obviamente. Mas você não vai, tipo, quebrá-la, não é?

Eu suspiro.

– Ky, eu não vou tocar a Martin do seu pai. Ela vale milhares de dólares. Isso é vintage, é rara e cara. Com certeza vale mais do que um bom carro usado.

– Eu pensei que você não tocasse acústico, como você sabe o valor de Martins, então?

Eu rosno. – Eu não toco acústico. Mas já olhei para uma. Pensei sobre isso. Eu simplesmente não tenho condições de comprar uma nova guitarra. Mas sei bem o seu preço. - Acho um banquinho e subo sobre ele, apoio a Yamaha em meu joelho. – Esta está bem. Mais a minha praia.

Tento um acorde básico dedilhando, para me acostumar com o espaçamento das cordas e sua sonoridade. Eu tento mais alguns acordes, apenas amarrando-os juntos sem realmente pensar sobre o som, tentando me acostumar com a sensação diferente das cordas, com o som diferente. Lembro-me de uma canção antiga de Nell e Colt, tento lembrar da melodia. Experimentei, procurando os acordes corretos. Finalmente, eu encontro, eu ouço a música na minha cabeça tentando fazê-la sair através das cordas da guitarra. Fecho meus olhos para me concentrar, e quando eu finalmente encontro o som, deslizo meus pensamentos para a música. Parece estranho, mas é bom tocar assim. Lento, macio. Como se eu estivesse batendo em alguma outra parte intocada da minha alma musical.

Quando termino a canção, abro meus olhos, e estou envergonhado de ver que Kylie está congelada no piano, e Nell e Colt estão na cabine ouvindo.

– Desculpe, eu... eu estava apenas brincando.– Eu me sinto como se estivesse me impondo, ou me intrometendo em território sagrado, tentando tocar e provavelmente assassinando a música de Nell e Colt em sua própria casa. O que diabos eu estava pensando?

Eu coloquei a guitarra pra baixo e a voz de Nell vem do interfone. – Por que você está se desculpando? Isso foi incrível!

Eu balancei minha cabeça. – Nah. Eu estava apenas brincando. Eu nunca toquei acústico antes.

– Não, verdade, estava muito bom, Oz. – Esta é Kylie, a partir do piano. – Eu ouvi mamãe e papai tocando ao vivo, e você fez direito na primeira tentativa. Você é seriamente talentoso, Oz.

Dou de ombros, e raspo as cordas com a palheta. – Obrigado, eu acho.

Estou desconfortável, envergonhado, e o meu instinto é sair. Eu quero jogar a guitarra no chão e correr, voar na minha moto de volta para casa. Mas eu não o faço. Eu me forço a ficar no lugar, e ficar sob o holofote. Olho para Kylie.

– Toque algo para mim.

Ela acaricia as teclas do piano, pensando. Um olhar sobre os pais dela na cabine revela seus nervos, mas ela respira profunda e acena.

– Tudo bem. Que tal... bom, venho trabalhando nisso há algum tempo. É *Freedom Hangs Like Heaven* – por Iron & Wine.

Algumas batidas de introdução e, em seguida, ela começa a cantar, e eu fico encantado. Apenas... sem fôlego. Tendo ouvido Nell e Colt, não devia me surpreender que sua filha tivesse herdado o talento dos pais, mas o tom da voz dela é totalmente surpreendente. Tem uma rouquidão com alma, como a Adele, e é claro que ela é perfeita, absolutamente perfeita. Eu dou um olhar para seus pais, e posso dizer que eles estão um tanto surpresos também, uma vez que sentam e assistem, com as bocas entreabertas.

O piano cantarola com as notas desaparecendo, e Kylie olha para mim para ver minha reação.

– Puta que pariu, Kylie. Apenas... puta que pariu!

Ela ri. – Eu acho que foi tudo bem, né?

Colt fala da cabine. – Tudo bem? Kylie, como é que eu não sabia que você era tão boa assim?

Ela encolhe os ombros. – Eu pratico quando você não está aqui.

– Você deveria me deixar gravar você em algum momento – diz o Colt.

Kylie balança a cabeça. – Não. Ainda não. Talvez depois que eu fizer alguns shows por conta própria.

Nell vem para a sala de gravação. – Você quer um show?

Kylie levanta um ombro, brincando com as teclas do piano. – Yeah. Mas não quero sua ajuda. Eu sei que você poderia me conseguir um contrato e shows, e tudo mais. Mas quero conseguir por conta própria e não porque sou sua filha.

Nell olha para mim. – Você vai fazer o show com ela?

Eu sinto que minha garganta está obstruída. – Eu. Hum... Achei que íamos apenas tocar na noite de microfone aberto. Eu não sei.

Kylie franze a testa para mim.

– Eu disse que o meu plano era começar com a noite de microfone aberto, só para experimentar. Agora que eu já o ouvi tocar, eu acho que sinceramente poderíamos conseguir um lugar pra tocar de quinta-feira ou sexta-feira fora da Broadway.

– Ugh. Kylie, sério? Eu não sei.– Eu dedilho o braço da guitarra. – Eu sempre me vi em uma banda de metal, não tocando indie folk[8].

– Você pode fazer as duas coisas. Basta fazer a noite de microfone aberto comigo. Por favor?

Eu arranco o boné da minha cabeça e tiro alguns fios rebeldes do meu rosto.

– Eu disse que faria a noite de microfone aberto com você, então eu vou fazer. Mas eu não tenho certeza sobre os shows. Eu nunca me apresentei na frente das pessoas antes. Você, e agora seus pais, são as únicas pessoas que já me ouviram. E eu estou morrendo aqui com isso.

Nell dá um tapinha no meu braço.

– Você vai se sair bem. Apenas ignore as pessoas. Isso é o que eu fiz quando comecei a fazer apresentações. Eu estava tão assustada. Pergunte ao Colt. Ele estava lá para os meus primeiros shows. Eu pensei que ia desmaiar, estava tão nervosa. Mas você se acostuma. Depois você relaxa e fica divertido. Embora sempre que você entra no palco, dá um frio na barriga de emoção.

– Sim, não tenho certeza que tudo o que disse irá me ajudar, mas obrigado, Sra. Calloway.

---

[8] ***Indie folk*** é um gênero musical que surgiu na década de 1990 por cantores e compositores de indie rock que possuiam fortes influências do folk em sua música. Musicalmente, o indie folk combina as melodias de guitarra acústica do folk tradicional com uma instrumentação contemporânea.

– Meu nome é Nell.– Ela dá um tapinha no meu braço novamente. – Faça a noite de microfone aberto e veja como se sente.

Concordo com a cabeça, e então ela e Colt desaparecem escada acima. Deixei que meu pânico interior se manifestasse.

– Kylie! Por que você não me disse que eles estavam lá? Eu estava massacrando a música deles em sua própria casa.

Ela só ri. – Você não massacrou qualquer coisa. Foi otimo. E eu estava tão surpresa com o quão bom você foi.– Ela toca algumas notas, em seguida, olha para mim. – Tem certeza que você não pode cantar? Você já tentou?

Eu balancei minha cabeça. – Não. E de jeito nenhum. Vou tocar para você, mas não há nenhuma maneira no inferno de eu cantar.

Ela se levanta do banco do piano e circula ao redor para ficar na minha frente.

– Vamos. Por favor? Apenas tente.

Ela coloca as mãos sobre os meus ombros, me puxa para um abraço. Tenho tentado melhorar esse negócio de abraçar. Sua voz é um sussurro no meu ouvido. Está fazendo cócegas é quente e muito para aguentar. Eu dou de ombros para longe e dou grunhido.

– Apenas tente. Por favor? Por mim?– Ela está inclinando-se para mim, e não é apenas um abraço. É muito íntimo para isso.

Deixei-a cair sobre mim, porque a única maneira de a afastar de mim, é agarrá-la pela cintura e, isso, é entrar em águas perigosas. Perigoso para ela, claro.

– Cantar o quê? – Eu digo, resignado com o fato de que eu não consigo nunca dizer não a essa garota, mesmo quando isso acaba me embaraçando.

– Qualquer coisa. Algo que você saiba. Eu vou cantar com você. Que tal algo genérico?

Ela se afasta, mas não muito longe. Suas mãos estão sobre os meus ombros, à distância de um braço. Ela remexe o quadril e pensa...

– Hmm. Que tal... Deus, eu não sei. Que músicas você sabe?

Merda. Ela está realmente insistindo nisso. Eu não quero cantar. Eu não quero ir para o palco. Não é que eu esteja com medo, estou apenas... bem, você sabe o quê? Estou com medo. Eu sou como

qualquer outra pessoa. Estou com medo de passar vergonha e ser rejeitado. Se ela me dissesse para chegar até lá e rasgar algumas notas de metal, fingindo que sou Joe Satriani ou algo assim, talvez. Mas isso? Cantando e tocando um violão num café moderno? Ah, não!

Mas dane-se, olhei para ela, para olhos safira azul suplicantes, com as mãos sobre os meus ombros como se não houvesse nenhum problema, como se seu toque não estivesse fazendo meu pulso acelerar. Como se eu tivesse a chance de dizer não.

O problema é que eu não sei alguma música bem o suficiente para realmente cantar, pelo menos, nenhuma que ela conheça. Exceto uma, e eu não quero cantar. É a canção de minha mãe. Sua canção favorita. A que ela canta quando está caindo de bêbada e quando qualquer tragédia que a assombra está presente.

É a única música que eu conheço bem o suficiente para cantar.

Eu suspiro. – Há uma música. *Come On Get Higher*.

Vejo seus olhos brilhando.

– Matt Nathanson – Merda, ela é linda. – Eu amo essa música!

Ela tem no telefone dela, procura até achar e coloca pra tocar. Um tilintar suave e distante, tocando através dos alto falantes do seu telefone. A guitarra vem, e eu estou ouvindo perto, tentando acompanhar os acordes e o ritmo. Parece fácil. Sim, eu poderia tocar essa música.

Eu fecho meus olhos, afundo num mergulho em minhas memórias. Eu ouço a voz da minha mãe. Ela tem uma voz decente, não perfeita, mas ela pode manter uma afinação. Eu a canalizo, porque essa é a única maneira de conseguir realmente cantar em voz alta. Quero dizer, eu canto, mas sozinho, no meu quarto, a música alta o suficiente para afogar minha própria voz. Eu tento não me ouvir. Acabei de cantar junto com a música. Ouço Kylie, como eu não poderia? Ela soa como um maldito anjo. Não posso evitar de nos ouvir, e poxa, nós parecemos bons. O que significa que eu vou ter que fazer isso na frente de toda a escola, porra. Eu não sou tão ruim, mas eu não quero soar como uma morsa sendo estrangulada.

A canção termina, e lá está ela, olhando para mim como se eu fosse um duende ou algo assim.

– O quê? – Eu pergunto.

– Você é muito mais talentoso do que você pensa que é.

Eu reviro os olhos para ela. – Eu não tenho talento, doçura. Eu só não sou totalmente ruim.

Ela franze a testa para. – Você não é ruim, Oz. Definitivamente não é ruim. Por que se coloca para baixo?

Eu gemo. – A vida? Basta deixar assim, ok?

Ela suspira.

– Você sabe, eu sempre estou subestimando você. Você tem o hábito de me surpreender a cada esquina. Você é *bom*, Oz. Sério. Conheço música e conheço talento, ok? Você pode tocar guitarra como ninguém, e você tem uma boa voz para cantar. E você e eu juntos? Temos uma harmonia insana. E isso foi só nós dois brincando aqui, nada sério.

Eu não discuto com ela, já que é inútil. – Por que você precisa de mim, de novo? Suas habilidades de piano são grandes. Você pode dominar tudo por conta própria.

Ela encolhe os ombros. – Não, elas não são. Eu toco apenas decentemente. Eu tenho apenas praticado esta música por um tempo, e eu ainda sou amadora. Eu toquei, tipo, três notas erradas. Eu só... eu sempre quis ser como mamãe e papai. Eu amo vê-los tocar juntos. Eles são muito divertidos, e apenas... sempre quis ser parte de um dueto. Mas todos os caras que eu conheço só querem uma coisa de mim. Eles tocam e ensaiam comigo, e quando eu digo que não quero mais que isso, eles me abandonam. Eu tentei, ok? Pedi a Billy Nicholson pra tocar comigo no ano passado, e ele estava todo animado. Ele é talentoso, sério. Mas assim que ficamos sozinhos na sala do coral, ele tentou me beijar. E como sei que Billy Nichols é um prostituto, parei por aí. Ele está fodendo metade das meninas na escola. Eu não sou esse tipo de garota, eu disse. Eu falei a ele que tudo o que eu queria era tocar música com ele e só... ele acabou me abandonando. Só isso.

Ela arranca em uma corda da guitarra eu ainda estou me segurando, olhando para baixo.

– Então, eu tentei novamente com Trey Ulrich. Nós ensaiamos juntos por talvez uma semana, e então ele tentou me beijar, também, e aconteceu a mesma coisa. Assim, deixei claro que não haveria nada além de música, e ele meio que disse *'foda-se'*, então.

– Parece que você conhece um monte de idiotas com tesão.

Ela ri. – Sim, você pode dizer isso.– Ela me deu um olhar rápido, e depois desviou. – Então eu meio que desisti depois disso. Até que eu conheci você. Fomos saindo por um tempo, e eu sinto que posso confiar em você.

Plano ruim, doçura. Eu não digo isso, mas foi o que passou pela minha cabeça. Porque todo esse tempo, ela estava a uma distância de beijar, e eu venho tentando não olhar para os lábios dela, para saber o sabor do batom que ela está usando, e se seus lábios são tão suaves quanto parecem.

– Você não deve confiar em mim,– eu acabo dizendo. – Você não deve confiar em qualquer cara hetero.

Ela franze a testa, confusa. – Por que não?

– Porque você é fodidamente linda, e qualquer cara que gasta mais de cinco segundos ao teu redor te quer. Garanto.

Ela não se afasta com a insinuação. – Todo cara?

Concordo com a cabeça. – Sim.

– Mesmo você?

Eu rio. – Definitivamente sim, até eu.– Nossos olhos se encontram, e eu odeio, porque eu vejo o brilho de interesse em seu olhar.

– Mas você ainda não tentou nada.

Eu balancei minha cabeça.

– Não, eu não tentei. Você é minha amiga, Kylie. Talvez você tenha notado que eu não tenho um monte de amigos em minha vida, então não há nenhuma maneira de que eu vá estragar a única amizade que eu tenho em Nashville. Além disso, você não tem nem mesmo dezoito anos.

Ela está pensando muito sobre isso. Quando ela fala de novo, é lenta e hesitante.

– E se eu quiser.

Coloquei dois dedos sobre seus lábios, o que é uma tentação diferente de tudo.

– Não. Você não quer. Você não sabe a metade do que me fez ser do jeito que eu sou.

– Eu gostaria de saber.

– Não, Kylie. Há uma razão para eu manter as minhas merdas para mim, ok? Não se trata de guardar segredos, ou porque eu tenha vergonha. É porque alguém como você não deve saber sobre a merda que eu fiz. Minha vida não é bonita, doçura. Eu não estaria fazendo nenhum favor, arrastando-a através da lama da minha vida bagunçada. Você ficaria suja, e você é muito limpa, linda demais, e demasiado inocente para mim. Então, não. Para seu próprio bem, não. Nós somos apenas amigos, e isso é tudo o que sempre vai ser.

Ela vira as costas e vai para longe, ombros curvados, a cabeça baixa. Eu não tenho certeza se ela está magoada com a minha rejeição, ou apenas com raiva. Ambos, talvez. É o melhor, no entanto. Eu me levanto, e coloco a guitarra de volta na prateleira.

– Fique com ela - diz ela.

– O quê?

– Essa é a minha guitarra. Fique. Temos outras que eu possa usar.

Ela desliza através de uma porta que leva mais fundo no porão, volta com um estojo de guitarra básico hard-sided, e coloca na extremidade perto do meu pé. – Aqui.

Eu recuo. – Eu não vou levar a sua guitarra.

Sua cabeça se fixa em mim com os olhos brilhando. – Leve-a, porra. É apenas uma guitarra barata. É o que os amigos fazem.

– Porquê?

Ela encolhe os ombros, um pequeno gesto, derrotado.

– Como eu disse, os amigos se presenteiam. Isso é um presente. Não é caridade, porque eu tenho certeza que vai ser a sua próxima desculpa.

Seus olhos encontram os meus, e eu vejo a dor, confusão e tristeza.

– Você ainda vai tocar na noite de microfone aberto comigo. Eu já nos inscrevi. Então... você precisa de uma guitarra para praticar.

– O que vamos tocar? – Pego a caixa no chão e coloco a Yamaha na mesma, e a fecho.

– Se você estiver disposto, eu gostaria de tentar umas canções que eu escrevi. – Ela virou–se de novo, com a mão em cima do piano, esfregando preguiçosamente na madeira polida.

– Claro. Eu toco.

– Legal. Vou mostrá-las a você amanhã.

– Por que não agora?

– Porque eu estou a ponto de chorar, e eu quero que você saia.

Pelo menos ela é honesta. Eu passo por trás dela, mas não a toco. – Eu não quero te machucar, Kylie.

– Você já machucou.

Eu gemo. – Você realmente não sabe o que você está pedindo, com um cara como eu.

– Não deveria ser eu a julgar isso?

– Sim, talvez. Mas eu tenho uma escolha, também – eu digo.

– E você optou por me rejeitar.

Meus olhos se fecham, e eu sinto brotando dor, culpa, arrependimento. Eu odeio ter magoado essa menina. Eu não vejo uma maneira de contornar isso. Seus pais viram as minhas cicatrizes, e sabiam o que eram. Não há nenhuma maneira no inferno de deixarem a sua única filha sair com um cara punk como eu. E estão certos.

– Não rejeitei. Protegi.

Ela gira em torno de mim, e de repente, está muito mais perto, quase tocando as pontas dos mamilos no meu peito, olhando para mim. – Eu acho que você está com medo.

Concordo com a cabeça. – Sim. Por você.

– Eu não estou com medo.

– Você devia estar.

– Porquê?

– Porque você pode ter alguém melhor do que eu, Kylie. Olhe o outro lado da rua, para começar. – Eu gesticulo na direção da casa de Ben. – O menino tem uma queda por você.

Ela dá um passo em minha direção, me empurra.

– Ele é meu melhor amigo. Ele é como um irmão para mim. E é assim que ele me vê. Ele teve toda a nossa vida para dizer se ele se sentia de outra maneira, e ele nunca fez.

Eu dou de ombros.

– Talvez ele tenha seus motivos. – Eu esfrego meu rosto. – Foda-se. Olha Kylie. Desculpe-me se eu te machuquei. Sinto muito que você não entenda meus motivos. Mas é tudo o que você vai ter de mim.

Estou subindo as escadas antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, tentando ser calmo e indiferente quando eu aceno em despedida para Colt e Nell, sendo educado.

– Vejo vocês todos mais tarde – digo para eles. Merda, eu tenho que sair daqui. Fora de Nashville. Longe da tentação que é Kylie Calloway.

O rugido da minha moto enche meus ouvidos, e eu estou rasgando em torno das curvas, atravessando o tráfego e as luzes acesas e, dirigindo como um idiota, mas eu preciso de distância dela. Ela me assusta e quer me corrigir. Ela diz que não se importa. Mas ela deveria. Eu não um sou projeto de ninguém, e eu não estou a ponto de arriscar a inocência de alguém tão pura como Kylie. Ela é virgem. O jeito que ela olhou para mim quando estávamos tão perto, os olhos arregalados e um pouco de medo, como se quisesse chegar mais perto e que eu a beijasse, mas estando secretamente com medo. E a forma em que suas narinas e seu peito se encheram de respirações nervosas... Deus, tão sedutoramente inocente.

Estou dentro do meu apartamento, sem qualquer memória de como cheguei lá. Fecho a porta com força e minha janela faz um 'crack', atiro a minha mochila no chão e procuro a minha erva. Enrolo um baseado com dedos trêmulos, derramando maconha em todos os lugares. Juntei a erva derramada, despejei de volta na bolsa e acendi o baseado.

Conectei o telefone no alto falante e explodi o mais duro, o mais escuro dos metais que tinha em minha playlist. Nem sei o que é, quem é, apenas um barulho brutal. Eu preciso. Hit após hit, segurando profundamente, com exalações lentas.

Eu fiz a coisa certa, não é?

A dúvida é uma merda. Como uma faca, cortando lentamente longe a base da minha certeza, como um fluxo de água correndo pela margem do rio. Eu menti e luto contra as dúvidas que flutuam sobre minha escolha.

Eu ouvi um leve ruído. – Não, por favor...

Eu sentei, porque a voz soa familiar. É tarde da noite, talvez sete, e já que é o início de dezembro, está escuro lá fora. Faço uma pausa na música e ouç :

– NÃO! Deixe-me em paz! Deixe-me ir! Por favor! – Porra, essa é Kylie.

Eu levanto e saio batendo a porta tremendo e quebrando a parede de gesso, corro pela porta da frente e desço os degraus. Vejo-a nas sombras, presa contra a porta do lado do motorista do BMW. Santa merda, ela me seguiu. São os mesmos três caras que vimos quando eu a trouxe aqui pela última vez. Um deles tem suas mãos sobre ela, segurando-a pelo braço, inclinando-se para ela, zombando, empurrando contra ela e rindo. E agora ele está arrastando-a para a porta mais próxima. Os outros dois estão de pé para trás e olhando, rindo e incitando o seu amigo.

Eu nem sequer hesitei ou planejei meu ataque. Estou correndo pela calçada, girando sobre o calcanhar do meu pé esquerdo e balançando o punho para cima em seu rim, colocando todo o meu peso e força nele. Eles não me viram. Ele tropeça de volta e eu volto a atacar, no mesmo local, três socos curtos em seu rim. Ele vai mijar sangue depois. Mas eu não acabei. Dou um soco no queixo, joelhada em seu intestino, envolvo minha palma da mão sobre a parte de trás de sua cabeça e bato o rosto para baixo em meu joelho subindo. Ele cai para trás, cheio de sangue nos dentes.

Sinto um golpe para o meu lado, rodo. Sou lançado às cegas, sinto nos ossos, tropeço, e encontro o atacante, desvio de um soco, pegando parte dele na minha bochecha. A pele rasga, e eu sinto o sangue escorrendo, salgado e quente nos meus lábios. Outro bate na minha cabeça, logo acima da minha orelha. Minha cabeça dói, e eu vejo estrelas. Balanço a cabeça, torço para encontrar um alvo. Aqui está ele. Meu barato se foi, substituído pela adrenalina e agora a dor. Eu

dou uma joelhada. Ele cambaleia, me atiro para a frente dando uma cabeçada nele. Seu nariz provavelmente se quebra e eu sinto o seu sangue na minha testa.

Deslizo pro lado, – Melhor sair fora, filho da puta! – Vejo o cano da arma apontado pra mim.

– Vai, Ky – Eu não olho para ela, mas ouço-a hiperventilar. – Vai!

Ela vai. Boa menina. Eu ouvi uma porta bater, em seguida, pneus cantando, e eu ouvi o barulho suave do motor alemão afinado, e ela se foi.

Dirijo-me, olhando duro nos olhos marrons frios. – Atira, viado – É tudo blefe. Eu estou me cagando de medo.

Seus olhos se estreitam, e ele torce o pulso de modo que a pistola fica em uma diagonal. – Você quer morrer? Huh, branquelo ? Você tem o desejo de morrer ?

– Não. Mas se você não atirar agora, agora mesmo, você vai se arrepender – Estou tenso.

Ele lambe os lábios, debatendo. Hesitando. A hesitação é mortal. Eu sinto. Inclino para baixo, e eu estou em movimento. Minha mão se encaixa do lado de fora da arma, empurrando o cano para o lado e para baixo. Meu punho está voando, em conexão com a garganta.

Eu ouço a arma disparar queimando fatias de dor pela minha perna. Registro um calor, uma pressão e uma dor, mas não é o suficiente para me parar. Eu pego seu pulso, torço, enrolo o braço sob o meu e giro meu corpo para que ele se incline. Ele está gemendo e tentando não perder o fôlego. Sem misericórdia, filho da puta. Eu vou pra frente e inclino para baixo, forte e rápido, e seu cotovelo faz rachaduras conjuntas. A arma voa de sua mão, e eu passo sobre ela. Jogo-a para frente. Ele cai, e seu rosto bate no chão.

Pinga sangue de meu rosto e minha perna. Meus punhos doem e queimam, e minha mão precisa de pontos.

Eu nem mesmo registro o som do motor se aproximando, ou a abertura da porta. Estou mancando para ficar sobre o dono da arma.

– Ela é minha. Entenderam? Da próxima vez que você mexer com ela, você morre.

Ele murmura uma confirmação. Eu dobro e recolho a arma, retiro os cartuchos do tambor e jogo no lixo em frente ao estacionamento. Quando eu me viro, ela está lá, de pé na porta aberta do carro, olhando para mim.

– Você está bem? – Eu pergunto, a três metros de distância.

Ela corre em direção a mim. – Se estou bem? Você está sangrando. Eu ouvi... ouvi um tiro, e eu pensei que você... achei que ele... Eu pensei que você estivesse morto.

Eu ouvi um gemido, e eu empurro Kylie em direção ao prédio. – Vamos para dentro eu estou bem.

Ela agarra meu braço e me arrasta para o carro. – Não, você precisa ver um médico.

Eu me afasto. – Eu disse que estou bem.

– Você foi baleado. Sua perna...

Minha perna dói e eu olho para ela. A bala não atravessou, parece que foi apenas de raspão. Eu manco em direção à porta, não esperando por ela. – Não é ruim. Eu vou entrar Você deveria ir para casa.

Ela me segue, de qualquer forma, fechando porta do carro e trancando. Vai ser um milagre se estiver intacto quando ela sair, mas eu não posso me preocupar com isso. A adrenalina está caindo e a dor aumentando com o aparecimento do medo, agora que tudo acabou. Eu bato a porta da frente do meu apartamento, trancando, e viro sem jeito para a cozinha. Puxo um pedaço de toalha de papel do rolo e pressiono na minha perna pressionando a dor. Estou tonto. Minha cabeça dói. Minha bochecha dói. Esse raspão dói mais do que eu pensava. Pego um vislumbre de mim mesmo no vidro do forno de microondas, o meu rosto é uma máscara de sangue. Kylie está encostada contra a parede perto da geladeira, tremendo, olhando para mim e aterrorizada, prestes a entrar em colapso.

Eu mostro a toalha de mão pendurada na porta do forno. – Dê-me isso.

Ela faz, e eu substituo a toalha de papel, agora encharcada, pelo algodão do pano de prato, jogando o papel sujo de sangue na pia.

– Kylie, relaxe. Eu estou bem. Eu estive pior. Isso não é grande coisa.

Ela balança a cabeça.

– Havia, havia três deles. Atiraram em você. Eles poderiam tê-lo matado. Por minha causa. – Ela estremece, envolve seus braços em torno de si mesma. – Você está sangrando. Você está ferido.

– Vem cá.

Eu estendo o meu braço, e ela corre para mim. A julgar pela pontada de dor no meu lado quando ela bate em mim, eu devo ter uma costela machucada. Eu ignoro, respiro através dela, e a seguro contra mim.

– Valeu a pena, desde que você esteja bem. Eles não a machucaram, não é?

Ela balança a cabeça.

– Não. Apenas me assustaram. Ele... ele estava me dizendo o que ele queria fazer comigo.... Foi tão horrível. E ele estava tentando... Eu não podia fugir. E eu sabia que ele estava indo fazer...

– Mas ele não fez. – Eu esfrego suas costas. – Respire, doçura. Apenas respire. Tudo está bem agora.

Ela se afasta. – Hum, não. Você está ferido.

Eu limpo meu antebraço, e ao longo do meu queixo, espalhando o sangue pingando longe para mantê-lo fora dela.

– Os cortes da cabeça e do rosto sangram muito. Mas é apenas a pele rasgada. Na real, eu vou ficar bem. Como eu disse, eu já estive pior.

Ela me puxa pela mão, e eu a sigo com relutância, mancando atrás dela. Ela me leva até o sofá, me ajuda a sentar. Traz alguns toalhetes umedecidos e limpa delicadamente o meu rosto, dobra a toalha de papel mais e mais até ela virar um chumaço molhado vermelho. Ela continua limpando por vários minutos, até que o sangramento finalmente pára. Ela toca o meu rosto, e então minha testa, percebo só agora que também dói.

– Você tem dois cortes. – Ela toca perto de cada um deles. – Aqui e aqui. Eles não parecem tão profundos, apesar de tudo.

– Como eu disse, eu estou bem.– Estou meio tonto e cambaleando. Está tudo doendo. Merda, isso dói.

Kylie se inclina sobre mim tão gentilmente erguendo as bordas da calça perto do corte na minha coxa. – Isso é muito ruim. Vai precisar de pontos.

– Não vai acontecer.

Ela olha para mim, confusa. – Por que não?

– Não tenho dinheiro, não quero dar trabalho. Ele vai melhorar.

Eu aponto para o banheiro.

– Há um rolo de ataduras e Neosporin no armário de remédios. Você pode pegá-los para mim? – Ela acena com a cabeça e se levanta, e até que ela esteja de volta eu percebo que não posso fazer o curativo com meu jeans. Eu luto pra tirar a calça sem sucesso. – Vou pegar uma bermuda. Eu estarei de volta.

– Oz, você deve ir ao pronto-socorro. Eu vou pagar por isso.

– Vai porra nenhuma! – Eu não deveria ter sido tao duro, mas estou com dor, frustrado e confuso. Por que ela veio aqui? Isso complica as coisas. Ela vai sentir como se ela me devesse alguma coisa agora.

– Então deixe-me ajudá-lo. Por favor. Você mal pode andar. – Ela está atrás de mim, seguindo o meu andar lento para o quarto. Eu mal posso mover minha perna com a dor latejante profunda que parece se originar nos ossos da minha coxa.

Eu consigo chegar, e quando entro me atiro em minha cama. – O quê, você vai tirar minhas calças?

Ela cora, mas entra, afunda-se de joelhos aos meus pés – Sim. – Ela está puxando os cordões das minhas botas, colocando-as fora de meus pés.

A resistência é inútil. Cale-se, sim, eu fiz apenas uma piada Star Trek. Mas, falando sério, eu não sei como pará-la, porque dói e eu nunca tive alguém cuidando de mim. Minha mãe não é carinhosa, e cheia de abraços. Ela se parece mais como minha amiga do que qualquer outra coisa. Então, isso é novo, e eu não sei como lidar com isso, especialmente por ter empurrando Kylie longe, afastando-a, lhe causando dor, e isso era completamente o oposto do que eu queria.

Deixei-a tirar os sapatos e as meias. A meia da minha perna ferida está encharcada com o meu sangue, e ela faz uma cara de horror antes de tirá-la de mim. Ela olha em volta, procurando um lugar para colocá-lo.

– O lixo na cozinha, – eu digo a ela.

Ela sai, e eu me atrapalho com o botão e zíper da minha calça jeans, lutando para tirá-lo, mas merda, droga, dói tanto, as extremidades das calças grudam na minha pele e raspam na ferida aberta, no sangue agora coagulado. Eu estou com o meu jeans no meio das minhas coxas quando ela volta.

– Porra, Oz. Você é um idiota teimoso.

– Finalmente você disse algo que é certo – eu digo, abandonando o meu orgulho e deixando-a terminar, puxando o jeans das minhas pernas.

Estou usando boxers, graças a Deus. Eu às vezes fico sem cueca, e já faz algum tempo desde que eu tenha lavado qualquer roupa.

Minhas dores laterais palpitam. A costela com certeza está ferida, possivelmente quebrada. Foi um bom golpe, duro. Os socos fazem minha cabeça latejar até agora. Isso definitivamente não funciona como os filmes anunciam, onde, depois de uma briga apesar dos arranhões, você sai praticamente ileso.

– Puta merda, Oz, isso é muito ruim. Por favor, por favor, deixe-me levá-lo para o hospital.– Ela está à beira das lágrimas, e pálida, quase a vomitar.

Sento-me para a frente e dou uma boa olhada na minha perna. É muito profundo. Não até aos ossos, mas é um corte muito feio na parte externa da minha coxa. Ele vai curar por si mesmo. Sei disso por experiência. Não de uma ferida de bala, mas a partir de lesões semelhantes. Eu balancei minha cabeça.

– Parece pior do que é, Kylie. É só um corte. Me dê a gaze.

Ela engole e pisca, aperta os lábios, me entrega o rolo de gaze, o *Neosporin* [9] , uma garrafa de água oxigenada, esparadrapo, uma tesoura. Eu percebo que o Neosporin provavelmente vai arder como o

[9] Pomada antibiótica.

inferno, então eu procuro não pensar nisso. Tomo a toalha que eu usei para enxugar o sangue e mantenho-a debaixo da minha perna.

– Despeje a merda do peróxido[10] –, digo a ela. – Por todo o corte.

Ela empalidece. – Não vai doer?

– Como um filho da puta. Mas é melhor do que ter uma infecção. Faça isso rápido.

Eu cerro os dentes e assisto. Ela torce a tampa branca da garrafa marrom, olha para mim. Concordo com a cabeça, e ela derrama peróxido sobre a ferida. Eu deixo um gemido escapar.

– Mmmerdaaaaaaa que dor. Porra.– Eu chupo uma respiração profunda de coragem. – Tudo bem, faça novamente.

Ela está perto das lágrimas, mas ela não chora. E foda-se, a agonia crua é quase insuportável. A ferida borbulha loucamente, e eu mordo o canto da toalha.

– Uma vez mais.

Eu não posso ver neste momento. Fico olhando para Kylie em vez disso, com a queda de seu cabelo loiro avermelhado envolto em ondas soltas sobre um ombro, com os olhos baixos elétricos com a atenção voltada para a minhas pernas. Sua camiseta está apertada, os peitos dela, montanhas redondas que quero explorar com minhas mãos, minha boca e meus olhos. Esse pensamento não ajuda, especialmente porque só estou de cueca, e se eu me animar, ela vai saber. Volto a olhar para o seu cabelo. Grosso, brilhante, acobreado. Mechas, com um ligeiro toque de ondulação nas pontas.

– Você está olhando para mim.– Ela fechou a garrafa da água oxigenada e, em seguida, olha para mim.

Eu dou de ombros. – Sim.

– Eu pensei que nós éramos apenas amigos.

Eu cortei uma longa faixa de gaze, dobrei algumas vezes, e em seguida, coloquei contra a ferida.

– Envolva-o.

Eu vejo como ela enrola a gaze em volta da minha perna, passando o rolo de mão em mão. – Pronto.

---

[10] Água oxigenada.

– Então por que você está me olhando como se você pudesse me comer? – Ela corta o esparadrapo e prende no lugar, então afunda de volta a sentar de pernas cruzadas.

– Porque é certo que o que eu quero, e o que é melhor, não são necessariamente a mesma coisa. – Eu aponto para a bermuda cáqui no chão. – Pode me dar isso? – Ela joga pra mim e eu a coloco, passando pelos meus quadris.

Kylie franze a testa para a minha resposta. – E o que eu quero?

Eu abotoo as minhas calças e em seguida, me viro para trás e procuro na minha bolsa os meus cigarros e isqueiro. – A mesma resposta se aplica.

Eu acendo e dou uma tragada profunda, fechando os olhos com a felicidade de uma cortina de nicotina me batendo. – O que você quer e o que é melhor para você não é a mesma coisa. Você acabou de ver o porquê. Minha vida não é segura. Eu não estou seguro.

Ela engatinha na cama e senta-se ao meu lado, e fica me olhando fumar. Seus dedos deslizam contra a palma da minha mão, e ela leva o cigarro de mim, coloca-o aos lábios, dá uma pequena tragada, mantém em sua boca e, em seguida, inala. Ela tosse um pouco, mas não foi tão ruim quanto a primeira vez. Eu vejo seus olhos se dilatarem, e sua cabeça bate contra a parede enquanto a vertigem bate nela.

– Oh, merda. Uau. Agora eu vejo. – Ela pisca, entrega o cigarro de volta.

Eu rir. – Sim. Não foi tão ruim para você, no entanto.

– É sempre assim?– Ela chega querendo de novo, e eu mantenho fora de seu alcance. – Vamos lá, quero tentar de novo. Por favor?

Deus, eu vou deixá-la viciada. Mas, como um idiota, eu entrego a ela de qualquer maneira.

– Não. Uma vez que você está acostumado a isso, não tem a sensação de sufoco com a fumaça. – Retiro o que disse e respondo – Se você ficar viciada, haverá um rodízio pra ver quem começa a chutar a minha bunda primeiro.

– Não, se eu ficar viciada, vai ser culpa minha, não sua. – Ela vê a lata aberta de Band-Aid no chão ao lado da minha cama, olha dentro puxa para fora o saquinho, abre, cheira. – Isto é maconha?

Concordo com a cabeça. – Sim. Isso é maconha.

– Você vai fumar?

– Não na sua frente.

Ela coloca o saco de volta na lata e define-o entre nós. – Por que não?

– Porque isso é apenas mais uma razão porque você e eu não podemos ser mais do que amigos. Drogas não têm lugar na sua vida.

– Mas elas fazem parte da sua?

Eu suspiro. – Sim, elas fazem. Se eu chegar a algum lugar, vai ser tocando em uma banda. É isso aí. Eu vou tocar em bares de quinta e clubes de merda, e eu vou sempre estar alto por causa de um 'back' e, eventualmente, eu possa vir a ter uma overdose. – Eu olho para ela. – É essa a vida que você quer?

Ela passa a mão pelo cabelo.

– Não. Mas você pode ter mais do que isso, Oz. Você poderia se quisesse. E seu talento com a matemática? Você poderia fazer um monte de coisas com isso. E você é um músico bom o suficiente para que você pudesse ser muito mais do que um drogado idiota cheirando cocaína nos banheiros de bares obscuros. Você deve querer mais para si mesmo do que isso, Oz. Eu quero mais para você do que isso.

Eu dou de ombros. – Sim, bem, eu não sei.

Mentira. Isso é uma porra de mentira suja. Eu quero mais. Talvez não uma casa com cercas e um cão com uma orelha flexível e dois filhos pequenos agarrando no meu jeans, mas algo melhor.

Ela rola para mim, e seus olhos estão perto, sua respiração no meu rosto, com a mão no meu peito. – Você não acredita nisso. Eu posso ouvir a mentira em sua voz, e eu posso ver isso nos seus olhos.

Fechei os olhos. – Talvez. Não muda os fatos.

– Sim, é verdade. Não há fatos, não sobre o seu futuro. Você faz o seu futuro. Você é talentoso. Você é bom e vai ter um grande futuro. Você pode fazer um monte de coisas, se você acreditar em si mesmo.

Eu bufo. – O que é isso, um comercial – Você pode mais?

– Sim, e eu sou Sandra Bullock, então você sabe que tem que ser verdade.

Eu não posso deixar de rir. – Você é muito mais gostosa do que Sandra Bullock. – Faço uma pausa depois de dizer isso, já me arrependendo – E Sandra Bullock é quente.

– Ela é mais velha do que os nossos pais! – Ela ri.

– Então, ela é quente para uma senhora idosa. É apenas a minha mãe para mim – Eu digo sem pensar. Apenas jogando para fora.

Esta conversa está ficando séria demais. – Você nunca conheceu seu pai?

Eu balancei minha cabeça de um lado para outro. – Não. Nunca vi uma foto. Não conheço uma única maldita coisa sobre o homem.

Kylie esta repleta de perguntas, eu posso dizer. – Sua mãe não diz nada?

Eu dou de ombros.

– Não. É... um assunto delicado para ela. Ela fica chateada se eu falo disso. Ele se foi, e isso é tudo que eu preciso saber.

Eu suspiro.

– Eu acho que tenho o seu nome, mas eu não estou cem por cento certo sobre isso.

– Você tem o seu nome, é? Qual era o nome dele?

Eu rio. – Boa tentativa, doçura. Ainda não estou dizendo a você o meu nome real.

– Maldição. Eu pensei que iria te enrolar. – Ela está de lado, cabeça apoiada na mão, olhando para mim de muito perto. – Por que você não me diz?

– Porque o meu nome pertence a ele. E eu não conheço uma única maldita coisa sobre ele. Então, eu decidi na terceira série que, eu vou ser eu mesmo, sem a ajuda de seu fantasma, e eu poderia muito bem ter o meu próprio nome. Aí, eu escolhi Oz.

– Porquê Oz?

Eu dou de ombros.

– É um... apelido. E isso funciona. Além disso, eu tinha acabado de ver O Magico de Oz, pela primeira vez, e achei o filme legal. Quero dizer, ele não deveria ser, mas ele se projetou de uma maneira que me deixou perplexo, na realidade, ele era totalmente diferente. E é assim que eu me senti, como sobrevivendo em um mundo que eu tinha que

ser totalmente diferente da maneira que eu sentia por dentro, diferente do que eu queria ser. Quer dizer, eu cresci áspero. O que aconteceu? Nada incomum. Eu sou um lutador, ok? Eu fui para o reformatório. Eu tive que lutar todos os dias quando eu estava no reformatório. Eu tive que lutar na escola, e eu tive que lutar no playground, e eu tive que lutar nos bairros onde vivemos. Quando as crianças têm algo a provar, merda, é isso que acontece! E no bairro, todo mundo tem algo a provar. Mas por dentro, eu odiava lutar. Eu só queria ser deixado em paz. Eu queria saber quem era o meu pai, de onde eu venho. Por que minha mãe estava sozinha. Por que estávamos sozinhos. Por que mudamos tanto.

– Você mudou muito?

Concordo com a cabeça.

– Sim, você pode dizer isso. A cada ano, por assim dizer, a maior parte da minha vida. O mais longo tempo que eu vivi em qualquer cidade ou estado foi em Dallas, a partir do momento que eu estava com onze até a adolescência. Pouco antes de sétima série mamãe nos mudou de Dallas para St. Louis. Aconteceu a cada ano, ou ano e meio, antes de Dallas, e o mesmo depois de St. Louis. Uma nova escola, apartamento novo, cidade nova, novos amigos. Então, eventualmente, eu parei de me preocupar com toda a coisa de amigos, já que eu iria acabar deixando-os depois de alguns meses. Agora, eu só espero o meu tempo até o próximo passo. Mantenho a mim mesmo, faço minhas próprias coisas... merda, eu não sei por que estou dizendo tudo isso. Eu sempre estive perdido. Eu estou apenas batalhando com todo o mundo, só eu e minha mãe, e eu sei que há toda uma história trágica que a minha mãe não vai me dizer. Eu não sou realmente alguém, sabe? Você sabe quem você é, de onde você vem. Você é a filha de Nell e de Colt. Você toca músicas. Você sabe sobre seus pais. Quero dizer, sim, com certeza eles têm histórias e segredos que você não conhece, mas ambos estão lá. Você nem sabe o que é ter grandes problemas. Uma mãe... desligada. Eu não sei como explicar isso. Ela é... presente na minha vida, e ela me criou com o melhor de sua capacidade, e eu sou grato que eu tenho ela. Mas há uma parte dela que... se foi. De mim, pelo menos. Eu perguntei a ela sobre isso, mas ela fica louca.

Eu paro por um minuto, cerro os dentes e tento esquecer o pulsar de dor em minha perna.

Kylie se coloca em suas costas, olhando para o teto. – Deus, Oz. Há tanta coisa que eu quero saber, tanta coisa que eu quero dizer. Eu nem sei por onde começar.

– Nada há nada a dizer. É o que é. – Meus dentes estão cerrados contra a dor, que está brilhando com intensidade súbita.

– Você disse que estava no reformatório? – Ela pergunta isso, hesitante, sem olhar para mim.

Eu dou de ombros. – Yeah. Décimo grau. New Jersey.

– Porquê? Quero dizer, o que aconteceu pra você ter acabado lá?

Eu suspiro. – Nada muito emocionante. Eu fui atacado por alguns idiotas depois da escola um dia. Bateram a merda fora de mim. Então, eu fiz o mesmo. Claro, eu exagerei. Fui atrás dos quatro, um por um, e hospitalizei todos eles. Aparentemente, a vingança não é uma desculpa para bater.

– Hospitalizou todos?

– Sim, doçura. Quando se bate em uma criança na parte de trás da cabeça com um tijolo, ele precisa de mais do que um par de pontos.

– Deus, Oz.

Eu rio, mas é um som amargo.

– Sim. Talvez você esteja começando a ver por que eu disse que eu não sou bom para você. Eles mereciam isso, com certeza. Eles estavam pegando no meu pé por semanas. Batendo-me por aí, me empurrando nos corredores, e então eu ficava em apuros quando eu retaliava ou respondia. Veja, eles eram os caras legais. Aqueles com ambos os pais. Mãe na retaguarda e pai na diretoria da escola. Os membros estabelecidos da comunidade, esse tipo de merda. E eu era apenas o cara novo que partiria, no final do ano, da merda da cidade.

– Eles estavam intimidando você, bateram em você, mas você foi o único mandado para o reformatório? Quero dizer, o que aconteceu com eles depois que bateram em você?

Eu ri novamente. – Nada, doçura. Nenhuma coisa maldita. E arrastei meu esqueleto para casa arrependido e faltei à escola no dia seguinte.

– Você não disse a ninguém?

– Porra nenhuma. Não seria o melhor, e mesmo se eles tivessem ficado em apuros, eles teriam se safado, suspensos por alguns dias. Só.

– Você disse que já foi ferido pior do que isso. Era isso o que você estava falando?

– Deus, quantas perguntas. Não, Kylie. Isso foi só umas duas costelas machucadas e um olho roxo. Cortes e contusões. Nada que eu não tenha lidado uma dúzia de vezes antes.

Eu odeio dizer isso a ela. Eu odeio a pena que vejo em seu rosto.

– A única outra vez que eu estive realmente, verdadeiramente ferido, não apenas acabado, mas machucou... foi no primeiro ano. Primeira semana de aula. Havia esse garoto, Greg Makowski. Grande, eu quero dizer enorme. Estúpido, mas era uma parede. Um valentão, é claro. O que você tem que entender é que, quando você está no reformatório, o cara novo nada mais é que a carne fresca. Você começa a ver como funciona logo que fecham a porta atrás de você. Especialmente no reformatório em que eu estava. Bem, eu aprendi bem rápido que para afastar os espancamentos, eu tinha que provar a eles. Provar que eu não era alguém para transitar com eles. Então eu escolhi o maior e mais desagradável garoto do bloco e chutei seus dentes pra dentro. Ninguém mexeu comigo depois disso, a não ser os que eram novos e queriam tentar provar o mesmo ponto que eu. Bem, esse garoto, na escola no ano passado. Eu comecei uma luta com ele. Ganhei, também. Só que ele tinha amigos. Um monte deles. Grandes. Eles me encurralaram em uma parede alta com uma autoestrada de um lado, e lotes vazios de outro lado. Portanto nenhum lugar pra correr. Deve ter sido uns oito deles. Quebraram quatro costelas e meu pulso, fraturaram minha mandíbula, quebraram meu nariz, e tive alguns dentes soltos. Quase engasguei com meu próprio sangue. Passei mais de uma semana no hospital, e não podia me mover por mais duas semanas depois disso. Mamãe teve que vender seu carro e penhorar algumas jóias para pagar parte dos custos. Ainda devemos, por volta de cinco mil. Mamãe trabalhou turnos duplos todos os dias durante quase um mês para conseguir dinheiro suficiente para

comprar outro carro, para que ela não tivesse que andar três quilômetros até o trabalho, de qualquer maneira. Quase fui expulso também. Mas nós fizemos isso, e depois de ter sido liberado do hospital, nós nos mudamos de novo e eu fui transferido de escola.

Eu me mexi para tentar aliviar a dor em minhas costelas, mas só consegui causar mais dor. – Então essa é a história sórdida. Era isso que você queria saber, né?

Kylie está em silêncio, e eu olho para ela. Ela está chorando.

Eu rolo em direção a ela e me forço a sentar. – Ei. O que há de errado?

Ela funga, enxuga os olhos. – O que há de errado? Deus, Oz. Apenas... Deus. Você já passou por tanta coisa. E você diz tudo isso como se não fosse grande coisa.

– Mas por que você está chorando? – Sinceramente, não entendo. – Eu não preciso de sua piedade, Kylie.

Ela senta–se, os olhos brilhando. – Não é pena, Oz! Isso se chama compaixão, porra ! Há pessoas neste mundo capazes de cuidar de você. Nem todo mundo vai bater em você e te trair e abandoná-lo.

– Sim, bem, é que essa tem sido a minha experiência. Então me perdoe se eu estou um pouco cansado, certo? – Eu não posso aguentar mais.

Abro a lata e pego um pouquinho de maconha e ponho em meu pequeno cachimbo de vidro. Eu normalmente não gosto de fumar em uma tigela, mas eu estou muito impaciente para pegar outra coisa agora. Eu tapo a ponta, e o pote crepita, brilha laranja, e a fumaça enche meus pulmões.

Eu me odeio por fazer isso na frente de Kylie.

Eu prendo a fumaça em meus pulmões até que eles protestem, e, em seguida, deito e olho para o teto. Kylie está me observando atentamente.

– Não. Nem pergunte.– Eu dou outra grande tragada, e em seguida, ponho o cachimbo e o isqueiro no meu peito.

– Eu não ia perguntar. Cheira engraçado.– Ela olha para a porta do quarto, que está aberta. – Sua mãe não vai sentir o cheiro?

– Ela sabe.– Eu estou alto agora, e meus olhos estão pesados e a dor está distante. – Ela ficou puta da vida a primeira vez que ela me pegou fumando maconha, entrou em colapso total. Histérica. Discutimos isso por semanas. Eu não iria parar, e ela me manteve na merda do castigo, mas eu ignorei. Eu continuei saindo sempre que eu queria, porque o que ela ia fazer? Manter a porta trancada? Prender-me em meu quarto? Castigar-me outra vez? Finalmente, ela simplesmente desistiu. Disse pra eu ir em frente se eu quisesse me destruir com as drogas. Às vezes, quando ela está realmente chateada, ela fuma comigo. E quando o faz, eu posso dizer que ela está lembrando... dele.

Eu tenho o isqueiro na minha mão, e o acendo. A chama é curta e amarela, vacilante, brilhante, quente e convidativa. Não é algo que eu sequer pense, estou apenas atraído para a chama, como uma mariposa. Minha mão desce, com a palma de um centímetro acima do fogo. É quente no início. Sinto o calor na minha pele. Bom. Fácil, lento e quente. Em seguida, mais quente. É melhor do que pensar em como minha mãe não vai me dizer a verdade, e isso não é algo que eu possa suportar mais. Ela tem os segredos, as respostas, e não vai compartilhar. Eu fico magoado, cheio de raiva. Será que ele nos abandonou? Ele era um criminoso? Ele foi morto? Ele apenas é um babaca preguiçoso que fugiu assim que descobriu que ele a engravidou? Ele era um bom homem que queria ser pai e a mamãe foi a única a correr? É por isso que mudamos com tanta freqüência? Ela está fugindo dele? Ou ela está procurando por ele? Seguindo-o? Eu não sei, e eu nunca vou saber. Acho que às vezes este desejo de me queimar é uma tentativa de queimar a necessidade de saber. Tentando cauterizar as perguntas em mim. Mas isso é estúpido. Eu preciso dele, e quando ele me pegar em seu encalço, eu não poderei me afastar. Vou até ao fim.

O calor cresce, transforma-se em dor, eu levanto o isqueiro mais perto da minha mão. Eu vejo como a chama toca minha pele, se transforma em agonia queimando.

– Oz – Kylie tira o isqueiro da minha mão, – Que porra!

Eu volto assustado à consciência, e aperto minha mão em um punho, sentindo essa dor assumir o lugar da dor de minhas costelas e da perna. É melhor. Familiar.

Ela pega a minha mão e vira a palma da mão para cima, examinando. – Você queimou a merda da sua mão, Oz. Que diabos foi isso?

Puxo minha mão, mas ela não deixa. – Não é grande coisa, Kylie. Sério.

E então ela vê. Mãos. Antebraço. Dedos.

– Oz ? – Sua voz é baixa, hesitante e magoada. Como cada pedaço brilhante, a pele queimada provoca a dor. Seus dedos começam a tocar cada ponto queimado no meu antebraço. Eu fecho meus olhos e deixo que ela toque. Ela entende agora que essas cicatrizes não são acidentais. – Porquê?

Eu empurro meu braço, guardo o isqueiro, e dou outra tragada.

– Você fala, no mesmo exato tom da voz da minha mãe. Então, vou dizer o que digo a ela. Eu não sei, apenas ajuda. Não posso explicar isso para ela, então não posso explicar isso para você. Não posso nem explicar isso para mim mesmo.

– É sim uma coisa importante.– Ela ainda está traçando os contornos de cada cicatriz, em meus braços, em minhas mãos. Em meus dedos. Deus, a ternura na forma como ela me toca é... Malditamente insuportável. – Eu não sei como lidar com isso.

Eu olho para ela.

– Kylie. Olhos nos meus, querida.– Suas safiras azuis, travam em mim. Suas lágrimas, não derramadas. Dou-lhe um sorriso triste.

– Agora você entendeu isso? Por que você e eu não vai funcionar? Você não entende. Você não me entende. Você poderia ter sido estuprada, apenas visitando meu complexo de apartamentos. Você me viu lutar com seus atacantes, porra. Eu sou... – Eu engulo em seco, e forço a realidade para fora. – Eu estou manchando você, Kylie. Fazendo você suja apenas por estar com você. Não era sobre você não ser boa o suficiente. Não é... não é mesmo sobre eu não ser bom o suficiente. É sobre o meu mundo e minha vida e por isso que eu não sou compatível com a sua, com quem você é. Com quem você pode ser.

Compatível não é a palavra que se encaixe com nós dois. Eu estou fodido. Eu tenho uma porrada de problemas. Esta coisa de me queimar? Isso não vai desaparecer tão cedo. Eu tento não me queimar. Principalmente porque faz minha mãe perder a cabeça, e ela tem problemas suficientes para lidar. Mas, vê hoje, agora? Eu nem estava pensando nisso. Simplesmente aconteceu. E isso não deveria ter acontecido na sua frente. Eu deixei muito do meu mundo escuro e sujo manchar você, e eu me odeio por isso.

Kylie não respondeu por um tempo muito longo, e eu a deixei em silêncio, para ter um tempo para processar, para pensar. Ela só olha para mim, para as minhas mãos e os braços, para o meu rosto, na cama, no cachimbo e o isqueiro no meu peito. Eu pego o cachimbo e o isqueiro e jogo na lata, guardando em minha mochila e me sento. Kylie está sentada sobre suas pernas, as mãos sobre as coxas, de cabeça baixa, enquanto enxuga as lágrimas. Eu não sei por que ela está chorando. Nenhuma pista. Porque eu estou ferrado? Por causa do que aconteceu mais cedo? Ela foi agredida, ameaçada de estupro, e testemunhou o inferno de uma briga. Ela tem todo o direito de se sentir traumatizada, estar em choque com toda essa merda. Mas não é isso, eu não acho. É sobre mim.

E eu não quero que ela chore por mim.

Eu levanto o seu queixo com os dedos, e ela fecha os olhos e vira a cabeça. Uma única lágrima escorre pelo seu rosto. Limpo a lágrima. Não posso ajudá-lo. Sinto como se meu toque fosse muito duro, mas tento ser gentil.

– Não chore, doçura. Por favor?

– Eu posso ajudá-lo. Quero fazer tudo de melhor para você. Eu sei que não posso consertar você, não é isso que quero dizer. Eu só... eu quero... eu quero ser capaz de ajudar. Eu não sei, não vou tirar a sua dor, mas... ajudá-lo a lidar com isso de alguma forma. Eu não sei, Oz. Eu estou tão confusa. E você continua dizendo que não quer me manchar, mas eu não sinto como se estivesse. Eu quero ser uma parte de... de sua vida. Mesmo que seja confusa e escura e suja e... e violenta.

Ela olha para mim.

– Eu estava tão assustada, mas depois que você apareceu do nada, eu sabia que estava a salvo. E estava com medo por você, por sua vida. Mas você, você lutou e se saiu bem. E era tão assustador, mas eu sei... Eu sei que eu não tenho que ter medo de você.

Eu não sei como reagir. Eu digo que ela não deve querer me ajudar? Que ela não pode? É uma sensação agradável, sabendo que ela se importa. Quero dizer, eu sei que mamãe se preocupa, mas ela é mãe. Kylie não. Minha cabeça está girando com pensamentos loucos, meu coração está batendo com as emoções que eu não entendo e não posso resolver. Eu não sei o que fazer com isso, e meu corpo dói, eu estou alto, e Kylie é tão bonita, é tão terna e doce, gentil e boa, muito boa para mim. E eu deveria continuar empurrando-a para longe, mas porra, porra, eu não quero, e eu não tenho certeza se posso.

Então ela estende a mão, e eu estou congelado. Ela tira meu chapéu da minha cabeça. Sinto-me estranhamente nu sem o meu chapéu. Eu sempre uso o chapéu. Como se isso não fosse o bastante esmagador, ela tira também o elástico preto que amarra meu cabelo para trás. Nem mesmo minha mãe me vê com meu cabelo solto, raramente. Mas, ainda assim, por razões que não posso decifrar, eu a deixo puxar o elástico para baixo. Eu fico perfeitamente imóvel, pensando em fugir. Meu cabelo está pendurado logo abaixo dos meus ombros, espessos e ruivos, assim como os de mamãe. Kylie corre seus dedos através dele, cautelosamente e hesitante, mãos deslizando pelos meus ouvidos e afastando longe do meu pescoço.

– Oz, eu não tenho medo de você. Eu não tenho medo da sua vida. De ficar suja. Então pare de tentar proteger-me e deixe-me fazer minhas próprias escolhas. Por favor.

Eu a beijo. A agarro. Meus lábios roçando os dela e comendo suas palavras, minha mão cobrindo seu rosto. Ela se desloca para frente de joelhos, mais perto de mim, inclina-se em mim. Estou fazendo isso de forma consciente. Eu tenho controle sobre minhas ações. Eu estou beijando-a, porque eu quero, porque eu queria beijá-la desde o primeiro momento que a vi. Então, eu a beijo, e eu tento tornar o beijo cada vez melhor. Suas mãos deslizam pelo meu cabelo e descansam sobre os meus ombros, e depois volta na parte de trás da minha

cabeça, e uma de suas mãos vai à minha bochecha, e agora ela está quase no meu colo, tão perto de mim, inclinando-se para mim.

Deus... Deus, ela tem um gosto bom. Um fraco aroma de fumaça de cigarro, e de algo cítrico. Sprite, talvez. E batom de cereja. Sua boca é quente, e seus lábios são macios e úmidos e com fome. Eu brinco com a costura de seus lábios e ela se abre para mim, e agora a língua desliza em minha boca, assumindo, buscando, agressiva. Ela está ansiosa por isso. Ela quer isso. Ela se sente bem, como se isso significasse alguma coisa a mais. Não é vazio, e não apenas um precursor para o sexo. É uma troca, uma admissão. É estranho para mim, sentir que estou ligado a outra pessoa. Eu não me sinto conectado a minha mãe, e nunca houve mais ninguém. Apenas meninas que saíam comigo por um par de horas. Kylie? Foda-se, ela está me beijando como se ela pudesse me beijar para sempre, como se não houvesse qualquer coisa no mundo todo, em toda a sua vida, tão perfeito como este beijo.

Nossos lábios se separam, e ela está olhando nos meus olhos a uma polegada de distância, me procurando. Minhas mãos não deixam seu rosto, seu cabelo. Eu tenho um punho enrolado em seus longos cabelos loiro morango, o outro ainda segurando seu rosto com uma ternura e uma delicadeza que nunca mostrei a outro ser humano em toda a minha vida.

– Oz – Ela diz meu nome, talvez apenas por dizê-lo. Eu não sei. Mas então ela escova o canto da minha boca com o polegar, e meu coração aperta, pára. – Não me diga que não sente o mesmo porque você sente. Você gostou.

– Significou algo real? – Devo-lhe a verdade, pelo menos.

– Sim – ela exclama um sopro suave animado. Ela desliza uma coxa sobre a minha, e senta de frente para mim, me montando. – Isso significa algo real. É exatamente como me sinto.

– É o seu primeiro beijo?

Ela balança a cabeça. – Não. Beijei um par de caras. Quer dizer, eu os beijei de volta. Não... esses dois caras que te falei, os que me beijaram. Estes eram caras que eu beijei porque eu queria. Mas... nunca me senti assim. Foi bom, mas não tão intenso...

Permito-me a liberdade de deslizar as palmas das minhas mãos por suas costas, até os quadris. Ela treme ao meu toque.

– Por que valeu a pena, eu nunca tive um beijo assim, com qualquer pessoa. Como você disse, foi intenso.

– Por que vale a pena ?

Eu reviro os olhos e dou de ombros. – Eu não sei.

– Você tem que dizer algo para mim, Oz. Tudo sobre você significa alguma coisa para mim. Você faz a diferença para mim.

– Porquê? – Brinco com uma mecha de seu cabelo, girando as extremidades em meus dedos. – Eu não entendo.

– Você é diferente. – Ela se senta nas minhas pernas, estende a mão para colocar as mãos no meu peito, alisando e tocando. – Tão diferente. E eu gosto disso. Há... algo real sobre você. Todo mundo que eu conheço parece querer dar um show, se mostrando, se exibindo.

Eu pisco para isso. – Eu sou apenas eu.

Ela sorri para mim. – Exatamente. E isso é especial. Para mim, pelo menos.

Sua camiseta subiu um pouco na parte de trás, e quando minhas mãos fazem um circuito dos ombros para a coluna lombar, sinto sua pele quente e macia. É como uma compulsão, em seguida, deslizo os dedos sob o algodão e encontro mais pele, apenas as costas, os nós de sua espinha, roçando a borda inferior de seu sutiã. Sou cuidadoso, hesitante. Mas a tentação é uma coisa poderosa, e tenho que lutar contra isso, por causa dela. Eu tiro minhas mãos, enrolo meus dedos em punhos para não devorar sua carne com as palmas das mãos, as pontas dos dedos e lábios. Eu nunca senti essa necessidade antes, nunca tive que lutar conta isso, nunca me neguei ao luxo de tocar a menina que estava disposta.

Esta menina? Ela é diferente, e merece o melhor.

Mas Kylie tem ideias diferentes. – Eu gostei disso. Era bom.– Ela arqueia as costas. – Faça novamente.

– Eu não deveria.

– Porque não?

Eu suspiro, fecho os olhos para os olhos famintos quentes olhando tão profundo em mim. – Eu não devia, porque eu não quero apenas... tocar suas costas. Não vou querer, não serei capaz de parar.

– Então, não pare.

– Você não quis dizer isso.

Ela enrola os dedos no meu cabelo, se inclina para dentro – Eu sou virgem, Oz.

Eu rio. – Sim, doçura. Eu sei. E é por isso.

– Já tive oportunidade. Escolhas. Eu decidi que não. Eu esperei. – Ela desloca para a frente seus quadris mais perto do meu.

– Só porque eu esperei não significa que eu não queria. Eu quero. Eu queria por um longo tempo. Mas eu queria que fosse com o cara certo. Para significar algo. Eu sei que nem sempre é, tipo, o verdadeiro amor pela primeira vez. Eu não sou ingênua. E eu sei... Eu sei que vai doer. E eu sei que provavelmente será diferente do que eu estou imaginando. Mas eu quero isso. E Oz?

Ela se inclina e me beija, tão quente e tão duro e com tanta fome, me agarrando a ela e esmagando nossos corpos juntos, beijando-me com tal frenesi e tão desesperada que fica difícil negar-lhe.

– Eu quero isso com você.

Capítulo Seis
Performances, Gestos e Fantasmas

Colt

A noite de microfone aberto é meio boba. Quero dizer, a maioria das crianças não são talentosas. Parece um karaokê ruim, só que ninguém está bêbado. Existem algumas pessoas, além de Kylie e Oz, que têm o mínimo de talento. Um garoto fez um cover decente de Jack Johnson, e o resto é só blá, blá, blá. Um desfile de músicas ruins. Então, no momento em que Oz e Kylie vão pra frente, perto do final, eu estou impaciente, irritado e pronto para ir para casa. O café está agitado, as mesas e cadeiras são empurradas para fazer um pequeno círculo de espaço para um lado do balcão onde os baristas continuam a fazer bebidas, tirando expressos, vaporização do leite, ligando o zumbido liquidificador.

A penúltima apresentação termina com um massacre aos U2. Kylie e Oz tomam o seu lugar no centro da área aberta. Oz está segurando a guitarra Yamaha de Kylie pelo pescoço, e uma preta Stratocaster[11] está pendurada pela alça nas costas. Há um pequeno piano vertical preto que alguém empurrou para o canto, e Kylie desliza em seu banco.

Eu os ouvi praticar no porão durante o último par de semanas, e tenho a sensação de que eles estão prestes a arrasar.

Kylie puxa o microfone até chegar ao piano e ajusta o braço para que ela possa cantar e tocar ao mesmo tempo. Oz, por sua vez, arrasta um banquinho e um pedestal do microfone e se senta perto de Kylie, de frente para ela e parcialmente virado para a plateia. Ele deixa sua guitarra elétrica pendurada em suas costas e instala a guitarra acústica no joelho, dedilha desconectado pra sentir e sintonizar.

Kylie olha para Oz, e oferece-lhe um sorriso trêmulo, e respira fundo. Oz apenas balança a cabeça para ela enquanto ele se conecta, o

[11] Modelo de guitarra elétrica

canto da sua boca sobe, e esta é uma pequena desculpa para um sorriso que parece tranquilizar a minha filha que aparenta nervosismo.

– Ei, pessoal –, diz Kylie. – Sou Kylie Calloway e esse é Oz Hyde. Eu espero que vocês gostem do que temos. Na verdade, vamos fazer duas músicas para vocês. Contanto que vocês não nos mandem fora do palco sob vaias nessa primeira vez.

Ela acena para Oz, que dá uma respiração profunda, e, em seguida, começa a tocar. É uma melodia cadenciada lenta, rolando como ondas do oceano profundo. Depois de algumas batidas, Kylie se junta a ele no piano, tocando a mesma melodia, mas com enfeites de piano correndo acima e abaixo e tecendo através da linha de baixo de Oz. A multidão ficou em silêncio, percebendo que estão prestes a ouvir algo muito bom. Até mesmo os funcionários da cafeteria pararam de trabalhar para ouvir. Você pode sentir. Você pode ver o caminho de Oz pela guitarra acústica, com habilidade, junto da beleza crescente do piano de Kylie.

E então Kylie começa cantando:

Assistindo a este desdobramento,
observando horas tornam-se momentos
E tornar-se dias e semanas
É tudo um jogo, tudo um truque,
sem esperança, apesar de meus instintos.
Estou de olho em você e eu
estou perdida em seu labirinto
Eu não posso encontrar meu caminho,
não tenho um mapa do seu terreno.
Eu estou tentando e estou mergulhando,
mas eu estou presa em sua dor
Estou perdida e eu estou olhando para você,
mas seus segredos são uma mancha
Eles deixam uma sombra sobre a clareza do que eu sinto.
Seus segredos e as suas cicatrizes escondidas
São buracos em sua pele,
mas a luz brilha através dela pelas estrelas.

Seu piano vai mudo, silencioso, e a melodia de Oz continua, escuro, profundo e lento. Então ele canta, e eu estou encantado. Sua voz não é... boa, mas é áspera e hipnotizante, algo cru e fascinante.

Você queria me conhecer,
Você gostaria que você pudesse me ver,
Talvez você pense que algumas
palavras gentis me libertem.
Mas, querida, elas não vão.
Querida, elas não vão.
Seus olhos traem o seu medo,
Você chega perto de mim, se aproxima,
Com medo, talvez curiosa,
talvez pensando que você pode me salvar.
Mas querida, você não pode.
Querida, você não pode.
O seu mundo e o meu,
Eles estão a um milhão de milhas de distância,
E baby, talvez você acha que pode fazer a ponte,
Mas querida, você não pode.
Querida, você não pode.

Oz deixa a melodia jogar fora mais uma vez, e, em seguida, dedilha três acordes agressivos e suaves ao mesmo tempo, uma batida de espera, um, dois, três, e depois, voltam a tocar juntos, com força total. As melodias se cruzam e se enlaçam se complementado. Juntos, eles cantam, fazendo coro, sobrepondo-se, competindo e harmonizando.

Eu quero saber sobre você
Não há trevas muito escuras,
sem cicatrizes muito profundas
Você não pode me salvar,
querida você não pode, querida Você não pode
Eu não tenho medo de você,
eu sou forte o suficiente, você tem que me deixar tentar

Querida, eu não posso, querida, eu não posso
Deixe-me te amar, me deixe te amar,
deixe-me, deixeme, deixe-me, te amo
Eu não posso, não posso, não posso,
querida, eu não posso, querida você não pode
Deixe-me
Querida, eu não posso
Deixe-me por favor
Querida, eu não posso

Isso passa um argumento musical, cantada para trás e para frente, as vozes crescentes em volume e intensidade até que ambos estão gritando, implorando, cantando exatamente em uníssono, mas cantando palavras diferentes. É um desempenho incrível. Há um elemento de simplicidade que tem um apelo popular para a música. Do modo com que os acordes e as seqüências de notas não são complicados, mas eles estão convencendo, agradando.

Eles terminaram abruptamente, no meio do refrão, a guitarra marca um acorde sem som.

Há um momento repleto de silêncio tenso, e, em seguida, o público explode, uivando e gritando, chocados e impressionados.

Eles não silenciam os gritos e aplausos, eles simplesmente esperaram, e, em seguida, Kylie dá a Oz um aceno de cabeça. Oz desconecta a Yamaha e a coloca no chão em seu pé, e, em seguida, gira em torno da Fender, conecta no Slides fora do banco, ajusta a correia para uma posição mais confortável, liga-o, em seguida, toca as cordas. Eu não o ouvi tocar elétrica, e estou curioso. A maneira como ele acaricia as cordas no braço da guitarra antes de começar a tocar, me faz ver que ele sabe o que está fazendo.

Ele bate um acorde, um breve discordante baixo, e ele balança a cabeça, aponta o polegar para cima. O cara na pequena placa mix reconhece este sinal, gira um botão, e o tamborilar se torna um rugido. Kylie está sentada ao piano, apenas observando. Oz renova o acorde, e enche a sala, e ele está acenando com a cabeça como se ninguém mais pudesse ouvir a batida. Então estamos todos impressionados,

agredidos e golpeados por um súbito frenesi de notas, tudo jogado para o alto no pescoço da guitarra, perto da ponte, e é uma espécie de chuva de granizo, implacável e caótica, mas há um ritmo para isso, ou há um ritmo saindo dele, a forma como as notas são lentas e mais baixas, tornando-se uma melodia. É como se ele estivesse arrastando a melodia pela força do caos, e, em seguida o piano de Kylie se junta à massa frenética de som, que de alguma forma se torna música, deixando algo inesperadamente encantador. Ela está tocando rápido, se aproveitando de todas as notas altas, espalhando os seus dedos que parecem voar. Eu não acho que qualquer um de nós possa acreditar no que estamos ouvindo. Oz é um mágico, um artista. Ele está perdido, e conseguiu incluir Kylie em sua música. Kylie? Ela se perdeu também, tanto nele como em sua música.

Então Kylie canta, e é... Perfeito. E eu mais uma vez não posso acreditar o quão talentosa a minha filha é, a beleza em suas letras e da pureza de sua voz.

As falhas são o tecido de uma alma,
E as suas são profundas,
Tecido grosso como o damasco que há em você
Mas vejo no passado as falhas.
Eu não sou cega, eu não sou cega, não sou cega.
Pode não ser amor,
Pode ser amor,
Pode ser outra coisa,
Talvez algo entre ser amor e não ser
Eu não sei, e eu não estaria escrevendo estas palavras,
Eu não estaria perdida e à deriva a rabiscar às três da manhã,
Se eu fiz.
Assim, suas falhas, o emaranhado de segredos e pecados e cicatrizes,
Eles são você, você, você,
E eu vejo você,
Eu vejo você
Eu vejo você.
Você se esconde por trás da carne dura

e impenetrável de suas cicatrizes,
Você se esconde por trás das coisas que te fazem humano,
E isso é tudo que eu quero,
O ser humano, o interior e o exterior, os bons e os maus,
É tudo que eu quero,
Tudo,
O feio e bonito e o cinza entre eles
Tudo misturado como um lama em uma suspensão de peças.
Eu sinto falta do jeito que você olha para mim,
A descrença de que eu podia ver através da máscara que você usa,
A verdade que exerce como um disfarce,
As armas de seus punhos e a tinta de suas tatuagens,
Eles são você, você, você,
Mas não é o tudo, e não é a totalidade, e não é tudo,
E você não sabe,
Você não vê,
Você não consegue entender tudo que eu quero
Eu só quero o tudo,
Apenas tudo,
Apenas tudo
Isso é você.

Enquanto ela canta, Oz está tocando com o tipo de desespero e fervor que me diz que ele sente as palavras, ouve cada uma, e ele está tocando para sustentar sua descrença. Estou vendo-o tocar e vendo-o negar. É um momento íntimo entre eles, e estou espantado com a coragem que é preciso para tocar algo tão revelador no palco, para cantar de forma tão aberta e, para Oz, tocar junto sabendo que as palavras são dela, para ele, e dele para ela.

A voz de Kylie se desvanece, e vai desbotando com a guitarra de Oz, e o piano de Kylie continua a ter uma melodia repetida, algo curto e alto, comunicando melancolia e saudade.

O aplauso é ensurdecedor. Há uma enorme multidão que estava em todos os lugares, as pessoas que passavam nos corredores pararam

para ouvir. Quando o ruído não morre imediatamente, Kylie fala no microfone, sorrindo.

– Hey, querem ouvir Oz tocar um solo ?

Há um coro de concordando, e sorriso de Kylie cresce mais brilhante.

– Sim, eu também. Oz, o que você diria ? Que tal aquele pedaço que você tocou para mim na outra noite?

Esta é uma noite de microfone aberto da faculdade comunitária que, dealguma forma,se tornou num concerto.

Oz parece congelado, atordoado, e desconfortável. Ele olha para Kylie, que apenas lhe dá um aceno de cabeça e um sorriso. Oz solta um suspiro nervoso, e depois senta-se no banquinho, fecha os olhos, dedilha as cordas quase distraidamente, pensando, caindo em seus pensamento.

Se eu fiquei chocado antes, estou duplamente agora. O solo de guitarra que ele toca não precisa de acompanhamento. Ele canta para si mesmo, desempenha o seu próprio contratempo. Ele vai cantando, e você simplesmente não consegue respirar pela intensidade do mesmo jeito que abrange o registro de notas, altas e baixas, choro e trituração, baixo e lento, apaixonado e com raiva. Ele está profundamente dentro da sua forte melodia, a guitarra está em sua coxa, apoiada na diagonal. Seus olhos estão fechados, e em seu rosto uma máscara, não fazendo qualquer uma das expressões que você tantas vezes vê em guitarristas. Ele é neutro, com exceção de um ligeiro franzir de testa, e um aperto em sua mandíbula. Como se todas as emoções que ele tem estivessem sendo pressionadas e derramadas para a guitarra.

Finalmente, ele anda com os dedos até o topo do braço da guitarra, todo o caminho até o pescoço, e quando ele atinge a nota mais alta, ele segura, deixa-se cantarolar, gritar e gemer, sem vacilar, ecoando, tornando-se de alguma forma triste.

Lentamente, ele permite desaparecer da nota, e permite que o silêncio tome conta.

O silêncio se torna um único bater palmas, depois dois, depois aplausos. Estou com eles, espantado.

Eles foram os últimos a se apresentar, e o MC, um jovem rapaz com óculos de lentes grossas e uma barbicha rala, agradece a todos por aparecerem. As pessoas que estavam lá apenas para sair à noite, e tomar café voltam pra sua rotina. Peço lattes para Nell e eu, enquanto esperamos Oz e Kylie se arrumarem.

Eles nos encontram na nossa mesa, e eu me levanto para abraçar Kylie – Estou tão orgulhoso de você, querida!–, Digo. – Isso foi incrível.

Ela cora. – Obrigado, pai. Eu estava tão nervosa que eu pensei que ia vomitar.

– Nos nunca teríamos sabido.

Nell se junta ao abraço. – De verdade, querida, você é incrível. Essa foi uma das melhores performances que eu já vi. E eu não digo isso só porque eu sou sua mãe.

Eu olho para Oz. – Você é um garoto talentoso, Oz. Há talvez trinta pessoas que eu conheço que podem tocar com o seu calibre. Não é brincadeira.

Ele balança a cabeça e me dá um meio sorriso estranhamente tímido. – Obrigado, Colt. – Ele aponta a Kylie, que está abraçando amigos e conversando animadamente com eles.

– Ela é o verdadeiro talento, no entanto. Ela escreveu todas as músicas. Exceto por minha parte a guitarra elétrica, quero dizer. Toda a música acústica, ela escreveu. Todas as letras, os arranjos, tudo. É tudo dela. E ela era a única razão pela qual eu me levantei e toquei daquela forma.

– Eles quiseram um bis de você, amigo. Em uma noite de microfone aberto.– Eu não posso evitar, tentando enfatizar isso com ele, tentando convencê-lo. Eu vejo algo nele, em ambos, e me faz querer ajudá-los, da maneira que ninguém fez por mim.

– Sim. Eu poderia deixá-la me convencer a fazer mais alguns shows. Isso foi muito divertido. Assustador pra caralho, mas divertido. – Ele estremece. – Desculpe, não quis xingar, eu acho.

Eu rio. – Eu não vou morder sua cabeça pelo palavrão... Oz, Nell poderia, mas eu não vou.

Conversamos por mais alguns minutos, e então ela e Oz estão andando, de mãos dadas, em direção à saída.

Tenho tantas perguntas sobre ele, sobre eles. Sobre se a minha filha está segura, se seu coração está seguro com ele, se eu deveria perguntar se eles estão dormindo juntos. Eu ainda quero saber. O que eu devo fazer se eles estiverem. Devo tentar impedi-los? Enquanto eles continuam a pé, Oz se vira e acena com a cabeça para mim, um gesto de agradecimento. Concordo com a cabeça, e eu não esqueço o fato de que ele tem arranhões no antebraço esquerdo.

É um movimento estranhamente semelhante ao que Nell fazia, esfregando suas cicatrizes. Quando ela estava se cortando com frequência, ela se arranhava quase loucamente, freneticamente. Mesmo agora, quase vinte anos depois, ela esfrega seus braços e pulsos, se ela está realmente chateada, ou se algo a faz lembrar-se daqueles dias, esses sentimentos.

Vendo esse gesto de Oz, é esse o rapaz em que a minha filha está interessada? Isso me assusta terrivelmente. O que me assusta ainda mais é o fato de que eu não sei o que diabos fazer sobre isso.

Capítulo Sete
O Céu Desaba

Oz

– Oh, meu Deus, Oz! – Kylie grita assim que nós estamos fora. – Isso foi incrível!

Eu coloquei nosso equipamento no porta-malas do carro e depois peguei Kylie pela cintura, girando ela pra mim. – Nós arrasamos completamente, não foi?

– Sim, arrasamos. – Kylie se inclina contra mim enquanto a deixo deslizar até seus pés. – Eu sabia que iríamos. Mas puta merda, isso me fez sentir bem. Amei me apresentar. Eu quero fazer isso o tempo todo. Temos que conseguir fazer mais shows, Oz!

– Nós vamos, doçura. Não tenho dúvidas.

– Eu tinha dúvidas, mas não mais. – Ela solta um suspiro longo e feliz.

Abro o porta-malas do carro de Kylie. É da mãe dela, na verdade, mas eles deixam Kylie usar a maior parte do tempo, a menos que ambos, Colt e Nell, tenham que ir a algum lugar em separado. Enquanto colocávamos nossas guitarras, ou minhas guitarras, já que Kylie continuava insistindo que eu mantivesse a acústica comigo. – Posso fazer uma pergunta que eu tenho me feito desde que nos conhecemos? Por que você não tem seu próprio carro, Kylie?

Ela desliza para trás do volante e liga o motor, que vem à vida com um ronronar suave. – É um acordo que meus pais e eu fizemos quando eu completei dezesseis anos. Eles disseram que tinha duas escolhas. Eles me comprariam um carro, quando eu fizesse dezesseis anos, mas seria, para todos os efeitos, uma merda qualquer. Velho, usado e barato. E a maior parte de minha mesada iria para pagar o combustível e o seguro. E a outra alternativa seria optar para quando eu me formasse e ter meu próprio carro, guardando parte da minha mesada enquanto isso, ficaria com o carro da minha mãe, que é

fodidamente bom, e eles iriam me ajudar a comprar um carro quando eu me formasse. Quanto mais eu me esforçasse, mais eles iriam gastar com o carro, especialmente se eu não receber quaisquer multas ou entrar em qualquer acidente. Eu escolhi a segunda opção, obviamente. Fui colocando um terço da minha mesada em uma conta poupança, e então terei dinheiro suficiente para comprar o carro que eu quiser. É um bom negócio. Raramente fico sem o carro, e, nessas circunstâncias, ou papai me leva para onde eu preciso ir, ou alguém vem me pegar.

– Estou impressionado. Não acho que a maioria das pessoas teria escolhido a segunda opção.

Ela simplesmente dá de ombros. – Não, provavelmente não, mas quando mamãe e papai disseram que iam gastar no máximo cinco mil dólares no meu carro, eu fiz uma pesquisa online sobre o que cinco mil podem comprar e resolvi esperar.

Ela está nos levando em direção ao centro de Nashville, mas não sei o seu destino exato. Decidi deixar ser uma surpresa.

– Cinco mil pode comprar um carro muito bom, Ky. – Isso sai como uma crítica.

Ela não deixa isso passar despercebido. – Sim, bem, talvez sim. Mas... Olha, eu sou privilegiada, ok? Eu sei disso. Todos os meus amigos dirigem bons carros. Seus pais compraram para eles, basicamente, o que eles quiseram, sem condições impostas. Aquela amiga que te falei, aquela da casa qual eu me perdi? Ela dirige um Mercedes-Benz. Classe G[12]. Custa mais do que a casa de muitas pessoas. E o carro já está destruído. Meu ponto é, sim, eu sei que eu estou acostumada a determinado nível de luxo. Meus pais estão tentando me dar algum senso de valor, e isso é uma coisa boa. Quero dizer, às vezes eu fico um pouco irritada, tipo, eles podiam comprar a minha própria BMW, se quisessem, mas o carro seria deles. Não meu. Eu não fiz por merecer. Eles trabalharam para ter o que eles têm. Acho que o fato de eu entender o porquê dos meus pais não comprarem um

---

12 

carro de luxo para mim me faz estranha, para uma adolescente.

– Acho você incrível. – digo a ela. – De verdade. A maioria das pessoas não ia gostar dessa merda. Tipo, a casa em que vivem, o carro que dirigem. Eles não entendem o quanto eles têm. Você sim, e isso é... incrível.

Ela olha para mim. – Honestamente, Oz, eu realmente não dava muito valor até eu conhecer você.

Eu ri, não ironicamente. – Até que você viu como eu vivo, não é? – Ela não respondeu de imediato, sei que acertei. – Ei, como você disse, é tudo que eu conheço. Não é como se eu tivesse sido rico e depois ficado pobre, como se eu soubesse o que eu estou perdendo por não viver como você e Ben e seus amigos fazem. Eu sempre fui pobre.

– Você está, tipo, ressentido?

Eu tenho que pensar sobre isso. – Eu não sei... Ressentido? Não. Mamãe teve que ralar muito para nos dar o que temos. Nós sempre tivemos que raspar as economias para pagar as despesas. Venho trabalhando desde que eu tinha quatorze anos para ter o meu próprio dinheiro. E agora eu fico com ela para ajudar com o aluguel e tudo. É por isso que eu ainda estou morando com minha mãe. Ela trabalha duro e se arrastando, Kylie. É um ciclo vicioso no qual está presa. Ela nunca foi para a faculdade, que eu saiba, porque me teve, e não podia. Tinha que continuar trabalhando para cuidar de mim. Não parava um só dia e mesmo assim não parecia conseguir juntar o tempo ou ter dinheiro para ir para a faculdade. Então, tem sido garçonete toda a sua vida. Por mim. Então estou ressentido? Não. Eu estou feliz por ter tido o pouco que temos. Mas eu gostaria que tivéssemos mais? Sim. Eu desejo o melhor para ela e para mim obviamente. Eu vi como mamãe trabalhou duro apenas para ter comida em casa e um teto sobre nossas cabeças, eu quero mais do que apenas as necessidades básicas, mais do que um salário mínimo.

A conversa muda para outros temas enquanto Kylie estaciona perto da principal avenida do centro de Nashville. Eu pago pelo estacionamento, ela pega a minha mão. Leva–me a Broadway, onde os bares e as lojas estão, é um famoso bairro de Nashville. A noite está movimentada, apesar do frio no ar de inverno. Casais passeiam de

mãos dadas, famílias, grupos de rapazes e grupos de meninas, todo mundo rindo e indo de bar em bar e de loja em loja. Está me levando para algum lugar em específico, eu percebo, mas vou junto. Quando encontra a porta que está procurando, eu começo a hesitar.

– Não, Kylie. Claro que não.

Ela sorri para mim. – Vamos lá, Oz. Por favor? Somente olhar? – Não se incomoda de esperar pela minha resposta, apenas me arrasta pela mão até à loja de botas e chapéus.

A porta é leve, e um antigo sino soa quando abrimos. O chão é coberto com tábuas de madeira antiga que rangem e afundam enquanto caminhamos sobre elas, quase como se pudéssemos perfurar o pé através de uma placa a qualquer momento. Tem cheiro de couro, e as paredes são revestidas com uma variedade estonteante de botas de cowboy. Há uma fileira de bancos que atravessam o meio da loja, com pilhas de caixas entre eles, exibindo alguns modelos de botas. Existem chapéus de cowboy, chapéu de feltro, enormes fivelas de cinto, uma caixa de vidro exibindo esporas e laços de cordas e caras fivelas de cinto de ouro e prata. Eu nunca na minha vida me senti mais fora do lugar. Estou usando minhas botas de combate, um par de calças jeans largas preta, uma camiseta preta da November's Doom[13] com uma camisa cinza de manga comprida por baixo. Meu cabelo está preso na parte de trás do meu pescoço, e pela primeira vez eu não estou usando o meu chapéu, por insistência de Kylie. Eu pareço em cada centímetro um garoto metaleiro, e eu estou recebendo olhares confusos do cara atrás do balcão, um homem mais velho com um bigode handlebar[14] de verdade e um enorme chapéu de cowboy branco, calça jeans apertada e uma camisa de flanela escondido atrás de um grosso cinto de couro e fivela oval brilhante.

– Kylie, o que estamos fazendo aqui? – Eu pergunto, tentando me mover para a porta.

Kylie apenas ri. – Oh, não seja um maricas, Oz. Estamos comprando um par de botas de cowboy.

---

[13] **Novembers Doom** é uma banda estadounidense de death-doom metal formada em 1989 em Chicago, Illinois

[14] 

Eu bufei. – Uma merda que estamos. Primeiro, eu não tenho o dinheiro para botas, e segundo, o inferno que não! Eu não vou usar botas de cowboy. E quanto a mim dizendo que eu nunca iria usar uma coisa dessas? – Eu aponto para um par de botas. Elas são pretas com chamas laranja e vermelho, berrante e estonteantemente brilhante. – Ou essas? – Estas são prata, pele de cobra real, com metal e arabescos no dedo do pé e calcanhar.

Kylie apenas acena para mim. – Claro que você não usaria esses. Temos que encontrar algo que combina com você.

– Hum... uma dica, doçura: Você não vai encontrar aqui – Enfio minhas mãos nos bolsos e paro no lugar, recusando-me a segui-la mais para dentro da loja.

Ela continua indo, passando pelos modelos. Na outra extremidade da loja, ela parece encontrar alguma coisa, volta pra mim apressada, com uma caixa na mão. – Sente-se. – Ela me empurra para trás até que um banco atinge os meus joelhos, e sento-me automaticamente. – Sapatos.

Cruzo os braços sobre o peito. – Não.

Ela levanta a sobrancelha. – Ok seja teimoso. Mas você sabe que não pode dizer não para mim.

– Não. Não. Não. – Eu faço graça. – Está vendo?

– Não significa que você vai realmente dizer não. Agora, dê-me as botas, ou eu vou tirá-las para você.

– O que eu tenho, três anos?

Kylie levanta os ombros. – Bem, sim. Você está agindo como uma criança de três anos de idade. – Eu só olho para ela, e vejo-a bufando de irritação. – Apenas as experimente, pode ser? – Abre a caixa e me entrega uma bota.

É muito legal, na verdade. É mais parecida com uma bota de motociclista, preta, com uma cinta de faixa de couro preta por cima e ao redor do calcanhar, dobrando em ambos os lados com a prata robusta.

– Porra, Kylie. – Eu olho para a pequena etiqueta branca autocolante com os US $300 rabiscado nele. – De jeito nenhum. De jeito nenhum eu posso pagar por elas. Elas não são feias, mas não.

Kylie se ajoelha em frente a mim, agarra meu pé, e estende a mão para os cadarços. – Quem disse que você vai comprá-las? – Kylie puxa a minha bota de combate fora, e por alguma razão, eu deixo. – Oz, por favor. Basta experimentar as botas.

Eu suspiro. – Tudo bem. Mas você não vai pagar por elas.

– Sim, eu vou. Nós realmente arrasámos aquela plateia, Oz. Eu estou orgulhosa de você.

Eu paro com o pé parcialmente dentro da bota. – Você está orgulhosa de mim? – Eu não tenho certeza se estou chateado com a implicação de condescendência, ou satisfeito. Ou um pouco dos dois.

Kylie olha para mim, minha reação estranha deve aparecer no meu rosto, porque ela diz: – Não é como... Deus, isso soa condescendente, não é? Eu só estou... Eu estou feliz que você fez isso. Eu me diverti. E eu sei que você estava tão nervoso quanto eu, e você fez isso mesmo assim.

Eu boto meu pé na bota, e então o outro, e odeio o fato de que elas são as botas mais confortáveis que eu já provei. – Eu peguei o que você quis dizer. E obrigado.

– Como se sente?

Eu levanto uma sobrancelha. – Caro. Realmente muito caro.

– Mas bom, certo?

Eu suspiro. – Sim. Confortável como o inferno. Mas você não... – Eu sou cortado por Kylie levando a caixa até o balcão e sacando seu cartão de débito antes que eu possa piscar duas vezes.

Eu assisto, impotente, ela assina trezentos dólares e, em seguida, retorna para mim, empurra minhas velhas botas gastas na caixa, e sorri para mim.

– Gostei muito. – diz ela, com um sorriso de merda.

– Kylie...

Ela me leva pela mão, deixo-a me levar para fora da loja. As botas são muito, muito confortáveis, e elas parecem foda. Quando estamos na rua, Kylie me empurra contra a parede entre a loja e um bar, e pressiona em mim. – Basta dizer obrigado, Oz. É um presente. Eu estou te recompensando por ter me dado a melhor noite da minha vida. Tocar com você foi mágico. Não é caridade, não é porque você não

pode pagar. É porque eu quero vê-lo em um par de botas de motociclista fodão. É porque eu quero. Porque eu posso. É um agradecimento. E é um *'por favor, por favor, você vai fazer um show comigo de novo? '* Suborno.

Eu não posso discutir, deixo minhas mãos envolver suas costas, descansando um pouco acima dos quadris. – Kylie. – Toco minha testa na dela. – Foda-se, você é impossível.

Ela sorri para mim, seus lábios se aproximando de mim. – Eu sei. É um talento.

– Um dos muitos. – Beijo-a, percebendo que até mesmo em uma rua lotada, tenho minha determinação vacilando.

Já me recusei a dormir com ela até agora. Eu quero, e ela quer, mas... Eu simplesmente não consigo. Ela esperou. Kylie ainda está a algumas semanas de seu aniversário de dezoito anos, e ela é virgem. Eu... não. Decididamente não. Ela quer que sua primeira vez seja comigo, mas sei que Kylie merece mais. Merece romance e amor. Não tenho certeza se posso lhe dar isso. Eu gosto dela. Aprecio quem ela é. Seus talentos. Sua beleza. Sua inocência. E é por todas estas razões que eu continuo empurrando-a para longe, continuo a dizer que não, mantenho-me longe dela quando tudo que eu quero fazer é me enterrar nela, beijá-la e nunca parar, despi–la e deixá-la mole e ofegante e arruinada para qualquer outra pessoa além de mim.

Mas não posso. Não sou esse cara. Não sou pra ela.

No entanto, ela é insistente, se recusa a aceitar um não como resposta, acha que pode me convencer, me seduzir. É foda, e está certa.

O beijo termina, e ela está olhando para mim, sem fôlego, corada, um pouco ofegante. Cada respiração profunda incha seus incríveis e enormes seios, em seu suéter roxo pálido, me provocando, me tentando. É uma camiseta decotada, feita para abraçar seu corpo, com um decote fundo o suficiente para me oferecer uma visão de dar água na boca.

– Oz. Leve-me ao seu apartamento. Por favor. – Sua voz é um sussurro, uma súplica.

– Não.

Ela faz beicinho. – Por que não? O que há de errado comigo?

Eu gemo. – Jesus, é foda, Ky. Nós já passamos por isso milhares de vezes.

Ela desliza os braços para cima ao redor do meu pescoço, respira no meu ouvido. Assim eu não aguento. O calor de sua respiração e o cheiro de sua pele são inebriantes, fazendo-me esquecer por que eu não sou bom para ela. – Você diz que eu sou impossível, mas você é o idiota que se recusa a aceitar o que eu lhe ofereço. O que te pertence.

– Isso não pertence... Você não pertence a mim. Não é... Deus. Por que estamos sempre falando sobre isso?

– Porque eu quero você. – Ela morde minha orelha. – E você está me frustrando. Fazendo-me louca.

– Bom. Fique louca. Faça uma tempestade. Vá embora. Eu só estou fazendo o que é melhor para você.

Kylie vai pra longe de mim, genuinamente chateada agora. A sigo, e ela me ignora. Estamos perto de um beco, ela pára abruptamente e me empurra para ele, um movimento quase violento. Eu tropeço, recuperando meus passos, e então ela está em mim, me atacando, braços como serpentes macias de seda em volta do meu pescoço, as pernas, deixando o chão e embrulhando em torno de minhas pernas, eu estou duro como uma pedra no meu jeans e segurando-a pelo traseiro, sentindo em minhas mãos o músculo flexível mal contido por seu jeans apertado, sentindo seus lábios nos meus, estou bêbado com ela. Assim fica difícil. Não sou um santo. Não sou uma boa pessoa. Esse é o meu ponto. Eu não sou bom e não é bom que ela fique em cima de mim, não consigo resistir a um assédio tão determinado.

A seguro e a pressiono contra a parede, beijo-a de volta e a fixo com os meus quadris deixando minhas mãos correrem sobre sua bunda, seus quadris e coxas, estou respirando-a, sugando sua respiração em meus pulmões e devorando sua língua e provando a inocência selvagem, a fome de uma virgem que provou o pecado. Eu sou o veneno que ela pensa que quer, estou tentando chamar a minha bondade pra salvá-la de mim, de si mesma.

Eu me afasto a deixando deslizar para o chão. Deixo-a tremendo, mal conseguindo ficar de pé, meus joelhos estão fracos também, mas

me afasto dela.

– Como você ousa me dizer o que é melhor para mim? – Ela está furiosa; foi um beijo de raiva. Ela coloca os dedos sobre os lábios, como se sentisse a marca da minha boca na dela. – Você decide sua vida, Oz. Ninguém lhe diz o que fazer. Se você pode isso eu também quero ser livre pra decidir o que fazer da minha vida. Sempre fiz o que meus pais queriam. O que eu sei é bom, seguro e certo. Eu fui uma boa menina, porque eu os amo e quero que eles se orgulhem de mim. E sim, isso ainda é verdade. Mas você quer saber de uma coisa? Eu não vou ficar virgem para eles. Não guardo a minha virgindade por causa deles. Esperei por minhas próprias razões. Esperei pelo cara certo para mim. Porque eu já ouvi histórias e vi meus amigos transarem. Alguns deles se arrependeram, outros não. Alguns sentiram pressionados, alguns não. E eu sabia que queria escolher o meu momento, com alguém que se preocupasse. Alguém que se importasse comigo. Não tem que ser por amor. Eu sou jovem. Vou ter dezoito anos em duas semanas. Tenho minha vida toda para encontrar o tipo de amor que mamãe e papai, ou seus amigos, Jason e Becca, têm. Não espero isso de você. Se você se sentisse assim eu ficaria muito feliz. Muito feliz mesmo. Porque acho você incrível, até consigo nos ver juntos. Eu realmente consigo, Oz. Mas isso não tem que acontecer. Ainda não, ou talvez nunca. Eu sei que você tem seus próprios planos. Sei que você vai deixar Nashville eventualmente. Nunca vou tentar mantê-lo aqui, não importa o que venha a acontecer. Mas eu ainda quero que a minha primeira vez seja com você. Isso é o que eu quero. E sabe de uma coisa? – Ela envolve seus braços em volta de sua cintura e me olha de um metro de distância. Pessoas passam pela calçada além de nós, os carros correm buzinando, de todos os lugares, há o som de música tocando, uma cacofonia de bandas concorrentes. – Acho que você está com medo de mim. Acho que você está dizendo a si mesmo que você está me protegendo, mas na realidade, você está com medo, porque eu vou fazer você sentir coisas que talvez você não entenda.

– Kylie...

– NÃO! Eu não terminei. – Deu um passo para frente, os olhos tão

quentes e ardentes que eu não consigo desviar o olhar. Ela é hipnótica quando está enlouquecida. – Você e eu? Isso pode acabar mal. Eu posso me machucar. Mas adivinhe? Eu não me importo! Eu nunca tive meu coração partido. Talvez eu faça bem arriscá-lo, porque é melhor do que estar com medo e atravessar a vida entediada. Tenho amigos. Tenho Ben. Eu tenho os meus pais. Mas nenhum deles jamais me desafiou a sentir coisas novas. Eu nunca tive que arriscar nada. Eu nunca arrisquei ser ferida. Eu estou arriscando com você, sabendo que você é ruim para mim, de acordo com você. Sim, Oz, eu entendo, você é um menino mau. Você é um vagabundo. Você chuta bundas e dirige como um louco. Você é todos os estereótipos. Entendi. Não estou tentando mudar você. Só quero um pedaço de você.

Eu me inclino contra a parede atrás de mim, me perguntando o que diabos eu tenho que dizer. Eu sou um estereótipo? Isso me incomoda um pouco.

O fato é que eu não quero machucá-la. Ela não sabe sobre desgosto, ou ela não estaria falando sobre isso com tanta naturalidade.

– Tudo bem, você sabe o quê? – Dou um passo em direção a ela. – Eu não quero falar sobre isso aqui. Você quer falar sobre isso? Então vamos lá. Vamos pra minha casa.

Ela não fala, apenas gira nos calcanhares e volta intempestivamente para o carro. Eu a sigo, vendo sua bunda se movendo em seus jeans, vendo seus ombros tensos, pensando o que diabos eu vou dizer quando chegar lá, porque eu não tenho ideia. Ela está certa. Tão certa. Deve ser a sua escolha. E eu estou com medo.

O caminho para o meu apartamento é silencioso. O rádio está desligado, e Kylie está mastigando o interior de sua bochecha, louca e tensa, eu nem sei o que mais. Estou confuso e nervoso, e tentando descobrir o que eu penso, o que eu realmente quero, o que eu tenho medo, e por que ela me faz sentir coisas que eu nunca senti antes, o que fazer a respeito disso.

Eu a mantenho perto de mim a medida que avançamos, tranco a porta do quarto e me sento na cama, procurando por um cigarro e o acendo, espero Kylie limpar um espaço na minha cama, empurrando jeans sujos e camisetas de lado. É uma bagunça aqui, mas ela não

parece se importar.

Eu solto um anel de fumaça, e depois bato minha mão por ele. – Ky, olha. Você está certa sobre um monte de coisas. Sobre mim. Sobre como eu tenho medo do que você me faz sentir. Sim, eu tenho. Talvez eu esteja sendo um maldito maricas sobre isso, mas... é mais do que isso. Tenho medo do quanto e quão intensamente é o que sinto por você. Eu nunca estive tão perto de alguém como eu estou de você. E é mais do que isso. Você quer um pouco de verdade? Eu vou dar a você. – Isso vai ser cruel. – Eu não sou virgem, ok? Eu acho que você sabe disso. Minha primeira vez foi na nona série. Biloxi, Mississippi. Uma menina cubana chamada Nina. Ela era dois anos mais velha do que eu, e ela era... experiente. Ela me queria, então ela fez questão de que eu a quisesse de volta. Não foi difícil. Nós ardemos em chamas, e ela me beijou, e começou a me tocar, e isso foi tudo. Ela foi a minha primeira, mas não foi a minha última. E desde então o sexo, para mim, é apenas... Uma garota que sabe o que está acontecendo. Nós fumamos um cigarro ou dois, nós transamos, e seguimos nossos caminhos separados. Nada mais.

Kylie empalidece. – Uma menina que sabe o que está acontecendo, não é? – Ela parece amarga, machucada. – O que é que isso significa?

– Isso não vai ser mais do que aquilo que é. Isso significa que eu não vou ficar por aqui ou falar sobre sentimentos. Sem complicações. Apenas uma transa rápida.

Ela se encolhe com as minhas palavras, mantém os olhos baixos. – O sexo nunca significou nada para você?

– Não.

– Alguma vez você já... se apaixonou?

Eu ri. – Sim, na verdade. Uma vez. No último ano do ensino médio, em Atlanta. Amy Peretti. Menina branca da classe média alta, não era popular, nem uma solitária. Bonita, mas não linda. Mas ela era... legal. Muito legal. Fomos parceiros de laboratório de química, e acabamos saindo aqui e ali. Nunca sentei com ela para o almoço ou saí com os amigos dela, mas ela falava comigo nos corredores. Nós nos encontramos no shopping uma vez. Apenas andamos e conversamos. Ela foi a primeira pessoa que me viu de verdade, eu acho. Viu além do

fato de que eu era o cara novo, viu além do fato de que eu estava sempre em detenção e sendo suspenso por brigas e tudo mais. Eu gostava dela. Até que no final do ano, eu estava convencido de que estava apaixonado por ela. Comecei a dar desculpas para vê-la. Finalmente consegui ter coragem de convidá-la para um encontro. Comprei umas malditas rosas e tudo. – Engulo em seco, tentando contar a história sem reviver isso. – A peguei sozinha no corredor, depois da escola, perto do meu armário. Entreguei as rosas, e perguntei se ela sairia comigo. Ela apenas olhou para mim, surpresa, em pânico, mesmo. Eu posso ouvi-a, lembro-me cada palavra. – Oh, Deus, Oz. Sinto muito. Achei que você entendia que somos apenas amigos. Você é mais agradável do que a maioria das pessoas percebe, mas... não, eu não poderia nunca namorar você. Sinto muito. – E então ela foi embora, e foi isso. Restavam duas semanas antes do fim do ano. Eu pulei o resto. Tinha que ter aulas de verão, mas não havia nenhuma maneira que eu pudesse voltar atrás e vê-la. Doeu Kylie.

O olhar em seus olhos. A surpresa. A piedade. Como alguém como eu poderia sequer achar que seria bom o suficiente para ela? – A pior parte foi... ela não foi cruel. Ela não riu ou tirou sarro de mim, e eu não acho que ela tenha dito a alguém que eu a convidei para sair. Mas ela só... parecia tão surpresa que eu ainda penso nisso. Como era óbvio que tudo o que seríamos era amigos. Ela me devolveu as rosas. Eu ri de novo, com amargura e raiva. – Trinta dólares, desperdiçados. Eu as entreguei para a secretária no escritório principal.

Kylie pega meu cigarro, que eu segurava sem fumar enquanto eu falava, de modo que a cinza estava longa e quase caindo. Ela o segurou sobre o cinzeiro, deu um leve tapa no filtro, e nós dois assistimos as cinzas cair para perder a forma. – Isso é... uma merda. E é triste. – Ela coloca o filtro nos lábios e inala, odeio o fato de que ela não tosse mais quando ela puxa a fumaça em seus pulmões, prende brevemente, e sopra para fora através de seu nariz. Ela não fuma sem mim, e nunca fuma um inteiro, apenas um trago ou dois, mas é o suficiente. Eu não toquei mais na maconha quando estou perto dela desde aquela vez, estou determinado a manter isso. – Oz, eu não sou ela. Eu não sou como ela.

Balanço a cabeça e tiro o seu cigarro. – Eu sei, doçura. Não é disso que se trata.

– Então o que é? – Ela gira na bunda dela e cruza suas pernas para sentar–se ao estilo indiano de frente para mim. – Eu realmente não entendo. Quero dizer, você realmente acha que você não é bom o suficiente para mim?

Eu suspiro. – Deus, você faz parecer que eu tenho problemas de autoestima. Eu não. Eu sei quem eu sou, e eu estou bem com isso. – Eu faço um gesto para o meu quarto. – Esta é a minha vida, Kylie. Provavelmente é tudo que eu sempre vou ter. Apartamentos de merda na merda do gueto no final da cidade. Eu não posso lhe dar nada. E não vou poder dar durante muito tempo. E talvez eu nunca possa te dar nada. Vamos supor que eu seja tão talentoso como vocês pensam, se eu conseguir ter um contrato com uma gravadora ou algo assim seriam anos e anos de trabalho para chegar lá, para ser reconhecido. E nesse meio tempo, minha vida seria feijão e arroz e macarrão instantâneo e buracos de merda de um quarto em bairros que parecem zonas de guerra. Talvez eu me torne grande. Eu quero mais do que isso, Kylie. Eu tento. Mas não posso dar-lhe mais do que isso. Não sou um garoto idiota, ok? Eu sei que temos algo quente que nos atrai um para o outro e mesmo estando apaixonado não é o suficiente para cuidar de alguém. Isso não vai pagar as contas. Não vai nos trazer alimentos e dinheiro, e muito menos o tipo de vida que você está acostumada, o tipo de vida que você merece. – Eu aperto meus olhos e sinto a brasa do cigarro se aproximar de meus dedos. Congratulo-me com o calor crescente. – Então, não, Ky. Não é sobre eu não ser bom o suficiente. É sobre você. Você merece mais.

Minha pele está sendo chamuscada pelo cigarro, deixo isso acontecer. Ela não conta como queimadura, porque eu não estou fazendo isso intencionalmente. É apenas outro benefício de não se importar se eu ficar um pouco queimado.

– Porra, Oz. – Sinto que o cigarro está sendo tirado. Eu não abri meus olhos, mas eu posso sentir seu olhar em mim. Assim azul, tão quente, tão conflituoso e com raiva e necessitado. – não é você que determina quanto eu valho. Meu futuro não é para você decidir. Eu

não me importo com nada disso. E se eu lhe disser que estaria disposta a viver em buracos de merda de um quarto? Que eu posso aprender a viver em bairros que soam como zonas de guerra e comer macarrão instantâneo? Que estaria disposta a viver dessa forma, se isso significasse que eu poderia estar com você? E se dissesse que tudo isso vale a pena? Parece divertido? Não. Eu quero isso? Não, não realmente. Mas eu quero você.

Sinto a mão na minha coxa. Estremeço com a pontada da ferida que ainda está se curando, sinto o colchão mergulhar quando ela se inclina, desliza uma perna sobre a minha. Sinto subir em mim. A ligeira dor de seu peso na minha coxa não é suficiente para me fazer movê-la de cima. Sua mão em concha em minhas bochechas, eu odeio o quanto eu aprecio a sensação de seu toque terno, quão certo isso parece. Odeio isso, porque torna muito mais difícil fingir que eu não a quero desesperadamente. Preciso dela. Anseio por ela. O que eu não daria para tê–la em minha vida, todos os dias, em todos os sentidos. Diria a ela todos os meus segredos, e lhe mostraria todas as minhas cicatrizes, e compartilharia todos os meus pecados mais sombrios. Kylie sabe mais sobre mim do que qualquer pessoa. Ela viu eu me queimar, me viu fumar maconha e me viu quebrar ossos. O único segredo que ela não sabe é quão desesperadamente eu preciso saber quem era meu pai, e o que aconteceu com ele e se eu sou como ele, se ele era uma boa pessoa ou um fodido, um bandido, um perdedor, um yuppie rico ou apenas um cara normal. Por que ele me deixou. Por que ele não poderia ficar por tempo suficiente para que eu o conhecesse. Por que ele não poderia ser meu pai e por que a mamãe está tão fodida sem ele. Ninguém sabe o quão profundo em minha psique e em minha alma essa necessidade está atada.

Ela está sentada em mim, segurando meu rosto. Esperando. Abro os olhos e estou cauterizado pela vulnerabilidade em seus olhos tão azuis. Ela está me pedindo e implorando, em silêncio, e com precisão afiada. Seus joelhos estão em meus quadris, as coxas fortes e firmes em seus jeans skinny. Sua respiração é dura e irregular, suas mãos tremendo na minha pele. Seu cabelo é uma queda de raios do sol de cobre e espirais soltas, sua pele é pálida como porcelana e pontilhada

com sardas no nariz e no seu decote, e eu quero beijar cada sarda, contar cada uma através de cada centímetro de sua carne. De repente eu entendo como o sexo pode significar alguma coisa. Antes eu me sentia bem. O sexo me deu um pouco de distração na minha vida, na minha dor, da pobreza e das perguntas. As meninas foram quentes e só, mas o tempo que eu passava com elas era vago e sem sentido. Apesar de estar nu, nunca houve vulnerabilidade. Nós dois sabíamos que nunca mais nos veríamos outra vez, e assim todas as imperfeições podem ser ignoradas, qualquer falha pode ser camuflada. Eu iria embora dentro de uma hora, ou ela iria. Com Kylie, não seria isso. Não podia ser isso. Nós temos trocado confidências e intimidades. Vimos muitas partes suaves e danificadas um do outro. Eu mostrei–lhe quem eu sou, por baixo das camisas de metal e as tatuagens, os xingamentos e violência.

Ela viu que eu sou apenas um cara, nada de especial.

No entanto, aqui está ela, me querendo, e recusando a proteção que eu ofereço. Agindo como se eu fosse alguém especial.

Os olhos de Kylie queimam os meus, minha mente, coração e alma estão cedendo, me dizendo que ela está certa. Quem sou eu para decidir o que é melhor para ela, o que há de errado com ela? Se ela me quer, como eu sou, por que eu deveria negar-lhe a mim mesmo? Eu lambo meus lábios e me preparo para dizer isso, mas ela fala antes.

– Oz, eu me atirei em você. Eu quero você. Importo-me com você. Sinto coisas por você que são poderosas, confusas e assustadoras, e eu não estou segurando mais. Estou aqui, estou dizendo a você. Eu quero você por você, pelo que você é, como você é. Mas eu não posso continuar sendo rejeitada. Então, eu vou dizer mais uma vez. – Seus olhos estão com medo, sua respiração vindo em ondas longas e profundas. Suas mãos tremem, e seus olhos vacilam enquanto eles me procuram. – Não me negue novamente, Oz. Não me diga que eu não sou velha o suficiente, ou que você não é bom o suficiente. Porque se você não me quer, tudo bem. Se você está com medo de estar comigo, de estar comigo de verdade, não importando o que pensem, eu vou deixá-lo, não vou insistir mais. Eu não posso ser apenas sua amiga. Eu quero muito mais que isso. Então me diga o que você quer, Oz.

Ela tira as mãos do meu rosto, se inclina para trás de modo que ela está se apoiando em suas ancas e nas pernas. Balançando o cabelo para trás, fora do caminho. Eu estou congelado, sem palavras, hipnotizado. Sua beleza é demais para mim. Esculpida com cabelos de fogo para combinar com sua personalidade e pele, justo, perfeito e suave, um corpo para matar, para morrer. Talento para governar o mundo, apaixonada, e aqui comigo. Comigo. Me querendo. Deus, ela está exigindo tudo de mim. E eu não sei como negar-lhe.

Eu vou machucá-la, algum dia, de alguma forma. Eu sei disso. E ainda assim eu não consigo recuar.

Ela limpa as mãos sobre as coxas, e depois cruza os braços em torno de seu tronco. Agarra a bainha de sua camiseta. – Diga-me para sair, Oz. Diga-me que você não quer isso. Diga-me mais uma vez que você não merece isso. – Então, lentamente, ela levanta a blusa, revelando um pedaço de pele branca e o mergulho rosado de seu umbigo. Deus, meu coração está batendo naquele pequeno vislumbre de carne. – Me pare, Oz. Se você não estiver nesta comigo de verdade, me pare. Eu não vou dar isso para você, se você não vai percorrer o caminho comigo. Mas eu quero você. E eu acredito que você me quer. Você está com medo de si mesmo, mas eu não estou. Portanto, esta é sua última chance, Oz. Pegue minha mão e me pare, porque se você não fizer isso, você é meu e eu sou sua. O que quer que aconteça, vamos ter algo belo e perfeito, e vai significar alguma coisa, por quanto tempo isso durar.

A minha capacidade de falar está quebrada, arruinada. Ela está tirando o suéter dela lentamente. É apenas o sutiã, agora, suas costelas, se mostrando a cada respiração profunda. Eu não posso falar, mas não posso negar ela. Não posso dizer-lhe para parar. Não posso mandá-la embora. Porque eu sinto sim coisas. E, sim, eu tenho medo de mim mesmo. Estou com medo de que eu nunca vou sair do apartamento de merda, que eu vou ser como a mamãe, que vive de salário em salário, nunca aspirando nada, viajando mil milhas e nunca chegando a lugar nenhum. Estou com medo de fazer algo estúpido e acabar na cadeia ou morto. Cresci vivendo em uma dúzia de guetos diferentes, você aprende a temer isso. Você assiste as ambulâncias

aparecerem e carros de polícia derrapar até parar e assistir caras sumirem no sistema, ou no necrotério e você fica esperando que isso aconteça com você. E eu não quero isso. Não é para mim, e com certeza não é para Kylie. Posso ser mais? Talvez. Esperemos.

Mas agora, nada disso importa. Tudo o que importa é a garota sentada no meu colo, me montando, levantando a camiseta lentamente em um strip-tease deliberado me desafiando a rejeitá-la mais uma vez, sabendo que eu não posso.

Minha garganta está seca, bem fechada. Meu coração é um tambor de chute duplo[15] no meu peito, e minhas mãos estão enrolando em torno de suas coxas, deslizando até à cintura, até sua pele pálida. Seus olhos se arregalaram, e suas narinas dilatam de medo é algo que se aproxima do pânico, mas ela não me pára. Minhas mãos deslizam sobre a pele, polegares traçando suas costelas e a ponta de seu sutiã preto.

– Oz? – Agora ela está parada, a camiseta parada em seu peito, no limiar de seguir em frente ou se cobrir. – O que você quer?

Eu tenho que falar. Ela merece ouvir. – Você. Estou sussurrando, com voz áspera, mas ela ouve.

Seus braços levantam, ela endireita as costas, e agora a camiseta roxa pálido foi para cima e para fora e seu cabelo está fluindo através da abertura, caindo e balançando contra suas costas. Estou piscando, quase sem respirar. Minhas mãos patinam até seus lados, vagam para traçar sua espinha. Sua cabeça está inclinada, os olhos fechados, seus nervos assumem. Ela está tremendo. Ela precisa de tranquilidade.

– Você é linda, Kylie. – As palavras mal passam pelos meus lábios, mas ela balança seus ombros quando as palavras a bombardeiam. – Tão bonita. O tipo de beleza que precisa de palavras que não temos.

Ela obriga seus olhos a abrirem, e eu posso ver as lágrimas não derramadas brilhando. – Estou com medo, Oz. Agora que estou aqui, sem a minha camiseta, eu estou com medo.

– Então coloque sua camiseta de volta, doçura. Não há pressa. Eu não vou a lugar nenhum.

Ela funga, balança a cabeça, e limpa sob os olhos com dois dedos

[15] Se refere as baterias que tem dois tambores. Basicamente dizendo que o coração dele estava mega acelerado.

médios. – Não. Não tenho medo porque eu estou sem blusa. Estou com medo porque... se nós fizermos isso, e não for o que eu acho que é? E se você estiver apenas... brincando comigo? E se você conseguir o que você quer de mim, e depois sumir? E se... e se... tantos *"e se"*, Oz. Eu não acredito em qualquer um deles, mas eles ainda estão lá, e eles estão me assustando.

– Se eu quisesse ficar com você e então ir embora, eu teria feito isso há muito tempo.

– Eu sei. – diz ela. – Eu acredito em você. É que... todas estas coisas estão na minha cabeça, de repente, estar com você à beira de se tornar uma realidade.

– O que mais está na sua cabeça?

Ela levanta um ombro, um pequeno, dar de ombros sem saber. – Tanta coisa. E se eu não for boa? E se eu não souber o que fazer? E se eu ficar com muito medo de ir até o fim? E se você não gostar de mim? Eu nunca fiz nada disso antes, e você tem experiência com meninas que sabiam o que estavam fazendo. Eu não. Elas provavelmente não estavam tão apavoradas, tremendo, como eu estou.

– Se você está com tanto medo, Kylie, então vamos esperar. Apenas... esperar. – Espere até que você tenha dezoito anos, eu penso, mas não digo isso.

– Não. Eu não quero. Estou com medo de decepcionar você, isso é tudo.

Eu tenho que rir disso. – Jesus, Kylie. Você não poderia. E... o que estamos fazendo? Não é nada como se eu já tivesse feito antes. Eu me importo com você, quero ser tudo o que você pensa que eu sou. E eu quero... se vamos fazer isso, então eu quero que seja tudo o que você esperava que isso poderia ser e não sei como te dar isso. Então... eu estou tão nervoso quanto você.

– Como você está nervoso? Você sabe o que vem a seguir.

Eu balancei minha cabeça. – Não, eu não sei. Cuidar de você, cuidar de como você se sente, é novo para mim. Eu sempre fui... egoísta. Eu era assim. Eu quero dar algo a você. Dar tudo para você. – Eu pisco duro e sugo a verdade com uma respiração profunda. – Eu não tenho muito para dar, mas o que eu tenho, eu quero dar a você.

Isso traz um sorriso aos seus lábios e seus olhos. – Isso é tudo que eu preciso, Oz. – Ela desliza para frente e puxa a barra da minha camisa para cima. – Isso, e ver um pouco mais de você.

– Eu provavelmente poderia providenciar isso. – Eu levanto os meus braços, e minha camisa voa através do quarto.

Seus olhos esquadrinham meu corpo, como se ela não se cansasse do que via. Eu conheço o sentimento. Deixei minhas mãos deslizarem para cima em sua espinha, passei sobre a alça de seu sutiã. Hesito lá, questionando com a minha expressão. Seu queixo levanta, o canto de sua boca se enrola em um sorriso, e ela toma o botão da minha calça jeans em seus dedos, soltando aberto, e depois aperta a guia do meu zíper entre o polegar e o indicador. Ela espera, então, sinto que é um jogo. Eu puxo as extremidades de seu sutiã, sentindo os fechos soltarem, e ela puxa o zíper. Eu sinto meu pau ficar rígido, pressionando-se contra o elástico da minha cueca. Seus olhos pairam no tecido da minha cueca, visivelmente tentados. Eu engulo em seco, e libero o primeiro orifício do seu sutiã. Puxo, libero o segundo. Encontro seus olhos e deixo o terceiro e último fecho cair aberto. A alça oscila em seus lados, desliza de seus ombros, e eu estico, puxando para baixo dos braços. Ela deixa cair, coloca-o de lado. Eu posso dizer que ela está lutando contra o instinto de cruzar os braços sobre o peito, mas ela não o faz. Meu pau fica duro como uma rocha, dolorosamente duro.

É difícil de engolir, difícil respirar. Tão bela, tão perfeita. Completa e Jesus, alta e firme, grande, tão grande. Auréola rosa escuro, mamilos grossos, implorando para serem tocados. Eu não posso negar, mas chego e cautelosamente, com reverência, cubro um de seus seios, arrasto o meu polegar sobre o mamilo e sinto a maneira como ela se contorce quando a almofada do meu polegar escova sua pele sensível. Ela pisca duro, morde o lábio, e depois arqueia de volta. Se empurrando para o meu toque. Querendo mais. Estou encostado na parede, um travesseiro amassado nas minhas costas, e ela está sentada em mim, alta e nervosa é a coisa mais sexy que eu já vi. Eu corro minha mão sobre seu diafragma, o "V" entre o polegar e o indicador deslizando sob o peso de um de seus seios. Eu levanto-o,

segurando o globo perfeito macio na minha mão, amassando, beliscando o mamilo suavemente.

– Deus, Oz. Eu realmente gosto disso. – Ela mal está respirando, os olhos fechados, lábios presos entre os dentes.

– Não tanto quanto eu, posso lhe garantir. – digo.

Inclino–me pra frente, totalmente cedendo agora, me comprometendo a fazê-la se sentir tão bem, tão livre, tão perfeita, que ela nunca vai esquecer esta noite, enquanto ela viver, nunca vai esquecer o quão bem eu a fiz se sentir. Não me importo se eu não ganhar nada com isso, se ela ficar mole e adormecer, saciada, antes que ela me toque. Meus lábios tocam a parte superior de seu decote, e então eu pressiono uma série de pequenos, beijos em sua carne de cetim quente. Sua mão repousa sobre o meu ombro, e as unhas cavam suavemente no músculo quando os meus lábios se aproximam do bico de seu peito. Ela não está respirando agora, minha língua desliza e lambe ao redor da circunferência de sua auréola. Eu não posso esperar mais. Eu chupo o mamilo em minha boca e gemo com o gosto dela, e ela está ofegante, agarrando-me.

– Merda, Oz. Puta merda.

Eu passo para o outro peito e dou-lhe a mesma atenção, dou beijos molhados quentes ladeira abaixo, passando rapidamente a língua para fora, e deixando-os eretos, os mamilos duros como diamante em minha boca e provo sua perfeição.

Ela lembra-se de repente que também tem mãos, e que eu ainda sou o mais vestido. Seus dedos se atrapalham na minha barriga até encontrar o zíper parcialmente aberto, baixando o zíper o resto do caminho. Eu luto com minhas botas, as retiro, ela está puxando para baixo as minhas calças, enquanto tenta se manter em pé com seus peitos na minha cara. Ela quer estar em todo lugar ao mesmo tempo. Eu também. Eu quero tirar suas calças de brim e ver o resto dela, acariciar a glória maravilhosa que é sua bunda. Mas não estou lá ainda. Ainda estou homenageando a perfeição de seus seios, beijando, segurando, acariciando, elevando e correndo minha língua por todo o seu corpo.

De alguma forma, conseguiu puxar meu jeans pra baixo de meus

quadris, ajudo chutando-os fora, e Kylie está gemendo baixinho, segurando minhas coxas e olhando para mim, deslizando a palma da mão pela minha barriga e avançando mais abaixo. Isso está indo muito rápido, quero que vá devagar, quero desfrutar dela, eu quero fazê–la sentir tudo, dar–lhe cada grama de prazer que puder, durante o tempo que eu puder.

– Kylie... Deus, você tem um gosto tão bom. – Eu sussurro isso entre o espaço dos seus seios. – Eu poderia passar horas aqui, apenas beijando seus seios.

– Eu não iria reclamar.

– Mas há mais. Quero ver mais de você. Beijar mais de você. – Eu me inclino para ela, meus braços em torno dela e a giro, deitando-a no colchão. – Eu quero te beijar em todos os lugares e nunca, nunca parar. – Eu não conheço esse *"eu";* Não sei quem é o cara dizendo essas coisas.

É o tipo de coisa que ela merece ouvir, o tipo de coisa que eu nunca pensei que eu iria me ouvir dizer, mas deixo as palavras caírem para fora de meus lábios, me pergunto quem eu estou me tornando, aqui neste quarto com Kylie. Gosto dele, gosto desse cara que ela traz para fora de mim. Gosto da ternura que sua doce pele nua provoca em mim. Eu nunca fui assim, nunca senti emoções tão intensas. Emoções que eu não quero jogar pra longe.

Agora ela está espalhada embaixo de mim, o cabelo dela um halo de fogo no meu travesseiro, seus olhos duas chamas gêmeas azuis ardendo, queimando e me penetrando com tanta confiança e inocência e desejo oh... tão sedutora. Eu abro o botão da sua calça jeans, mantendo meus olhos sobre ela, observando qualquer menor sinal de recusa. Não há nenhum. Só vontade de ajudar. Ela levanta os quadris e deixa-me tirar o jeans colante passando por suas coxas, e sua língua é arrastada sobre os lábios, os olhos mais amplos do que nunca, e a calça jeans se junta à pilha de roupas ao lado da minha cama. Deus, ela é além de perfeita. Calcinha preta para combinar com seu sutiã, um pequeno pedaço de renda e seda.

– Deus, Kylie. Como vou respirar quando você é tão bonita? – Eu corro minhas mãos para baixo em seus lados e sobre os quadris, as

curvas generosas tão suaves sob as palmas das mãos.

– Não tem... não tem que respirar. – ela suspira. – Vou respirar por nós dois.

Kylie agarra no meu pescoço e me puxa para baixo, nossas bocas batem juntas, os dentes chocando e línguas emaranhando, suas mãos esculpindo sobre meus ombros tensos e pelas minhas costas, vou me perdendo, abandonado à maneira como ela me toca, a forma como ninguém jamais me tocou antes. As palmas das mãos em arcos sobre meus quadris rígidos, e agora ela está pegando no cós da minha boxer com os dedos em forma de gancho. Eu engasgo com meus nervos, no meu próprio desejo de sentir o seu toque por toda parte. Nossa respiração é perdida, afogada, interrompida. Eu me afasto do beijo e vejo seus olhos abertos deslizando pelo meu peito, olhando pra mim brevemente, então correndo de volta para baixo. Ela observa os dedos correrem em volta do elástico para parar um centímetro de cada lado do meu umbigo. Seus dedos estão contra a minha pele, estou latejando, dolorido. Seus olhos encontram os meus novamente e eu aceno, sabendo o que ela está pedindo. Seus dentes pegam o lábio inferior, morde até que a gorda carne fique branca. Eu estou congelado no lugar, uma estátua, esperando por ela. Ela respira fundo, e seu peito incha. Eu sinto o movimento no elástico, e ela está puxando minha cueca longe da minha cintura, puxando-a para baixo. Meu coração bate, e eu estou realmente nervoso, com medo de uma maneira que eu não estava na minha primeira vez.

Merda, merda, merda. Eu estou exposto agora, duro e grosso, latejante e dolorido, e nu para sua vista. Eu vejo seus olhos correrem, indo até aos meus olhos e de volta para baixo. Não me movo, não respiro. Eu quero saber o que ela está pensando, mas as palavras são completamente impossíveis. Minha boxer esta em torno de meus joelhos, então eu levanto e as chuto para fora, totalmente nu agora. A nudez nunca me fez vulnerável. Ela vê o meu verdadeiro eu, todo o caminho para a minha alma, sinto que todos os meus defeitos estão expostos. Mas sua expressão é de surpresa e de um pouco de medo.

– Puta merda. – Ela olha nos meus olhos, e eu vejo que ela está sem saber o que dizer. – Você é lindo, Oz. – Ela cora, e seus olhos

voltam a descer para o meu pau. – Realmente bonito.

– Diga qualquer coisa, Kylie. Diga tudo. Embaraçoso, louco, estranho, diga tudo. – Eu sei que há mais coisas dentro dela que ela não tem certeza se deveria dizer.

– É maior do que eu esperava. Quer dizer, eu vi fotos e... vídeos. Mas você aqui, de verdade é diferente. – Seus olhos deslizam para os meus. – Eu vou tocar em você.

– Tudo bem.

Estou em cima dela sob minhas mãos e meus joelhos, e eu vejo-a espalmar sua mão contra o rastro de cabelo em meu umbigo, seguindo-o para baixo, e em seguida, ela me agarra em suas mãos com os olhos arregalados e os lábios ligeiramente entreabertos. Sua mão é pequena, macia e pálida contra a minha pele, e ela está apenas me segurando, seus olhos indo do meu rosto para o meu pau. Em seguida, o punho desliza para baixo, então para cima, e eu sou o único sacudindo, tremendo.

– Deus, Kylie. Você não sabe como me sinto.

Ela sorri para mim. – Eu gosto da maneira como você se sente. Suave, mas duro. Sua pele é... quente. E você é quente em tudo.

Eu tenho que lembrar de respirar. – É melhor você parar, ou isso vai acabar muito em breve.

Ela apenas sorri. – Eu não me importo. Eu poderia apenas tocar em você. Sinta eu te tocar. Beije-me. Abrace-me.

Mas eu não estou pronto para me envergonhar dessa maneira, então eu me afasto, ficando fora de seu controle, e cerro os dentes, apertando para baixo com todas as minhas forças. Abaixo o meu rosto para sua carne, beijo-lhe as costelas, seus lados, vou para o elástico da calcinha. Enrolo os dedos na cintura e beijo abaixo de seu umbigo, vou mais longe. Ela está ofegante, fazendo pequenos sons na garganta, e eu quero esses pequenos ruídos, quero ouvi-los mais alto, então eu puxo sua calcinha para baixo em torno de seus quadris, expondo a parte superior de sua fenda. Quando eu a toco, ela estende a mão e tira meu elástico do rabo de cavalo, desliza a tira fora e balança meu cabelo solto. Sinto-me ainda mais nu com o meu cabelo solto, por algum motivo. Ela passa os dedos pelo meu cabelo, e mais uma vez eu

estou abalado sem sentido pelo poder suave de seu toque. Eu passo meu rosto em sua mão, beijo a palma da mão, e depois volto a minha atenção para o seu corpo. Sua roupa de baixo está uma parte fora, continuo arrastando para baixo após as coxas, ela aperta as pernas juntas, os olhos se fechando, nervos galopando em cada linha tensa e curva de seu corpo.

– Ei. – Eu deixei minhas mãos percorrerem de seu torso para seus seios, e depois mais para cima para escovar suas bochechas. – Está tudo bem. Nós podemos parar, se você...

Ela balança a cabeça. – Não! Não. Eu só... Eu só estou nervosa.

– Eu também. – eu digo a ela.

Ela abre os olhos. Olha para mim, engole. – Tire-as.

Eu inclino para trás e puxo o tecido preto passando os joelhos, além de seus pés, e as atiro de lado. Ela pisca duas vezes, difícil, respira fundo, e obriga as pernas a relaxarem. – Você é linda em todos os lugares, Kylie.

Eu coloquei minhas mãos em suas coxas, logo acima dos joelhos. Deslizo as palmas das mãos para frente, sobre as curvas suaves de suas coxas, chegando ao ápice, onde ela é tão linda e perfeita como em qualquer outro lugar. Pele pálida, tensa e apertada, lábios inchados e úmidos de desejo, ligeira névoa de cachos, da mesma cor que o cabelo na cabeça. Kylie está olhando para mim, com as mãos enroladas em punhos por seus quadris, segurando o lençol. Eu acaricio as coxas de novo, e, em seguida, deixa o meu toque vaguear sobre seu umbigo, para baixo, para baixo. Ela fica tensa, mas as pernas se abrem, concedendo-me o acesso, deixando-me olhar e me deixando tocar. Ela quer isso, eu posso ver isso em seus olhos, mas ela está nervosa. Eu deixo o meu dedo médio deslizar até sua fenda, e ela inala bruscamente.

– Oh, Deus, Oz. Faça isso de novo. – Suas pálpebras vibram, bloqueando em mim. – Toque-me novamente.

Eu arrasto meu dedo do meio para baixo de sua dobra novamente, sentindo sua essência molhada cobrindo meu dedo. Deito-me a seu lado, à sua esquerda, deixando-a entre mim e a parede. Olhando para mim, se aproxima do meu rosto e me puxa para um beijo. Enquanto

nossas línguas lambem e deslizam, eu mergulho meu dedo dentro dela, ouvindo seu suspiro de surpresa e prazer. Meu pau está escovando seu quadril, e ela procura entre nós, leva-me na mão, me acaricia, agora é a minha vez de suspirar e gemer enquanto seus dedos rolam sobre a ponta, me fazendo trepidar e empurrar para seu toque. Molhei meu dedo em seus sucos e, em seguida, deslizo a ponta do meu dedo médio até o clitóris e acaricio em torno dele. Ela se contorce quando eu faço isso, engasga em minha boca, e seu aperto no meu pau fica mais forte. Eu gemo, e ela solta o punho. Faço um círculo, lento e deliberado, depois deslizo o dedo em seu canal e exploro suas paredes internas, trago o meu toque de volta ao seu clitóris, e circulo novamente. Desta vez, seus quadris levantam no ritmo com o movimento circular do meu dedo. Mais uma vez, um pouco mais rápido, e mais uma vez, e agora sua boca cai aberta, longe da minha e ela está gemendo, levantando e se contorcendo.

– Oz... Oz... deus, isso é tão bom. Isso é como... como eu vou – oh, merda, sim, como se eu pudesse enlouquecer. Explodir. Despedaçar-me. – Ela está murmurando, resmungando, e é tão quente.

– Continue falando, Kylie. Diga-me o que você quer. Diga-me o que você gosta.

Ela passa a mão até suas costelas e embala seu peito, os dedos agarrando a carne macia. – Beije-me aqui novamente.

Inclino-me sobre ela e aperto o mamilo com a língua, em seguida, movo meus dentes suavemente através dele. Ela engasga, arqueia, e eu amamento seu peito em minha boca. Meu dedo está se movendo dentro dela, mergulhando e circulando, mantendo seus quadris se contorcendo, retardando e acelerando, ela está ofegante, gemendo. Mas não chega a gozar, há coisas que eu quero que ela sinta, uma forma de fazê-la ficar louca e perder todo o controle.

Eu beijo suas costelas, seu lado, seu quadril, abaixo do umbigo.

– Oz? O que... o que você está fazendo? – Ela parece quase em pânico.

– Lembra quando eu disse que ia beijá-la em todos os lugares?

– Sim. – ela respira.

– Em todos os lugares. – Eu beijo o interior de sua coxa, expiro em

sua carne pálida, e, em seguida, beijo a carne quente e úmida de sua fenda, e ela choraminga.

– Deus, Oz. Não? Oh, Deus. – Suas mãos se curvam no meu cabelo, e eu sei que ela está completa e totalmente rendida a isto, ansiosa por tudo e qualquer coisa, ela tira os cabelos da minha cara colocando-os fora do caminho.

Eu lambo entre os lábios, saboreando sua essência, e depois lambo novamente, endurecendo a minha língua a deslizando em uma penetração lenta. Kylie geme, um som baixo e prolongado, suas mãos apertam no meu cabelo. Eu lambo sua abertura de novo e de novo, e toda vez que ela engasga ou geme ou choraminga com meu ataque, eu gemo junto. Então, com apenas a ponta da minha língua, eu giro em torno de seu clitóris, e ela treme violentamente. Tão perto, tão perto. Chego com uma mão e exploro seu peito, encontro o mamilo e o aperto entre meus dedos, agora ela está tremendo, o estômago ficou tenso e sua respiração irregular.

– Eu não posso, eu não posso aguentar, Oz, é demais! Eu sinto que vou explodir. Foda-se, Oz! Não pare. Por favor...

Eu olho para cima, e ela tem uma mão em seu próprio cabelo, puxando enquanto arqueia, e a outra está colocada n parte de trás da minha cabeça, me mantendo enterrado entre suas pernas, como se eu fosse parar. Eu lambo e circulo, mordo e torço, ela está resistindo em mim, gemendo, sinto todo o seu trêmulo corpo, e sim, agora, agora, sinto todo o seu corpo elevar para fora da cama e ela está gritando alto com os dentes cerrados. Jesus foda, ela é sexy quando goza. Ela acende. Brilha. E Deus, como ela faz bem. Ela treme e ondula com cada toque de minha língua, e, finalmente, ela me empurra, puxa-me, e eu deito ao seu lado, olhando-a tremer, com o cabelo despenteado e emaranhado em seu rosto.

Eu tiro uma mecha de cabelo de lado e sorrio para ela. – Oi.

Ela pisca para mim, e sua boca fica aberta, seus olhos me procuram. – O que... o que você acabou de fazer comigo? Você pode fazê-lo a cada momento de cada dia para o resto da minha vida?

Sinto-me intensamente poderoso, orgulhoso de como a deixei completamente corada e mole e chocada. Eu sou possessivo e carente.

Agora eu estou envolvido. Tão profundamente envolvido. – Eu fiz você ter um orgasmo, doçura. E sim, tenho certeza que posso.

Estou surpreso com minhas próprias palavras. Atordoado para ser mais preciso. Será que eu realmente disse a ela que eu ia passar cada momento de nossas vidas fazendo-a vir? Porque isso implica uma vida inteira juntos. Há todo um inferno implícito muito sutilmente nessa promessa.

Seus olhos encapuzados correm para o meu rosto, até meu peito, e mais para baixo para o meu pau dolorosamente rígido. – Eu quero fazer você se sentir assim. – Ela rola para mim, o cabelo caindo ao redor de seu rosto, e empurra os meus ombros. – Eu juro que vi as estrelas, Oz. Você arrombou minha alma e o céu entrou em mim.

– Você deveria colocar isso em uma música, – eu digo.

– Eu vou. – Beija meu ombro, pressiona seu corpo corado contra o comprimento do meu, passa a palma da mão no meu peito deslizando para o meu estômago, e contra a minha pele por baixo do meu pau. – Mais tarde.

Ela envolve a mão por volta da minha ereção, e preguiçosamente desliza o punho até o meu comprimento, revirando na ponta, e mergulha de volta para baixo. Eu assobio entre os dentes, observando sua mão em mim. Nós dois ficamos olhando ela me tocar, e a expressão em seu rosto é uma animação descrente, como se não pudesse acreditar que ela está mesmo aqui, está mesmo fazendo isso, comigo. Eu sei qual é o sentimento. Estou meio perdido na maravilha de tudo isso, também. Mas, então, tudo aquilo desvanece quando ela lentamente, desliza a mão no meu pau me levando a gemer, arqueando esplendidamente. Nada jamais me fez sentir tão bem como isso. Apenas a mão, os dedos e a palma da mão, subindo e descendo, girando e deslizando sua pele macia na minha, seus lábios tocando meu ombro e dando um pequeno sorriso quando eu começo a me animar com seu toque.

– Kylie, é melhor você parar, ou eu não vou agüentar.

– Então?

– Oh, Deus, Kylie. Merda, do jeito que você me toca... é... é mágico porra!. – Eu lambo os lábios e tento afastar o lançamento iminente. –

Então, eu pensei que a gente ia... – oh Deus, oh Deus... – Eu não faço mais sentido, não é possível controlar a dor em minhas bolas e a necessidade de me mover e a necessidade de gozar.

– Eu não estou com pressa, Oz. Eu quero isso. Eu quero ver você vir. Tudo isso é um território novo para mim, estou me divertindo, tocando em você assim. – Ela está murmurando isso, quase distraidamente, mais focada em mim, em seus dedos enrolados em torno do meu pau dolorido.

Estou fervendo, minhas bolas estão pesadas, apertadas e cheias, meus olhos se fecham e minha respiração é irregular e meu corpo está arqueando para fora da cama, meus quadris empurrando impotentes. Tocando-me lentamente, explorando. Seu objetivo não é me fazer vir, é apenas me tocar, aprender a maneira que meu pau se sente em sua mão, para aprender a maneira que eu reajo. É uma linda tortura. Kylie captura a cabeça na palma da mão, aperta suavemente, e depois desliza o punho no meu comprimento. Estou tão perto, tão perto.

Sinto o cabelo dela à deriva no meu peito, sinto seu rosto no meu estômago. – Eu sinto como se eu quisesse te beijar ali, como você fez para mim. Eu quero provar você.

Eu deveria impedi–la. – Ky... você não... não tem que fazer isso, só porque eu fiz.

Ela não responde, e eu sinto os lábios beijarem a ponta do meu pau, e eu estou me segurando para trás, fico tenso, todos os músculos como ferro duro, rangendo os dentes. Eu sinto sua língua me tocar, sinto seus lábios embrulhar ao redor da cabeça, logo acima do sulco, a ponta de sua língua deslizando ao longo da pequena abertura, saboreando o vazamento pré-gozo. Eu não posso segurar por muito mais tempo, não quero entrar em sua boca. Mas isso parece... além de incrível. Tudo o que ela faz, cada toque, cada beijo de seus lábios me levam mais e mais para a felicidade. Eu não quero que isso acabe, nunca. Estou tremendo, os músculos tremendo enquanto eu me esforço para ficar quieto e manter o controle. Ela está me segurando pela raiz, sua boca quente e molhada está ao redor da cabeça do meu pau, e ela está beijando, saboreando, lambendo, como se eu fosse algum tipo de gostosura, lambendo, chupando e deslizando seus lábios

em cima de mim como se eu fosse um sorvete.

– Eu não posso... foda... eu não posso segurá–lo, Ky – Eu rosno, as palavras ralam e raspam na minha garganta e meus dentes. – Estou prestes a vir, Ky.

Sua boca me deixa, a minha parte egoísta quer que ela volte, quer explodir na umidade quente de sua boca. Mas eu não vou. Ainda não, não até que ela esteja pronta para isso, eu sei que ela não está. Isto é mais sobre sua exploração, e descoberta. Eu sinto minha espinha arquear fora do colchão, minhas mãos agarram nos lençóis ao meu lado, lutando para mantê-los de volta, segurando. Suas pequenas mãos quentes e suaves envolvem meu pau e deslizam para cima e mergulham para baixo, devagar e com cuidado, eu quero mais rápido e mais difícil, mas ela não me dá isso, ela continua a lenta e preguiçosa deriva da raiz às pontas, e isso está me deixando selvagem, fazendo-me louco. Sua bochecha aninha contra o meu osso ilíaco, sinto sua respiração em mim, ela está me observando me contorcer e lutar, me acaricia em um ritmo, para baixo contra mim, mais rápido agora. Eu forço meus olhos abertos, maldição ela é linda, loira morango, cabelo, quase vermelho vivo contra a minha pele escura e o lençol branco, e seus olhos azuis descontrolados estão bloqueados no meu pau em suas mãos, olhando para o momento em que eu explodir.

– Kylie! – É o único som que eu posso fazer quando eu sinto desencadear uma detonação vulcânica.

Calor em minhas bolas, meu pau apertado e suas mãos me segurando, me acariciando, o rosto dela contra a minha perna, seu cabelo e seus olhos e voei, fui, tudo é uma lavagem a quente de felicidade relâmpago, suas mãos nunca param, quentes e macias, a vejo com os olhos pesados de prazer enquanto me observa gozar mais do que eu já gozei em toda a minha vida.

Eu sinto o fluxo bater em minha barriga, ela ainda me tocando, estou gemendo e suspirando, outra explosão se atira de mim, é um jorro final, menor, eu sou apenas capaz de virar meus quadris em seu toque, nunca querendo que este momento termine.

Ela se move para trás até estar ao meu lado. Seus olhos buscam os meus. – Ah... meu... Deus, Oz.– Ela cobre o rosto com as mãos e

toca no oco do meu pescoço, rindo. – Isso foi incrível!

– Eu não posso, eu não posso me mover, Ky Eu não posso sentir meus dedos. Merda, porra. Você me matou. – Eu enrolo meu braço em torno dela e a abraço.

– Foi bom? – Ela parece incerta.

– Bom? – eu puxo as mãos para baixo. – Babe, você viu o que você fez comigo? Isso foi... incrível.

Ela sorri. – Bom. Estou feliz. Eu queria fazer você se sentir tão bem quanto você me fez sentir. E... eu gostei de te observar. Gostei de saber que eu estava fazendo você se sentir assim, tipo... eu estava... no comando. – Ela cora, embaraçada. – Deus, isso soa tão estúpido.

Eu rio. – Não, doçura. Não é. Nem um pouco. Você estava no comando. Você tinha total controle sobre mim.

– Sério?

Concordo com a cabeça. – Absolutamente.

Ela está pensando. – Sim, eu posso ver isso. É assim que eu me senti, quando você estava, com sua boca lá em baixo.

Eu sorrio. – Ah, vamos lá, Ky. Você pode fazer melhor do que isso. Não seja tímida. Não comigo. Não depois do que nós fizemos juntos.

– O quê? – Ela está envergonhada, jogando de inocente.

– Diga alguma coisa suja. Diga-me o que eu estava fazendo com você. Use as palavras mais sujas que você pode pensar.

Ela mastiga o lábio inferior, os olhos passando rapidamente para trás e para a frente nos meus. – O que é que você quer ouvir, Oz? Você quer me ouvir dizer algo desagradável?

Concordo com a cabeça. – Yeah. Vai ser quente.

Ela balança a cabeça. – Você vai primeiro, então. Eu estou envergonhada.

Eu bufo. – Envergonhada? Você só tinha as mãos por todo o meu pau, Kylie. Você chupou meu pau. Você me fez vir todo sobre mim mesmo. Eu nunca fiz isso antes, você sabe, apenas... perdi o controle.

Ela cora, mas seus olhos vão para o gozo no meu estômago – Eu amo seu pau, Oz. – Ela ri, e depois fica séria. – Eu amo, de verdade. Eu amo o jeito que ele fica em minhas mãos. Eu gosto até mesmo do gosto e de como ele encaixa na minha boca. Isso é estranho?

Eu dou de ombros. – Nada é estranho. É o que é. Todo mundo é diferente. Eu gosto do seu gosto também, querida. Eu amo o gosto da sua boceta.

Ela cora ainda mais e enterra o rosto no meu pescoço. – Deus, Oz, estou tão envergonhada que eu vou explodir em chamas em um segundo. – Ela espreita para mim, me olhando através de suas mãos a cobrindo. – Você realmente gosta?

Concordo com a cabeça. – Sim, eu gosto. Muito.

– Qual é o gosto?

Eu franzo a testa. – Eu não sei como descrever isso. Um pouco... almiscarado? Um pouco doce, um pouco azedo.

Eu não sei. Isso não está certo. – Eu deslizo o dedo para baixo na sua fenda e passo através de seus lábios inferiores, encontrando sua umidade novamente. Eu arrasto o dedo sobre os lábios de novo, mais profundo, deixando sua essência escorrer pelo meu dedo indicador. Então, com os seus olhos arregalados e nervosos nos meus, eu coloco meu dedo em minha boca. – Mmmm. É. Delicioso. Não posso explicar.

– Oh, meu Deus, Oz. Você é tão louco. – Ela pisca para mim, sorrindo.

Eu deslizo meu dedo dentro dela novamente, e desta vez eu trago para seus lábios. – Prove. Prove a si mesma.

Ela bloqueia os olhos em mim, e então, com apenas uma ligeira hesitação, abre a boca e fecha os lábios em volta do meu dedo. Jesus, eu sinto meu pau se contorcer e apertar com a forma como ela desliza sua boca no meu dedo, erótico, provocante, tentador. Seus olhos se arregalam enquanto ela prova a si mesma, e em seguida um sorriso curva seus lábios. Ela coloca dois dedos na minha barriga, espalhando através da piscina do meu gozo, e antes que eu possa reagir, ela me prova em seus dedos.

– Mmm. Você tem um gosto bom, também. – Ela lambe os lábios e, em seguida, olha para o meu pau. – Quanto tempo até que você possa vir de novo?

Eu dou de ombros. – Não muito tempo. Mais rápido, se você me tocar.

Ela ri. – Nesse caso...

– Espere um segundo, no entanto. Deixe-me limpar. – Eu pego uma camisa suja do chão, mas Kylie a tira de mim.

– Deixe-me fazer isso. Ela sorri para mim, suave, hesitante, e doce.

Limpa o meu estômago, dobra o tecido e limpa de novo, e então eu estou limpo e a camisa está do outro lado do quarto embolada no chão. Ela está me tocando, com o polegar e dois dedos segurando meu pau ainda flácido. Mas pelo seu toque, sinto-me responder, sinto o aperto por dentro. Vejo-a me tocar, e minhas mãos estão em sua pele, movendo-se sobre os ombros, escovando o cabelo para longe e deslizando para baixo de seu braço. Eu pego um de seus seios, toco no mamilo e sinto ficar duro sob a almofada do meu polegar. Ela sorri para mim, e acaricia o meu endurecido membro. Estamos em silêncio, tocando um ao outro, sentindo-nos sem pressa. Eu só quero memorizar a sensação de sua pele, sua pele pálida macia. Quero tocar e beijar cada centímetro dela. Ela olha para mim, me inclino e nossos lábios se encontram, agora estamos verdadeiramente perdidos, o beijo nos fazendo voar para cima e para longe. Sua mão aperta no meu pau, que está quase totalmente ereto, minhas mãos estão apalpando suas costelas, seus seios e segurando seu quadril, inclinando-a para mim para finalmente obter um punhado de sua bunda. E oh, deus, a bunda dela é tão perfeita. Firme, completa, flexível, uma das maravilhas que eu nunca poderei obter o suficiente.

Ela quebra o beijo e cheira meu peito. – Deus, Oz. Eu amo a maneira como você me toca.

Eu deveria estar com medo de como facilmente nós dois estamos em torno da palavra "amor", mas eu não estou. Porque, eu não me atrevo a pensar.

– Kylie, eu mencionei o quanto eu amo a sua bunda? – Eu a puxo para mim, saio do caminho para que ela role em seu estômago. Eu beijo sua coluna e levo um longo tempo para olhar para a bunda dela gloriosamente redonda. Eu espalmo com as duas mãos, amasso, aperto, acaricio. – Tipo, de verdade.

Ela suspira. – Sério? Não é muito grande?

Eu não posso deixar de rir. – Deus, não. Assim como seus peitos. Grande, redonda e perfeita. Tão gloriosamente linda que eu não posso

nem suportar. Toda vez que a gente sai juntos, é um esforço contínuo para não olhar para sua bunda.

Ela se esconde na dobra do seu braço. – Você não é muito bem sucedido em não olhar, Oz, eu odeio dizer. – Ela olha para mim através de um emaranhado de cabelo. – Eu peguei você olhando tantas vezes, e você sabe o quê? Eu não me importo. Eu gosto. Eu gosto de saber que você não consegue parar de olhar para mim.

– E agora que eu te vi nua, vi cada centímetro perfeito de você, não vou ser capaz de parar de olhar. Ou tocar.

– Você não precisa. – Ela se desloca para o lado dela, o cabelo dela uma cortina confusa em seu rosto. – Você pode me tocar quando quiser. Você pode fazer o que quiser. Eu confio em você, Oz.

Eu afasto o cabelo de seus olhos. – Você tem certeza disso?

Ela franze a testa. – Claro. Você nunca vai me machucar.

– Não de propósito.

Colocando as mãos nas minhas costas me puxa para ela, ficando por baixo. – Não, não de propósito. E aqui está a coisa, Oz: eu sei que você vai me machucar algum dia, de alguma forma. Isso não me assusta. Todo mundo se machuca. Mas eu sou forte, Oz. Eu posso aguentar. Contanto que você seja honesto e verdadeiro, não fuja de mim sem me dizer nada pra me manter longe. Apenas... apenas jamais minta para mim. E não me deixe. Se você tiver que ir, se por algum motivo você decidir que já teve o bastante de nós, ou de mim, é só me dizer. Prometa-me isso? É a única promessa que eu vou pedir-lhe para me fazer.

Isso é sério de repente. Posso prometer-lhe isso?

Sem dúvida.

– Eu prometo. Sem mentiras. Não vou fugir. Juro.

Seus olhos ficam suaves, profundo e ternos, cheio de algo que poderia ser as sementes do amor. – Isso nos torna oficialmente um casal?

– Você quer que sejamos?

Ela acena com a cabeça. – Sim. E você?

Eu tenho que considerar isso. Eventualmente, eu aceno. – Sim, eu quero. E você deve saber, Kylie. Eu nunca tive uma namorada antes.

Não uma namorada real, no sentido da palavra.

Isso faz dela excessivamente feliz. – Eu sou sua primeira namorada?

– Primeira amiga de verdade. Primeira namorada real. Você é o meu primeiro algo verdadeiro, doçura. – Eu corro a parte de trás de meus dedos através de sua bochecha. – Você é a única coisa real em toda a minha vida.

– Deus, Oz. – Ela está a ponto de chorar, mas não chora. Em vez disso, me puxa para um beijo, me puxa para cima dela, então estou ajoelhado entre suas pernas. – Eu quero... estar com você. Eu quero ter sexo com você. Fazer amor com você. Eu não sei como chamá-lo, mas isso é o que eu quero. Agora.

Um parafuso da realidade me atinge. – Merda, Kylie. Eu não... eu não tenho nenhum preservativo. E você não está no controle de natalidade, não é?

Ela balança a cabeça. – Não.

Eu descanso minha cabeça entre seus seios. – Temos que esperar, então. Eu não posso, não vou correr nenhum risco com isso. – E talvez isso seja um pouco de salvação, adiando o sexo completo com ela até que ela faça dezoito anos.

Ela toca minha bochecha. – Tudo bem, Oz. Estou feliz que você tenha pensado nisso, porque eu não. Tudo o que eu estava pensando era o quão bem você me faz sentir.

– Depois da escola amanhã. Vamos comprar alguns. E... se você quer de verdade estar comigo, você poderia pensar em fazer um controle de natalidade. Eu odeio parecer como se estivesse lhe dizendo o que fazer, sei que é, tipo, é brochante ou o que quer que seja, mas, só quero ser cuidadoso. – Eu caio de costas ao lado de Kylie.

Ela leva um momento para se recompor, então rola para o lado dela. – Não, você está certo. Você vai comigo? Pra uma consulta, pro controle de natalidade?

Concordo com a cabeça. – Yeah. Claro.

Kylie toca meu peito, a mão derivando através de meus peitorais e para baixo para o meu estômago. – Nós podemos fazer outras coisas, porém, não é? – Ela toca com um dedo a ponta do meu pênis rígido.

Eu sorrio para ela. – Sim, doçura. Nós podemos fazer o que quiser.

– Qualquer coisa? – ela pede. Concordo com a cabeça. – Então você... Deus, eu vou morrer. Você vai fazer isso? Com a boca?

– Diga isso, e eu vou.

Ela morde o lábio. – Lamba minha boceta, Oz. Por favor?

Eu rosno, fico ligado em proporções épicas por suas palavras eróticas. – Foda, Kylie. Isso é quente. Diga isso de novo.

Ela pega o meu rosto com as mãos e me empurra para baixo, suspirando quando eu me estabeleço entre suas coxas. – Eu quero que você me faça gozar com a boca. Eu quero que você lamba minha boceta até eu explodir.

– Então o quê? – Eu lambo sua abertura com a minha língua.

– Então... – ela suspira quando eu cubro o clitóris. – Então eu vou chupar seu pênis, fazendo você gozar na minha boca. E vou engolir cada gota.

– Puta merda... – Eu tenho que lembrar de respirar. – Deus, Kylie. Você falando assim me deixa louco.

Não há espaço para as palavras, nenhum suspiro, não há tempo para nada. Estou comendo-a, deixando-a selvagem com a minha boca, deslizando um dedo dentro dela e sentindo o seu tormento. Sua vagina está quente e úmida, pronta para mim, seus movimentos são irregulares e desesperados quando eu a trago para a beira do orgasmo, levando-a para a beira, seu suco fluindo grosso, liso e molhado. Apenas um momento depois do orgasmo, Kylie me tem nas minhas costas e ela tem o meu pênis em sua boca trabalhando com as mãos, estou perdido no seu controle, no encalço de seu toque. Entregando-me completamente, não seguro meu orgasmo. Ela leva seu tempo, acariciando, lambendo e chupando e estou louco, selvagem, arqueando e gemendo, ela está amando cada segundo disso, olhando para mim de vez em quando, a alegria o orgulho e a emoção em seu rosto enquanto ela assiste minhas reações indefesas.

Eu suspiro quando sinto a minha libertação se aproximar, ela bombeia o meu grosso, dolorido pênis, com as duas mãos e envolve os lábios ao redor da cabeça e suga com a força de vácuo, eu expludo violentamente. Deixo-a surpresa, mas ela leva tudo, seus punhos

mergulhando em mim, sua boca e garganta trabalhando.

Kylie se atrapalha com o cobertor, puxa-o sobre nós, se aninha no meu ombro, e murmura algo inaudível. Nós estamos flutuando, à deriva. Sonolentos, satisfeitos, felizes.

Este momento, aqui com Kylie Calloway, é o melhor momento da minha vida.

Capítulo Oito
Chances Perdidas e Escolhas Difíceis

Colt

É bem após a meia–noite, e Kylie não está em casa. A noite de microfone aberto terminou horas atrás, estou lutando contra o desejo de me preocupar, ficar com raiva. Ela não tem um toque de recolher, uma vez que nunca houve essa necessidade. Ela é uma criança responsável normalmente. Meu cérebro está girando, me preocupando com os possíveis cenários. Eles se envolveram em um acidente. Eles estão fora usando drogas. Eles estão fazendo sexo. Não saber o que ela está fazendo está me deixando louco, e não saber o que eu devo fazer quando ela voltar está me deixando mais louco ainda. Devo apenas confiar nela? Devo interrogá–la? Exigir a verdade? Castigá-la? Proibi-la de vê-lo?

Eu sei que nenhum deles vai funcionar. Ela está prestes a completar dezoito anos. Nós sempre tentamos dar a Kylie tanta liberdade quanto podíamos, e ela sempre foi responsável. Ela nunca teve um namorado sério, teve apenas alguns encontros. E agora este personagem Oz aparece do nada, de repente ela está com ele o tempo todo. Ele é tudo o que um pai se preocupa por estar com a sua filha. Ele sou eu, de muitas maneiras, eu não iria querer ser o pai das meninas que eu namorava quando era jovem. Eu era imprudente, selvagem, irresponsável. Eu vivia sozinho, não respondia a ninguém, não seguia regras. Não até Nell e eu ficarmos juntos só aí que comecei a dar a mínima para alguma coisa.

Mas eu não posso mantê-la afastada dele. Ele não me deu nenhuma razão para desconfiar, de todas as pessoas eu sei que não devo julgá-lo sobre o fato dele ter tatuagens e um piercing e montar uma motocicleta. Ou que ele vem de um mundo áspero onde a violência está claramente visível em sua vida. Eu reconheço a minha própria espécie nele, o que me assusta bastante. Mas eu estou aqui,

um pai, um músico de sucesso e agora produtor, marido durante os últimos 19 anos.

Tenho que dar o benefício da dúvida. Mas não tenho que gostar.

E não gosto.

Estou no caminho, entregando-me a um raro cigarro. Desisti deles anos atrás, mas de vez em quando pego um pra fumar. Isso acontece quando estou super estressado, ou após uma relação sexual especialmente intensa com Nell. Ela sabe que eu fumo de vez em quando, e ela está bem com isso, contanto que eu não faça disso um hábito. Olho em frente, na casa de Jason e Becca, e vejo o brilho de um telefone celular na varanda da frente, iluminando o rosto de Ben.

Quando eu percebo, ele mexe seus pés, dando passos para baixo da calçada, passando a mão pelo cabelo cortado rente. Ele está agitado, irritado. Atravesso a rua, jogando a bituca para o esgoto.

– Ei, Ben. O que está acontecendo? – Eu paro a poucos metros dele, e eu posso ver que ele está além de chateado, frenético, furioso.

– Você sabe onde Kylie está? – Ele formula a questão com os dentes cerrados.

Hesito. – Hum. Ela está... não está em casa. – Eu tenho certeza que eu sei o que está comendo ele, e eu não tenho certeza se eu deveria ficar no meio disso.

– Sim, eu sei. Mas você sabe onde ela está?

Eu limpo minha garganta, pisco, para encontrar uma boa resposta.

– Ela está com ele, não é?

Eu não posso mentir para ele. – Sim. Ela está.

– Foda-se. Eu sabia. – Ele esfrega o rosto com as duas mãos, inclina a cabeça para trás, gira no lugar, e geme. – Eu não entendo. Que porra é essa que ela vê naquele fodido?

– Ben, eu não tenho certeza que isso é uma conversa que eu possa ter com você. – Eu gostaria de saber o que dizer, como derrubá-lo deste lugar com raiva. Mas eu não sabia.

– Ela não responde meus textos. Não responde às minhas chamadas. Ela nem sequer tentou dizer *'Olá'* para mim, no show desta noite. Ela não passou um fodido segundo comigo desde que... aquele

veado apareceu. – Ele está furioso. – Por dezoito anos temos sido melhores amigos. Então assim, puf, eu estou sendo deixado de lado.

– Ben, escuta... – Eu começo, mas ele não está prestando atenção, ele está ventilando num ritmo acelerado, quase gritando.

– Ela deveria ser minha. Eu estive esperando... até que ela se formasse. Eu tenho aguardado e planejado. Isso sempre foi para ser eu e ela. Ela nunca esteve interessada em qualquer outra pessoa, porque ela é minha. Minha melhor amiga. Minha menina. Não dele. E agora... agora ela se foi. Ela está com ele e provavelmente está transando com ele agora

– BEN! – Eu grito, sacudindo seu ombro. Ele finalmente parece perceber o que ele está falando. – Essa é a minha filha, cara.

– Merda... – Seus olhos se arregalaram, e ele se afasta. – Desculpe, senhor. Eu apenas... merda. – Ele se afasta, com os punhos cerrados atrás da cabeça.

– Ben. – Eu grito seu nome, um pouco mais duro do que eu pretendia.

Ele para e se vira. – Colt, Sr. Calloway, me desculpe, eu não quis dizer...

– Você já falou a ela sobre isso? – Eu realmente gosto deste garoto. Ele tem todas as melhores qualidades de ambos: Jason e Becca. Ele é atlético, inteligente, atencioso, e, geralmente, bastante educado. Eu nunca, nunca o vi agitado sobre qualquer coisa. Eu sinto que tenho que ajudá-lo de alguma forma. – Se ela não sabe o que você está pensando, como você se sente, como é que ela poderá fazer algo a respeito? Eu não estou dizendo que ia mudar alguma coisa, porque talvez não mude. Mas não machuca pelo menos tentar falar com ela.

– Você está certo. Deus... caramba, você está certo. – Ele esfrega a mão pelo cabelo de novo, sua postura e maneirismos tão parecidos com Jason que é assustador.

– Olha, Colt, me desculpe eu explodir assim. Eu não tinha o direito de dizer nada disso, especialmente para você, senhor. Então... Me... Me desculpe.

Eu bato em suas costas. – Está tudo bem, garoto. As mulheres podem foder com a cabeça de um homem. Eu entendo. – Eu aperto a

parte de trás do seu pescoço, um pouco mais forte do que o estritamente necessário. – Só não fale sobre a minha filha desse jeito nunca mais, ok?

Ele estremece, vai para longe de mim. – Sim, senhor. Eu não vou. Eu juro.

Eu o deixo ir, e o vejo entrar. Isto está caminhando para se tornar uma confusão, e eu não invejo a posição de Ben. Eu vi a maneira como Kylie olha para Oz, e eu não acho que qualquer conversa vai mudar sua cabeça. A menos, é claro, que Oz faça algo estúpido. Eu honestamente não sei o que pensar.

Não entrei até que Ben estivesse em sua casa e só então quando eu estava caminhando até as escadas para o meu quarto é que a realização me atingiu como uma marreta. Eu só vi os dois meninos no mesmo lugar uma vez, e agora o meu cérebro está a mil, e eu percebo que há algo semelhante entre eles. Não nas suas personalidades, mas fisicamente. Algo... algo que eu não posso dizer o que é, mas há uma sensação incômoda familiar sobre Oz, e de alguma forma, inclui Ben. O pensamento não faz qualquer sentido, mas me parece verdadeiro, no entanto.

Nell está sentada na cama, os cobertores puxados para cima em torno de seu peito, lendo um velho livro de bolso, um livro que ela leu pelo menos uma dúzia de vezes. – Eu ouvi gritos. Isso foi Ben? – Ela olha para mim, apoiando o livro virado na cama, em seguida, olha para o relógio na sua mesa de cabeceira. – E é meia-noite. Onde está a nossa filha?

– Eu não tenho certeza de onde ela está. Com Oz, suponho. – Eu derrubei todas as minhas roupas, exceto as minhas boxers e subi na cama ao lado dela. – E sim, era Ben. Ele está dando trabalho.

– Sobre o quê?

– Kylie. E Oz. Ou, mais especificamente, os dois estarem juntos.

– Ele se sente deixado de fora? – Nell desliza um marcador em sua página e deposita o livro na mesa de cabeceira, virando-se para mim.

Eu balancei minha cabeça. – Não, mas ele se sente como se Oz a tivesse roubado dele. Ele disse... com mais... ênfase.

– Oh. – Olhos de Nell aumentam. – Oh, ele gosta dela?

– Eu acho que é mais do que isso. Parecia-me que ele tinha sentimentos por ela por um longo tempo mas ele nunca disse nada. E agora que está parecendo que ela está com Oz, para todos os intentos e propósitos, ele se sente como se a tivesse perdido. – Eu faço uma careta. – Deus, Nelly. O que é que a nossa menina vai fazer? Eu disse a ele para falar com ela, e eu não tenho certeza se fiz bem.

Nell assente. – Sim. Ela só tem olhos para o Oz. – Ela suspira. – Isto não vai terminar bem.

– Não. Esse é o meu pensamento. – Eu chego para ela, e ela se desloca em direção a mim. – O que vamos fazer?

Ela empurra o cobertor longe, e eu percebo que ela está esperando por mim, nua sob os lençóis. – O que podemos fazer? Ela não é mais uma garotinha. Ela está se formando em um par de meses, Colt. Indo para a faculdade. Eu acho que nós temos que deixá-la lidar com isso sozinha.

– Alguém vai se machucar.

– Sim. Nós não podemos protegê-la de tudo.

– Eu sei.

– É uma merda, apesar de tudo. – Eu rolo para o meu lado de volta, e Nell se move acima de mim, chega entre nós, me orienta em sua entrada. Eu assobio entre os dentes enquanto ela se enterra em mim. – Deus, Nell. – Eu acaricio suas costelas, seus seios, os quadris, as coxas, beijo cada centímetro de pele que eu posso alcançar.

Ela planta as palmas das mãos no meu peito e me beija, movendo-se lentamente. O beijo termina, mas nossos lábios estão perto, e nós trocamos respiração, sussurros e suspiros à medida que avançamos juntos, e então ela está gemendo, gemendo, nossas testas tocando.

– Colt... – Ela começa a perder o seu ritmo e se move com crescente desespero. – Oh, meu Deus... Oh, meu Deus... Oh, meu Deus, Colt...

– Foda... Nell...

Nós nos despedaçamos, no mesmo momento, colapsando juntos. Quase vinte anos, e ela me faz vir tão forte quanto a primeira vez que dormimos juntos no apartamento de Nova York. Mais forte, como sempre. Eu aprendi todas as nuances de seu corpo, aprendi cada um

de seus desejos secretos, aprendi a trazê-la para a beira em de todos momentos, aprendemos cada curva e como obter cada suspiro e grunhido, e isso nunca fica menos intenso. Quanto mais tempo estamos juntos, melhor isso fica. Eu acho que não pode ficar melhor.

Ela adormece em cima de mim, com a cabeça aninhada no meu peito, o nosso corpo liso, pegajoso e confuso, e eu não me importo. Eventualmente, eu rolo com ela, e ela torce para nos acolher até dormirmos.



Passa de uma da manhã, fui dormir com um olho aberto. Quando eu ouvi a porta da garagem, eu escorrego rapidamente para fora da cama, puxo um shorts e uma camiseta. E antes que eu possa descer as escadas para encontrá-la, eu ouço sua voz, e Ben.

– Droga, Ben, eu estou cansada. Eu quero ir para dentro. Eu estou provavelmente em grandes problemas, e eu não tenho a energia para essa conversa agora. – Ela está do outro lado da porta principal da casa para a garagem.

Minha mão está sobre a maçaneta, assim como a dela provavelmente está. Eu penso se dou a eles privacidade, mas depois lembro-me que o meu trabalho como pai é estar lá para ela, não importa o quê. Tenho a sensação de que ela vai precisar de mim neste lado da porta em apenas alguns minutos. Então eu encosto-me ao batente e escuto.

– Só me responda, Kylie. – Ben exige.

– O quê, Ben? O que você quer saber? – Ela parece cansada, e cautelosa.

– Você estava com ele?

– Sim, Ben. Eu estava. Eu estava com Oz. – A maçaneta gira. – É isso?

– Não. Não é só isso. – Ele está com raiva, e eu sei por experiência própria que é a maneira mais rápida de fazer Kylie se calar. – O que você estava fazendo com ele?

– Isso não é da sua conta, Ben.

– Uma merda que não é! – Ele parece um pouco mais perto. – Você é... você é minha melhor amiga, e ele... quem é ele? Algum fodido cara novo. Eu sei que ele usa drogas. Ele fuma cigarros. Sinto cheiro de fumaça em você, Ky. O que você estava fazendo?

– Eu não te devo nenhuma fodida explicação, Ben! – Ela solta a maçaneta e sua voz soa mais distante, como se ela estivesse se movendo em direção a ele.

– SIM! VOCÊ DEVE! – Ben fala alto, e furioso. Não era isso que eu tinha em mente, Ben, eu queria dizer a ele.

– Por quê? – Ela pede com muito calma. Ela tem esse tipo mortal de raiva tranquila, assim como eu. – Por que eu devo-lhe explicações sobre o que eu faço, e com quem? Diga-me, Ben. Você é meu amigo. Não é o meu pai. Não é a minha mãe. Não é o meu namorado.

– Você deveria ser... deveria ser eu. – Ele parece esvaziado, derrotado.

– Eu... o quê? – Ela está confusa agora.

– Deveria ter sido eu. Com você. Isso sempre foi suposto ser eu. Mas é ele, e eu não entendo porra.

– De onde isso está vindo, Ben? Nós nunca fomos nada além de amigos. Você... você nunca me deu o menor indício de que você estava interessado em mim mais que um amigo. Se for sempre suposto ser você, então por que nunca disse nada? – Sua voz é pequena, ferida, e repleta de tragédia e desespero.

– Eu... porque eu pensei que... você... Foda. Porque eu pensei que tivesse tempo. Eu queria esperar até você se formar, até que você tivesse dezoito anos. Você nunca esteve interessada, mesmo que remotamente, em qualquer outra pessoa. Não em toda a nossa vida. E nós estamos... nós estivemos sempre juntos. Claro, nós não nos beijamos ou o que seja, mas você... você sempre foi minha. Eu pensei que quando você se formasse nós passaríamos o verão juntos. Sairíamos em uma viagem pela estrada. Eu tinha... Eu tinha tudo planejado. Nós seguiríamos para oeste, ver onde a estrada nos levasse. Nós seríamos amigos, em primeiro lugar, como sempre, e com o tempo você veria o quão perfeitos somos um para o outro. – Ben solta um

longo e gemido suspiro. – E então ele veio e... fodeu tudo.

– Ah... inferno. Benji... por que não você nunca disse nada? Por quê? Há um ano atrás? Mesmo há seis meses? Eu não estou dizendo que eu teria... que algo teria acontecido, com certeza, mas se você tivesse dito alguma coisa, então... poderia ter havido uma chance. – Ela geme, e, em seguida, levanta sua voz para um grito. – E por que todo mundo está tão preocupado com a porra de eu ter dezoito anos? Existe um pouco de magia em ter dezoito ao invés de dezessete? Eu não vou mudar de repente nas próximas duas semanas. FODA!

– Não me chame de Benji. Eu não sou seu Benji. – Sua voz endurece. – Você já teve relações sexuais com ele?

– Isso. – ela sussurra a palavra, venenosamente. – Não é da sua conta.

– Você teve. – Isso não é uma pergunta. É uma acusação.

– Eu cansei de falar sobre isso. – Eu ouço seus passos se aproximando da porta, e as voltas da maçaneta.

– Eu estive apaixonado por você desde que eu tinha quatorze anos, Ky. Eu estive esperando o momento certo por seis anos.

O botão de encaixe volta no lugar. – Maldição, Ben. – Ela suspira. – Você esperou muito tempo.

– Ele vai destruir a sua vida. Você está escolhendo ele ao invés de mim, e eu prometo a você, um maconheiro perdedor como ele só vai quebrar seu coração.

– Essa é a minha escolha, Ben. – Ela suspira, e eu ouço a dor em sua voz.

– Sim, bem, desculpe-me por pensar que é a pessoa errada.

– Existe alguma coisa que você gostaria de dizer? Se você vai me chamar de puta, agora é a hora.

– Você não é. Você está apenas... equivocada. E você sabe o quê? Eu sempre vou te amar. – Eu quase posso ouvi–lo a preparar-se para uma última tentativa. – Eu vou esperar. Você vai se cansar dessa besteira, e você vai voltar para mim. E eu vou estar aqui te esperando.

– Eu não tenho certeza se isso é doce ou louco. Eu não vou voltar para você. Eu nunca fui sua. Você teve sua chance e esperou muito tempo. Você era meu amigo... melhor e mais antigo e mais verdadeiro,

Ben. E eu... eu provavelmente não deveria dizer isso, mas eu vou. Houve momentos em que eu queria que você apenas deixasse de ser meu amigo e me beijasse. Eu pensei que você estava indo, um par de vezes, mas nunca fez, então eu percebi que talvez fosse só minha imaginação. Eu não queria estragar o que tínhamos. Eu pensei que não havia nenhuma maneira de você se apaixonar por mim. Você nunca mostrou. E você já namorou todas aquelas meninas... Lindsay, Alissa, Grace. Qual era o nome dela, a ruiva? Breanna. Ah, sim, e Hattie. Quem tem esse nome, afinal? Hattie? Eu não sei o que você viu nela. Ela é uma lunática. Se você estava tão apaixonado por mim, o que foi aquilo?

– Eu pensei que... se você me visse com outras meninas, você ficaria com ciúmes. E eu estava... Eu estava esperando por tanto tempo, e talvez eu só estivesse segurando meus sentimentos. Então eu pensei que se eu namorasse outras meninas que iria esclarecer as coisas. E tudo isso ajudou. Mostrou-me que eu só queria você. Essas meninas, elas eram divertidas, e frescas. Mas elas não eram você. E sim, Hattie foi um pouco... estranho. É por isso que durou apenas duas semanas.

– Você teve relações sexuais com qualquer uma delas, Ben? – Sua voz agora é nítida e acusadora.

O silêncio é ensurdecedor.

– Você fez isso! – Ela é estridente com descrença. – Sim, Ben. Realmente apaixonado por mim. Esperando por mim, hein? Quer saber a verdade? Não, eu não dormi com Oz, ainda. Mas eu vou. Nós nos preocupamos um com o outro. Eu esperei toda a minha vida para o momento certo, o cara certo. Possivelmente poderia ter sido você. Mas agora... ? Não. E não é só porque eu estou com Oz. E tudo isso? Tudo o que você acabou de me dizer? Agindo como *'oh, eu estou tão apaixonado por você'*, e, em seguida, oh, espere, só brincando, *"olhe para todas as meninas que eu fodi."*

– Isso não é justo! Eu não dormi com todas elas, somente...

– EU NÃO QUERO SABER! – Ela grita. – Eu não me importo. É seu problema. Somos amigos, Ben. Isso é tudo que nós éramos, tudo o que nós somos, e tudo o que sempre vamos ser.

– Não há nenhuma chance?

– Não. Nenhuma.

– Tudo bem. Foda-se, também, então. – Eu ouço seus passos se afastando.

– Ben! Isso não é... Fodido inferno! – Um longo silêncio se estende, e eu imagino que ela está vendo-o ir embora. – Adeus, Ben.

Poucos segundos depois, a porta se abre e ela entra em cena, fechando a porta atrás dela. Sua cabeça está para baixo, e eu posso dizer que ela está chorando. Ela não me vê encostado ao balcão, até que ela está prestes a correr para mim.

Ela grita e deixa suas chaves. – Oh, meu Deus, pai! Você me assustou ! – Ela pega as chaves, piscando, tentando agir como se não estivesse chorando. – Por que você está aqui na cozinha sozinho? Às... 01:00 da madrugada? Merda, é 01:00 da madrugada estou com problemas, não é?

– Eu estava esperando por você.

Ela parece perceber onde estou, e olha para a porta. – Quanto você ouviu?

– Praticamente tudo.

– Você não pode simplesmente escutar minhas conversas privadas. – Ela enxuga os olhos com o dedo.

– Sim, eu posso. É o meu trabalho como o seu pai saber o que está acontecendo em sua vida. – Eu tomo-a pelos ombros e puxo para mim. – Sinto muito sobre Ben, meu amor.

– Você sabia o que ele sentia por mim? – Sua voz é abafada pela minha camisa.

– Não até recentemente. Não até Oz aparecer, e ele começar a agir de forma estranha.

– Você não disse nada.

– Eu deveria ter dito? Teria mudado alguma coisa? E você realmente me agradeceria por me intrometer em sua vida assim? Eu acho que não.

Ela funga. – É, provavelmente você está certo. – Ela se afasta e deposita as chaves no balcão, vira–se para remexer na geladeira e pega uma lata de Sprite. – Se você ouviu a coisa toda, você provavelmente

ouviu o que eu disse sobre... sobre mim e Oz.

– Sim, eu ouvi isso, também.

Ela bebe, e espera. Quando ela percebe que eu não estou dizendo nada, ela solta um arroto abafado e franze a testa para mim. – E então?

– Bem, merda, Kylie. O que eu devo dizer? Você está fazendo dezoito em menos de um mês. O que vai acontecer em algum momento. E eu estou feliz que você esperou tanto tempo. Eu realmente não sei como lidar com isso, Kylie. Eu não... basta ser honesta. Este é um daqueles momentos em que eu não acho que qualquer pai está preparado para lidar com ele. Você não é um adulta ainda, mas você está perto. E eu sei muito bem o que aconteceria se eu castigasse você para sempre, ou tentasse impedi-la de vê-lo. Eu não gosto disso. Você é a minha menina. Minha única filha. E eu quero que você fique inocente para sempre. Mas você não vai, e eu não posso fingir que você vai. Então, o que eu faço? Eu gostaria de saber. Se eu apenas deixar você ir em frente com esse relacionamento com Oz, isso faz de mim um péssimo pai por ignorar o que eu sei que de fato está acontecendo? – Eu esfrego os olhos. – E eu estou em conflito sobre Oz. Eu não quero que você se machuque e, infelizmente, Ben pode estar certo. Quero dizer, ninguém pode feri-la, e se você está em um relacionamento, você vai se machucar em algum momento, de alguma forma. Mas Oz... existem sinais de alerta, Kylie. Ele é... Eu não estou dizendo que ele é uma má notícia, ou que ele é uma pessoa má. Mas...

– Eu sei, pai. Mas há mais nele do que todos nós conseguimos ver.

– Eu sei disso, Kylie. Como você disse, eu de todas as pessoas deveria saber disso. – Eu deixei escapar um longo suspiro. Eu não quero falar disso, mas tenho que fazer. – Você já viu seus braços?

Ela fecha os olhos e não responde por um longo tempo. A dor que eu vejo em seus olhos me diz mais do que as suas palavras podem. – Sim. Eu vi.

– Você sabe como ele conseguiu essas cicatrizes?

– Sim. Eu sei.

Isto é complicado. – É uma coisa... que ainda acontece?

Ela balança a cabeça. – Eu acho que não.

– Mas você não sabe com certeza.

Ela bebe da lata e, em seguida, deposita-o sobre o balcão, girando-o de modo que o logotipo gira e gira e gira. – Com cem por cento de certeza? Não. Mas... nós conversamos sobre isso.

– Kylie, ouça. – Eu tenho que ser cauteloso sobre isso, cuidadoso. – As pessoas que... fazem coisas para se machucar, é sempre um sinal de alerta de que algo mais profundo está acontecendo com eles. E não há ninguém que possa fazer alguma coisa para ajudar ou para corrigir essa pessoa, a menos que eles estejam prontos para serem consertados ou serem ajudados.

– Trata-se de mamãe, não é?

– É sobre Oz, Kylie.

– Eu vi as cicatrizes de mamãe, papai. Eu sei o que elas são.

– Eu sei, querida. Foi há um longo, longo tempo atrás. Ela passou por um momento muito difícil, e... olha, é a história dela, para ela contar, não pra mim. Mas, sim, eu sei disso por causa do que a sua mãe passou. E eu não quero ver você passar por... isso. A auto-mutilação é um grande negócio. Se for um problema para ele, ele precisa obter ajuda. Ajuda que você não pode dar. Sinto muito, são apenas os fatos.

O olhar de Kylie é afiado, conhecedor. – Você sabe sobre isso, também, não é? A partir da sua própria experiência.

Eu suspiro, e encontro-me sem querer, esfregando meu peito, onde minhas próprias cicatrizes estão, escondidas por tatuagens. – Sim, eu faço. Eu estive em ambos os lados.

Seus olhos trancam a minha mão, e eu a deixo cair. Ela olha para trás para mim. – Então você... você entende por que ele poderia ter a compulsão de fazer isso para si mesmo.

Eu gemo. – Sim. Eu sei. – Eu não quero mergulhar em minha própria história. Especialmente com a minha filha. Ela realmente não precisa saber sobre a escuridão e os esqueletos que assombram meu passado. – Se você está machucado por dentro, se você já passou por algo muito, muito doloroso, às vezes você só quer sentir outra coisa. Qualquer outra coisa. Mesmo que você saiba que é errado, que você está prejudicando a si mesmo. As pessoas em sua vida que se

preocupam com você podem achar que é muito difícil de chegar até você. Se a dor interior é grande o suficiente e ruim o suficiente, você não se importa. Você só precisa de uma fuga, uma sensação de alívio. Não importa o quão fugaz é. E esse estilo de vida, é ruim, Kylie. Eu não quero você perto disso. É escuro, e é perigoso, e pode te sugar muito rápido..

– Ele não é assim.

– Não?

Ela abaixa a cabeça. – Você não o conhece, papai. Você não sabe o que ele passou.

– Eu não vou julgá–lo, Kylie. Eu juro que eu não vou. Eu posso não saber os detalhes, mas eu o entendo melhor do que você jamais poderia imaginar. – Eu me aproximo dela, beijo o topo de sua cabeça. – Mas você é minha filha, e você é a minha prioridade. E você está sendo arrastada para o inferno com alguém como Oz, mesmo sem querer e eu não posso suportar. Eu sei que tenho que deixá–la viver sua própria vida, e cometer seus próprios erros, mas tem que haver um limite.

– Então... e agora?

– Você é uma garota inteligente e responsável, Kylie. Eu confio em você. Eu confio no seu julgamento. Você nunca me deu nenhuma razão para não confiar. Então, eu vou dar-lhe a sua liberdade neste momento, tanto quanto uma parte de mim grita o contrário. Basta ter cuidado. Com ele. Em torno dele. Não se deixe ser sugada. Não deixe que ele continue a magoar-se. E se ele não pode parar, a única coisa que você pode fazer é se afastar e dizer-lhe que você não pode ficar com ele se ele continuar fazendo isso, que você se importa muito para vê-lo destruir a si mesmo dessa forma. Parece que é traição, mas não é.

Ela acena com a cabeça. – Isso faz sentido. Eu não acho que vai ser um problema.

Eu estreito meus olhos. – Quanto aos cigarros,... o cheiro em você... e maconha, e bebida... não seja estúpida, Kylie. Apenas não. Nada disso vale a pena. Pensar que você só vai fazer isso quando estiver perto dele só está mentindo para si mesma. E eu vou estar atento para isso. Se eu pegar você fumando, bêbada, ou alta, você vai

estar em apuros. Espero mais de você. Esta é a sua advertência. – Faço uma pausa para deixar a louça na pia – Quanto a sexo...

– Temos isso conversado, pai. Não vou falar com você. – Ela não vai olhar para mim, brincando com o anel da sua lata de Sprite.

– Eu vou dizer assim mesmo. Eu não gosto dele, isso me deixa desconfortável, mas eu vou dizer assim mesmo. Meu instinto é proibir, reprimir e tudo isso. Mas, infelizmente, eu sei que isso não pararia você. Então tudo que eu vou dizer é, seja cuidadosa. Esteja segura. Se ele tem estado com qualquer outra pessoa, ele precisa ser testado antes que aconteça alguma coisa entre vocês dois. – Ela começa a protestar, e eu falo sobre ela. – Cale a boca e escute, Kylie. Isso é estranho para mim, também. Mas se eu não posso impedi-lo, eu tenho que ter certeza de que você está segura. Você disse a Ben que você não tinha feito... com... Oz ainda. Portanto, tome precauções antes. Esteja segura em mais de uma maneira, ok? – Eu respiro fundo e forço honestidade contundente de mim mesmo. – Isso significa o controle da natalidade e preservativos. Deus, eu odeio ter que ter essa conversa. Não apenas um ou o outro, mas ambos. Sem desculpas, sem exceções. Eu não quero ser um avô por um tempo muito longo. Entendido?

Ela acena com a cabeça, ainda sem olhar para mim. – Yeah. Eu entendo.

Eu toco o queixo. – Kylie. Olhe para mim. – Ela faz, e eu a deixo ver todo o meu medo, toda a minha preocupação. – Eu te amo, Kylie. Por favor, por favor... apenas esteja segura. Tenha cuidado. Não apenas com o seu corpo, mas com o seu coração e alma. E confie em mim quando eu digo, que se Oz fizer algo para te machucar, ele vai se ver comigo.

Ela levanta a cabeça, seus olhos ferozes. – Não, pai. Ele não vai. Se eu me machucar, vai ser minha culpa. Eu estou nisso sabendo que ele é... diferente. Ele não é, eu não sei... manso. Mas nem você, pai. E você? E você é o que eu sei. Você foi meu exemplo de vida. Você não é manso, ou seguro em alguns aspectos. E você não pode ser bom, mas você é bom. E assim ele também é.

Concordo com a cabeça. – Eu entendo. E eu respeito isso. Mas a minha prerrogativa como seu pai é quebrar a cara de qualquer um que

se meta com você. E eu vou, quer você goste ou não. Portanto, se o nosso menino Oz prefere ter seu rosto intacto, ele vai ter que tratá-la como a coisa preciosa que você é.

Seu rosto suaviza. – Ele faz papai. Ele realmente faz.

Eu a abraço. – Ótimo. – Outro beijo no topo de sua cabeça. – E tente chegar antes da uma da manhã da próxima vez, ok?

Ela apenas balança a cabeça, e eu a deixo para ir lá em cima. Nell está parada no topo da escada, envolta em um manto, olhando para o espaço. Ela me acompanha em nosso quarto, e eu fecho a porta.

– Ela está crescida. – diz Nell.

– Eu sei.

– Quando isso aconteceu?

Eu dou de ombros, sacudo minha cabeça. – Eu não sei. Nós piscamos, eu acho.

Ela me dá sorriso terno. – Você é um bom pai, Colt.

Eu suspiro. – Estou fazendo a coisa certa? Deixá-la passar por essa coisa com Oz? Ela não se sente como ele. Mas mentalmente, eu não acho que eu tenho outra escolha.

Ela lança o roupão e sobe de volta na cama, nua. – Eu acho que você está certo. Eu prefiro saber o que ela está fazendo, mesmo que não necessariamente goste, é melhor do que proibi-la e tê-la esgueirando-se.

– Ou pior, fugindo. – Eu estou pensando em mim mesmo, dezessete anos e sozinho em Nova York. Tão jovem, muito jovem para cuidar de mim mesmo. É por isso que eu jurei, quando Kylie era jovem, que eu não cometeria os mesmos erros que meus pais fizeram. Mas estou fazendo diferente e pode ser tão ruim quanto. Preocupa–me que não há nenhuma maneira de saber, e não há maneira de evitar cometer erros como um pai.

Eu tirei a minha camisa e subi ao lado de Nell, sinto seu calor contra mim e seu cabelo fazendo cócegas no meu rosto.

Não importa quão bom o seu filho é, por vezes, a vida tem uma maneira de trazer algo para eles que ninguém pode prever ou proteger contra. Se isso acontece com Kylie, eu vou ter que estar lá para ajudá-la a passar por isso.

Capítulo Nove
Germinação das Sementes

Oz

Kylie me pediu para fazer o teste, então eu fiz, e estava limpo. Sentei-me na sala de espera do consultório de seu médico enquanto ela fazia a consulta do controle de natalidade, e depois fomos juntos comprar proteção. Senti-me estranho. Porém é reconfortante fazermos tudo isso juntos. Como se tivéssemos tomado as decisões em conjunto, e não apenas pensando no momento, mas olhando para o futuro. Como se nós estivéssemos planejando um futuro juntos. A ideia me dá esperança.

Ela tem dezoito anos agora. Passei seu aniversário na casa de seus pais, comendo bolo, rindo, me divertindo. Todas as coisas que eu nunca fiz em meus próprios aniversários. Eu dei-lhe um livro de partituras de algumas das músicas country populares. Ela adorou.

Então, agora que ela tem dezoito anos, nós dois estamos testados e protegidos, e não há mais nada, não há momento certo. Eu acho que ela merece o melhor para a nossa primeira vez juntos, estar em algum lugar que não seja no meu quarto desagradável, no meu colchão no chão. Eu nunca tive gestos românticos, mas eu quero fazer alguma coisa. O único problema é que gestos românticos custam dinheiro que eu realmente não tenho.

Tudo o que aconteceu há poucos dias, tem sido tenso e difícil. O médico foi muito claro que não podíamos fazer nada até que as pílulas tenham tido tempo de circular em seu corpo, esperar, esperar e esperar... tem sido tão difícil, quase impossível. Temos que nos segurar toda vez que estamos perdendo o controle, puxar a nossa necessidade ardente de volta, recolher nossos beijos afogados de desejo antes de nos empolgarmos e perder-nos um no outro, quase esquecendo o porquê de termos de esperar. Nós tentamos nos distrair com os estudos para os testes e trabalhos, mas é difícil. Nós nos perdermos

em um fervor delirante, perdemo-nos no silêncio do meu quarto, beijos roubados no carro dela, na minha moto em um estacionamento longe de qualquer lugar. Uma semana de olhares famintos, mãos vorazes e corpos trêmulos.

Para nos distrair, nós estudamos juntos e tocamos música. Nós escrevemos músicas, aprendemos covers, ensaiamos juntos, aprendemos como ler um ao outro musicalmente, o que podemos fazer bem e o que não podemos. Ela está me ensinando a ler música, o que é mais fácil do que eu pensava que seria. E agora, agora finalmente estamos livres para fazer o que nós queremos.

Estamos no carro dela, sexta-feira cruzando o tráfego no final da tarde, indo para o centro. Kylie tem uma lista de botecos e bares onde ela quer tentar fazer uma audição. Passamos os últimos dias praticando algumas músicas próprias e alguns covers. O primeiro lugar é um bar de esportes escuro, fora dos arredores da cidade. Kylie conseguiu a audição, na semana passada, assim o gerente está nos esperando. Ele aperta as mãos, se apresenta como Dan, e aponta para o palco. É uma plataforma baixa de um degrau no canto do bar, de costas para as janelas viradas para a rua. Há um judiado, arranhado piano vertical em uma parede, um par de cadeiras, e microfone. Kylie e eu não temos nenhuma aparelhagem exceto minhas guitarras e amplificadores, então eu pego meu amplificador e conecto, ligando minha guitarra elétrica, resolvendo essa merda, enquanto Kylie mexe nas teclas do piano, testando seu som e afinação.

— Esse piano é uma merda, — diz Dan. Ele é um cara de quase quarenta anos, com um corte de cabelo alto e apertado, e um cavanhaque. — Precisa de ajuste. Mas ele vai servir para fazer um teste, eu acho. Quando estiverem prontos, vocês podem começar.

Kylie acena para mim e eu cavo fundo, balançando a cabeça para contar a batida, e então eu estou na abertura da segunda música que fizemos para o show de talentos. É uma introdução solo assassina, e quando Kylie entra com o piano e começa a cantar, ela se transforma em algo hipnótico. O gerente está impressionado, eu posso dizer. Nós terminamos essa música e então eu mudo a guitarra elétrica para a acústica, Kylie desliza suas mãos pelas teclas como se varrendo a

poeira sobre o preto e o branco, como se para afastar a velha canção para abrir caminho para o novo. É um gesto dela que eu tenho notado. É bonito. Eu bati um acorde silenciado três vezes, contando a batida, e, em seguida, Kylie entra, jogando uma versão enxuta do Ed Sheeran de *"Kiss me"*. Eu estou mais nervoso nesta canção. Nossa versão depende mais fortemente de nossa harmonia. Eu posso tocar a parte da guitarra fácil, e o piano é a espinha dorsal de Kylie, mas acertar as notas juntos no momento certo... é difícil, e eu não estou confiante. Eu rapidamente percebi que quando Kylie havia afirmado ser "decente" no piano, ela queria dizer que era boa pra caralho. Ela suga a guitarra, no entanto. Ela não estava exagerando sobre isso.

Nós começamos com a canção bem, embora eu tivesse errado a letra em algumas vezes.

— Isso foi bom. Verdadeiramente bom, — diz Dan. — Quero dizer, essa música em particular pode não ser boa para a platéia que recebemos, mas vocês podem conquistá–los, isso é certo. Qualquer coisa um pouco mais... country, vocês têm?

Concordo com a cabeça. — Sim. Que tal 'River Cannery' por Green River Ordinance?

Fizemos um aceno de cabeça e eu troco a guitarra novamente. Esta foi a canção mais difícil de arranjar para um dueto. Nenhum de nós toca violino, mas eu descobri uma maneira de emular um com a minha guitarra elétrica levando a melodia originalmente escrita para violino. Kylie fez o resto com uma peça complexa de composição no piano. Parece bom, eu acho, mas cabe a esse cara avaliar, não nós.

Nós mergulhamos, e eu estou tocando por muito tempo, triste, chorando notas e Kylie está dobrada sobre o seu piano, os dedos voando. Os vocais são quase todos meus, o que assusta pra caralho. Eu sinto que minha voz vai pelo caminho meio trêmula, os nervos ameaçando estragar-me. Eu fecho os olhos e concentro–me na guitarra, foco nas palavras, e sigo em frente.

Nós somos aplaudidos por Dan. — Porra, isso foi fantástico. Vocês estão dentro. — Ele aponta para mim, sorrindo. — Você quase se perdeu por lá por um segundo, não é amigo?

Concordo com a cabeça. — Sim, quase.

Ele dá um tapa em sua coxa e se levanta do banco do bar. — Bem, você conseguiu. Dá-me mais do que isso, e alguns originais. Em cerca de três semanas a partir de agora vocês começam? Quinta-feira, dia vinte e um às oito,eu não posso deixá-los tocar além das nove e meia, a menos que você tenha vinte e um. Então me faça uma boa apresentação, e vamos ver como vai ser. — Ele aperta os olhos para Kylie. — Você me parece familiar. Como você disse que se chama?

— Kylie.

— Kylie de quê?

Ela, obviamente, não quer revelar seu sobrenome, mas ela fala. — Calloway.

— Calloway. Merda, você é filha de Nell e Colt, não é?

Ela suspira. — Yeah. Mas...

Dan fala sobre ela. — Você estava contratada antes de eu saber disso, então eu não estou contratando você por causa dos seus pais. Será que ele sabe que você está tentando fazer shows?

Ela encolhe os ombros. — Sim.

Dan concorda. — Bom. Vou ligar para Colt e falar com ele. Se ele estiver bem com isso, eu poderia deixá-los tocar até um pouco mais tarde, nas horas mais movimentadas. Eu não sei realmente se deveria, mas já que você é filha do Colt, eu poderia deixar passar.

— Eu não quero nenhum favor especial só porque..

Dan corta novamente. — Olha garota. Este é um negócio difícil, é foda. Conseguir qualquer chance não é fácil. Se eu fosse você, eu me aproveitaria da vantagem que você tem. Eu respeito que você queira fazer seu próprio som pelo país, mas só um em um milhão que consegue e acredite em mim quando eu digo que você só vai conseguir por agora usando o nome dos seus pais de qualquer maneira. Eles podem levá-la para clubes e bares, mas eles não podem fazer a multidão gostar do que você toca. A multidão não dá a mínima para quem seus pais são. Tudo que eles querem é música boa para se divertir e beber.

Kylie suspira e acena com a cabeça. — Isso faz sentido.

Dan dá de ombros. — Tudo bem, então. Vejo vocês no vigésimo primeiro dia. — Ele entrega Kylie um cartão de visita. — Dê isto a seu

pai.

Eu arrumei minhas guitarras, e arrastei-as com o amplificador externo até ao carro de Kylie. Nós entramos e Kylie liga o motor, então se vira para mim. — Puta que pariu! — Ela agarra meus braços e me aperta. — Nós vamos fazer o nosso primeiro show, Oz!

Eu sorrio para ela. — Nós conseguimos, doçura.

— Agora só temos de realmente ensaiar para o show! — Kylie puxa para fora no tráfego e se dirige em direção a sua casa.

Falamos sobre o repertório e discutimos a possibilidade de escrever algum material mais original. No momento em que chegamos a sua casa, nós dois estamos animados sobre as possibilidades de ter a primeira estrofe de uma canção nova planejada. Nosso entusiasmo está transbordando quando vemos Ben em sua garagem entrando em sua caminhonete, ao mesmo tempo em que estamos saindo do carro. Kylie está, obviamente, chateada por vê-lo, e eu sinto isso. Por outro lado, Ben está olhando para mim com um ódio aberto. É um pouco chocante e inesperado.

Ele bate a sua porta, grita seus pneus no asfalto, rugindo a uma velocidade imprudente na rua do condomínio. A porta da frente da casa de Kylie se abre e sua mãe vem pra fora e fica na varanda olhando para ele.

Eu olho para Kylie. — Qual é o problema lá?

Ela suspira. — Muitos. — Ela balança a cabeça e olha para mim. — Ele está irritado.

— Kylie.

— Brigamos na noite em que eu deixei sua casa depois do nosso primeiro dia de microfone aberto. Ele estava esperando por mim.

—Ele está com ciúmes?

— Sim. Aparentemente, você estava certo. Ele disse que está apaixonado por mim desde que ele tinha quatorze anos.

Eu gemo. — Merda. Eu te disse. — Eu ando longe dela, preocupação atirando através de mim.

Ela me segue. — Oz, está tudo bem.

Eu giro no lugar. — Tudo bem? Como está bem? Ele é o seu melhor amigo. Eu nunca quis ficar entre vocês.

— Ele teve toda a nossa vida para dizer-me alguma coisa. Ele nunca fez. Nenhuma vez. Ele nunca deixou claro como ele estava se sentindo. — Ela olha para a rua onde a caminhonete desapareceu, como se ela pudesse vê–lo onde quer que esteja agora. — Eu o queria você sabe. Há muito tempo atrás. Nona, décima série. Ele é incrível, sabe? Quente, fresco, divertido, atlético, popular. Tudo o que uma garota poderia querer, e eu pensei que ele e eu poderíamos ter algum tipo de conto de fadas terminando juntos, então eu esperei e esperei por ele, de repente, achei que ele podesse declarar seu amor eterno e tudo, mas ele nunca fez, e eu não queria correr o risco de estragar a nossa amizade. E, em seguida, no ano passado, ele começou a namorar todas as garotas e eu desisti. E então este ano você aparece, e tudo acontece entre nós, e agora, de repente, ele me diz como ele se sente e... é tarde demais.

Estou dividido. Ele é tudo o que ela disse que ele é e eu não sou cego pra não perceber. Ele tem todos os motivos para me odiar. Parte de mim, a parte que sabe que sou o cara errado para Kylie, diz-me para empurrá-la para ele. Mas a parte egoísta de mim não vai deixar isso acontecer.

Kylie me lê claramente e sabe muito bem, porque ela se vira para mim. — Nem pense nisso, Oz. Ele teve sua chance. Eu estou com você.

Eu ri. —Eu não disse nada.

Ela estreita os olhos para mim. — Mas você estava pensando.

Concordo com a cabeça. — Sim.

— Bem, não. Apenas não. — Ela me puxa para a porta da frente, gritando para Colt. —Papai! Onde você está?

Ele vem do porão. — O que se passa botão de rosa de ouro?

Ela chega perto dele e envolve seus braços em torno dele.

—Temos um show!

Ele a abraça de volta. — Incrível! Onde é?

Ela entrega-lhe o cartão. — Esse lugar. O nome do gerente é Dan. Ele disse que iria nos deixar tocar até mais tarde, se você deixasse. Ele disse que seria difícil conseguir shows durante o horário nobre por eu ser menor de idade.

Acenou Colt. — Sim, ele está certo sobre isso, pelo menos quando

se trata de bares e clubes de música. Mas há um monte de noites com microfone aberto que vocês poderiam fazer. É uma boa maneira de fazer um nome. Toda noite de microfone aberto muitos cantores e compositores se apresentam e fazem sucesso, pelo menos quando se trata de talento real.

Ele me bate nas costas o outro braço em torno de Kylie. — Bom trabalho, vocês dois. — Ele olha para Kylie. — Você se importa se eu e sua mãe formos ver você e Oz cantar?

Ela balança a cabeça. — Não, isso é bom.

— Quando é que é?

— Quinta-feira, vinte e um.

— Ótimo. Nós estaremos lá. — Ele volta para o porão, e Kylie e eu vamos até o quarto dela.

Ela deixa a porta aberta e eu me sento em sua mesa e ela em sua cama. Nós passamos as próximas horas alternando entre estudar para um exame de cálculo e trabalhando em uma nova canção.

Somos interrompidos em torno de sete e meia por Nell. — O jantar está pronto. — Ela olha para mim. — Você vai ficar?

Kylie responde por mim. — Sim. Ele vai.

Eu ri. — Eu acho que eu vou.

Poucos minutos depois, estou sentado na mesa redonda ao lado da cozinha. Kylie está de um lado de mim, Nell, de outro, Colt em frente a mim. Há uma enorme travessa de Rotini e molho de carne, pão de alho e salada. Eu esperava para ver como eles se comportavam em um jantar de familia e em relação a minha presença. Isso é... estranho. Eu nunca tive um verdadeiro jantar sentado com a familia como este. É sempre só mamãe e eu, e nas raras noites que nós dois estamos em casa na hora do jantar, comemos tudo muito rápido, sentados no sofá, assistindo TV. Eu não sei o que fazer. Devo esperar por todos os outros para comer? Será que eles rezam em primeiro lugar? Eles não me parecem que são pessoas religiosas ou espirituais, mas eu tenho essa ideia, é idiota, eu tenho certeza de que famílias unidas como esta sempre oram antes de comer. Eu fecho os meus olhos? Existem regras ou maneiras que eu deveria saber? Eu não lavei as mãos. Eu ainda estou usando meu chapéu. Devo tirá-lo? Mil coisas passam pela minha

cabeça. Não vou comer, vou apenas observar Kylie e sua família e como eles se comportam sem alarde, conversando amigavelmente, perguntando sobre seu dia, compartilhando histórias, tudo isso em torno de um bocado de comida.

Nell percebe que estou quieto. — Está tudo bem, Oz? Você não está comendo.

Eu pisco. — Não, é... é bom. Cheira bem.

Colt vem em meu socorro. — É só um jantar, Oz. Relaxe. Coma.

Kylie coloca sua fatia de pão de alho para baixo e olha para mim. — Você está bem?

Eu rio, desconfortável e levo à boca uma garfada de Rotini. — É bom. Muito bom. Obrigado por me receber. — Espero que ela deixe passar.

Ela faz, pelo menos por agora, e eu lentamente relaxo um pouco. Eu respondo a algumas perguntas, sobre onde eu vivi, o que eu gostava nas cidades e o que eu não gostava, minhas bandas favoritas. Colt e eu entramos em uma discussão sobre motocicletas e é durante essa conversa que eu observo os olhos de Kylie em mim, me olhando, feliz, curiosa, ansiosa. Como se ela fosse mais feliz do que jamais poderia imaginar. E é porque eu estou aqui em sua casa conversando com o pai dela.

É estranho para mim. Eu nunca pensei que qualquer menina iria querer me levar para casa para conhecer seus pais, mas aqui estou eu, comendo massas e falando sobre Triunfs com Colt Calloway. E ele está bem com isso.

Quando o jantar acabou, eu ajudei a limpar da mesa, e Kylie e eu carregamos a máquina de lavar louça juntos. Isso também me fez sentir estranho e maravilhosamente doméstico.

Colt chama a minha atenção com gestos para eu segui–lo. — Eu estou roubando seu namorado, Kylie. Nós vamos dar uma olhada na motorcicleta.

— Seja legal. — diz Kylie, com uma nota de advertência em sua voz.

Eu não sei o que esperar, mas eu o segui até à garagem. Ele abre a porta e tira a capa de sua Triunf. Eu agacho e examino o motor. Eu o ouço remexendo em uma gaveta, e então eu ouvi o distinto clique de

um isqueiro, e senti o cheiro de fumaça de cigarro. Ele segura um maço de Camels oferendo-me, e eu tomo um, acendendo-o.

Alguns momentos passam e então ele se inclina para trás contra a bancada. — Se você viciar a minha filha com um desses, eu vou chutar o seu traseiro. — Ele levanta o cigarro.

— Isso é o que eu disse a ela. Eu não a deixo fumar, e eu tento não fumar ao seu redor.

Ele balança a cabeça. — Ótimo. — Ele aperta os olhos para mim. — Olha eu não vou fazer um grande discurso para você, ou tentar assustá-lo. Eu não preciso, eu acho.

Eu balancei minha cabeça. — Não, senhor, você não precisa.

— Há algumas coisas que eu preciso resolver, no entanto. Uma delas são essas cicatrizes em seus braços. Isso vai ser um problema?

Eu viro meu antebraço para que a parte inferior fique voltada para cima e olho para as cicatrizes. — Não, senhor. — Eu engulo em seco. — Eu não vou mentir que costumava ser um problema muito grande. E às vezes eu ainda sinto vontade. Mas eu não queimo mais. Não digo que sua filha é a razão pela qual parei, porque ela não é. Ela ajuda, no entanto. Eu não quero ser aquele cara. Ela sim... ela merece algo melhor do que isso.

— Porra, claro que ela merece. — Os olhos de Colt são omniscientes. — Você parou de queimar por conta própria? Ou você teve a ajuda alguém?

Eu pensei no que dizer. No final, eu vou para a verdade. — Passei dois meses em um hospital psiquiátrico um tempo atrás. Pouco antes de terminar o ensino médio. Queimar estava se tornando... um hábito. Ficou muito feio. As coisas eram realmente uma merda. Eu estava sempre com problemas na escola. Hum. Havia aqueles garotos, os valentões. Ninguém nunca os parou, e ninguém sequer tentou. Eles correram da escola. Eu não iria me deixar envolver com a sua mentira, a tal ponto de quase ser expulso por não me conformar. E só ficava cada vez pior. Não foi agressão física. Foi... psicológica. Era uma escola muito social e economicamente segregada, e eu não me encaixava em qualquer um dos grupos. Eu estava faltando em todas as minhas aulas, minha mãe estava montando minha bunda, o diretor estava

prestes a me expulsar e eu não respondi bem. Isso foi quando eu realmente comecei a queimar. Minha mãe notou. Eu me apavorei. E eu continuei fazendo isso, até o fim do ano, quando minha mãe estava seriamente à beira de um colapso nervoso. Então, ela me levou a um psiquiatra. Eu não queria falar, não iria cooperar. — Eu hesito, não querendo compartilhar a próxima parte. — Queimar ficou ruim. Muito ruim. Mamãe não podia lidar com isso, pensei em como tentei me matar. Então, ela involuntariamente me internou em um hospital psiquiátrico. No início, fiz como sempre, não cooperei com o tratamento. Mas então eu percebi que talvez eles pudessem me ajudar com esse desejo insano de queimar. Veja, eu nunca quis. Isso foi... compulsão. Eu não podia parar. Minhas mãos faziam isso sem o resto de mim concordar. Eu não sei se isso faz algum sentido para você, mas isso é como era. Eu odiava o hospital, mas eles fizeram–me entender um pouco.

— Será que você pensa sobre o suicídio?

Eu balancei minha cabeça. — Não, senhor. Não era sobre o desejo de morrer ou acabar com minha vida. Foi só... que queimar acabou afastando as outras coisas ruins que eu estava sentindo, coisas que eu não sabia como lidar.

— E quanto a drogas pesadas?

Eu balancei minha cabeça novamente. — De jeito nenhum. Essa merda mata pessoas. Não.

Colt suspira. — A palavra é você ainda fuma maconha?

— *'Palavra'*? — Eu levanto uma sobrancelha. — Quem disse?

— Ben.

Eu faço careta. — Ben. Ele me odeia.

— Eu sei. Mas responde à pergunta. E você?

Concordo com a cabeça. —— Às vezes. Não frequentemente. — Meu coração está martelando.

— E Kylie?

— Não comigo.

— Pare com essa merda, Oz. Isso não te ajuda em nada. Eu estive lá e essa é a única razão que eu estou calmo sobre isso. Eu não quero isso perto da minha filha. Se eu pegar mesmo um cheiro dessa merda

na minha filha coisas ruins vão acontecer. — Ele aponta para mim com seu cigarro. — Minha filha gosta de você. Você e eu temos muito em comum, Oz, e isso me assusta. Mas acabou tudo bem, então eu estou dando uma chance para você, permitindo-lhe ficar em torno de Kylie.

Concordo com a cabeça. — Eu entendi. E muito obrigado.

— Sim, bem, eu prefiro conhecê-lo e saber onde está a minha filha quando ela está com você do que vê-la correndo para fugir com você ou por alguma besteira, porque eu tentei mantê-lo longe. — Ele diz isso com um traço de amargura.

— Eu quero coisas boas para Kylie, senhor. Eu sei que você e Nell são importantes para ela, e não há nenhuma maneira que eu vá tentar tirá-la de todos vocês.

— Bom. — Ele me olha especulativamente. — Você tem alguma experiência de trabalho em motores?

Eu balanço a cabeça para trás e para frente. — Um pouco. Eu gostaria de aprender mais.

Colt escava através de uma pequena caixa na bancada, vem com um cartão de visita. — Este é um amigo meu. Ele precisa de uma mão extra em sua garagem. Vá vê-lo amanhã. Eu vou dizer-lhe para esperar você. Ele vai pagar-lhe bem se você trabalhar duro.

Eu tomo o cartão. — Isso é certo, eu vou Colt. Obrigado.

— Você pode fazer melhor que uma troca do óleo. — Ele sacode a cabeça para a casa. — Vá em frente. Ela está esperando. — Eu caminho em direção à porta, e ele me chama de volta. — Oz? Uma última coisa. Se você machucar minha menina, você e eu vamos ter problemas. Problemas muito sérios.

Eu congelo com a mão na maçaneta. — Isso não vai acontecer senhor. Você tem a minha palavra.

— Melhor que não aconteça.

Kylie está esperando por mim, e assim que eu entro na garagem, ela está me arrastando de volta para seu carro. Eu aceno para sua mãe e agradeço-a pelo jantar, e em seguida, Kylie e eu estamos voando para fora de seu carro, em direção ao meu apartamento.

— O que meu pai disse? — Kylie pede.

Eu dou de ombros. — Queria ter certeza que a queima não era um

problema. Queria saber sobre o que Ben disse sobre mim fumando maconha. Queria ter certeza de que eu não te engravide.

— O que Ben disse? — Kylie parece confusa.

— Aparentemente, Ben lhe disse que fumo maconha. Eu não sei.

Kylie franze a testa e, em seguida, limpou a expressão dela. — Oh. Meu pai ouviu minha discussão com Ben na outra noite. Ben disse que sabe que você fuma maconha. Deve ser isso o que ele está falando.

— Bem, considerando todas as coisas, eu acho que correu tudo bem.

Ela olha para mim. — O que disse a ele sobre queimar?

— A verdade. Ela costumava ser um problema. Contei-lhe sobre toda a coisa do hospital psiquiátrico.

— O quê?

Merda. Esqueci-me que não tinha contado a ela sobre esse pequeno detalhe. Então eu volto e dou-lhe o mesmo resumo que fiz a Colt.

Ela pega a minha mão e aperta. — Isso é terrível, Oz. Por que as pessoas têm que fazer isso com você?

— Eu não sei. Eu sou diferente. Eu acho que é, em parte, as escolas que mamãe me colocou, ela estava sempre tentando se certificar de que eu estaria na melhor escola da cidade. Ela sempre procurava um lugar para morar onde eu tivesse uma boa escola. Eu aprecio sua preocupação em ter as escolas mais seguras, e tudo, mas eu teria que me adequar a essas escolas de merda. Ninguém me dava nenhuma atenção nessas escolas em que ela me matriculava. Eu não me encaixava.

Chegamos ao meu apartamento e eu corro para dentro do meu quarto. Ela já se sentia em casa, chutando de lado uma pilha de roupas sujas e sentando na minha cama. Eu tinha decidido abordar o assunto que me teve irritado o dia todo.

— Kylie, eu estive pensando.

Ela ria. — Uhmm.

— Não, nada de ruim. Eu odeio o fato desse apartamento de merda ser o único lugar que temos para estar sozinhos. Eu só gostaria de ter um lugar melhor que pudéssemos ficar juntos. Para a nossa primeira

vez, quero dizer.

Ela franze a testa para mim. — Eu não me importo onde estamos Oz. Basta estarmos juntos, eu não me importo. Este é o seu quarto. O seu espaço. E... algumas das minhas melhores lembranças estão aqui neste quarto. Conhecer você. — Ela sorri para mim, corando. — Beijar você. Tocar você. Todas as coisas que fizemos juntos. Isso aconteceu aqui. Eu não preciso do Ritz Carlton, ou uma cobertura de milhões de dólares. Eu preciso de você sendo o que você é e com o que você tem. — Ela estende as mãos para mim.

Eu movo-as para sentar-me ao lado dela na cama, mas ela agarra meus pulsos e me empurra em direção a ela. Ela deita, me puxando, e eu caio para a frente, rindo, em cima dela.

— Agora eu estou num lugar legal. — Ela sorri para mim.

— Porra, Kylie. Você é demais. É muito impressionante para um cara como eu. — Eu planto meus punhos ao lado de seus ombros, levando o meu peso de cima dela. — Mas eu vou levá-la.

— Isso é certo. Você vai. — Ela corre a palma da mão até minha bochecha, varrendo meu chapéu e jogando-o de lado, puxando o meu cabelo fora do rabo de cavalo. — Eu gostei de vê-lo em minha casa, conversando com meus pais. Eu gosto de ter você em minha vida.

— Eu também. Foi um pouco estranho no começo, mas eu gostei.

Ela inclina a cabeça para um lado com uma expressão confusa.

— O que foi? Foi o jantar? O que foi, afinal?

Eu dou de ombros. — Eu nunca tinha jantado assim. Em uma mesa, uma família inteira todos juntos. Foi apenas estranho. Eu não sabia o que deveria fazer.

Ela ri. — O que você deveria fazer? É só um jantar. Você come!

Eu bufei. — Sim, eu sei. Mas é um pouco estressante, ok? Um jantar formal de família com os pais da sua namorada é um grande negócio.

— Ah. — Ela é séria agora. — Eu não pensei sobre isso desse jeito.

— Está tudo bem. Eu tive um jantar agradável.

— E agora que estamos aqui, — diz ela, deslizando os dedos debaixo da camisa para percorrer minhas costas.

— Agora que estamos aqui...

Suas unhas deslizam pela minha espinha, empurrando minha camisa com ela, e então ela está puxando-a e deslizando as mãos pelos meus lados, pegando em minha bunda e me puxando para mais perto.

— Você deveria estar nu, — ela sussurra. — Não há nenhuma razão para eu parar agora.

— Acordei um pequeno monstro ganancioso em você, não foi?

Ela está vestindo uma camisa de botão branca e uma saia de algodão cinza até ao joelho. Eu me inclino para trás em meus joelhos e desabotoo sua camisa, e então o segundo botão.

Ela descansa as mãos acima da cabeça, com os olhos fixos em mim. — Com certeza, baby. Um monstro com muita fome. Voraz. Insaciável.

Eu abri o resto dos botões, e chupei em uma respiração. Ela está usando um sutiã vermelho. Fiquei instantaneamente duro, e seus olhos vão para a minha virilha. — O fecho é na frente, — ela respirou.

Eu mantive meus olhos nos dela quando soltei o sutiã, e então ela se inclinou em direção a mim, deixando a camisa e sutiã cair fora de seus braços e ombros. Jesus, os seios. Porra, é incrível. Eu coloquei as palmas das minhas mãos sobre eles, senti seus mamilos endurecerem sob o meu toque, com todo o seu peso. Ela suspirou, um gemido de prazer e então ela está abrindo minhas calças, me empurrando para trás e puxando minha calça para baixo. Estou mexendo desesperadamente no cós elástico de sua saia, puxando-o para baixo a esmo em torno de seus quadris, um lado passando em sua cintura, o outro rolando para mostrar um pedaço da tanga vermelha. Ela se ajoelha entre minhas pernas me deixando enfiar o elástico para baixo, chutando o algodão a distância, e ela está lá, em cima de mim, cabelo vermelho loiro uma cortina em torno de seu rosto, seus olhos azuis vívidos quentes e ansioso. Ela está quase nua, vestida apenas com a tanga, um pouquinho de seda vermelha combinando com seu sutiã. Corro minhas mãos por suas costas e sobre sua bunda, e sinto-a tensa, sua bunda suave e perfeita em minhas mãos faz meu pau mais duro, dolorosamente rígido, estourando cheio de necessidade de senti-la em mim, macia ao meu redor, tocar, lamber, beijar, chupar, uma foda amorosa. Eu rosnei quando cavei os dedos com garras nos

músculos da bunda dela, agarrando e puxando-a para perto de mim. Puxei a tanga para baixo, tirando a pequena corda por entre suas nádegas, e posso cheirar seu desejo, sentir o cheiro da sua necessidade, os sucos escorrendo de sua vagina.

Ela não está ansiosa, como eu estou, ela está puxando minha cueca, parando com o elástico sobre a cabeça do meu pau inchado e puxando para baixo e para fora, e estamos nus juntos, livre juntos, respirando o silêncio, respirando a respiração um do outro e sentindo pele contra pele, olhos nos olhos, azul elétrico em cinza quase marrom.

Nós nos encontramos em um beijo frenético instintivo, braços deslizando na carne aquecida, as mãos agarrando as curvas e músculos e procurando tudo, precisando de tudo. Meus dedos encontram sua fenda quente lisa e mergulho, arrastando um gemido e suspiro em seus lábios doces quando eles se movem sobre mim, e suas mãos vão entre nós e encontram meu pau e acariciam-no e apertam-no, e nós estamos ofegando e ofegantes.

— Eu não posso, eu não posso esperar mais, Oz. Por favor? — O rosto de Kylie, a centímetros do meu, está implorando.

Ela pega sua bolsa do chão, mantendo o máximo de seu corpo contra o meu possível, enquanto ela encontra a pequena caixa cinza de preservativos e abre, puxa a fileira de quadrados para fora, rasga um. Abre, examina-o.

Eu vou deixá-la fazer isso. Observando a beleza sem fôlego na fantasia de que isso aconteça, é inacreditável saber que essa linda, perfeita, menina, essa mulher está aqui nua comigo, me querendo, precisando de mim, permitindo-me tocá-la e beijá-la. Não deveria ser eu, mas sou. Eu sou apenas um rato, um garoto metalmente perturbado, um lutador, o garoto que foi ao reformatório e ficou em alas psiquiátricas, que tem sido suspenso mais vezes do que eu poderia contar, expulso uma vez, espancado inúmeras vezes, ferido a tiro, quase esfaqueado uma vez, deixado para morrer em um estacionamento, órfão, sem amigos, sem-teto, sem raízes. Como eu poderia merecer ter essa beleza gloriosa de pele clara de cabelos de fogo-relâmpago, esta deusa? Mas aqui está ela, no meu quarto,

comigo, envolvendo os dedinhos brancos em volta do meu pau dolorido e deslizando o preservativo, rolando-o para baixo, tão suave e erótica que não ouso respirar ou me mover, sentir ou cerrar os músculos. E ela está me observando, talvez vendo todos os pensamentos na minha cabeça, me vendo por mim do jeito que ela sempre fez.

— Oz, — ela sussurra. — Você está aqui?

Eu deslizo minhas mãos até às coxas e agarro sua cintura. — Sim, querida. Eu estou. Eu só estou maravilhado.

— Pelo quê? — Ela está sentada em minhas coxas, equilibrando com facilidade, seus seios pesados não completamente cobertos pela queda de cobre de seu cabelo, suas coxas abertas o suficiente para me mostrar sua vagina, para me mostrar o quão molhada ela está para mim.

— Você. — Engulo em seco, pisco, emocionado de uma forma que eu não tenho certeza de como lidar ou expressar. — Apenas espantado que você esteja aqui comigo, porra. Que eu te tenho e vou começar a fazer isso com você. Você esperou tanto tempo para ter o cara certo, na hora certa, e por razões que eu simplesmente não consigo, nem fodendo, entender, você me escolheu. Sou confuso, fodido. Você... você é perfeita, Kylie. Tão perfeita. Cada centímetro de seu corpo é perfeito. Sua alma é... tão bonita. Sua mente, seu coração, sua personalidade, você simplesmente brilha como o sol na escuridão, Kylie. Você ilumina a escuridão que tem sido a minha vida e eu não sei como ser o tipo de homem que você precisa e merece, mas eu quero tentar. Por você, por mim e por nós. Pela possibilidade de nós. — Eu estou deixando tudo isso vir de dentro de mim, a honestidade, a verdade, coisas que eu não conhecia. — Bem, ouça-me, estou parecendo um maricas emocional.

Kylie está chorando. Foda-se, eu estraguei isso antes de começar. — Oz. Jesus, Oz. — Ela se inclina para baixo e seus peitos grandes macios esmagam contra o meu peito, e sua boca treme contra a minha. Seu cabelo cai para um ou outro lado de nossas caras, e eu sinto as lágrimas, o martelar de seu coração, o tremor de suas mãos quando elas pegam meu rosto. — Eu nem sei o que dizer a tudo isso. Exceto, que você já é o que eu quero, o que eu preciso, o que eu mereço. E eu não sou perfeita, mas o fato de que você acha me faz tão

feliz. Porque eu acho que você é perfeito, também confuso, fodido, bonito, resistente, forte, doce e sexy.

Ela rola para fora de mim, me puxando. Eu passo por cima dela, deslizo meus quadris entre os joelhos, e ela me abraça com suas coxas, e olha para mim, na expectativa, implorando sem palavras.

— Kylie, é isso que você quer? Comigo? Agora? Você tem certeza? — Eu tenho que perguntar, tenho que ter certeza.

Ela ri. — Sim, Oz. Com certeza. Então, pronto. Por favor, por favor. Estou dolorida. Minhas entranhas doem. Minha boceta está pegando fogo. Eu preciso de você. Toque-me. Faça-me gozar.

Merda. Como é que eu vou resistir a isso? Eu não posso e eu não preciso. Eu toco-a com meus dois dedos e encontro-a molhada e apertada. Deslizo os dedos dentro dela, acariciando– a, espalhando sua essência sobre o clitóris e beliscando essa pequena protuberância ereta de nervos e esfregando e acariciando até que ela está ofegante e movendo abaixo de mim, gemendo. Eu circulo, acaricio e circulo. Mergulho, tocando-a no fundo, enrolando os dedos para encontrar esse ponto que faz com que ela se contorça e rosne em sua garganta, seu clitóris resiste até que ela desmorone me fazendo mais duro e dolorido do que nunca, querendo estar dentro dela.

— Oz... oh, foda, Oz. — Seus olhos se abrem, e ela dirige seus quadris para cima, a coluna de arco, os seios arfando quando ela goza ao meu toque.

— Pronta? — Eu empurro contra sua abertura.

Ela acena com a cabeça, sem fôlego, um irregular prumo de sua cabeça, e ela atinge entre nós, agarra meu pau e aninha a cabeça entre os lábios molhados de sua vagina. — Sim, baby. Estou pronta. Tão pronta.

Eu gentilmente, lentamente deslizo para dentro dela, e eu mal posso esperar, mal posso segurar, porque é perfeito esse contato, é explosiva a sensação de seu calor apertado e liso. Eu não posso respirar, mal consigo sustentar o meu próprio peso. Eu sinto a resistência dentro dela e sei que esta é a parte que vai machucá-la. Ela sente isso, seu rosto aperta, sobrancelhas desenhadas.

Eu pergunto: — Tudo bem?

Ela acena com a cabeça. — Sim. Só... me dê um segundo.

— Está doendo?

Ela acena com a cabeça. — Sim. Está. Não é ruim, mas sim está doendo.

Estou tremendo todo, preciso desesperadamente me mover, mas eu não posso, não vou. — Diga-me o que você precisa, o que você quer.

Ela me agarra pelos ombros, seus dedos agarram na minha pele. — Apenas faça-o. Empurre. — Eu respiro fundo e hesito, depois toco minha testa na dela e empurro profundo. Sinto na pele a quebra da resistência e ela engasga bruscamente. — Oh, merda. Isso dói.

— Eu sinto muito, Ky, desculpe. — Eu odeio a dor em seu rosto, mas assim como eu assisti sua dor, vejo ela se acalmar, eu vejo sua expressão mudando.

Ela balança a cabeça e os dedos de sua mão esquerda imprensam sobre os meus lábios para me silenciar. — Não se desculpe. Não dói mais. Está tudo bem. Estou bem.

Seus olhos se arregalaram, e eu não posso evitar, mas mudo meus quadris um pouco, buscando alívio da pressão crescente dentro de mim. Procurando aliviar a necessidade da dor do meu pau latejante. Ela é tão boa, e eu preciso me mover, mas eu não vou até que ela esteja pronta. No entanto, eu não posso evitar a pequena manobra de meus quadris, e ela engasga.

— Oh. Oohh, faça isso de novo, Oz. — Sua voz é trêmula, mas com partes iguais de admiração e prazer. Começo devagar e cuidadosamente o quanto eu posso, eu puxo de volta, e seu aperto sobre os meus ombros se move para a minha cintura, em seguida, para a minha bunda, uma mão em cada uma das minhas nádegas, e quando eu hesito, ela puxa–me sempre tão ligeiramente. — Ohhhh meu Deus. Isso é tão bom, Oz. Mais uma vez, mais uma vez, baby.

Adoro que ela me chame de baby. Me faz ridículamente emocional. Eu puxo de volta e deslizo profundo, tudo em um só movimento desta vez, e ela engasga, e agora ela está puxando a minha bunda para me mover, e suas costas estão arqueando para fora da cama.

— Porra, Kylie. Você se sente bem, isso é tão bom. — Eu sussurro

isso com ela, pressiono os meus lábios em sua orelha, digo as palavras baixas e murmurou para ela. — Eu adoro a forma como você se sente. Você é tão apertada.

— Oz, oh, foda, Oz, eu não sabia, não sabia... — Sua voz é grossa e emocional com espanto e felicidade e outras coisas que eu não posso explicar. — Eu não sabia que seria assim. Eu me sinto... tão cheia. Cheia de você. Eu não sabia. E estou tão feliz que eu tenha esperado. Tão feliz que tenha sido você.

Nossos olhos se encontram e ela está chorando, lágrimas e murmúrios deslizam lateralmente em direção a seus ouvidos. Eu coloquei o meu peso para um lado e limpei as lágrimas. Eu sei que, de alguma forma, essas são lágrimas boas. Seus braços envolvem em torno do meu pescoço, me puxando para perto em um abraço, e estamos nos movendo juntos, levantando seus quadris para encontrar os meus, agora, só há Kylie, apenas seu corpo e o meu em fusão. Nunca houve alguém ou alguma coisa antes disso. Qualquer coisa que eu possa ter sentido ou feito antes disso é irrelevante, algo totalmente sem relação com o que estou sentindo agora. Esses outros momentos sem sentido foram uma única chama de uma vela acesa fracamente no canto de uma sala vazia. Isso... isso, é o sol. Kylie, sua respiração no meu ouvido, seus braços em volta de mim e seus lábios sussurrando meu nome. Suas pernas enrolando em torno da minha cintura para segurar-me profundamente perto, não é apenas o sol, é uma galáxia, todo um universo de inumeráveis estrelas cintilantes de glória incomparável.

— Oh, Oz. Oz. Meu Oz. — Ela se contorce contra mim, respirando apenas para sussurrar meu nome.

— Sim, Kylie. Seu. — Então é verdade. Eu sou dela. Eu nunca pertenci a qualquer lugar, a qualquer um. Agora eu pertenço, pertenço a Kylie.

Eu sinto ela apertando meu pau e eu sinto-me perder o controle, deslizando sobre a borda. O movimento de seus quadris se torna frenético, batendo contra o meu. Nossos quadris se chocam, e seus braços agarram meu pescoço com força feroz e eu estou me segurando em cima dela com um punho, o outro lado agarro minhas mãos na

dela. Nossos dedos se apertam, e eu me ouço grunhindo, gemendo, arfando.

— Oh, Deus, oh, Deus, — ela está ofegante, — oh Deus, oh Deus, oh Deus, oh Oz, oh, foda, Oz. Não pare, não pare, não pare.

Eu ri. — Por que diabos eu iria parar?

Ela ri comigo. — Eu não sei, mas por favor não pare! Vou gozar tanto, tão duro.

— Eu também, doçura. Agora. Deus, eu estou chegando agora, Kylie.

— Sim, sim! — Suas unhas arrancam pele das minhas costas, cavam minha bunda, e seus quadris batem contra o meu, e ela está gritando um gemido sem palavras.

Juntos, então, chegamos. É explosão nuclear, cada célula do meu corpo iluminado e marcante e eu não consigo parar de bater de novo e de novo, mas ela recebe os meus golpes duros com movimentos frenéticos, e o único som vindo de seus lábios é o meu nome, uma e outra e outra vez, cantando e finalmente diminuindo e ficando mole.

Eu caio sobre ela por um momento, incapaz de manter meu peso por mais tempo. Seus braços deslizam em torno de meus ombros e suas mãos circulam suavemente nas minhas costas e pescoço. Seus lábios tocam minha orelha, e ela está tentando recuperar o fôlego, seus saltos enganchado ao redor da parte de trás de meus joelhos. Eu movo-me para levantar, mas ela me mantém no lugar. — Não, não se mova. Eu amo isso. Eu amo o seu peso sobre mim.

— Eu estou te esmagando.

Ela envolve seus braços e pernas apertadas ao redor de mim. — Bem. Esmague-me.

— Você é louca. — Eu ri.

Ela acena com a cabeça contra mim. — Sim.

Ficamos assim por um tempo e eu não tenho nenhuma necessidade de me mover. Eventualmente, eu rolo e puxo para fora dela, paro no banheiro para embrulhar e jogar fora o preservativo. Quando eu volto, Kylie está esparramada de bruços na minha cama, o lençol baixo sobre a bunda dela, o cabelo dela um emaranhado no meu travesseiro. Abro uma fresta da janela e acendo um cigarro, fumo-o

lentamente e assisto Kylie dormir na minha cama. Estou sonolento, também. Esmago o cigarro e deslizo para baixo e me deito ao lado dela, minhas costas pressionadas contra a parede, dando-lhe espaço, não querendo perturbá-la. Ela murmura algo inaudível. Seus olhos se abrem e ela me vê, se desloca em direção a mim. Eu puxo a cabeça no meu peito e puxo o lençol sobre nós. Outra primeira vez para nós dois. Eu durmo com ela, abraçando-a, e eu durmo melhor do que eu tenho dormido na minha vida inteira.



—Merda! — O pânico de Kylie me acorda.
Sento-me. — O que há de errado, doçura?
— É quase uma da manhã, Oz. Eu deveria ir para casa.
— Que horas você deveria estar de volta?
Ela encolhe os ombros. — Eu não tenho um horário definido.
— Então que tal você enviar para seu pai um texto para verificar?
Ela tecla no seu telefone e eu li o texto por cima do ombro:

Estou com Oz ainda. Só para avisar.

Poucos segundos depois, a resposta de seu pai veio através de:

Obrigada por avisar. Esteja em casa até as duas. bjs
Ok. Tchau e bjs também.

Ela envia o texto, coloca o telefone longe e foge para fora da cama.

Nós dois vemos a mancha de sangue nos lençóis, ao mesmo tempo, e nenhum de nós sabe muito bem como reagir. Eu encontro os olhos de Kylie. — Você está bem?

Ela acena com a cabeça. — Sim. Um pouco... dolorida, eu acho. Mas, realmente, muito bem. Desculpe por seus lençóis? — Ela diz isso como uma pergunta.

Eu dou de ombros. — Não é grande coisa. Eles são apenas lençóis.

Eu vou cuidar disso.

— Bem. Eu tenho que fazer xixi. — Ela se levanta ainda nua e simplesmente não consigo tirar os olhos de cima dela. — Será que sua mãe vai chegar em casa logo? Devo colocar a roupa para ir ao banheiro?

Eu aceno minha mão. — Não. Ela nunca está em casa antes das duas ou três. Está tudo bem.

Enquanto Kylie está no banheiro, eu tiro os lençóis da cama e enrolo–os em uma bola. Eu levo para a cozinha e encho o lixo da cozinha, que depois amarro e levo pela porta da frente. Eu coloquei o único conjunto de lençóis limpos na minha cama e sento–me, pensando como é estranho eu não ter nenhum desejo de cair fora. Antes, com meninas aleatórias em meu passado, a gente fumava antes e depois, para amortecer a sensação de vulnerabilidade. É mais fácil fingir e não ter que dizer nada, a agir como se fosse casual, uma vez que a natureza de nossa ligação só era normal quando estávamos curtindo um barato. Com Kylie, estou sóbrio. Estou totalmente em mim, totalmente ciente de como significativo é o que acabamos de compartilhar. Eu gosto do significado, admitir que foi tão real, tão significativo e profundamente potente, torna tudo infinitamente melhor.

Minha porta se abre e Kylie entra, fechando a porta atrás dela e depois fica parada, o peso em uma perna, um sorriso tímido nos lábios, os olhos brilhantes e felizes. Ela olha para mim e eu pareço nervoso.

— O quê? — Eu pergunto.

Ela encolhe os ombros. — Nada. Só de olhar para você. Você é lindo, você sabe. Quando está especialmente nu, com o cabelo solto. Tudo para mim.

Finalmente, ela fecha a distância entre nós, se senta na cama. Percebo que ela escovou os cabelos e eu sinto o cheiro de sabão. — Eu? Não. Mas obrigado, querida. Você é uma pessoa maravilhosa.

— Ei, se eu disse que você é lindo, então você é. Para mim. Você não tem que pensar assim, você tem que concordar comigo. — Ela ri. — Este é o tipo de conversa ultrapassada, não é?

Eu dou de ombros. — Sim, um pouco, eu acho. Será que você sabe que eu não sou tudo... que eu não sou confiante ?

Ela balança a cabeça. — Não, isso não acontece. Mas a coisa é, você é, quando você não está pensando nisso. Você simplesmente não sabe como aceitar um elogio. Quando você está sendo você mesmo, você é confiante,você sabe exatamente quem você é e não há desculpas para isso. Isso é quente. É parte do que me atraiu para você. Você é tão diferente e simplesmente não dá a mínima. Eu amo isso. Você só precisa aceitar que eu acho que você é uma pessoa bonita, por dentro e por fora. Você tem falhas, claro, teve uma vida difícil, e o fato de que você é tão doce comigo, apesar de ter uma vida dura, simplesmente é incrível.

— Bem, obrigado.

Ela encolhe os ombros. — É apenas a verdade. — Um sorriso lento cruza os lábios. — Eu ainda tenho uma hora antes de ter que estar em casa. O que é que vamos fazer para preencher esse tempo?

Eu entro no jogo. — Hmmm. Eu não tenho ideia. Poderíamos assistir TV? Scrabble?

Ela ri, uma luz, um tilintar delicioso. — Parece chato. Acho que você deve deitar-se e deixe-me ver quanto tempo leva para eu te deixar duro novamente.

Eu desloco para baixo nas minhas costas e ela senta, montada mim. — Eu gosto deste jogo, — eu digo, e então fecho meus olhos enquanto desliza seus dedos para me encontrar, me acariciar. — Eu tenho certeza que não vai demorar muito.

Ela apenas colocou os dedos sobre meu comprimento e depois rolou a ponta entre os dedos. Já sinto o sangue correndo ao sul, me enchendo. — Não muito tempo, pelo que parece. — Ouço murmúrios de Kylie. — Eu fiz isso? — Ela desce a boca para meu pau, me lambendo, estalou–me com sua língua e em seguida recomeça com as mãos quando eu começo a crescer. — Deus, Oz. Eu o amo tanto. Assistindo você ficar duro, tocando você e sabendo que eu o fiz reagir dessa maneira. Faz-me sentir... poderosa.

— Você faz meu pau duro apenas por ser você. — Eu digo a ela.

Ela me acaricia, escorregando lenta e preguiçosamente sua mão ao

longo do meu agora totalmente ereto comprimento. — Eu acho que você está pronto agora.

Concordo com a cabeça. — Eu acho que sim, também. Diga–me o que você quer, doçura.

Ela abre uma camisinha e me entrega. — Uh– uh. E se eu apenas... mostrar-lhe?

Eu gemo. — Deus, eu amo como você faz isso, coloque em mim. — Eu a tenho em meus quadris quando ela se instala em cima de mim. — Faça o que quiser, baby.

— Eu pretendo.

Oh, cara, eu estou tão profundamente encantado com ela, cativado pela forma como ela está tomando conta, levando como ela quer, do jeito que ela é, tão ansiosa e apaixonada e pronta para tudo comigo.

Ela tem o meu pau na mão, a outra plantada no colchão perto do meu rosto para suportar seu peso. Ela está montando meus quadris, seu traseiro no ar e ela está alinhando meu pau até sua entrada. Seus olhos estreitam e sua boca fica aberta, e ela não hesitou um só segundo. Ela me desliza em seu calor úmido apertado, ofegando com a boca aberta quando estou enchendo-a.

— Oz... merda, você é apenas... tão... porra... grande. Não parecia possível que o seu pau pudesse caber dentro de mim. — Ela afunda para que nossos quadris se encontrem, e eu estou profundo, tão profundo. — Mas ele cabe e é perfeito. Como se você fosse feito para se encaixar dentro de mim.

Sua coluna se curva pra trás e a cabeça desce para pressionar um beijo em minha garganta e minhas mãos estão vagando pelo seu corpo, deslizando sobre seus quadris, até seus lados, tocando seus seios e acariciando seu rosto. Tudo isso enquanto ela está apenas empalada em mim, sem se mover, e nós nos divertindo com a forma como se encaixa um quebra-cabeça, como insanamente é bonito. Ela em cima de mim, me beijando, como se sua boca não se cansasse da minha pele, e eu estou beijando da mesma forma, por toda parte, em todos os lugares. Os meus lábios saboreiam sua pele leite-pálida, a pele de seda macia, carne e fogo quente.

Mamilos entre meus dentes, seios em minhas mãos, quadris entre

os meus dedos, olhos como fogo quente, como um relâmpago, como a eletricidade, como o oceano e sua respiração em sopros esfarrapados, e agora ela se inclina para mim, a cabeça no meu peito, espinha curvando para fora, tirando meu pau por isso estou quase saindo, e eu estou tremendo com a necessidade de deslizar duro e profundo, mas eu não faço, vou deixá-la guiar-nos, deixá-la sentir a dor do vazio. Ela geme e leva-me para dentro dela. Sobe-me em suas pernas, equilibra e seus seios balançam fortemente enquanto tece os dedos em seus cabelos, olhos fechados, costas arqueadas, a cabeça inclinada para trás.

— Pronto? — Ela diz.

— Muito pronto. — Tenho os seus quadris e olho para ela, enchendo meus olhos, minha alma e minha memória com esta visão de sua sedutora beleza erótica.

Ela mói em mim, move seus quadris, morde o lábio inferior e mói novamente. Levanta, afunda. Geme o meu nome. Levantando, afundando, gemendo. Um ritmo então diminui, devagar, saboreando o deslocamento para fora e para dentro e desliza quando eu a encho, e então aprofunda em cada movimento deliberado. E então volta a ficar mais rápido, coxas fortes e grossas ondulando quando ela se levanta, seus seios gloriosos saltando, balançando, e eu me encontro com ela, combinando seu ritmo, dirigindo-me enquanto ela afunda.

— Lamba meus seios, Oz. — Ela olha para mim, nunca abrandando o nosso ritmo. — Chupa meus mamilos.

Eu levanto e ela se inclina para baixo e eu tomo seu mamilo esquerdo em minha boca, sugo-o, belisco-o, mordo suavemente, lambo, beijo a aréola e a pele incrivelmente macia em torno dele. Ela geme, segura a minha cabeça contra o peito. Eu mudo para chupar o mamilo direito, mordendo-o um pouco demais e ela grita, mas um sorriso está em seu rosto quando eu olho para ela, então eu sei que eu não a machuquei.

Ela está rolando em mim agora, montando-me duro, um ritmo rápido, inclinando-se para trás para equilibrar, tendo tudo o que ela quer de mim e me dando o que eu preciso dela. É tudo de nós, estamos fundidos, dois seres que são um só. Eu ouvi e li sobre quando

o sexo entre um homem e uma mulher se torna um, e eu nunca consegui, entender, zombei, mas Deus, posso sentir agora. Isto é assim, tão intenso, quase assustador quanto intenso. Quando eu sinto cada partícula de sua alma dentro de mim, é como se eu soubesse que ela está consumindo tudo o que sou e que eu não tenho absolutamente nenhum desejo de me levar de volta. Eu nunca pertenci, nunca me encaixei, nunca fui uma parte de nada. Agora eu faço parte de um *"nós"* com Kylie, e eu estou totalmente apegado a ela.

Vê-la entrar e sair de mim, é honestamente a coisa mais linda que eu já vi. Ela não chega a gritar, mas os sons que ela faz são altos e ofegantes e desesperados, e os quadris estão rolando violentamente nos meus, moendo meu pênis profundamente dentro dela, e ela está agarrando seu próprio corpo, como se houvesse uma fonte de fogo dentro dela e ela tivesse que tirar de qualquer maneira. As mãos dela levantam seus próprios seios, esmagando-os quando ela choraminga e geme, me cavalgando loucamente, com seu impulso eu sinto a minha própria versão derramando através de mim. Eu aperto os quadris e empurro ela para baixo, para mim, dirigindo–me a ela e os gemidos vindos de mim, são o nome dela, cantando do jeito que ela fez pra mim da última vez.

Seus olhos estão abertos e olhando para mim, e eu não consigo tirar o meu olhar dela, apesar de que quando eu estou perto de gozar, meu instinto é de fechar os olhos. Mas eu mantenho–os abertos pra que ela possa me olhar, quando eu me liberto. Nossos quadris se reúnem em um confronto lento moendo nossas palavras e depois ela cai em cima de mim, ofegante. Seu peso sobre mim não é nada e abraço–a, alisando o cabelo para trás, coço suas costas e acaricio sua bunda.

— Foi ainda melhor do que da primeira vez, — ela murmura. — Eu não posso esperar para ver como será bom da próxima vez.

— Nem eu.

— Posso dormir aqui? — Ela toca em mim e a abraço forte.

— Sim, querida. — Sinto-me escorregando para fora dela e faço careta. — Deixe-me apenas me livrar disso. — Eu retiro e ela se desloca para a frente para que eu possa puxar o preservativo para fora, dou

um nó bagunçado, desajeitado, mas eficaz, e coloco na fenda entre a cama e a parede para jogar fora mais tarde.

— Eu não quero nunca precisar ir embora. Eu quero ficar aqui para sempre. — Ela murmura em meu ouvido.

— Eu também.

O silêncio se estende entre nós, confortável e fácil. Eu a vejo pegar no sono e eu sei que tenho que ficar acordado para me certificar de que ela esteja em casa a tempo. É difícil, no entanto. Ela é um peso morno, reconfortante para mim, o cabelo me fazendo cócegas, sua respiração no meu pescoço, suas mãos carinhosas e ternaa em meu cabelo, enrolada por meu rosto. Nada jamais foi tão perfeito. Nada.

Eu puxo o lençol para cobrir-nos parcialmente e sinto-me ficar sonolento. Eu tento ficar acordado, mas é inútil.

Eu sou acordado quando ouço a porta da sala se abrir, os sons da minha mãe voltando para casa mais cedo, colocando suas coisas pela sala e acendendo um cigarro. Eu olho para o relógio: 01:39. Merda, Kylie tem que ir.

Eu ouço minha porta abrir e minha mãe fica surpresa quando vê a menina nua dormindo em cima de mim. — Feche a porta, mamãe. — Eu digo isso com calma, embora eu não esteja.

Me mexo e Kylie acorda ao ouvir o som da minha voz, ela se vira para olhar e eu sinto-a tensa. — Merda.

Ela rola de cima de mim e puxa o lençol sobre si mesmo. — Sra. Hyde. — Mas mamãe fecha a porta e estamos sozinhos novamente. — Oh, meu Deus, Oz. Ela nos viu. Estou tão envergonhada!

— Está tudo bem, querida. Está tudo bem. Não é uma grande coisa. — Eu escovo uma mecha de cabelo fora de seus olhos. — Foi em boa hora. Está ficando tarde.

Kylie olha para o relógio. — Droga, eu tenho que ir.

Eu gemo. — Yeah. Eu não queria que você fosse.

— Nem eu.

Eu me levanto e ofereço minhas mãos para ela ajudando-a a ficar em pé. Nós dois nos vestimos e então deixo o santuário do meu quarto.

Mamãe está sentada no sofá, fumando um cigarro e bebendo uma cerveja, a TV sintonizada com alguma reprise de reality show, um

bando de cadelas ricas gritando. Ela olha para nós quando emergirmos, e o ar na sala fica muito, muito estranho. — Oi. Hum... Oz. Quem é esta?

— Mãe, essa é a minha namorada, Kylie Calloway.

— Oi. Hum... Como está? — Kylie claramente não sabe o que dizer, como agir, se devemos falar sobre o que aconteceu.

Eu decido me adiantar. — Olha mamãe, sobre o que você viu...

Mãe levanta sua mão para me parar. — Oz, você é um adulto. Nós não precisamos falar sobre isso. Eu vou bater antes de entrar a partir de agora e você mantenha sua porta fechada.

— Obrigado, mãe.

— Você está tendo sexo... seguro... certo? — Mãe diz através de uma nuvem de fumaça.

— Sim, mamãe. Mas não vamos falar sobre isso agora. — Eu coloquei minha mão nas costas de Kylie, empurrando-a em direção à porta.

— Tchau, Sra. Hyde, — diz Kylie.

— Chame-me de Kate. Vejo-a depois, querida.

Eu ando com Kylie para seu carro, certificando que ela entre e inclinando-me pela janela aberta. — Feche todas as portas e atravesse o semáforo vermelho se tiver alguém por perto.

— Oz. — Ela passa a mão pelo meu cabelo. — Gostaria de poder ficar. Gostaria que pudéssemos só... nunca ter que fazer isso. Nunca ter de dizer adeus.

— Eu sei. Eu também.

Ela faz uma cara, franzindo as sobrancelhas e franzindo os lábios. — Sua mãe foi melhor do que eu esperava.

— Bem, somos basicamente apenas colegas de quarto neste momento. Eu só me mudei para cá com ela e vivo com ela para ajudá-la com o aluguel e as contas. Eu vivo minha vida e ela vive a dela.

— Então, ela é realmente apenas... sua amiga? — Kylie pede.

Eu não respondo por um longo tempo. — Não temos que falar sobre isso agora?

Kylie encolhe os ombros. — Não. Estou apenas curiosa.

— Acho que você poderia dizer que somos amigos. Mas há muita

coisa que ela sempre se recusou a me dizer. Eu não sei absolutamente nada sobre o meu pai e ela nunca vai me dizer merda nenhuma. Sei que eu já mencionei isso. Eu não sei muito sobre sua vida, também. E com certeza não conto merda nenhuma a ela sobre a minha vida. Então... amigos? Para mim, amigos compartilham as coisas. Sei lá, mamãe e eu não fazemos isso. Então somos amigos? Eu não sei. Eu realmente nunca tive amigos, então eu não tenho certeza que eu sou o melhor pra julgar como é realmente ter um amigo. Ela é minha mãe e minha única família. É a única coisa constante que eu já tive na minha vida. À sua maneira, ela é confiável. Ela manteve um teto sobre minha cabeça, comida na minha barriga, roupas nas minhas costas. Ela não, tipo, abusou de mim, e nunca houve um entra e sai de namorados. Eu não sei se ela já teve um namorado, na verdade. Se ela tem ou teve, eu nunca soube. — O que eu sei é o que estou dizendo, eu não sei o que pensar ou sentir sobre tudo. — Então ela sempre... cumpriu suas responsabilidades como mãe. Ela fez com que eu fosse para a escola, arrumou meus almoços, beijou-me quando eu me machuquei quando um garotinho. Mas... vamos combinar? Eu não acho que eu poderia dizer que nós somos amigos. Não é como quando você está com seus amigos. Acho que mamãe e eu somos... apenas duas pessoas jogadas juntas pelo mundo.

Kylie balança a cabeça. — Isso é um pouco triste, Oz.

Eu dou de ombros, indo para uma indiferença que eu não senti inteiramente. — Talvez seja. Eu não sei o que é.

A cara de Kylie diz tudo. — Eu odeio essa frase. É uma desculpa para aceitar algo que nem sempre é aceitável.

— O que eu posso fazer sobre isso, Ky? Eu não posso mudar a mamãe. Eu não posso mudar o passado. Às vezes, você realmente só tem que aceitar o inaceitável. — A amargura em minha própria voz, a apatia cansada... me enoja.

Ela puxa meu cabelo, que ainda está solto em volta dos meus ombros. — Eu não estava falando sobre essa frase. Não sobre você ou sua vida, Oz.

Eu suspiro. — Eu sei. Falando sobre Mamãe me deixa um pouco louco às vezes. — Eu me inclino pela janela e ela inclina a cabeça

erguida para atender meus lábios. — Vá. Fique segura.

— Eu mando uma mensagem quando chegar em casa.

Eu aceno e um dou passo para trás, vendo-a sentada em seu banco me faz querer que ela volte para dentro do meu quarto e, maravilhado, penso no que ela se tornou pra minha vida. Pela primeira vez, eu estou começando a ver algo com potencial. Como se a vida não fosse apenas para se passar, mas algo que poderia ser... agradável.

A esperança que germina no meu peito me assusta, porque é como se fosse um filme frágil, onde uma leve brisa poderia matá-la. E toda a dor que eu guardo no armário, poderia surgir como tempestade.

Capítulo Dez
Tensão no Seu Intestino

Colt

Às vezes, sinto um nó nas tripas. Durante meses, ou semanas, vai ser apenas essa dor, esse vazio, essa sensação de algo vindo. Eu odeio esse sentimento. É como saber que você esqueceu alguma coisa, mas sem saber o quê. Quando naquele momento, naquela fração de segundo quando você olha em seu espelho retrovisor e você vê o carro atrás de você chegar muito rápido e você está parado em um sinal e você sabe que não há merda nenhuma que você possa fazer para impedir o acidente.

Não é nada com Nell. Nell está bem. Ela está fazendo o que sempre faz. Não somos nós. Estamos muito bem. Estamos apaixonados. Nós fodemos um ao outro várias vezes sem razão a cada semana, e nunca me canso dela. Não sou eu, eu sou apenas... eu. Eu mexo com minha moto Triumph, que está quase pronta. Eu trabalho com os Harris Mountain Boys, recebendo por uma parte do álbum para que possamos realmente começar essa turnê.

Então... o que é?

Kylie, Oz e Ben. É a única coisa que me faz perder a cabeça. Eu sei que Kylie e Ben tinham discutido várias merdas na minha garagem e eu não falei mais com Ben. Ele vai para as aulas e pro treino de futebol. Mas ele está apenas à deriva, eu acho. Vejo-o na varanda da frente e tenho a sensação de que ele está furioso, rosnando. Soltando fumaça e pensativo. E sei melhor que ninguém que quando se pensa, não se faz merda.

Kylie está feliz e vistosa. Ela volta de ver Oz e está brilhando. Ela realmente gosta do cara e ele parece estar fazendo bem pra ela. Então... bom para ela. Bom para eles. Eu gosto de ver a minha filha feliz.

Ela está no porão cada momento livre, ensaiando como uma louca

para seu show, trazendo mais vezes Oz para sessões durante a noite. Em seguida, ela vai para casa com ele e não retorna até tarde. Eu não sou um idiota, é claro, mas o que é que posso fazer? Ela estará na faculdade em poucos meses. Ela vai se mudar em breve, e aí, não terei controle nenhum sobre seus passos. Pelo menos agora eu sei quando ela vem e vai, e com quem ela está, e posso cheirar as roupas dela quando ela passa, o cheiro da sua respiração e observo seus olhos e seu discurso. E, até agora, não houve sinais de alerta.

Apenas a felicidade dela com Oz.

E Ben, quieto, recolhido em seus pensamentos.

E a sensação de que algo está por vir. Eu não sei o que é, e eu não sei quando isso vai acontecer.

Mas, o pior de tudo... Eu não acho que vai haver algo que eu possa fazer para evitar.

Capítulo Onze
Caindo Para Baixo

Oz

É quinta-feira, sete e cinquenta e oito. O bar está bombando. Bem cheio. Não lotado, mas há um monte de pessoas em diferentes estágios de intoxicação. Todos eles, ao que parece, estão de olho em Kylie e em mim com curiosidade. Nell e Colt estão sentados em uma pequena mesa redonda a uma dúzia de passos do palco, saboreando um chope e conversando calmamente enquanto eles esperam que Kylie e eu comecemos.

Ligamos tudo, sintonizamos, e organizamos as músicas da nossa *set list*, verifiquei se nossos microfones funcionavam e tudo o que era necessário para o pré-show. Agora é hora de começar a tocar. Esta não é uma noite de microfone aberto. Eles estão alheios, sem interesse em Kylie, eu ou nossa música. Estamos prestes a tocar pela primeira vez por dinheiro como músicos profissionais reais.

Merda, eu vou vomitar.

Só que eu não posso. Eu respiro fundo, passo a minha palheta entre os meus dedos, e inclino-me para o meu microfone. — Ei, pessoal. Como vocês estão indo? — Eu olho de relance para a multidão e algumas pessoas prestam atenção, só há aplausos de um casal e todo o resto apenas ignora. — Ok, legal. Então, eu sou Oz e esta é Kylie. Mas vocês realmente não dão a mínima, não é? Ainda não. Então vamos a apresentação, né?

Eu bato meu dedo indicador e médio contra a guitarra logo abaixo da ponte em uma rápida contagem de três, olhando para Kylie sentada ao piano ao meu lado, virando-se parcialmente para mim e parcialmente em direção à multidão. Ela sorri para mim e em três estamos em um cover de *"Down"*, de Jason Walker. A multidão entra na nossa. No momento em que termino a canção, o público está começando a prestar atenção, percebo que eles não nos acham

horríveis. Fazemos algumas músicas country atuais, despojadas, nós reorganizamos um pouco o nosso estilo. Eles estão realmente com a gente, então, gritando sugestões e assobiando com as cabeças balançando. Kylie e eu estamos atordoados, sorrindo loucamente um para o outro. Isso é divertido, realmente emocionante. Eu me sinto vivo, como se a eletricidade estivesse correndo em minhas veias, como se todo o meu ser estivesse cantarolando, como se eu estivesse sugando a vida, a energia e a excitação crescente da multidão em minha alma. Não há nervos, sem medo, sem inibições, apenas confiança. Nós mergulhamos sem medo em uma de nossas canções originais, a primeira peça que tocamos no show de talentos. A multidão não sabe ao certo o que fazer com ela no início, mas no final eles estão gritando descontroladamente.

Deixamos as notas desaparecerem e me levanto do banco, limpo a garganta e inclino-me para o microfone. — Sim, essa última canção que tocamos é uma música que escrevemos. Esperamos que tenham gostado. Nós temos um par de outros originais que vamos fazer para vocês. Primeiro, porém, esta próxima é uma música muito legal de uma banda chamada Snow Patrol. Esta é *'Set Fire to the Third Bar'*.

Há um monte de assobios e aplausos espalhados devido ao nome da banda e da música. Deixei Kylie fazer a introdução sobre um conjunto de pedais de efeitos para mim. Eu tenho passado a última semana brincando com eles, finalmente descobri como obter o efeito de distorção perfeita para essa música.

Nós mudamos para algumas músicas country mais agitadas, o tipo de musica que a multidão pode realmente interagir, músicas que eles sabem e podem cantar junto, brindando com suas cervejas. Finalmente, é hora de uma pausa, e Kylie e eu escapamos para o corredor atrás da cozinha. Assim que a porta se fecha atrás de nós, Kylie está pulando para cima e para baixo, gritando e batendo palmas.

— Eles nos amam, Oz! — Ela se joga em meus braços e enterra o rosto no meu pescoço, se elevando em seus pés enquanto eu levanto-a do chão. — Dá pra acreditar? Eles realmente gostam de nós! Acho que temos uma chance real.

Deixei-a no chão e minhas mãos deslizam contra suas costas,

segurando-a rente a mim. — É uma loucura, mas eu adoro isso. Eu nunca pensei que isso seria pra mim, mas eu realmente amo, me sinto realizado.

Ela levanta-se na ponta dos pés e envolve seus braços em volta do meu pescoço. — Eu nunca duvidei de você, Oz. Você é tão talentoso que é uma loucura.

Eu posso não concordar, mas posso beijá-la. — Foi tudo por você, Kylie. Você acreditou em mim, me empurrou pra isso. Eu nunca teria descoberto que eu era mesmo bom se não fosse por você.

Ela sorri, seus lábios curvando-se contra o meu. — Vou levar o crédito por isso. Mas o talento é todo seu.

O sorriso e o riso tornam-se um só e no calor tornam-se um beijo, tornam-se as mãos contra a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto, mantendo-me contra ela, como se eu já estivesse voluntariamente me afastando. A porta do bar se abre e nós quebramos, apenas nossas mãos permanecendo em contato.

— Vocês estão de volta em cinco minutos, — diz Colt, levantando uma sobrancelha.

— Pegadinha, — eu digo.

Ele estende a mão e eu aperto-a, agitando-a. — Vocês dois são bons pra caralho, estão matando a todos! Eu estou orgulhoso de vocês.

Deve soar condescendente, eu deveria estar irritado ou chateado com a forma como ele diz isso, mas eu não estou. Estou tonto, estou todo sentimental e feliz em seu louvor. Vindo de um profissional da indústria como Colt Calloway, é um enorme elogio.

— Obrigada, papai. E obrigado por ter vindo. Ter você aqui torna isso muito melhor. — Kylie corre para um abraço e Colt sorri ternamente pra filha.

— Não perderia por nada no mundo, Ky — Ele beija o topo de sua cabeça e então a cutuca para a porta. — É melhor voltar lá. Você tem fãs esperando. E eu acho que eu vi Andersen Mayer da RCA lá fora.

— Dessa maneira me deixa nervosa de novo pai, obrigada. — Kylie cheira o ombro de Colt.

— Nah, ele é legal. Ele reconhece um talento quando o vê.

Os olhos de Kylie estreitam. — Você o chamou?

Colt faz a sua melhor expressão de inocência. — Chamar? Não.

— Pai.

Ele suspira e ondula uma mão. — De verdade, eu não sabia. Eu estava conversando com ele e acabei mencionando, de passagem, que eu ia ver minha filha tocar pela primeira vez numa noite, num show. É isso, eu juro. Ele veio por conta própria.

Kylie geme. — Isso conta como se você o tivesse chamado. Você sabia que ele iria aparecer.

— Eu não sabia. Eu só esperava. — Ele toma Kylie pelos ombros. — Ouça, Andy não vai falar com você depois do show, se ele não ver potencial, não terá nada a ver comigo. Ele não iria assinar com alguém, nem mesmo a minha própria filha, a não ser que ele ache que iria vender discos. Ele não me deve nada, então insinuando que você estaria aqui, na esperança de que ele viria, estava apenas... jogando com as probabilidades em seu favor um pouquinho. O resto é com você. Eu sei que você quer que isso seja em seu próprio talento, sem o uso da minha imagem e da sua mamãe, mas você não pode culpar a mim por querer, pelo menos ajudar, só um pouco.

Kylie beija-o na bochecha. — Eu sei papai. E muito obrigado.

Ele balança a cabeça e empurra-a para a porta. — Agora vai. Tira sua bunda daqui. — Eu sigo alguns passos atrás de Kylie, mas parei quando eu senti a mão de Colt em meu bíceps. — Ei, uma coisa rápida. Ela está feliz com você. Então... bom trabalho. Você é um cara bom, Oz.

Eu sinto a emoção apertando minha garganta. — Obrigado, Colt. Isso significa muito. — Eu chupo uma respiração profunda e empurro as emoções para baixo. — Tenho que ir tocar. Vejo você depois.

O resto do show foi ainda melhor do que a primeira parte. Há um homem mais velho sentado na mesa de Nell e Colt. Ele é elegante, usando um par de jeans desbotado escuro e uma camisa branca de botão, cinturão negro, e botas pretas. Cabelo prata penteado para trás brilhante, afiados olhos escuros, boca fina. Ele está focado em nós, em mim. Assistindo minhas mãos enquanto eu toco, eu posso dizer que ele está pensando, considerando, ouvindo atentamente a cada nota. Ele tem que ser Andersen Mayer, o cara da gravadora. O que ele é, um

executivo? Caçador de talentos? Eu não sei. Eu não sei merda nenhuma sobre a indústria da música, a forma como funciona nos bastidores. Eu tento tirá–lo para fora da minha mente e me concentro em tocar, em cantar, na minha respiração e em não esticar minhas cordas vocais. Nell se sentou durante algumas das sessões de ensaios no porão de Kylie e ela me deu algumas dicas sobre como melhorar meu canto. Depois que eu comecei a seguir o seu conselho, eu ouvi uma diferença imediata no som da minha voz. A respiração fazia a música especialmente melhor. Saber quando parar e respirar, como deixá-la com as notas, faz uma diferença enorme. Então, ao invés de querer saber o que pensou Andy Mayer, eu me concentrei na minha respiração. Em cada acorde, a cada mudança de meus dedos.

Tocámos mais duas músicas próprias e fechamos com *"She Is Love"*, de quebra. Nós nos despedimos dessa canção com uma série muito básica de acordes, tornando a nossa harmonia o ponto essencial da peça. Nós tínhamos praticado esta canção uma centena de vezes, eu acho que sabendo que era provavelmente a nossa melhor peça, e eu não podia deixar de olhar para o homem sentado com os Calloways, observando seus olhos, o aceno de aprovação, a maneira como ele se inclinou para sussurrar para Colt, seus olhos sobre Kylie e eu.

Quando dissemos boa noite para o público e desligamos foi quando os nervos realmente me atingiram, quando a descrença de que nós realmente terminamos com isso, bate em mim. Quero dizer, merda. Aprendi a tocar suficiente para duas horas e meia em menos de um mês. Eu errei algumas vezes, perdi uma palavra, pulei uma linha, mas nada grave. O que, a meu modo de pensar, é bastante surpreendente, considerando que eu nunca tinha pensado realmente em tocar antes do show de talentos. Quero dizer, claro, que eu sonhei em estar em uma banda de metal ou algo assim, mas foi apenas devaneios, pensamentos ociosos que eu nunca tentei transformar em realidade.

Nós não temos muito equipamento para arrumar, por isso não nos leva muito tempo. Eu estou empilhando as caixas da guitarra na picape da mamãe, que eu peguei emprestado para este show, quando eu sinto uma mão em meu ombro. Eu me viro para ver o cara de pé

atrás de mim. Kylie está encostada no caminhão, de costas, teclando em seu telefone. Eu cutuco-a quando aperto sua mão.

— Oz Hyde, — digo a ele.

— Andersen Mayer, registros RCA. — Sua aparição é firme, mas não esmagadora e seu sorriso é fácil. — Eu tenho que dizer que fiquei muito impressionado com o seu desempenho hoje, vocês dois. Senhorita Calloway e você são tão talentosos quanto seus pais, o que não é surpreendente. Mas, Sr. Hyde. Eu tenho que admitir, quando eu o vi pela primeira vez, sua aparência me disse outra coisa, levou-me a esperar que você fizesse um... tipo diferente de som. Você é muito mais talentoso do que eu inicialmente esperava.

Uma espécie de elogio indireto, mas só dou de ombros. — As aparências enganam. Estou feliz de você ter gostado da nossa música, Sr. Mayer.

— Vocês têm mais músicas próprias além daquela que tocaram hoje? Seus covers foram excelentes, é claro, mas suas canções autorais me fascinaram. Elas quase desafiam o gênero, mas com o produtor certo, eu acho que nós poderíamos ajustar o seu som o suficiente para agradar a ambos, o público de rock e o público do country com um som ousado. — Andersen parece animado. — Na verdade, eu acho que tenho já um produtor em mente. Ele é ovo no meio, mas ele fez um trabalho realmente incrível. Vocês estariam interessados em encontrá-lo?

Kylie e eu trocamos olhares. — Nós adoraríamos, — respondeu Kylie para nós. — Eu tenho que falar com a minha mãe e meu pai em primeiro lugar, mas...

— É claro, é claro. Eu sei que você quer a sua ajuda pra navegar nessas águas às vezes traiçoeiras do mundo da música. — Ele pesca um cartão de visita a partir de uma caixa de metal no bolso de trás. — Me ligue logo. Eu tenho que passar por cima de minha agenda com meu assistente, mas eu gostaria de marcar uma reunião com vocês todos em algum momento da próxima semana. Eu vou conseguir falar com Jerry e ver quando ele pode ficar com a gente.

— Parece bom, — eu digo e nós dois apertamos a mão de Andersen.

Ele se foi, caminhando pela rua com seu telefone na mão, já discando um número. Quando ele está fora do alcance, Kylie se vira para mim, os olhos arregalados como pires, com um entusiasmo vertiginoso tremendo através dela. Ela está prestes a hiperventilar, eu tenho certeza.

— Puta merda, Oz! Puta merda, puta merda!! Isso foi Andersen Mayer. Nós temos uma entrevista com Andersen Mayer. E Jerry? Eu me pergunto se ele está falando de Jerry Gross? Papai pode saber quem é, mas se for isso, seria fantástico, também.

— Porquê?

Eu posso dizer que o cérebro de Kylie vai um milhão de milhas por segundo. — Ele é o produtor por trás de algumas das melhores bandas que saíram de Nashville, nos últimos três anos. Ele fez o novo álbum do Brent Howell, que estava incrível como o inferno. Um pouco do material de Eric Church, *"The Outsiders"* entre outras coisas.

— Você realmente sabe muito sobre este negócio, não é? — Eu pergunto, impressionado.

Ela encolhe os ombros. — Bem, sim. Eu cresci ouvindo meus pais falarem. Eles são indie, tem sua própria gravadora, mas eles conhecem todo mundo nesta cidade e eu só prestei atenção. A música é... tudo que eu sei, na verdade. É o que eu sempre quis fazer desde a primeira vez que eu assisti a mãe e o pai se apresentar ao vivo. Eu tinha seis anos e eu me sentei em uma cadeira pequena fora do palco, e eu estava apenas... em reverência. Eu sabia que eu seria igual a eles.

— E agora você atravessou meu caminho.

Ela sorri para mim. — Nós estamos no nosso caminho. — Ela se inclina e me beija. — Vamos. Vamos comemorar!

Nós pegamos o dinheiro que Dan nos deu e nos despedimos de Nell e Colt, depois de contar sobre a conversa rápida com Andersen e saímos. Vamos, é claro, para o meu apartamento, mas depois de arrastar todo o equipamento para o meu quarto, Kylie me puxa de volta para fora.

— Eu não quero ficar aqui, ainda não. Estou muito animada. Leve-me para um passeio em sua moto! Por favor?

— Onde você quer ir? — Eu pergunto.

Ela encolhe os ombros, sorri. — Eu não me importo. Não temos que ir a lugar algum. Apenas andar.

— Parece bom para mim.

Então nós montamos na moto. Comprei a Kylie uma jaqueta de couro para usarmos enquanto nós andamos de moto, e ela a usa agora. Os rugidos do motor em nossos ouvidos, a estrada voa sob os pneus e os braços de Kylie embrulham apertado e baixo ao redor da minha cintura. Sua bochecha repousa no meu ombro, os seios esmagam contra as minhas costas e tudo está perfeito. É uma noite de primavera quente, clara, a lua alta e algumas estrelas brilhando pela cidade. Eu vou para fora, longe dos subúrbios e longe das luzes da cidade. Nós andamos até a noite ficar negra, escura e grossa, encontramos uma estrada de pista dupla cortando os campos ondulados.

Dirijo-me pra lateral da rodovia, em uma estrada de terra estreita que beira um cercado no pasto. Uma fileira de árvores margeia a pastagem de um lado, e uma única luz laranja brilha sobre a estrada, suspensa em um único poste. Eu fui reduzindo a velocidade até parar debaixo da luz, na beira da estrada, tiro o capacete e escorrego meu capacete no guidão. Kylie faz o mesmo, inclinando-se sobre mim para pendurar o capacete. Ela não recua, mas eleva-se sobre o apoio para os pés para pressionar o nariz em meu pescoço, sua respiração quente na minha pele, as mãos param sob a minha camisa para passar meu estômago e peito.

Grilos cantam e um sapo coaxa de algum lugar distante. Uma vaia da coruja soa como estranho e assustador. Aqui fora, longe das luzes da cidade, as estrelas são um véu de diamante no céu negro e a lua crescente é pálida

Kylie está no apoio para os pés, oscilando em torno de sua perna para sentar-se no tanque de gasolina, de frente para mim. Me encara. Me beija. Mãos na minha face, respiração a respiração, ansiosa por mim. Precisando de mim. Eu escovo meu polegar em sua bochecha, aprofundo o beijo e procuro a bainha de sua camisa. Descubro e deslizo a palma da mão para cima de suas costas.

— Eu quero você, Oz, — ela sussurra em meu ouvido.

— Na moto?

— Por que não?

— Bem, nós vamos ter que ter cuidado com os escapamentos. Eles estão quentes pra caralho ainda.

Kylie desliza para fora da moto, tira os ombros fora de seu casaco, fica de frente para mim, tira a camiseta de manga comprida verde-floresta, desliza para fora do sutiã. Desabotoa a calça jeans pretas apertadas, arranca seus sapatos. Apoia suas roupas no cabo da minha moto, está diante de mim com nada além de um par de calcinhas rendadas preta e branca. Ela se vira, me mostrando como as calcinhas ficam nas bochechas de sua bunda. Remexe sua cintura, provocando–me com a perfeição redonda da bunda dela, tirando fora sua calcinha. Endireita, vira e se aproxima de mim. Enfia o pedaço de renda no bolso da jaqueta tirando–a de mim. Desata meu cinto. Abaixa o zíper. Abre o botão. Puxa meu pênis para fora da minha cueca, desliza a mão em torno de mim.

— Isso é tão gostoso, Oz. — Ela coloca seus pés no topo das minhas botas, balança montada na moto. — Estar nua do lado de fora assim, com você? Em sua moto? Deus, eu poderia ver apenas quão emocionante isto é. Parece impertinente.

— É impertinente. Poderíamos ser pegos.

— Isso só faz com que seja ainda mais divertido. — Ela tira minha camisa para cima e para fora, empurra as minhas calças abertas para liberar mais do meu pau.

Eu levanto e mexo meu jeans sob a minha bunda. Levanto-a pelos quadris, inclino-me para sugar o mamilo endurecido em minha boca. Ela geme, deixa a cabeça cair para trás em seus ombros, contorcendo-se em minha boca, movendo a fenda molhada contra meu pau dolorido.

Pouco antes de deslizar para dentro dela, eu paro e começo a gemer. — Nós não temos um preservativo. Eu não trouxe qualquer um. Eles estão na minha bolsa em casa.

Kylie agarra meus ombros com os dedos arranhando, elevando–se, e espeta–se em mim. — Está tudo bem. Estou tomando pílula. Eu não posso esperar. Eu preciso disso, Oz. Você nem sabe o quanto eu

preciso disso.

Eu mordo seu ombro, rosnando. — Porra, Kylie. Eu acho que eu também. Eu preciso pra caralho. Eu só não quero cometer erros.

Ela afunda, fazendo com que fiquemos nivelados. — Nada sobre nós jamais poderia ser um erro. Nada. Oh, Deus, oh, Deus. Sim, Oz, só nós dois aqui.

Eu empurro para cima com meus quadris, moendo dentro dela. Ela está me deixando duro, rolando sua boceta em mim, profundo e rápido. Sem finesse, sem gentileza, só a minha boca em seus seios e suas mãos deslizando as unhas pela minha pele, ela geme alto e desenfreado, nossos corpos se fundem. Não há nada entre nós, apenas a minha carne e a dela, sua bocetinha molhada e escorregadia com o calor para o meu pau, seu abraço ao meu redor, seus seios saltando muito com o nosso movimento. Isto, nós nus um para o outro, nunca houve nada melhor, não existe intimidade mais profunda.

Eu agarro sua bunda, deslizo os dedos no vinco, apertando os globos quentes firmes e levantando–a, deixando–a cair. Ela se move, geme, descansa sua testa contra a minha, empurrando para baixo em meus ombros para levantar. Por acaso, o meu dedo médio desliza um pouco longe demais, toca seu pequeno rabo apertado. Eu sinto seus músculos apertarem, seu corpo congela, sua respiração corta, afiada e surpresa.

— Oz... oh, deus, Oz. O que você está fazendo? — Ela se afasta o suficiente para satisfazer os meus olhos.

Eu começo a mover as mãos. — Sinto muito, querida, eu não queria.

Ela afunda, imobilizando minhas mãos entre sua bunda e minhas coxas. — Espera... somente me pegou de surpresa. — Ela levanta-se com os olhos em mim. — Experimente, Oz. Só um pouco.

— Espere, o quê? Você quer que eu...

— Apenas me toque lá. Só um pouquinho. — Ela está sem fôlego. Hesito, em seguida, mexo meu dedo do meio. Apenas uma pequena e leve pressão. Ela fica tensa, se desloca para cima e, em seguida, arca de volta, e sinto-a relaxar. Aplico uma leve pressão e seu calor apertado pressiona a ponta do meu dedo. — Sim, oh, oh, sim. Ah,

porra, Oz. Eu gosto disso. Eu gosto dele, em mim.

Ela levanta-se, afunda, e minha mão fica rente a bochecha de sua bunda, e ela geme, se contorce em mim. Seus gemidos tornam-se gritos, e sua moagem em mim torna-se frenética. Eu só posso mover com ela, nos manter equilibrados, deixá-la fazer o trabalho. Eu não posso sequer respirar, não posso acreditar que ela está fazendo isso, me deixando tocá-la assim e o quanto ela gosta. Ela está rolando forte e rápido, selvagem, gritando. O silêncio é cortado por sua voz, por meu agora grunhindo e rosnando e xingando e murmurando o nome dela, e eu sinto o calor apertado em volta do meu dedo, desprendido, pulsante, e então ela está levantando e afundando como maníaca, o ritmo em um frenesi.

As estrelas e a lua se iluminam acima de mim enquanto a terra treme e eu desmorono dentro dela enquanto ela grita com o volume ensurdecedor e a ponta do meu dedo quase esmagado pela forma como aperta seu corpo em torno de mim, e nós estamos em movimento, o céu se abre e os planetas oscilam em suas órbitas.

Kylie descansa sua boca contra meu ombro, ofegando. — Oh, meu Deus, Oz. Eu vim com tanta força que literalmente machuquei. Eu não posso, é difícil respirar. Não posso me mover. Oh, Deus. Você só me matou, baby.

As luzes prata das estrelas reflete em sua pálida pele, e eu posso apenas abraçá-la e espero que ela não pare de me querer. Palavras caem na minha cabeça. Emoções rodopiam, colidem. Pensamentos martelam na minha cabeça, exigindo liberação. Mas o medo do que isso significa, de dizê–lo, do seu significado, é quase demais.

— Diga alguma coisa, Oz. — Kylie fica para trás. — Eu sinto que você está pensando. — Seus olhos azuis me furam, exigindo minha verdade.

Hesito, puxo o oxigênio como se puxasse coragem. — Eu te amo, Kylie.

Puta merda, eu disse isso.

Ela está atordoada em silêncio. Seus olhos se enchem, vacilam. Uma lágrima cai. Ela engole em seco. — Você, você me ama?

Eu rio. — Sim, eu te amo. Por um tempo, eu acho. Só agora percebi

o quanto.

— E quanto é isso? — Ela está chorando descaradamente, sorrindo, agarrando-se a mim.

Eu pisco e engulo. — Puta que pariu. Tanto que me assusta. Como... se fosse sempre, como se fosse só nós, merda. Isso... é assustador. Eu nunca precisei de ninguém. Mas agora eu preciso de você e isso é que me faz sentir tão fraco. Vulnerável. Como você possui um pedaço de mim e você pode simplesmente esmagá-lo se você quiser.

Ela me aperta, aperta os nossos corpos juntos, meu pau amolecido começando a escorregar para fora dela. — Eu não vou Oz. Eu te juro, eu juro que você é minha vida, minha alma, em tudo o que eu sou. Eu nunca... nunca te machucaria, nunca vou deixá-lo. — Ela se afasta para que eu possa ver a verdade em seus olhos. — Eu também te amo Oz. Eu nunca vou querer nada nem ninguém além de você. Nunca. Eu nunca vou.

— Nem eu, doçura. — Eu a abraço forte. — Nem eu.

Depois de um momento, Kylie começa a se mexer e ela desliza devagar fora da moto, fazendo uma careta. — Eu estou... um pouco confusa agora.

Eu me inclino para trás e pego uma camiseta reserva dos alforjes. É velha, e não está no seu melhor estado, mas é limpa. Eu entrego para ela, e eu a vejo limpar-se, dobrando a camisa e, em seguida, entregando-a de volta para mim. Coloco de de volta para os alforjes, e pego suas roupas.

Quando estamos ambos vestidos, deitamos sobre a grama ao lado da estrada, olhando para as estrelas, conversando. Falamos sobre a realização, sobre as músicas do show, sobre a possibilidade de obter um contrato de gravação rapidamente. Falamos sobre tudo isso, e tudo é "nós" e " nós". Estamos planejando um futuro juntos. Sair em turnê, possivelmente. Todos os tipos de possibilidades e o futuro que planejamos é brilhante e perfeito e esperançoso.

Depois de algum tempo, passa da uma hora da manhã e decidimos voltar. Nós paramos pra colocar gasolina e para uma refeição rápida no McDonalds. Estou um pouco cansado e com sede por isso peço uma

Coca-Cola grande e bebo tudo. Estamos de volta na estrada, e só agora percebo o quão longe nós realmente fomos. Devemos ter saído umas boas duas horas, duas horas e meia fora de Nashville. É uma viagem mais longe do que haviamos percebido na ida, mas valeu a pena. Kylie me abraça com força, esfregando meu peito e estômago, aninhanda contra mim.

Então tudo acontece muito rápido. Estou na autoestrada, passando por baixo de um viaduto, aproximando-me de uma rampa de acesso. Escuto o rugido de um motor ao meu lado, bloqueando o meu caminho para a esquerda. Ele me viu, eu sei, mas não é ele que estou de repente preocupado. É o elegante Corvette vermelho que vem para a rodovia a partir da rampa de acesso. Ele não me vê. Meu coração de repente acelera. Eu freio duro, mas não é o suficiente. Ele está em cima de mim, eu estou preso em seu ponto cego, ele não está nem olhando. Posso vê-lo passando mensagens de texto com uma mão, e esse detalhe queima em meu cérebro em pânico. Eu posso ver o brilho da tela em seu rosto, uma pitada do assento vermelho e preto de couro, um perfil de um rosto, o painel de instrumentos, com uma mão no volante, a outra segurando o telefone, não prestando atenção, não me vendo. Não vendo a gente. Kylie está me apertando com os dedos como garras, e eu sei que ela está começando a perceber o perigo agora. Ela não se move, não entende o real problema.

Numa fração de segundo, sinto o sangue circular e meu coração bombeia com mais força. Respire, respire, respire. O que eu faço? Acelero? Tento espremer passando os dois? O espaço não é suficiente. Estou tentando não entrar em pânico, mas eu estou. Eu freei, rezando com todo o meu coração não acreditando que eu posso segurá-la firme. O rugido passando e o Corvette desliza na minha frente. Vejo mais claro, eu acho. Eu suspiro de alívio. Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Mas há um outro carro atrás de mim, alto e grande, a buzina é estridente, os pneus cantando, gemendo, enquanto ele tenta escapar à minha esquerda, mas há um carro lá e ele não pode passar, eu já estou freando, perto de perder o controle. Eu não tenho escolha, mas tento desviar para longe, para o acostamento. O meu coração está

prestes a voar da minha garganta, a adrenalina cai como um trovão, o medo batendo como tambores tribais.

Kylie está gritando. Meu pneu traseiro pulando, correndo, saltando. Estou perdendo a cabeça. Eu vou perdê-la. Vou colocá-la para baixo. Graças a Deus eu tinha reduzido a moto para menos de quarenta por hora, mas isso vai ser ruim. Lembro-me das aulas de formação de condutor: ficar mole. Não tenso. Mas Kylie. Kylie. Merda, merda, caramba, não, Kylie...

Eu sinto o pneu traseiro sair de debaixo de nós. A moto está deslizando para os lados. Eu a deixo cair, deixo-a ir, deixo–a deslizar para os lados. Sem tempo para mais nada, nenhuma escolha, nada mais, tudo acontece de forma trágica, rápido demais para parar.

Oh foda, oh foda, foda!

Momentos fragmentam e, em seguida, o tempo pára.

Eu sinto o impacto do chão, me forço a ficar mole, frouxo. Estou na minha bunda, deslizando e a moto está derrapando longe, e eu sinto Kylie, ouvindo-a gritar. Eu rolo para o lado. Quando eu viro, vejo Kylie. O instinto me leva a agarrá-la. Esmagando-a para o meu peito tão forte quanto eu posso. Passo meus braços ao redor de seu corpo, tensos como barras ao redor sua forma frágil.

Eu estou rolando. Sinto dor. Dou cambalhotas, rolando, girando deslizando. Um giro a mais e perco Kylie. Eu a vejo virar e torcer para longe de mim, e então a minha própria visão é céu e terra, terra e céu e a agonia é punção através de mim.

Eu não consigo respirar, não posso me mover, mas eu tenho que chegar até ela.

Alguém está gritando: — KYLIE! KYLIE! — Sou eu, estou gritando. Rouco, cru, desesperado.

— Oz... — Eu ouço-a, quase inaudível, sem fôlego. Mas eu consigo ouvi-la.

Eu rastejo. Eu não consigo movimentar minhas pernas, e os meus braços também não cooperam. Tudo é dor. Algo quente e afiado está cortando em meu cotovelo, meu braço. Meus joelhos. Mas eu tenho que chegar até ela. Rastejo de qualquer maneira sem olhar para o meu corpo, me recuso a reconhecer o dano. Cascalho é amargo na

minha boca. Eu cuspo, o gosto de sangue, salgado e picante, escorregadio e quente. Estou ofegante, o spray de areia em minha boca e nariz dificultam a minha respiração. Raspo no asfalto, sinto minhas unhas rasgando, lacrimejando, os dedos dos pés e os joelhos empurrando deslizantes. Um pé. Dois.

Aqui está ela. Graças a Deus eu a fiz vestir o casaco de couro. É fino, couro caro, macio, mas protegeu sua pele. Seu jeans estão triturados e vermelho, mas ela está se contorcendo e eu não acho que as pernas estejam quebradas. — Kylie... Kylie. Estou, estou aqui. — Eu alcanço-a, ela pisca, pisca contra o suor. Ou talvez seja o sangue nos meus olhos. Eu não sei. Ela está ofegante, com dificuldade de respirar. — Kylie. Respire. Por favor, respire.

Ela está com o capacete ainda, uma proteção barata, um capacete preto. Eu apalpo-a e ela me ajuda a puxá–lo. Suas mãos estão sangrando, juntas vermelhas e raspadas pelo cascalho. — Oz? — O capacete rola no asfalto, passando pela estrada. Suor cola seu cabelo em seu rosto. Seus olhos frenéticos procuram, até me achar. — Oz?

Estendo a mão, escovo no cabelo dela, deitado na minha barriga, com um cotovelo apoiado embaixo de mim. Meus dedos, tocam seu rosto, estão pingando sangue, as unhas arrancadas. — Onde você está machucada, Kylie? Fale comigo, fale comigo, baby.

— Você... você está sangrando.

— Eu não me importo. Eu estou bem. — Eu passo meus olhos sobre seu corpo, à caça de fraturas, de sangue. — Você está bem? Você está ferida?

— Não posso, não consigo respirar. — Ela está abrindo a boca, sugando, respirações curtas e desesperadas. — Peito, dói. Costelas.

— Não se mova ok? Basta tentar respirar, pequenas respirações.

Eu rolo em minhas costas, gemendo quando sinto dor e as pontadas de agonia atravessam meu corpo. Eu pego em meu bolso o meu telefone. Ele sai em pedaços, esmagado. — Você, você tem o seu telefone?

— Levanta o casaco... dentro do bolso. — Ela está tremendo, piscando, lutando para respirar e eu não sei o que fazer porra.

Eu mexo no casaco, cautelosamente. Encontro o telefone no bolso

de dentro, intacto. Levanto sua camisa, vejo hematomas já se formando em suas costelas, há algo fora do lugar. Quebrado, talvez. Foda!... Jesus. Não deixe que seus pulmões estejam perfurados. Por favor. Por favor. Deixe-a ficar bem. Eu nem sei a quem eu estou implorando, mas os pensamentos divagam pela minha cabeça, sem parar. Tudo parece desmoronar. Por favor, por favor, por favor.

Eu disco 911.

— Nove-um-um, qual é a sua emergência? — Uma voz masculina calma, neutra.

— Acidente de moto. Em I–40. — Eu olho atrás de mim, eu mal posso ver o número de saída. Eu digo a ele.

— Tem alguém ferido?

— Sim. Minha namorada. Acho, eu acho que ela quebrou suas costelas. Eu não sei. Ela está tendo dificuldade para respirar.

— E o senhor? Você está bem?

— Eu não... eu não sei. Eu não me importo. Basta chegar alguém aqui. Ajudá-la. Por favor. Ajude-nos.

— As unidades estão a caminho de sua localização, senhor. Você pode me dizer o seu nome?

— Oz. Meu nome é Oz.

— Oz o quê?

— Oz Hyde.

Eu olho para Kylie, que ainda está tomando suspiros curtos para respirar, os olhos à procura de mim. Eu deixo cair o telefone, para chegar a sua mão, aperto. Eu ouço uma voz metálica chamando meu nome. Eu me atrapalho com o telefone de volta ao meu ouvido.

— Senhor? Senhor, você está aí? Oz?

— Estou, estou aqui.

O homem me faz uma série de perguntas e eu respondi a todas elas, mas eu estou realmente prestando atenção apenas em Kylie, vendo seu rosto, seus lábios azuis tingidos, seu peito se enchendo superficialmente com cada respiração ofegante minúscula. Seus olhos nunca me deixam, e sua mão aperta a minha, fracamente.

— Kylie? Continue apertando a minha mão. Eu estou aqui. Você vai ficar bem. Nós vamos ficar bem. — Eu pisco e desta vez há umidade

salgada deslizando pelo meu rosto e não são lágrimas de sangue. Eu não me importo. Meu único pensamento, é ver Kylie bem.

Ouço sirenes ao longe, chegando mais perto. Flash de luzes, pneus derraparem ruidosamente, portas abertas, vozes falam em tons calmos, vejo corpos vestidos de uniformes azuis agachado ao lado de Kylie, uma lanterna em seus olhos, sondando suas costelas, encaixando uma máscara de oxigênio em seu rosto. Um cara jovem, sem barba, mostrando as marcas de acne enche minha visão, com olhos calmos, olhos castanhos. — Senhor? Você é Oz?

Concordo com a cabeça. — Sim. Ela é Kylie, ela está ok? Será que ela vai ficar bem?

Ele aponta uma luz nos meus olhos. — Sim, senhor. Ela vai ficar bem, eu prometo.

Eu me viro para vê-los carregar Kylie em uma maca, levantando-a na ambulância. Agora, finalmente, eu posso sentir a minha própria dor. E, de repente, um calor dispara a dor através de mim, como se estivesse à espera nos bastidores, esperando até que eu soubesse que Kylie estivesse bem, cuidada. E agora está em chamas através de mim e eu estou tonto, não posso ver, não posso respirar, não posso mover-me, piscando, ofegante, vendo as estrelas e elas são substituídas por um teto, luzes, paredes, o interior de uma ambulância. Sinto algo duro meu nariz, em volta da minha boca, e finalmente o oxigênio fresco enchendo-me e eu quase posso ver novamente, quase respirar. Sinto mãos manipulando meu corpo. Tocam-me, cortam minhas calças. Minha camisa. Eu ainda tenho o telefone de Kylie na minha mão.

Sinto a movimentação. Preciso de Kylie. Preciso vê-la. Preciso falar com ela, preciso saber que ela está bem. Preciso ligar para seus pais, dizer–lhes que quase a matei, que eu ví sua dor, que eu não pude protegê-la, não pude mantê-la segura.

Eu repasso tudo o que aconteceu na minha cabeça. Eu posso ver cada segundo do acidente, lembro-me o que eu fiz e penso sobre o que eu poderia ter feito diferente. Nada. Simplesmente. Nada. Eu não poderia ter feito nada de diferente. Mas... se ela não tivesse na moto comigo, isso não teria acontecido.

Culpa, medo e dor, todos esses sentimentos juntos, me trituram

como uma bola de arame farpado no meu peito e eu estou apenas ciente no interior da ambulância e quando me dou conta estou na entrada de um hospital, e em seguida vejo, as paredes brancas de um corredor. Eu não sei o que está acontecendo ou o que há de errado comigo, mas eu não me importo. Tudo que sei é que Kylie está machucada e eu tenho que encontrá-la.

Eu vejo uma pessoa acima de mim, do sexo feminino, mais velha, olhos cheios de cuidados, seguros e inteligentes. — Kylie? Onde ela está?

— Ela está sendo atendida, Sr. Hyde. Por favor, fique quieto. Vamos cuidar de você.

— Eu preciso... Eu preciso vê-la. Eu preciso saber se ela está bem. Será que ela vai ficar bem? — Eu estou implorando, lutando para sair da cama, mas as mãos me seguram. — Apenas me diga que ela vai ficar bem.

— Senhorita Calloway vai ficar bem. Ela está viva e ela está recebendo o melhor cuidado que podemos dar. Vamos deixar você vê-la o mais rápido que pudermos. Você tem que nos deixar cuidar de você, Sr. Hyde.

Mas eu não posso acalmar. Pânico e desespero ondulam através de mim, eu forço uma saída, começo a me debater e eu estou sendo pressionado, sinto um puxão no meu braço e então a escuridão me engole.



Eu acordei e meu braço está engessado, descansando em meu peito. Tenho curativos no meu outro braço, mãos, nas minhas pernas. Minha testa está envolvida por uma bandagem e queima. A dor está em volta de mim, implacável. Eu tento respirar e olho ao redor. Vejo mamãe, dormindo em uma cadeira, suas longas pernas esticadas, cabeça pendendo sobre o ombro dela. Ela está roncando suavemente, sob uma luz. Eu posso ver as olheiras sob os olhos dela, a preocupação em seu rosto, mesmo quando ela dorme.

Minha boca está seca, minha garganta está apertada e queimando. Meus olhos estão turvos. Eu me viro e torço na cama, encontro o botão de chamada e pressiono-o. Em poucos minutos uma enfermeira aparece, uma mulher pequena, compacta, com cabelo castanho preso em um coque.

— Sr. Hyde. Como você está se sentindo? — Sua voz é um murmúrio baixo.

— Como o inferno. Com dor. Estou com sede.

— Eu vou te dar algo para a dor e um pouco de água. — Ela começa a se afastar.

Eu agarro seu braço. — Kylie. Eu preciso, eu preciso ver Kylie.

— Deixe-me pegar algo para a dor e então eu vou ver se posso levá-lo para vê-la.

Eu acho melhor não discutir. Eu prefiro cooperar e deixá-los me levar para ela. Eu caio de volta na cama, piscando contra a dor, observando o sono da minha mãe.

Como se passasse horas a enfermeira retorna e vejo seu crachá pendurado em um gancho anexado ao bolso de sua camisa de trabalho. Marie King, RN, LPN. Sua imagem não se parece nada com ela, mas essas imagens raramente se parecem. Ela me dá um pequeno copo de papel com dois grandes comprimidos brancos nele e um copo de água. Eu engulo os comprimidos, bebo toda a água e mudo para cima na cama.

— Sua namorada acabou de acordar também. Eu vou levá-lo para ela. — Marie se move através da sala e rola uma cadeira de rodas, ela traz para mim. — Agora, não tente ser um cara durão. Deixe-me ajudá-lo, ok? — Ela sorri para mim e eu deslizo minhas pernas para o lado da cama, deixando-a colocar o ombro debaixo do meu braço.

Ela é um inferno de muito mais forte do que seu pequeno corpo sugeria, levantando-me quase sem a minha ajuda para fora da cama, para os meus pés e, em seguida, mantendo-me equilibrado quando eu torço e me rebaixo na cadeira. Todos os pensamentos de mim mesmo caminhando para o quarto de Kylie desaparecem com esse breve esforço. Tudo dói. Estou suando e sem fôlego. Minhas dores no peito e minhas costelas parecem apertar, enviando gigantescas lanças de dor

através de mim quando eu me movo. As pílulas estão funcionando, embora, e eu estou sentindo menos dor. Estou mais leve e um pouco tonto. É bom.

Mamãe acorda, estende-se, boceja, e depois me vê. — OZ! — Ela dá uma guinada para seus pés, cai de joelhos ao lado da minha cadeira de rodas. — Deus, baby, eu... eu estava tão preocupada.

Deixei que ela me abraçasse e abracei-a de volta, e é a primeira vez em pelo menos dez anos que um abraço entre nós não é estranho. — Eu estou bem, mãe.

— O que aconteceu, Oz? — Ela está escovando meu cabelo longe do meu rosto. É solto em volta dos meus ombros e eu odeio isso.

Eu puxo-o de volta com uma mão, fazendo caretas enquanto o movimento dispara dor através de mim, dura, apesar do remédio. — Eu fui cortado na I–40. Por um imbecil em um Corvette. Ele nem sequer olhou quando ele entrou na estrada. Ele estava teclando mensagens de texto. Nem sequer me viu. Vinha um carro do outro lado, então eu não podia evitá-lo e ainda havia outro carro atrás de mim. Bati o ombro, o pneu saiu de baixo de mim. Eu não podia, não havia nada que eu pudesse fazer, senão colocá-lo para baixo. — Eu pisco contra o aperto na minha garganta enquanto eu me lembro do acidente.

Flashes de memória me atingem como um raio. O motorista do Corvette, o rosto iluminado pelo brilho do seu telefone. O carro atrás de mim, tão perto, tocando a buzina e tentando desviar. Eu nem sei se alguém parou para ajudar, para ver se estava bem. Eu não lembro de ter visto ninguém, mas minha memória é nebulosa. Só me lembro de dor, e Kylie sangrando e tentando respirar e minha moto à distância, o pneu girando.

Eu pisco de novo e tento agitar as imagens a distância.

Foda-se.

— Eu não podia fazer nada, mãe. Foi um acidente. Eu não... eu não queria que isso acontecesse. Eu tentei impedí-lo, tentei mantê-la segura. — Minha garganta doía, queimando, e meus olhos são quentes e pesados.

Braços da mãe iam ao meu redor. — Eu sei, querido. Foi um acidente. Eu sei. Estou feliz porque vocês dois estão bem.

— Eu preciso vê-la. — Olho para a enfermeira, Marie. — Eu preciso vê-la, por favor.

— É claro. — Marie se move atrás de mim, me empurra através da porta, me arrastando por vários corredores.

Mamãe trilha um passo para trás e à minha esquerda, o tênis rangendo no chão. O corredor faz eco com a voz distorcida de alguém. Outros enfermeiros passam, indo para o lado oposto, emergem de portas, papéis na mão, conversas atrás de mesas, toque em teclados.

Então nós estamos empurrando através de uma porta, em um quarto mal iluminado idêntico ao meu. Uma cama, uma cadeira, um monitor desligado, não conectado. Kylie está sentada na cama, conversando com Colt, que se senta na cadeira, colocada perto de sua cama. Ambos olham para mim e Colt se endireita em direção a Kylie, levanta-se, move-se em direção a mim.

Eu estou com medo. Eu gostaria de poder me levantar, mas eu estou tonto e tenho vertigens e ainda dói. — Colt... Sr. Calloway. — Eu olho por ele a Kylie e tudo que eu quero é ir para ela.

Mas Colt está de pé na minha frente, pairando sobre mim. Seus olhos azuis, tão parecido com Kylie, estão apertados, estreito, em causa. — Oz. Você está bem?

Eu dou de ombros. — Sim. Eu estou. — Eu pisco para ele. — Me desculpe. Eu sinto... sinto muito. Aconteceu tão rápido. Demasiado rápido. Eu tentei, mas não havia nada, nada que eu pudesse fazer...

A mão pesada toca meu ombro, repousa lá. — Eu sei, Oz. Foi um acidente. Kylie me contou o que aconteceu. Você fez tudo que podia. Ninguém culpa você. — Ele apertou meu ombro e tirou a mão. — Vocês dois estão vivos e isso é tudo que importa.

Eu me culpo, mas não digo.

— Oz. — Voz de Kylie rompe o silêncio tenso. — Venha aqui, Oz. — Ela olha para o pai dela, a enfermeira, minha mãe. — Podemos ter alguns minutos?

Marie rola-me tão perto da cama de Kylie como eu posso conseguir e depois todos saem, fechando a porta.

Estendo a mão livre e tomo a dela. — Kylie. Deus, baby. Eu sinto muito. Eu nunca deveria ter... eu quase te matei. — Eu olho para ela, e

meus olhos queimam novamente. — Eu sinto muito, Kylie. Sinto muito.

Ela estende a mão, coloca os dedos sobre meus lábios. — Não foi culpa sua, Oz. Não foi culpa sua. Você fez tudo que podia. — Ela engoliu em seco. — Foi muito assustador, Oz. Você foi... havia sangue por toda parte. Eu pensei que você ia morrer. Eu pensei, pensei que você estava indo sangrar até à morte. Havia tanto sangue, tanto, e eu não conseguia respirar — Ela pára, pisca, limpa os olhos. — Mas você está bem e eu estou bem. Estamos bem, certo? Tudo está bem.

Eu tento manter os olhos claros, mas a medicação de alívio da dor faz algo para mim e apesar de não doer tanto mais, a espessura e o calor na garganta queimam. O medo residual em seus lindos olhos azuis e do jeito que ela está tensa e dura e claramente com dores... conspiram contra mim e eu simplesmente não consigo parar a lágrima correndo pelo meu rosto. É foda chorar como um maricas, mas eu não posso evitá-lo e a mão de Kylie limpa meu rosto.

— Não, Oz. Você não pode fazer isso. Está tudo bem. — Ela pisca e limpa meu rosto de novo, corre o dedo em meus lábios. — Acidentes acontecem e estamos bem.

— Sim, estamos bem. — Eu respiro duro, empurrando para baixo, pare com isso, pisco duro, é difícil piscar, aperto os olhos fechados, engulo o caroço, respiro fundo, acalmando–me. — Eu estava com tanto medo que eu tinha conseguido te matar. Eles te levaram, e eu não sabia o que tinha acontecido com você.

— Eu tenho duas costelas quebradas e mais um par estão machucadas. Alguns cortes e arranhões. Alguns pontos sobre a minha perna esquerda, mas eu vou ficar bem em algumas semanas. — Ela me olha e preocupação enche os olhos. — Essa cadeira não é... você não... Oz... por favor me diga que você não está... — Ela não consegue nem mesmo dizer isso.

Eu balancei minha cabeça e movo tanto as minhas pernas para ela, mexo os dedos dos pés. —— Não, não. Eu estou bem. Apenas... dói, e eu tomei alguns medicamentos para a dor, o que está me deixando um pouco tonto. Eu estou bem.

Marie vem logo em seguida. — Vocês dois precisam descansar.

— Mais um minuto, — eu digo e aceno para Marie e ela fecha a

porta. Eu me inclino, beijo Kylie nos lábios. É suave e lento e doce, e quero ficar perdido em seu beijo, mas eu não posso.

Ela assobia e tento me ajeitar. — Puta merda... ow. Deus, dói. — Ela tenta mudar, tentando ficar mais confortável. — Eu não vou mentir Oz. Essa porra dói tanto. Cada respiração, cada pequeno movimento. Tudo dói.

— Eu sinto muito, Ky. Se eu pudesse levá-la de você, tirá-la de você, eu faria.

Ela sorri para mim, fraca, cansada. — Eu sei, Oz. Eu sei. — Ela pega a minha mão e entrelaça nossos dedos. Seus olhos encontram os meus, queimam brilhantes e sinceros. — Eu te amo.

Aquele som, sua voz falando essas palavras para mim, apagam tudo o resto. Eu me inclino, descanso minha bochecha suavemente contra seu braço. — Eu também te amo, Kylie. Muito.

Estamos em silêncio, sentados juntos. Eventualmente, Marie, Colt, e minha mãe entram e eu sou levado para o meu quarto e eu durmo, sonho com o acidente, com o céu glorioso que veio antes, ela sussurrando *'eu amo você'* e sua pele à luz da lua e então o Corvette está lá, o cara mexendo no telefone, muito perto, correndo através da escuridão e no momento da colisão em minha moto, tudo é indefinição, fusão, nada certo, nada mesmo.

Eu acordei suando e a dor é uma lança afundando no meu intestino. Meus braços doem e eu percebo que realmente está quebrado.

No dia seguinte, nós dois vamos para casa.

♥

Nós dois perdemos a escola. As semanas passam lentamente, durante as quais tento me curar, movendo-me com dificuldade. Meu braço está quebrado, e vai ser um longo tempo antes do gesso ser retirado. Fora isso, eu estou bem. Minhas costelas estão machucadas, mas elas melhoram rapidamente e os vários cortes e arranhões profundos nas minhas pernas e pontos sobre a minha cabeça curam

também. Kylie e eu não saímos, não fazemos muita coisa. Assistimos TV, fazemos lição de casa juntos. Qualquer coisa excêntrica está fora dos limites para Kylie até suas costelas melhorarem. Para a primeira semana, ela não pode se mover, mal consegue respirar.

Eu nunca tive a chance de ir atrás da oferta de Colt de verificar a oficina de seu amigo, o que é uma porcaria. Isso teria sido um bom trabalho. Mas eu não estou em forma para trabalhar em carros ainda. Leva quase um mês e nós dois estamos de volta para uma vida quase normal. Meu braço ainda está em uma tipóia, mas o gesso vai sair em breve. Estou sentado com Kylie na frente da casa, assistindo a um show na Netflix em seu laptop, vendo o cair da noite que nos cerca. Nós estamos de mãos dadas, o laptop à nossa volta com o balançar suave da cadeira de balanço de duas pessoas. Tornou-se o nosso lugar preferido nos últimos tempos, uma vez que não há muito mais o que possamos fazer a não ser ficar sentados juntos.

Meu instinto aperta quando vejo uma Silverado preta parada na entrada do outro lado da rua. Kylie fica tensa, também. Ela não mencionou Ben em um longo tempo, mas tenho a sensação de que houve algum tipo de discussão entre eles após o acidente.

Ele nos vê e eu movo o laptop sobre a Kylie, levantando-me. Ben está vindo para cá, com as mãos em punhos em seus lados.

— Oz. — Sua voz é calma, mas afiada.

— Ben. — Estendo-lhe a minha mão, esperando que isso possa ser uma conversa civilizada.

Eu ouço o laptop perto de mim e então a cadeira guincha quando ela se levanta. Seus passos embaralham. Ela ainda tem dificuldade em se movimentar, as costelas ainda causando-lhe um pouco de dor. Os olhos de Ben estreitos e duros quando ele a vê se mudar para ficar ao meu lado.

Ninguém fala por um longo tempo, mas os olhos de Ben travam um turbilhão de emoção turva.

— Tem algo a dizer, Ben? — Eu peço. — Então diga.

— Sim, de fato. Eu tenho algo a dizer. — Ele parece inchar, a raiva soprando-o. — Você quase a matou, Hyde. Você e sua moto estúpida. Ela ainda mal consegue andar. O que vai ser a próxima? Vai ser outra

coisa. Eu sei disso. Você é a porra de um perigo, Hyde. Eu sabia desde o primeiro dia, sabia que você desejava machucá-la. E você fez.

— Eu estou bem, Ben. — Kylie começa.

Ben fala direto sobre ela, ignorando-a. — Sabe aquelas costelas? Quase perfurou os seus pulmões. Foi uma questão de centímetros. Porra, cara! Poderia ter sido o seu coração. A teria matado em segundos. E teria sido sua culpa. Porque você só quer ser assim tão legal, em sua maldita moto estúpida.

— Você está sendo um imbecil, Ben. Foi um acidente. Não foi culpa dele. — Kylie fica entre nós, olhando-o. — Vá para casa.

— Não, Ky. Sim, pode ter sido um acidente, mas isso é apenas o começo. O que vai acontecer com vocês dois? Vocês vão sair e o quê? Vão fazer um pouco de música? Brincar de ser músicos? Vai arrastá-la com você na parte de trás de sua moto e, eventualmente, você vai matá-la.

— Pare com isso, Ben! Você está sendo ridículo. Foi um acidente. E o que fazemos não é da sua conta. — Ela franze a testa para ele, balança a cabeça. — O que está acontecendo com você, Ben? Quem é você? E o que é isso, afinal?

Ben gira se afastando, volta-se, passando a mão sobre a sua cabeça. — O que é isso? — Ele enfia um dedo em minha direção e eu me forço a não reagir. — É sobre este babaca. Ele é todo errado para você, Kylie. Ele sempre foi e sempre será. Ele não é ninguém, veio do nada. Ele nunca vai ser bom o suficiente para você! E você está tão cega de merda que não pode ver o quão errado ele é!

— Essa é a minha escolha, Ben! — Sua voz é gerada em um grito e ela empurra para ele. O esforço é demais e ela tropeça para a frente, com as mãos nos joelhos, gemendo, sugando o ar.

— Foda–se, Ben. Você está perturbando-a. — Eu passo na frente dele, bloqueando seu acesso a ela.

— Saia do meu caminho, Oz. Você não merece porra nenhuma dela e você sabe disso. — Sua voz é dura como ferro, dura como aço, afiada como navalhas.

— Sim, você sabe o quê? Você está certo. Eu não. — Eu passo mais perto. — Eu não mereço e nunca merecerei. Mas adivinhe? Ela me

escolheu, amigo. Não você. Você teve sua chance. Você estragou tudo. E agora você está com ciúmes. Eu entendo. Ela é incrível e eu ficaria com ciúmes também. Mas não cause problemas onde não precisa ter nenhum. — Eu tenho certeza que ele não tem para onde ir, mas quer passar através de mim.

— Saia do meu caminho, Oz. — Ele empurra em sua direção, tenta ir ao meu redor, em direção a Kylie, que está segurando a mão em suas costelas, ofegante, os olhos molhados, com medo, e ela está tentando nos alcançar.

Eu fico entre ele e ela. — Não. Vá para casa. Ela pediu-lhe para ir para casa. Então, basta ir, porra. Deixe-nos em paz. —Eu passo mais perto, então eu estou quase tocando-o.

— Saia da minha frente.

— Oz... Ben... por favor... não, — suspiros de Kylie.

— Eu disse... saia. Do. Meu. Caminho. — Ben morde cada palavra, com os punhos cerrados, inchando o peito e com olhar maníaco.

Eu dou de ombros e meu machucado reclama. Ignoro a dor. — Vá embora, Ben. — Eu engoli meu orgulho e experimentei pedir com certa educação. — Por favor. Basta ir.

— Ou o quê? — Ele sorri para mim. — Vai otário, vai socar-me de novo?

Eu rosno. — Você começou isso, Ben. Assim como você está começando de novo.

— E eu vou terminar. — Ele me empurra. — Foda-se. Fora. Saia daqui. Você não pertence a este lugar.

Eu tropeço para trás. Instinto, luta e reflexos me levam e eu corro para a frente, balançando o meu bom punho. Eu soco, duro. A cabeça de Ben vai e volta e eu ouço Kylie gritando, pedindo-nos para parar. É tarde demais, no entanto. Ben está vindo para mim. Eu esquivo para fora do caminho e me esquivo dos seus punhos. Eu giro, afastando, e ele segue, balançando novamente. Seu rosto é um misto de raiva e seu punho é enorme, chegando forte e rápido, e isso me atinge bem no nariz, me joga pra trás. A dor explode em meu rosto, respingos de sangue, e ele ainda está chegando, e Kylie está tropeçando por mim, chorando, implorando. Eu vejo o terror nos olhos dela e eu dou um

passo para trás, seguro minhas mãos.

— Ben, espera... — Eu não quero lutar com ele, não quero essa dor em seus olhos.

Mas é tarde demais. Muito tarde. Eu o vejo chegando e eu tento mudar, tento bloquear, mas eu não posso. Ele é muito rápido e eu estou fora de equilíbrio. Meu pé bate no meio-fio e eu tropeço para trás, para a rua. Faróis banham-me em amarelo. Estou em um pé tentando me equilibrar no outro pé, mas eu sei exatamente o que vai acontecer. Eu vejo a grade de um Land Rover. Eu vejo o emblema, verde e prata, e então eu sinto a minha perna quebrar, sinto o capô deslizando sob o meu lado e minhas costas, bato o crânio no vidro do pára-brisa e eu só tenho uma fração de segundo para sentir todos os tipos de dor e então a escuridão se levanta dentro de mim como uma inundação. Ouço gritos, vozes. Estou quase abaixo, lutando para ficar acima das águas frias e negras do silêncio e eu vejo Kylie, com o rosto em cima de mim, lágrimas, seus lábios se movem.

Ben está por trás dela e por que ele está chorando? Ele não está machucado, mas ele está gritando, balançando a cabeça, recuando. Eu pisco, pisco, mas a escuridão não clareia meus olhos e me concentro novamente em Kylie.

Eu te amo. Eu te amo. Eu estou dizendo isso? Eu não sei mesmo. Eu estou tentando. São as palavras que saem? Será que ela sabe? Ela pode ouvir?

Escuridão fria. A ausência de peso. É uma luz que vem para mim? É isso o que eles querem dizer quando falam sobre a luz no fim do túnel? Eu não quero isso. Tento ficar longe da luz.

Eu me agarro à imagem do rosto de Kylie. Imagino sua pele pálida iluminada pela luz prateada da lua, seus olhos, o azul do Caribe, seus lábios se movendo quando ela diz que me ama, a beleza inigualável de seu rosto e a beleza do fato de que ela me ama.

Eu me esforço para segurá-la, para o calor, sobre a realidade, sobre a vida.

— Não vá... por favor, Oz... fica comigo... fica comigo... — A voz dela está quebrada, tão doce e eu quero tranquilizá–la.

—... O amor... você... — Eu acho que é a minha voz, mas é

realmente em voz alta? Isso é resquício esfarrapado do soar a minha voz?

Não posso lutar contra a escuridão mais. Mãos implacáveis frias me arrastam para baixo.

— Não! — Kylie, suplica. — NÃO!

Eu estou caindo.

Silêncio.

Capítulo Doze
Precipitação

Colt

Ah, porra não. Eu assisto tudo acontecer, e eu assisto sua luta de peito aberto, Kylie está gritando e Nell está puxando para ela e eu estou em silêncio. Vejo Jason e Becca, nossos vizinhos. O motorista do Land Rover, vomitando na grama. Ben chora como um bebê se desculpando. Jason está segurando-o pelos ombros e Becca está no telefone com o 911. Eles disseram para não movê-lo, a ajuda está a caminho.

Eu me ajoelho ao lado de Kylie, observando Oz, como sua respiração é superficial e esganiçada, e vejo o sangue escorrer por baixo da sua cabeça.

Sem aviso, Kylie começa a correr para o outro lado da rua, gritando desesperadamente agora, não de dor, mas de ódio, de raiva. Eu a seguro antes que ela chegue até Ben, eu a pego pelos braços antes de atingi-lo.

— VOCÊ O MATOU! Ela está gritando: — Você o matou porra, seu bastardo! Eu te odeio,eu te odeio, eu te odeio!

Ben cambaleia em seus pés, desfazendo-se em cima do seu pai. — Eu não queria... Ele tropeça em direção a ela, com os olhos vermelhos, dor e culpa assolam suas feições. — Eu sinto muito, eu sinto muito, eu não...

— Eu disse há meses atrás que eu tinha escolhido ele, mas você não consegue aceitar isso! — Ela está lutando em meus braços, mas eu não posso deixá-la ir, não vou deixar. — Eu o escolhi! Eu o amo! Você era meu melhor amigo, Ben. — Ela fica abruptamente sem força. — Você era meu melhor amigo. Como você pôde fazer isso comigo? Porque você fez isso? — E agora ela está mole.

Eu a levanto em meus braços. — Ele não está morto, baby. Ele não está morto. Ele vai ficar bem. Ele está apenas inconsciente. Fique

comigo, querida. — Eu estou murmurando em seu ouvido. — Fique comigo, baby. Olhe para Oz, ok? Veja seu peito se movendo? Ele está vivo, certo? A ambulância está aqui pra resgatá-lo.

Ela se esforça para fora dos meus braços, de pé, observando tudo,vendo como os caras do EMS[16] fazem o seu trabalho terrível, com as luvas azuis ficando vermelho, suas vozes calmas, mas urgentes.

— Será que ele vai... ele vai viver? — Ela pergunta, com sua voz trêmula.

Um deles olha para ela. Seus olhos são tranquilizadores, calmos. — Chegamos aqui a tempo, eu acho. Ele tem uma boa chance.

Uma boa chance. Não é muito, mas é alguma coisa. Melhor do que morto.

Kylie segue quando eles o levantam para dentro da ambulância, e ninguém se atreve a pará-la enquanto ela sobe e se senta ao seu lado, tentando tocar sua mão, sem atrapalhar. As portas se fecham, sirenes continuam e a ambulância se distância. Nell corre logo atrás com a caminhonete, e nós seguimos de perto.

As próximas horas passam em um borrão, lentamente. Ele está em cirurgia há quase nove horas, e Kylie eventualmente cai em um sono profundo na sala de espera, esticada em duas cadeiras, com a cabeça no colo de Nell. Nós sentamos em silêncio, assistindo ao noticiário no mudo, vendo o rosto de Brian Williams[17] em movimento sem som, imagens piscando, um disparate sem sentido que não chama a atenção de ninguém.

Kate Hyde está no quarto também, sentada em frente a nós, olhos vermelhos e um lenço de papel em suas mãos. Ela o encara com indiferença.

Em algum momento, em altas horas da madrugada, um cirurgião de uniforme verde com uma máscara facial puxada para baixo do seu queixo e uma touca na cabeça vem esfregando a mão com álcool gel. Ele olha ao redor da sala pálida,com olhos azuis procurando por nós. Ele é um homem de meia-idade, um pouco mais velho do que eu sou, eu acho, ombros largos e magro.

---

[16] EMS– Emergency Medical Service – Para nós no Brasil é o SAMU

[17] Brian Williams – o apresentador e editor gerente do *NBC Nightly News*, o programa noticiário da noite

Kylie sente algo, acorda, vê o cirurgião. E se põe em pé. — Ele está bem?

— Ele é um lutador. — Diz o cirurgião. — Ele sofreu um trauma extremo na cabeça, mas ele ficou com a gente.

— Será que ele vai ficar bem? — Kate pergunta. — Quando ele vai acordar?

O cirurgião sacode a cabeça de um lado para o outro. — Não tem como afirmar nada com cem por cento de certeza até que ele acorde. Eu acho que ele tem uma excelente chance de ter uma recuperação completa, sem efeitos colaterais duradouros, mas não posso prometer nada ainda. Fizemos tudo o que podíamos por agora. — Ele suspira. — Ele vai ter um longo caminho pela frente quando acordar. O traumatismo craniano foi a maior preocupação, mas ele tem outros ferimentos igualmente significativos. Ele quebrou o fêmur em três lugares, e fraturou o braço novamente. Esses ferimentos vão levar tempo para curar, é claro, mas é a lesão na cabeça que temos que ficar de olho, ter mais atenção por agora.

— Quando é que podemos vê–lo ? — Kylie quer saber.

— Ele está inconsciente no momento. Não é um coma, apenas sono natural do pós-operatório. Provavelmente, você poderá vê-lo em poucas horas. Mais tarde, eu diria. Vocês todos têm estado aqui por um longo tempo, então por que não vão para casa e dormem um pouco?

Kylie balançou a cabeça. — Não... Não. Eu preciso vê-lo. Não posso simplesmente, vê-lo, por alguns minutos?

O cirurgião sacudiu a cabeça. — Eu sinto muito, eu realmente vejo que você tem a melhor das intenções, mas ele deve permanecer em repouso por um tempo. — Sua expressão suaviza. — Não vai fazer-lhe qualquer bem estar nesse estado de exaustão. Você precisa descansar. Posso dizer por experiência própria que o sono que você teve numa sala de espera em um hospital não é nem um pouco revigorante. Vá para casa. Durma. Volte esta noite, e você será capaz de vê-lo.

Eu envolvo meu braço em volta dos ombros de Kylie. — Vamos Kylie, ele está bem. Estamos todos exaustos. Sabemos que ele está bem agora. Ele vai ficar bem. Vamos para casa? Apenas por algumas

horas.

Kylie balança a cabeça, e depois desliza para fora do meu abraço, e alcança Kate. — Ele está bem, Kate. Ele vai ficar bem. — Kylie e Kate se abraçam, e eu posso ver Kate visivelmente tremendo e tentando se segurar.

– Ele realmente ama você, você sabe. Eu não tinha certeza de que ele alguma vez fosse encontrar isso. Kate se afasta, detém Kylie pelos ombros. — Estou tão feliz que ele te encontrou. Você realmente o trouxe à vida, Kylie, e eu não posso lhe agradecer o suficiente por isso.

— Ele é incrível! — Disse Kylie.

— Sim, ele é. Não graças a mim. — Kate aperta os olhos e se vira.

— Ei, Ei — Kylie sacode o braço de Kate. — Não. Você sempre esteve lá para ele. Você deu a ele... Tanto. Tudo. E ele sabe disso. Ele me contou muito.

— Ele, ele contou?

Kylie assente. — Ele ama você, Kate. De verdade. Nunca duvide disso.

Kate sorri. — Obrigado, Kylie. Ela balança a cabeça, enxuga os olhos. — Desculpe. Desculpe. Estou muito emotiva. Vá para casa, descanse um pouco. Nós todos vamos voltar mais tarde e vê-lo. Ela dá a Kylie um último abraço, e então se afasta.

Enquanto Kate se arrasta pelo corredor em direção aos elevadores, Jason e Becca retornam da cafeteria, copos de isopor de café na mão, Ben arrastando atrás deles, parecendo fraco e miserável. Becca pára na porta, olhando para Kate.

— Quem... Quem era? — Becca perguntou. Não era bem uma gagueira, mais um tropeço, mas falou muito sobre como era Becca. Ela se vira para Kylie. – Quem é aquela?

– Aquela? – Kylie está visivelmente confusa. – A mãe de Oz. Por quê?

Becca não respondeu de imediato. – Nada. Ela só... ela parecia familiar. Deve ter sido minha imaginação. – Ela balança a cabeça tentando afastar o pensamento, nervosa. — Eu só pensei por um segundo... Oh, não importa. Como está Oz?

— Oz está fora da cirurgia. Ele está dormindo agora, mas eles

disseram que ele deve estar bem. Kylie soluça, em seu esforço para soar forte, mas desmorona. — Ele quebrou a perna e quebrou o braço novamente. E a sua cabeça, ele... Dizem que ele não deve ter qualquer dano duradouro. Mas eles não sabem até que ele acorde.

Becca abraça Kylie. – Ele vai ficar bem, querida. Você vai ver.

Kylie balança a cabeça, e se afasta. — Sim, eu sei. Ele é forte.

Todos nós vamos para casa, e Kylie está dormindo em pé no momento em que entro. Eu a levo para cima, coloco-a na sua cama do jeito que eu costumava fazer, quando ela era uma garotinha.

— Papai? — Sua voz é minúscula, sonolenta.

— Sim, querida.

— Eu estou tão brava com Ben. Eu estou tão louca, e isso me assusta. — Ela funga. — Não quero que ele me procure, não o deixe entrar eu não posso vê-lo. Ainda não. Talvez nunca.

Eu suspiro. — Oh, querida. Foi um acidente. Um acidente estúpido que nunca deveria ter acontecido. Não foi culpa dele, querida. Ele não queria que isso acontecesse.

— Ele começou a briga! — Kylie está furiosa, mas muito cansada para realmente se expressar. — Oz teve um braço quebrado, e ele estava tentando ser racional sobre isso. Mas Ben estava apenas... Apenas pilhando para uma luta. Eu disse a ele que eu estava com Oz. Eu disse a ele, papai. Meses atrás. Mas ele não consegue aceitar.

– Ele tem sido seu amigo toda a sua vida, Kylie. Tente ver a partir de seu ponto de vista, só por um segundo. Ele está apaixonado por você por um longo, longo tempo. Então, de repente, você está com outra pessoa, e ele se sente frustrado.

– Ele nunca me disse. Nunca deixou transparecer. Como eu poderia saber? — Ela rola para as costas e deixa seus olhos se fecharam. — Se ele tivesse me dito, antes de conhecer Oz... talvez poderia ter acontecido alguma coisa. Mas... Ele ficou tão louco de ciúmes. E anda tão diferente, também. Ele disse coisas horríveis para Oz, papai. Aquele não era o meu Ben. Era como... como se ele fosse outra pessoa. Foi muito assustador.

— Eu não estou tirando sua culpa pelo seu comportamento, Kylie. Eu não estou mesmo. Só estou dizendo que... lhe dê tempo.

— Eu vou tentar.

— Isso é tudo que estou dizendo. — Eu dou uma palmadinha em seu ombro. — Durma. Vamos voltar lá juntos depois.

Ela não respondeu, porque já estava dormindo.

Capítulo Treze
Revelações

Oz

Foi uma merda acordar. Especialmente nessa fase inicial, onde você está apenas começando a ter consciência de que você está despertando, e você não quer. Tudo o que eu quero é afundar de volta e continuar naquela apatia.

Mas você não pode. Você é arrastado para cima, você é tirado daquele sono profundo.

Acordar em agonia? Pior ainda.

Lentamente, tortuosamente, eu venho à consciência. Eu já senti dor antes. Eu já suportei todo tipo de merda horrível. Mas isso? É a pior coisa que eu já senti. Mil, mil pontos de dor, pequenas faíscas esfaqueando em agonia por todo o meu corpo, centrado na minha cabeça, minha perna e meu braço, espalhando-se como uma teia de aranha.

Eu ouço um sinal sonoro no monitor. Estou em um maldito hospital novamente. Foda-se.

Eu não morri. Lembro-me de achar que eu estava morrendo. Mas, aparentemente, não.

Eu pisco, encontro o teto acima de mim, as paredes, os monitores com todos os seus fios conectados a mim. A cânula no meu nariz. Eu me sinto pesado. Minha perna está envolta em uma atadura da cintura aos pés. Meu braço está engessado, duro novamente. E minha cabeça, foda, minha cabeça dói como se alguém tivesse batido nela com uma marreta.

Minha porta se abre e Kylie invade, correndo para mim, e sua expressão é de choque, como se tivesse visto um fantasma. — Oz. — Ela diz estranhamente. — Oi, amor.

Eu me sinto perdido. Algo está acontecendo. Ela está agindo de forma estranha. — Oi, doçura. Eu estendo minha mão boa para ela. —

Venha aqui.

Ela se senta na beira da minha cama. Toco a testa dela com a minha. — Você está acordado. Você está... Você está vivo. — Ela soluça e soluça. — Eu... eu pensei que você estivesse morto. Você, mal estava respirando. Eu pensei que eu tivesse perdido você. Mais uma vez...

— Eu estou bem, Ky, quer dizer, eu estou todo fodido, mas eu vou ficar bem. Ela balança a cabeça, mas não disse nada. — O que é isso, Kylie? Alguma coisa está errada.

— A recepção... Eles não me diziam o seu número de quarto.

— O quê? Por quê?

— Porque eu não sabia o seu nome verdadeiro.

— Oh. Merda.

Ela funga, faz um som estranho que eu não consigo decifrar. — Sim. Eu perguntei por você. Por Oz. Eu só queria ver o meu namorado. Eu estava um pouco descontrolada, e eles... Eles não me diziam onde você estava. — O nome dele é Oz Hyde — eu disse. Você quer saber o que eles disseram?

— O quê? — Eu quase não quero saber. É apenas um nome. Eu não vejo por que é importante, mas ela está agindo de modo estranho.

— Eles me disseram seu nome, o seu nome verdadeiro. Uma pausa, um suspiro profundo. — Benjamin Aziz Hyde. — Ela pronuncia lentamente, cada sílaba, pausadamente.

— Sim. E daí?

Minha porta se abre, então, Ben entra, e vejo quando ele se aproxima de mim, com as mãos nos bolso e os olhos... Eles estão... Deus, eu nunca vi tal tortura nos olhos de uma pessoa antes.

— Ben. O que... o que diabos você está fazendo aqui ? — Eu exijo.

Ele só olha para mim por um momento, e então ele aperta os olhos fechados, como se para conter emoções fortes. — Eu sinto muito... Oz. Eu sinto muito. Eu deveria... Eu nunca deveria ter... Agido da maneira que eu agi.

Eu pisco. Ele é a última pessoa que eu esperava ver entrar por aquela porta, e eu certamente não esperava um pedido de desculpas dele. — Eu não tenho certeza do que você quer que eu diga aqui, cara.

— Nada. Você não tem que dizer nada. Eu estava... Eu não me

comportei bem, e eu sinto muito. Isso é tudo o que eu queria dizer. — Ele puxa uma respiração profunda, e deixa sair, olhando para Kylie.

— Eu acho que a única pessoa que merece um pedido de desculpas, é Kylie, não eu. — A dor em seu rosto torna impossível de odiá-lo. — Foi um acidente, Ben. Você provocou a briga, mas ser atropelado por um carro como aconteceu comigo, poderia ter acontecido com qualquer um de nós.

Ele apenas balança a cabeça, e parece que ele quer dizer outra coisa, mas não pode.

Um silêncio constrangedor se segue.

Finalmente, eu não aguento mais. Eu olho para Kylie. — O que há de tão importante com o meu nome?

— Seu nome é Benjamin. Como o dele.

Eu balancei minha cabeça. — Então? É um nome bastante comum. É apenas uma coincidência.

Ela se inclina para frente. — Mas vocês dois, vocês são parecidos. Quero dizer, vocês dois têm quase a mesma cor de pele, exatamente o mesmo tom. Seus narizes, eles são quase idênticos, também. E seus olhos... Oz, são mais cinza em si, mas são quase os mesmos, também. É assustador. Eu tinha notado isso antes, mas..ter o primeiro nome igual? É muito estranho para ser uma coincidência.

— E daí? Seríamos... Como, irmãos há muito perdidos ou algo assim?

Kylie balança a cabeça. — Eu não sei. É simplesmente bizarro.

Ben pára do outro lado da sala. — De jeito nenhum nós somos irmãos, porra. Não há nenhuma maneira no inferno que meus pais iriam guardar um segredo assim de mim. E, além disso, eu sei que meus pais de fato nunca estiveram com ninguém, exceto um com outro. É impossível. E é estranho, no entanto. — Ele rosna e vai em direção à porta. — Eu preciso de um pouco de ar.

Ele sai, e Kylie se senta aos pés da cama e vem ao meu lado, e funga em mim, em meu pescoço. — É uma loucura, mas isso não importa. — Ela descansa cuidadosamente a mão no meu peito, evitando o meu braço ferido e perna. — Eu te amo. Você está vivo. Isso é tudo que me importa agora.

— Eu também te amo. — Eu viro minha cabeça para beijá–la na têmpora, e ela vira o rosto para encontrar meus lábios. É um beijo rápido e superficial. Eu o quebro em primeiro. — Mas de verdade... o que diabos está acontecendo? Eu não, eu não entendo.

Kylie suspira. — Eu conversei com a sua mãe. Ela está a caminho, também. — Ela beija minha mandíbula.

Eu levanto o meu braço bom para que ela possa descansar a cabeça no canto. Deixamos o silêncio lavar sobre nós, exceto o sinal sonoro dos monitores e o grito ocasional do PA. Eu quase volto a dormir, mas então ouço passos se aproximando, e minha porta se abre. Minha mãe entra, seguida por Ben. Kylie não se move do meu lado, mas eu sei que ela está acordada e observando, esperando.

Mamãe se inclina sobre mim e beija minha testa. Não me lembro a última vez que Mamãe me beijou. — Oz, baby. Estou tão feliz que você está acordado. Como você se sente?

— Ferido. Confuso. Fodido. — Eu olho para Ben, depois para a mãe. — De onde você tirou o meu nome? — Eu exijo.

Ela empalidece. — O quê? Por que você está perguntando isso agora? — Ela se afasta, sacudindo a cabeça. — Eu não vou... não estamos discutindo isso agora. Falaremos sobre isso quando você estiver se sentindo melhor.

— Nós vamos falar sobre isso agora, PORRA! — Eu grito. Kylie recua, mas não se move ou fala.

— Espera Oz. Espera até que meus pais estejam aqui. — diz Ben.

Mamãe está olhando para Ben como se ela estivesse vendo um fantasma. — Quem... quem é você?

— Ben Dorsey. — Ele balança a mão, sua expressão impassível. É como se ele empurrasse todas as emoções para baixo, profundamente em um armário fechado de sua alma.

— Ben Dorsey — Mamãe repete. — Você se parece...

Ela não termina, porque a porta se abre mais uma vez, e Jason entra, Becca bem atrás dele. Jason fica de lado, e Becca se move para a frente, na minha direção. Ela vê minha mãe de pé ao lado da minha cama, no lado oposto de Kylie.

— Não... — Becca respira. — Não é... Não é possível. Ela tropeça,

pálida, mão sobre a boca. — Kate? — Ela se inclina para Jason, olhando para minha mãe em estado de choque e demonstrando uma dor antiga.

Minha mãe cede para trás contra a parede, agarra os trilhos da minha cama como se ela estivesse prestes a desmaiar. — Becca. Meu Deus.

Eu olho pra minha mãe, e para Becca. — Espera... Vocês se conhecem? — Meus punhos apertam. — O que diabos está acontecendo? Alguém comece a me dar algumas respostas, porra.

Kylie coloca a mão na minha bochecha. — Oz... Baby, está tudo bem. Estamos todos aqui. Vamos conversar sobre isso. Eu estou aqui. Está tudo bem.

Eu tomo uma respiração profunda. — Mamãe. Como você conhece Becca Dorsey?

Mamãe fecha os olhos, dá poucos passos pra longe da cama, e, em seguida, cai de joelhos. Seus ombros tremem, e eu odeio não poder sair dessa cama para ajudá–la. — Oz. Bebê... Eu sei que você tem um monte de perguntas.

— Um monte de perguntas? Eu digo isso com tanta amargura e minha voz quebra. — Eu já passei a minha vida inteira sem nada, exceto uma bordoada de perguntas, mamãe.

Becca dá um passo à frente. Toca o ombro de mamãe, afunda–se de joelhos ao lado dela. — Kate. Eu não posso acreditar que é realmente você. Passei tantos anos querendo saber o que aconteceu com você. Você simplesmente desapareceu, e eu, eu nunca fui capaz de encontrá-la. Ela parecia quase com raiva, e muito triste, e perdida no passado. — Eu procurei. Durante anos, eu procurei.

— Você procurou? — A voz de mamãe é incrédula.

— É claro que eu procurei! — Becca fecha os olhos, respirando trêmula. — Eu te disse, eu te disse que estaria lá para você. Nós iríamos ajudá-la. Mas você simplesmente... Desapareceu.

— Foi muito difícil. Eu estava com medo. — A voz de mamãe é distante, pequena. — Eu não poderia lidar com isso, estar tão perto de tudo que me fazia lembrar dele.

Ele? Eu queria saber, mas... eu sabia que era ele. Eu fiquei em

silêncio e deixei tudo sair.

— Você acha que, você acha que não foi difícil para mim? Ele era meu irmão, Kate. Você foi... Você se foi, carregando... Seu, seu filho. — Os olhos de Becca se viraram para mim. — O meu sobrinho.

O mundo gira em volta de mim. — O quê? — Eu tento respirar. — O que está acontecendo?

Mamãe parece presa, sentada no chão da sala de hospital, cabeça pendente. Becca olha para ela, suga uma respiração profunda, e eu posso vê-la tentando se acalmar. Ela se levanta, move-se para o meu lado.

— Seu pai era... o meu irmão. Seu nome era Benjamin Aziz de Rosa. — Sua voz oscila. — Nomeei meu filho por ele, e assim o fez Kate, ao que parece.

Eu não posso respirar, mas um milhão de perguntas gira e toca na massa no meu cérebro, meus lábios se agitam. E finalmente consigo falar. — O que... O que aconteceu com ele? Onde ele está?

— Sua mãe nunca lhe disse nada sobre ele? — Becca pergunta.

Só posso sacudir a cabeça.

— Eu não podia! — Minha mãe grita, histérica, maníaca, de repente, soluçando. — Foi muito... muito difícil! E oh Deus... Eu não podia. Eu simplesmente não podia. Sinto muito, Oz. Eu simplesmente não podia. Foi muito difícil. Ainda é muito difícil.

Becca pisca duro duas vezes, a respiração profundamente — Meu irmão estava muito perturbado, Oz. Ele lutou com transtorno bipolar toda a sua vida. Ele se envolveu com drogas. Quando ele conheceu Kate, sua mãe... Ele parecia estar um pouco melhor. Mas, não foi o suficiente, eu acho. Ele não tomava seus remédios... pp – por– por– porque... — Ela arrasta, lutando. Ela faz uma pausa por um momento, respirando profundamente. — Deus, eu não gaguejava assim em anos. Ele não tomava seus remédios. Ele disse que o fazia se sentir... Vazio. Meio-morto. Como se ele estivesse flutuando. Ele odiava. As drogas só deixavam tudo pior, eu acho. Sua mãe o amava, e ele a amava. Mas... Não foi o suficiente. Ele tinha... Tanta escuridão nele. Tanta insegurança.

Ela faz uma pausa de novo, e claramente, o que ela ia dizer era

muito mais difícil. Não me atrevo a interromper. Minha mãe tem o rosto nas mãos, soluçando baixinho.

Becca continua. — Foi tudo muito triste. Meu irmão se suicidou. Foi dia nove de abril. Ele se enforcou. Eu o encontrei. Ela pára, e em seguida, eu vejo as lágrimas em seus olhos. Ela começa novamente. — Sua mãe tinha acabado de descobrir que estava grávida.

Eu nem sei o que dizer. — Então... Ele não conseguia lidar com o fato de que ele ia ser pai? Assim, ele só... Se matou ?

Becca hesita em minhas palavras ásperas — Eu não sei. Não há nenhuma maneira de realmente saber o que ele estava pensando.

— Ele, ele estava com medo. Ele pensou que tinha arruinado minha vida. Sua vida. — Minha mãe, pela primeira vez na vida, estava oferecendo respostas. — Foi isso que ele pensou. Ele estava com medo dele passar sua doença para você, a bipolaridade. Eu só... Eu só pensei que poderia ser diferente. Só isso Ben. Mas ele, ele sofreu muito, sofreu tanto que ele não podia pensar em ter um filho. E quando eu lhe disse que estava grávida, ele simplesmente não conseguiu lidar com isso. Ele se sentia culpado. Acho que é porque ele lutou tão duro para cuidar de si mesmo, ele só foderia uma criança se a colocasse no mundo, mas ele não podia fugir do que estava acontecendo. Eu acho que ele sentia como se não tivesse outra saída.

Eu olho para Ben. — Então Ben é meu primo. — É uma pergunta retórica, e ninguém responde. Eu olho para a mamãe. — Porquê, mãe? Porque você nunca disse nada? Porquê manter esse segredo de mim por toda a minha vida, porra? Porquê? Tudo que eu queria era saber... Mesmo o seu nome maldito! Uma única coisa a respeito dele.

Mamãe suga um suspiro trêmulo. — Doeu muito. Eu amava seu pai. Eu o amei Ben. Muito. Eu queria... Eu só queria que ele fosse feliz. Eu não me importava se ele era bipolar. Eu levaria nosso casamento de alguma maneira, de jeito que desse. Contanto que ele não usasse drogas, ficaria tudo bem. Para mim, pelo menos. Ele teria seus altos e baixos, e eles eram ásperos, sim, mas eram administráveis. E então ele, ele se matou. E me quebrou. Eu nunca fiquei bem. Eu não fiquei bem desde que... Desde que ele morreu. Eu simplesmente não conseguia lidar com isso. Você é muito parecido com ele, Oz. Muito.

Isso me assusta e me lembra, e é tão difícil às vezes. Ela olha para mim, os olhos molhados, lágrimas fluindo livremente pelo rosto. — Eu sinto muito, Oz. Eu sinto muito. Você merecia a verdade, mas eu simplesmente não podia encarar, não podia. Quando você era jovem e me perguntava sobre ele, como eu poderia dizer a uma criança de seis anos de idade que seu pai se enforcou? E então, quanto mais velho você ficava, era apenas mais fácil fingir que eu estava protegendo você do horror da verdade. Era mais fácil deixá-lo pensar que ele tinha fugido, ou nos abandonou. Porque a verdade dele ter se matado, era difícil de aceitar... e para mim, foi muito pior. Mais de vinte anos se passaram desde que Ben se matou, e eu estou ainda tão brava com ele. E eu sinto falta dele. Eu o amava, Oz. Eu o amava tanto. E eu teria feito qualquer coisa por ele. Mas não foi o suficiente. Eu não era o suficiente.

Estou à beira das lágrimas. Mais uma vez. Estou malditamente farto de todo esse drama dessa besteira me fazendo emotivo. Mas tudo faz sentido. Isso responde tudo. — Então... Sou como ele? Sou bipolar? Já ouvi falar de transtorno bipolar, é claro, mas eu realmente não sei muito sobre isso.

Mamãe balança a cabeça. — Não, querido. Eu observei como um falcão por toda a sua vida, e você nunca mostrou qualquer sinal disso. Eu fiz uma bagunça horrível na sua vida, por isso, se você tem quaisquer questões emocionais, elas são minha culpa. Mas eu não acho que você seja bipolar.

Uma enfermeira entra, uma robusta mulher negra de meia-idade com mechas grisalhas no cabelo escuro encaracolado. Seu crachá anuncia seu nome, Shawna. — Tudo bem, com vocês. Meu paciente precisa dormir. Eu deixei vocês perturbá-lo por muito tempo. Agora saiam todos. Deixem o menino descansar. — Ela é simpática e educada, mas firme, apressando todo mundo para fora. Exceto Kylie, que permanece onde ela está aninhada, contra mim.

Eu digo adeus a todos, abraçando minha mãe, e então eles se foram, agrupados silenciosamente.

Shawna fecha a porta e, em seguida, pára no meio da sala, olhando para Kylie e eu. — Certo, querida. Se você me prometer que vai

deixar Benjamin dormir, eu vou deixar você ficar aqui por alguns minutos.

— Oz. Meu nome é Oz. — Murmuro, mais por hábito.

— Eu prometo! — Kylie diz a Shawna, então se vira para mim. — Então você ainda está se passando por Oz?

Dou de ombros, uma elevação fraca de um ombro. — É quem eu sou. É o nome que eu escolhi para mim há um longo, longo tempo atrás. Eu não sou Ben, ou Benjamin. Eu sou Oz.

Shawna está verificando, o monitor, mexendo com várias coisas. — Você precisa de algo para a dor, querido?

Muita coisa se passa na minha cabeça e no meu coração que eu quase me esqueço da dor. — Sim. Está começando a me pegar novamente. Não é uma mentira. Dores ondulam através de mim. Minha cabeça parece esmagada, e mil alfinetadas batem no meu braço e perna.

Ela sai do quarto, e assim que ela se foi, Kylie levanta, embala o meu rosto em suas mãos suaves, tremendo, e me beija, duro e profundo, desesperada. Ela me beija com a necessidade desesperada de alguém que achava que ela tinha perdido seu único e verdadeiro amor. Eu a beijo de volta, segurando a parte de trás de sua camisa com minha mão boa.

— Deus, Oz. Eu pensei que tinha perdido você. Mais uma vez. Isso machucou muito. Eu estava com tanto medo. Eu não poderia viver se eu te perdesse. Eu não posso perder você de novo. Por favor, Oz. Prometa-me, prometa-me que você nunca vai me deixar pensando que estivesse morto, sem saber se você estaria bem se você ia acordar, era apenas... O inferno. Foi um inferno. Eu te amo, muito, muito, muito. Nunca me deixe. Prometa-me, Oz. Prometa-me.

Eu envolvo meu braço em volta do seu pescoço e mantenho seu rosto contra o meu. Nós dois estamos tremendo, e ela está chorando. — Eu prometo a você, baby. Eu prometo. Eu sou seu, Kylie. Eu não vou a lugar nenhum. Ssshh. Eu estou bem. Eu estou bem. — Dou a ela garantias repetitivas e sem muito sentido, e mesmo assim ela acabou se acalmando, a sua respiração voltando ao normal.

— Como é que eu me apaixonei por você tão forte e tão rápido?

Kylie se afasta para olhar nos meus olhos. — É uma loucura. Eu não entendo às vezes. Eu não sei como isso aconteceu. Não é só o sexo, é... Você.

Só posso sacudir a cabeça. — Eu não sei, Ky, eu me pergunto a mesma coisa. — Eu afundo mais para trás nos travesseiros e deixo meus olhos deslizar fechados. — Eu me lembro de tudo. Lembro-me de saber que eu estava morrendo. E o meu último pensamento foi você. Que eu a amei. Que eu não queria que você ficasse triste por mim. Lembro-me do frio que eu sentia. Via uma... Uma luz. E não queria ir para ela. Eu não sei porra. Talvez eu estivesse... Imaginando, mas é o que eu me lembro. Vendo uma luz e sabendo que significava a morte. Morrer. Desistir. Deixando-a. E eu não podia. Eu queria-me segurar para voltar. Eu lutei contra ela, Kylie. Lutei tanto, mas eu... Eu não podia lutar contra isso. Ela me puxou para baixo. Acordar foi uma surpresa.

— Obrigada.

Eu tenho que pensar sobre isso. — Porquê?

— Por lutar. Para voltar para mim.

Eu não consigo ter energia para responder. Eu apenas tento espremer ela, para que ela saiba que eu a ouvi. A porta se abre, e eu ouço passos suaves se aproximando. Eu forço meus olhos abertos, deixo Shawna me ajudar a tomar os comprimidos, e então eu caio sob o feitiço do sono, segurando firme Kylie.

♥

Uma semana no hospital. Testes, exames, mais testes, mais exames. Todos se certificando que o trauma contundente do meu crânio não afetou meu cérebro. Ele não o afetou ao que parece. Finalmente eu posso ir para casa. Mamãe me deixa ir com Kylie sentado no banco de trás da picape. Ela passou quase todo o tempo comigo, o máximo de tempo que podia. Ela vinha depois da escola, antes da escola, na hora do almoço. Ela faltou em algumas aulas. Contava as horas pra poder me ver. Escorregava na minha cama

comigo, e ficávamos ali deitados, nós conversávamos, ela me abraçava, me beijava quando ninguém estava olhando.

Ir para casa significava ter uma cadeira de rodas, já que estou agora como a porra de um inválido. Eu agradeço que a merda do elevador em nosso prédio tenha sido consertado. A atadura na minha perna vai de cima do meu quadril para os dedos dos pés, mantendo-me totalmente imobilizado da cintura para baixo. Como meu braço está quebrado novamente, eu não posso usar uma muleta, e provavelmente não poderia de qualquer forma por causa do tamanho da minha atadura. Então eu tenho que ser empurrado por toda parte. Ajudado a sair da cama para a cadeira e de volta. Preciso de ajuda para ir ao banheiro. Para tomar um banho. Tudo.

É uma merda.

Mas à medida que os dias passam, Kylie fica comigo, vivendo basicamente comigo agora. Ela fez arranjos para fazer a maior parte de seus trabalhos escolares aqui, então ela quase nunca sai do meu lado. Eu a faço sair de vez em quando. Eu a faço ver os amigos dela. Mas ela faz tudo para mim. Era incrivelmente estranho no início, mas eventualmente Kylie e eu nos acostumamos com ela sendo minha enfermeira.

Uma das coisas mais irritantes em todo o acidente e a cirurgia foi que eles tiveram que raspar a parte de trás da minha cabeça, logo acima da linha do cabelo. Eu ainda tenho o meu cabelo, mas parece estranho eu mantê–lo preso, por isso fica solto o tempo todo e fica em meus olhos. Kylie me mostrou como amarrar só na frente para que ele não fique em minha cara, e então eu pareço como um elfo estúpido ou algo assim. Tanto faz. Não posso fazer nada em relação a isso ainda.

Ben veio uma vez, num sábado à tarde, algumas semanas depois que eu cheguei em casa do hospital. Foi extremamente difícil, extremamente tenso. Nenhum de nós sabia o que dizer, e sendo família não justifica o conflito entre nós.

Eu tenho família. Uma tia e tio. Um primo. Um primo com o mesmo nome que o meu, é estranho. Quero dizer, eu não uso meu primeiro nome, mas ainda é estranho. Ter família é estranho. Eu não sei o que fazer com eles. Eu deveria simplesmente esquecer o que Ben

fez deliberadamente, simplesmente porque ele é meu primo? O que é um primo realmente, de qualquer maneira? Quero dizer, que devemos ser amigos agora? É como ter quase um irmão? Eu não sei. Parece bobo, entende, mas eu simplesmente não sei o que fazer com uma família. Eu nunca tive qualquer uma. Mas quando Ben se aproximou, ficamos apenas ouvindo música. Porque Ben gosta de música semelhante a rock hard e heavy metal, por isso temos alguma coisa para falar.

Seus olhos ainda observam Kylie um pouco de perto demais, um pouco bruscamente. Seguem cada movimento dela. A verifica. Quero dizer, ela é linda, então que cara não iria ficar em cima? Mas eu não sei como lidar com isso. Isso me deixa louco. Ela é minha. Mas eu posso impedi-lo de olhar, de ver? Eu sei que ele ainda a quer. Ele ainda é apaixonado por ela. Você não pode simplesmente acabar com algo assim, de repente. Então, o que eu faço? O deixo ir e espero que ele se mude eventualmente? Eu não sei. Eu não tenho todas as respostas, e eu estou hesitante em deixá-lo perto de Kylie. Ele é o seu melhor amigo ainda. Eles se conhecem por suas vidas inteiras. Eu sinto que talvez eu precise deixá-lo com ela. Deixá-lo olhar se ele quiser. Deixá-lo prender em seus sentimentos por ela em segredo, se ele quiser. Ela está comigo, e isso não vai mudar.

Eu não sei o que o futuro reserva. Nós dois nos ferimos, e isso colocou em espera por tempo indeterminado as nossas ambições musicais, que Andersen diz que entende, e a oferta vai estar lá quando estivermos prontos. Isso significa que eu vou ficar aqui em Nashville? Possivelmente. Quero dizer, por pelo menos uma vez, eu tenho uma razão para ficar. Uma família para me segurar em um só lugar. Mamãe e Becca foram passar o tempo juntas o que é bom. Ela chega a casa com os olhos vermelhos, como se tivesse chorado, mas pela primeira vez ela está aberta às minhas perguntas, e eu tenho um monte delas. Ela está falando com Becca sobre o meu pai, eu acho. Lembrando quem ele era, e ela me conta histórias. As boas e as más, também. Ela me conta sobre suas mudanças de humor, seus ciclos. Como ele ficava deprimido mais facilmente e por mais tempo no outono e inverno, e era mais maníaco no verão e na primavera. Ele tinha mini-ciclos,

oscilações dentro das oscilações. Dias maníacos durante as depressões de inverno e vice-versa. Ela me disse o quão doce que ele podia ser, o quão talentoso ele poderia ser, se quisesse. Eu herdei o gosto pela música dele, aparentemente, o que é algo que nem a tia Becca sabia. Meu pai, eu ainda tenho um tempo pra me acostumar em chamá–lo assim: pai? Meu pai? Ben? Eu não sei mesmo, mas eu sempre abriguei um desejo de ser músico. Ele aprendeu a tocar guitarra sozinho, escreveu canções. Nunca foi em qualquer lugar com isso, nunca acreditou em si mesmo suficiente para tentar. Minha capacidade para a matemática é da mamãe. Ela tinha pensado em ir para a faculdade de física, mas a vida se encarregou de mantê–la longe da faculdade. Ela nunca foi, nunca teve o dinheiro, e, em seguida, ela conheceu meu pai e me teve, e isso nunca aconteceu.

Temos uma conta na nossa caixa de correio das minhas duas internações. Mamãe nunca nos colocou no Medicaid[18], nunca teve seguro de saúde. Mãe se sentou à mesa da cozinha, a mão sobre sua boca, olhando para o papel. Eu tentei falar com ela, mas ela me ignorou, apenas olhou para o que era um astronômico número de seis dígitos, tremendo.

E, em seguida, uma semana depois, eu a encontro com seu celular na mão, chorando, sentada no chão da cozinha.

— Mãe? O que há de errado? Eu manco até ela, arrastando o meu caminhar agora significativamente melhor.

Ela me deixa ajudá-la, coloca seu telefone no balcão. Kylie não estava no momento, foi entregar nossas tarefas para a escola. Mamãe suga uma respiração profunda. — A conta do hospital. Está paga. Alguém pagou. Tudo isso.

Eu senti o mundo girando em torno de mim. — O quê? Quem?

Mamãe balançou a cabeça. — Eles não me disseram. Mas... Quem mais poderia ter pago, exceto Jason e Becca?

Eu me viro e movo em direção a porta. — Vamos. Temos que ir falar com eles.

Mamãe nos leva a casa dos Dorseys, e eu envio a Kylie uma mensagem para nos encontrar lá. Becca está na frente de casa,

[18] **Medicaid** – é um programa controlado pelos estados e financiado conjuntamente pelos estados e governo federal dos EUA para fornecer seguro de saúde para indivíduos e famílias com rendas e recursos baixos

tomando chá gelado, esperando por nós, Kylie sentada ao lado dela, rindo e segurando um copo de chá suado. Eu faço o meu caminho lentamente até a calçada e subo os dois degraus até a varanda, me encostando contra a parede ao lado de Kylie. Mamãe está na calçada, na parte inferior da escada, olhando para Becca com emoção brilhando em seus olhos.

Não se falou por um longo tempo.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — diz Becca. — Não haverá nenhuma conversa de não aceitar caridade, ou nos pagar de volta. Você é da família. Oz é meu sobrinho, o único que eu vou ter. Então, basta dizer *'obrigada'* e pronto.

Minha mãe funga, limpa os olhos, a cabeça baixa. — *"Obrigada"* nem pode expressar o que tenho pra agradecer, Becca. Nem perto disso.

— Kate. Você é da família. Não há nada que não faria por você. — Becca desce os degraus, leva minha mãe pelos ombros, olha em seus olhos. — Você nunca deveria ter fugido, Kate. Eu poderia ter... Nós poderíamos ter sido como irmãs, todo esse tempo. Eu teria ajudado com Oz.

— Eu estava tão assustada. Com tudo. Eu não sabia o que fazer. Eu nunca tive família. Eu fugi de casa aos quatorze anos. — Minha mãe se afasta os braços cruzados sobre sua cintura, olhando para o céu azul da tarde, a voz distante. — Meus pais eram... Bem... Não eram pais. Eu não acho que há uma pessoa que viva nesta terra que saiba disso. Meu pai... Fez coisas. Coisas ruins. Para mim. Para minha irmã. Eu fugi no meu décimo quarto aniversário. Roubei cento e cinquenta dólares da lata de café em cima da geladeira e peguei o primeiro ônibus para ir embora. Acabei em um abrigo em Kansas City. Consegui um emprego em um restaurante de comida chinesa, lavando pratos. Sabão, água, uma esponja, e uma pia. Eles me deixaram dormir na cozinha à noite. Eu usei a pia para tomar banhos de esponja. Guardei o meu dinheiro por dois meses, e então eu peguei um ônibus para ir embora de Kansas City. E eu nunca fiquei em qualquer lugar por mais de um par de meses depois disso. Pelo menos não até que eu conheci Ben. Eu estava sempre com medo que meu pai fosse

me pegar. Ele era um homem mau. Eu sei que ele procurou por mim. Ele me disse uma vez, quando eu tinha doze anos, que se eu contasse a alguém o que ele fez para mim e Kaylee ele iria nos machucar. Ele disse que nunca iria ficar longe dele. Kaylee era quatro anos mais velha do que eu. Ela fugiu quando eu tinha onze anos.

Choque, surpresa... não há palavras corretas que descrevam como estou impressionado com as revelações da minha mã. Eu não sabia disso. Eu não tinha ideia. Nem uma única pista. — O que... o que aconteceu com sua irmã?

Mãe dá de ombros. — Eu não sei. Ela provavelmente está lá fora em algum lugar, se ela ainda estiver viva. Adolescentes fugitivos... Bem, eles não costumam ficar vivos. Eles acabam em drogas, prostituição. Escravas sexuais. Eu vi isso acontecer. Isso quase aconteceu comigo. Eu fui... Pega, uma vez. Em Fisk, Missouri. Apenas arrancada da rua em plena luz do dia. Eu esperei até que eles saíssem com a van e fingi estar inconsciente. Então eu comecei a chutar, morder, socar. Conseguiu fugir, me escondi em uma caçamba de lixo até a manhã seguinte. Então... Kaylee? Eu não sei. Eu sempre pensei sobre tentar procurar por ela, mas... — Minha mãe dá de ombros. — Eu nunca procurei. Nunca pude. Eu pesquisei o nome dela algumas vezes, mas nada, nunca apareceu nada. — Ela se vira para olhar para mim. — É por isso que nós nos mudamos tanto, Oz. É o que eu sabia. Eu morei em Michigan mais do que eu já morei em qualquer lugar, e foi por causa de Ben. Eu pensei que eu tinha encontrado um lar, uma família. Alguém que me amasse. Alguém para cuidar. Quatro anos. Isso é o mais longo que eu já fiquei em qualquer lugar em minha vida, e aqui e em Dallas. É apenas um hábito agora. Não há razão para ficar, então por que se preocupar?

— Puta merda, mãe.

Ela torce o corpo e sorri para mim. — É notícia velha, querido. Só lamento você ter nascido de alguém como eu. Você merecia uma vida melhor, e eu simplesmente não podia dar a você. Ela muda seu olhar para Becca. — Eu não sabia como confiar em você. Eu queria, mas... Eu nunca confiei em ninguém. Eu nunca disse a Ben sobre como eu cresci.

— Bem, talvez seja hora de tentar — diz Becca. — Fique aqui em Nashville. Crie raízes.

Mamãe ri, um som um pouco amargo. — As pessoas sempre dizem isso. *"Crie raízes"*. Eu nem sei o que isso quer dizer.

Becca move-se para ficar ao lado de mamãe. — Isso significa... Deixar que nós sejamos sua família. Venha para o almoço, beba comigo. Não fuja. Apenas... Fique aqui.

Mamãe não respondeu por um longo, longo tempo. Quando ela o faz, sua voz é hesitante. — Família. Você realmente quer ser a minha família?

Becca ri, puxa mamãe para um abraço. — Já somos, Kate.

— Ah. — Minha mãe olha para mim. — Oz?

Eu me inclino para Kylie, que envolve o braço em volta da minha cintura. — Eu não vou a lugar nenhum. Eu tenho pelo menos um motivo para ficar aqui.

Becca se vira para mim, franzindo a testa. — Só um?

— Pelo menos um — eu disse. — E... Eu gosto da ideia de família, também, honestamente.

♥

Seis semanas mais tarde, e eu estou fora de meus gessos, de volta ao normal. E eu estou nervoso como o inferno. Estou sentado em uma cadeira de barbeiro, um avental em volta dos meus ombros. Uma mulher bonita e amigável tem as mãos em meus cabelos, me esperando para lhe dar o sinal para começar. Eu fico olhando para meu reflexo no espelho, olhando para os meus longos cabelos ruivos. Não eram cortados desde antes do segundo grau. Deixei minha mãe aparar as pontas uma vez, há dois anos.

Kylie não sabe que eu estou fazendo isso. Ela pensa que eu estou pesquisando pedais de efeitos. Eu até fiz, eu comprei um novo. Eu tenho um novo emprego, trabalhando para Andersen Mayer em seu escritório. Eu sou assistente do seu assistente. Eu também trabalho na garagem, com o amigo de Colt. É um bom trabalho, paga bem, e eu

estou aprendendo algumas habilidades novas, úteis. É bom estar ocupado, ter terminado a faculdade. Eu sei que um diploma de tecnólogo não é nada, mas é um diploma que eu ganhei, por conta própria. Eu poderia ir para o meu bacharelado, talvez não. Kylie se formou no colegial com grandes honras, obviamente, e está pensando aonde ela quer ir depois que ela terminar a licenciatura na Faculdade de Nashiville.

Kylie e eu ainda estamos pensando em ir atrás da música, mas nós sentimos que não devemos apressar. Deixar acontecer em seu próprio tempo. Nesse meio tempo, estou trabalhando muito, tocando violão e aprendendo novas canções, mesmo brincando em escrever as minhas próprias. Eu não queimo um cigarro há meses, e eu não tenho fumado maconha desde antes do acidente. Eu nem sequer tive um. Kylie me viu jogá-lo fora, me viu dar o meu cachimbo e papéis para Dion.

— Você tem o cabelo bonito, Oz — a cabeleira diz para mim. — Talvez você pense em doá–lo ?

— Doá–lo? Eu pergunto.

— Sim. *Locks od Love*[19] é uma instituição de caridade que leva o cabelo como o seu depois que é cortado e o transforma em peruca.

Eu dou de ombros. — Claro. Parece bom.

Ela sorri. — Legal — Seus dedos percorrem meu cabelo mais uma vez. — Então. Pronto?

Eu respiro fundo e expiro. — Sim. Pode cortar.

Eu vejo como a tesoura recorta pelo meu cabelo, assisto como uma enorme mecha de cabelo esvoaçar no chão. Puta merda. Minha cabeça se sente tão leve, de repente. Ela não terminou, porém. Ela corta e corta e corta, até que eu tenho certeza que devo estar careca. Eu fecheimeus olhos, recusando-me a olhar até que esteja terminado.

Finalmente, após o corte da linha do cabelo no meu pescoço e acima dos meus ouvidos com um par de tesouras, ela recua, sopra minha pele limpa com um secador de cabelo. O molda com algum tipo

[19] Locks of Love (Cachos de Amor) é uma organização pública sem fins lucrativos que fornece perucas para crianças e jovens com menos de 21 anos, financeiramente desfavorecidas, nos EUA e Canadá, que sofrem de queda de cabelo devido a doenças ou tratamentos médicos. Eles aceitam partes de cabelo que depois transformam em perucas. http://www.locksoflove.org/

de pasta. Esfrega seca, torce, joga. Finalmente, ela retira o avental e me vira.

— Então, o que você acha Oz? — ela parece nervosa.

Abro os olhos e estou honestamente atordoado. É curto. Não há nada dos lados, rente ao couro cabeludo. Há uma juba bagunçada no topo da minha cabeça, artisticamente despenteada, escuro, espetado. Puta merda, eu amo isso, porra. Eu corro minhas mãos pelos meus ouvidos, até a parte de trás do meu pescoço, a parte de trás da minha cabeça, sentindo as cerdas macias sob minha palma.

— Parece que a minha cabeça está dez quilos mais leve — Eu viro a cabeça de um lado para outro, arranco um fio de cabelo, brinco com ele. — É incrível. Eu me sinto como uma pessoa diferente.

— Você tinha um monte de cabelo. — Ela soa quase melancólica. — Você tinha um cabelo lindo. Quero dizer, ele era grosso e, sem pontas duplas ou qualquer coisa. Mas você parece incrível, eu tenho que dizer. Você parece totalmente diferente. Ela inclina a cabeça, toca meu ombro. — Agora você só precisa de uma... Camisa menos nojenta.

Eu tenho uma camisa de heavy metal, é claro. Eu não acho que eu tenho mais nada, além disso. Esta tem um jorro de sangue que se transforma em um bando de pássaros, e o nome da banda escrito em frente estilo de arame farpado. É um desenho bonito, eu acho.

— Sim, talvez você tenha razão. Se eu quiser parecer limpo, eu poderia muito bem ir até o fim, né?

— Exatamente. Há uma loja de revenda a algumas lojas daqui que tem algumas coisas legais. Você deve dar uma olhada. — Ela me leva até ao balcão e me cobra.

Agradeço-lhe, deixo-lhe um gorjeta, e saio para o calor da primavera. Eu verifico a loja e encontro uma camisa de manga curta de botão, xadrez e formal e feia pra caralho, mas ela se encaixa e não parece nada mal em mim. Especialmente depois que eu encontrei um par de calças jeans desbotadas, gastas, apenas apertado o suficiente. Adiciono um cinto de couro castanho claro, e um par de DocMartens[20], e eu pareço com alguém totalmente diferente de um punk metalhead que deixou meu apartamento esta manhã. Eu lanço minhas roupas

[20] DocMartens – Marca de sapato.

velhas no banco do passageiro do meu carro e deixo o motor em ponto morto enquanto envio uma mensagem para Kylie.

Sim, a minha moto foi praticamente destruída, então eu usei o dinheiro do seguro para comprar uma F–150 preta e velha. Colt me ajudou a consertá–la, substituindo e engraxando o motor, melhorando o escapamento, trocando o rádio. A caminhonete é quase tão velha quanto eu, mas é suave e poderosa e ronca como uma besta.

Encontre-me no parque. Eu mando a mensagem para Kylie. ***Eu tenho uma surpresa para você.***

Eu sigo, e alguns minutos mais tarde, o meu telefone toca. Eu espero até que eu esteja no sinal vermelho e, em seguida, leio a mensagem.

Com certeza. T vj então.

Isso me deixa louco quando Kylie usa linguagem de mensagem, então é claro que ela faz isso só para me irritar.

Eu encontro uma vaga para a minha caminhonete no estacionamento e arrasto os pés por todo o campo de futebol, com uma colcha velha debaixo de um braço. Encontramos este parque há poucas semanas. Ele é escondido na parte de trás de uma subdivisão. Há alguns balanços, um velho carrossel, alguns bancos e uma estrutura de jogo e algumas mesas de piquenique pichadas com as iniciais e palavrões. Ninguém vem aqui, por isso gosto de estar no campo e falar, escrever canções, beijar. E um pouco mais do que beijo, tarde da noite, às vezes.

Eu abro o cobertor e me deito sobre ele, cochilando no sol quente até ouvir o ronco silencioso do carro de Kylie. Ouço a porta fechar, enquanto ouço os passos dela se aproximar. Eu inclino minha cabeça para um lado, vejo as pernas dela se aproximar. Eu me levanto, a encaro.

— Puta merda, Oz! — Ela cobre a boca com a mão, escondendo um sorriso atordoado. — Você parece… Puta merda! É você mesmo?

Eu esfrego a mão pelo meu cabelo, ainda espantado com a forma como ela sente. — Você gostou?

Ela se aproxima escova a palma da mão sobre o cabelo cortado rente na parte de trás da minha cabeça, rindo. — Gostei? Eu amo isso. Quer dizer, eu amava o jeito que você era antes, mas isso... Você parece tão gostoso que eu não posso suportar isso. — Ela dá um passo para trás e observa minha roupa. — Até mesmo as suas roupas? Deus, Oz, que deu em você?

Eu dei de ombros. — Eu não sei. Simplesmente senti que era hora de uma mudança. Eu cortei o cabelo, e depois percebi que eu poderia muito bem fazer isso direito, você sabe? Então, aqui estou eu. Eu me sinto estranho. Eu não posso passar por cima do jeito que minha cabeça se sente.

Ela ri e passa a mão pelo meu pescoço. — Eu aposto. Eu cortei meu cabelo muito curto uma vez. Foi no colegial, eu acho. Eu cortei tipo 15 cm, e parecia que minha cabeça ia flutuar.

Concordo com a cabeça. — É bem isso.

— Você não fez isso por mim, não é? Como, você não se sente como eu queria que você mudasse para mim, não é?

Eu franzo a testa. — Não, não mesmo. Trata-se de mudar a mim mesmo. Eu ainda sou eu. Eu só não preciso das camisas de heavy metal e calça jeans preta e cabelo comprido para ser eu. Eu sou eu, independentemente da minha aparência.

— Tão sábio e tão jovem ainda — Kylie brinca.

— Ei, garota, eu sou mais velho que você.

— Não muito.

— Ainda assim, mais velho.

Ela sorri para mim, então desliza a mão para cima sob a barra da minha camisa, toca a pele nas minhas costas. — Por que ainda estamos de pé?

Nós afundamos no cobertor juntos, e ela se inclina para trás em seus cotovelos. Seus lábios abrem na expectativa, seus olhos fecham quando eu me inclino para um beijo. Ela está vestindo uma blusa branca de botão solta e um par de calças jeans skiny apertadas, e eu descanso minha mão em seu quadril, toco seus lábios com os meus,

saboreio o batom de baunilha, o cheiro de sabão e do perfume fraco. Sua mão desliza para cima das minhas costas segurando a parte de trás da minha cabeça. O beijo se aprofunda, e eu não consigo me segurar, abro o botão de cima da blusa, e em seguida, o segundo. Em poucos momentos, nossas camisas estão abertas, as mãos viajandodo meu lado e as palmas das mãos cobrindo seus peitos.

Nós nos perdemos no beijo, na troca de calor e paixão, e ainda que não vou deixar ir mais longe do que beijar, a troca é intensa e avassaladora.

Ela se afasta, morde o meu lábio inferior. — Deus, se não pararmos agora eu vou pular em você aqui mesmo, em plena luz do dia.

— Isso seria ruim... Certo?

— Sim. Quero dizer, eu consigo ouvir as crianças. — Ela sorri para mim. — Vamos para casa.

— Casa? — Eu perguntei. — Onde é casa, para a gente?

— Por agora? Onde podemos estar sozinhos. Onde quer que você esteja é casa.

Capítulo Catorze
Sabedoria na Margem do Riacho

Colt

Estou mexendo na Triumph, dando os toques finais sobre ela. Ela só precisa de alguns ajustes nos freios, algum polimento, e depois ela está pronta. Eu já estou planejando meu próximo projeto. Eu quero tentar algo um pouco diferente. Eu tenho meu olho em um *1935 Studebaker President Eight*[21]. É pouco mais do que a carcaça, mas eu conheço um cara que pode me dar peças para os Studebakers.

Eu pego um olhar de Ben do outro lado da rua, lavando sua caminhonete. Ele está esfregando duro com a esponja amarela redonda, um pouco demais, eu acho. Ele está virando a cabeça de vez em quando e olhando nessa direção, e a dor e raiva em seus olhos é abundante e quente. Eu percebo que Oz e Kylie estão sentados na nossa varanda, vendo Netflix.

Cara, Ben está mal. Eu pensei que talvez após o acidente ele recuasse um pouco, mas isso não parece como se ele tivesse. Meses se passaram, e ele ainda está definhando. Ainda esperando, talvez, observando e esperando. Eu suspiro, e sento-me sobre os calcanhares. Isso tem que acabar. Eu sei que Jason falou com ele sobre isso, mas que criança na idade de Ben alguma vez quer ouvir o que o seu pai tem a dizer? Especialmente sobre os assuntos do coração.

Enquanto observo, Ben joga a esponja para baixo no chão, espirrando água e sabão em toda parte. Eu quase posso ouvi-lo praguejar quando ele pega a mangueira e pulveriza sua caminhonete. Eu coloquei as minhas ferramentas de volta na caixa e faço o meu caminho para Ben. Eu olho para trás e vejo que Oz e Kylie estam quase se beijando, enquanto sussurram, incitando a birra de Ben.

---

21 

Eu paro no degrau da varanda. — Ei, vocês dois. Eu não tenho problema com nada disso. Eu digo, apontando para eles. — E eu sei que vocês não podem andar na ponta dos pés em torno de sentimentos de Ben o tempo todo, mas não sejam cruéis sobre isso, hein? Apenas... Pelo menos, poderiam tentar ter um pouco de consideração.

Kylie suspira. — Ugh. Você está certo. Eu odeio isso, mas você está certo. Eu só... Eu odeio essa situação toda com ele, papai. Eu não sei o que fazer. É como se ele não estivesse tentando seguir em frente. — Ela olha do outro lado da rua, encontrando o olhar de Ben. — Eu vou falar com ele.

— O que você vai dizer? — Oz pergunta.

Kylie encolhe os ombros quando ela se levanta. — Eu não sei. Algo. Qualquer coisa.

Eu a faço sentar novamente. — Eu não acho que haja alguma coisa que você possa dizer, Ky, eu vou falar com ele. Pode ser que nada que eu diga faça alguma diferença também, mas... Vale a pena tentar.

Eu mergulho dentro de casa, deixo Nell saber para onde estou indo, pego minhas chaves, e vou para o outro lado da rua. Ben está secando sua caminhonete com um pano, e eu espero até que ele acabe. Ele me ignora até que ele secou o último terço do painel.

— Sim? — Ele joga o pano no balde agora vazio, juntamente com a esponja, e, em seguida, bota o balde na garagem.

— Vamos lá — eu digo. — Você e eu temos que conversar, garoto. — Eu vou para o outro lado da rua, sem esperar para ver se ele está seguindo. Ele seguirá, se ele sabe o que é bom para ele.

Subo no lado do motorista do meu carro, fecho a porta, ligo o motor, e espero. Depois de um minuto, Ben desliza, fechando a porta com um estrondo. Eu saio, e não escapa ao meu conhecimento que ele olha para Kylie e Oz, enquanto pode, até que eles estejam fora de vista, em que ponto ele continua a olhar para fora da janela, com o queixo na mão, sobrancelhas franzidas, visivelmente remoendo. O rádio fica desligado, e eu estou em silêncio. Eu puxo para o estacionamento de uma loja de conveniência.

— Fique firme — eu digo, e vou para dentro.

Eu compro um pacote de seis cervejas, e pego a estrada

novamente. Eu vou para fora dos subúrbios, para o campo. Encontro uma estrada secundária e levanto a poeira. Sigo voltas e mais voltas até chegarmos a um dos meus lugares favoritos. É pouco mais de uma colina gramada com vista para um riacho, mas é isolado e bonito e tranquilo. Há uma árvore caída à margem do riacho, perfeito para sentar–se e ficar vendo o fluxo de água. Eu pego o pacote de seis cervejas do banco de trás, saio da caminhonete, e caminho até a árvore.

Ben me segue, e eu me sento no tronco, torço a tampa de duas cervejas e lhe entrego uma.

Eu tomo um gole, e depois olho para ele. — Tem algo que queira dizer antes de eu começar a falar?

Ben tomar um gole balança a cabeça. — Não.

Eu dou de ombros. — Tudo bem. Eu espero que você escute Ben. Não apenas me ouça, mas ouça ativamente. Ok? — Ele balança a cabeça. — Você está tentando cavar um buraco na areia, Ben. Você nunca vai chegar a lugar nenhum fazendo o que você está fazendo.

Ben franze a testa. — Que porra você disse?

— Isso significa que você está esperando por algo que provavelmente nunca acontecerá. — Faço uma pausa, bebo e começo de novo. — Olha. Vamos esquecer o fato de que nós estamos falando sobre a minha filha por um minuto, ok? Eu sou apenas Colt, e você é Ben. Você é filho do meu melhor amigo. Você é como um filho para mim, Ben. Eu o vi crescer. Eu vi você se transformar em um inferno de um bom atleta e um bom homem.

— Mas? — Ben pergunta.

— Mas você tem que deixá-la ir, garoto.

— Eu não posso. Eu tentei. Foda-se, que eu tentei. Eu trabalho como um maldito lunático. Condicionamento físico, prática, estudo. Fico longe o máximo possível. Tento não pensar sobre ela. Mas... é do caralho sem esperança, Colt. Eu não consigo tirá-la da minha cabeça. Eu não posso, eu não posso parar de esperar e desejar e rezar para que ela mude de ideia. Eu sonho com ela. Eu tenho um sonho recorrente em que ela está esperando por mim após um dia, e ela me diz como ela estava errada, que ela fez a escolha errada e ela me quer.

Que ela me ama de volta. É uma tortura. Eu acordo um pouco antes dela me beijar, pouco antes de seus lábios tocarem os meus, e eu percebo que era tudo um sonho, e... eu só quero rasgar a porra do meu coração. Só que ela já fez isso.

A dor em sua voz faz meu coração doer por ele. Eu termino minha cerveja e brinco com a garrafa, retiro lentamente o rótulo fora e mantenho os pedaços abaixo do pescoço. — Ela não quis, Ben.

— Não. Eu sei disso. Mas isso realmente deveria me fazer sentir melhor? — Sua voz assume um tom de zombaria. — *"Oh, veja Ben, a garota que você amou a vida inteira não queria arrancar seu coração e toda essa merda, então tudo bem. Apenas a esqueça"*.

Eu suspiro. — Não, você está certo. Suponho que isso não serve de consolo. Mas aqui está um fato de merda da vida, Ben: às vezes você tem seu coração pisoteado, e simplesmente não há consolo. Às vezes, você se machuca, e não há nada que faça você se sentir melhor. Não há forma de atenuar a dor, não há maneira de mudar os fatos. Você acabou ferido. É uma merda. Eu abro outra cerveja, a entrego a Ben, e uma para mim. — Diga-me a verdade. Você a ama, você realmente a ama?

— Sim. Eu amo.

— O que isso significa, para você?

Ele não responde imediatamente. Ele roda o líquido âmbar na garrafa, olhando para ele, pensando. — Isso significa que eu quero estar perto dela o tempo todo. Eu quero falar com ela. Isso significa que eu quero um relacionamento físico com ela. Isso significa que eu acho que ela é talentosa e bonita e surpreendente. Minha vida não é a mesma sem ela. Eu sinto falta dela.

Concordo com a cabeça. — Parece certo. Exceto... Que não é amor. São seus sentimentos. Como você se sente. O que você quer para ela? Você já ouviu falar na velha canção de John Mayer, *"Love is a verb"*? Ele balança a cabeça. — Olhe-se algum tempo. Mas você ouve o que isso significa? O amor não é apenas algo que você sente Ben. Eu odeio soar como se eu fosse Confúcio ou Yoda ou alguma merda, mas são apenas os fatos, simples. Você gosta o que Kylie é, e você do jeito que ela é. Ok, isso é tudo de bom, mas e daí? O que você vai fazer sobre

isso? Você deveria ter falado com ela, mas você esperou muito tempo. Suas razões para esperar eram admiráveis e respeitáveis, e é exatamente o que eu poderia esperar de um cara como você. Mas você perdeu sua chance. Kylie está apaixonada por outra pessoa, e eu não vejo isso mudando. E mesmo que, digamos que ela e Oz não dêem certo. Você realmente vai apenas esperar por essa possibilidade? E se isso vier a acontecer, é realmente como você gostaria que fosse, ficar com a garota que está apaixonada por outra pessoa? Com o coração partido? No rebote da dor? Eu sei que o sentimento de rejeição é do caralho, Ben. Eu sei. Confie em mim essa merda. Mas ter seu coração partido quando um relacionamento se rompe, é ainda pior. Você sabe o que você tinha, e foi tirado de você. É melhor ter amado e perdido do que nunca amado em tudo. Não é assim o ditado?

Ben balança a cabeça, engolindo a boca cheia de cerveja que ele acabou de beber. — Quase. — Ele toma uma respiração profunda e, em seguida, levanta a cabeça, olhando para o céu. — *"Eu prefiro a verdade, independentemente do que aconteça, eu o sinto quando o lamentar mais; é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado de todo"* De *In Memoriam A.H.H.* por Tennyson.

Estou impressionado. — Porra, Ben. Você pode recitar poesia?

Ele dá de ombros, rindo. — Sim. Eu gosto da poesia. Eu peguei isso de mamãe, eu acho.

Concordo com a cabeça. — Muito foda. — Faço uma pausa para saborear. — Bem, veja, às vezes eu acho que a frase é apenas besteira completa. Perder um maldito amor é sim um golpe, você pode ter a memória do tempo que você teve com essa pessoa, mas você também tem a absoluta agonia de tê-la perdido. Eu não tenho certeza que é uma boa troca.

— Sim, eu não saberia. — A voz de Ben é grossa com amargura.

Eu ignorar o isso e sigo em frente. — Voltando ao meu ponto original. O amor é algo que você faz. É ativo. Você mostra isso. Se eu confiasse em meus sentimentos por Nell o tempo todo, teríamos nos separado há muito tempo. Nós tivemos algumas discussões muito ruins ao longo dos anos. O tipo em que nós dois estávamos cuspindo raiva, não podendo sequer olhar para o outro. Meus sentimentos de

amor nessas situações não valem merda nenhuma, porque tudo que eu sinto é injustiça e chateação a ponto de querer ir embora. Mas sabe o que me impede de fazer qualquer coisa estúpida? A escolha de praticar o amor. — Eu espeto o dedo em seu braço como eu enfatizo a palavra. — A decisão de ignorar os meus sentimentos e concentrar no fato de que, mesmo que eu não me sinta feliz, tem emoções de anos envolvidas e eu amo Nell e faria qualquer coisa por ela. Incluindo pedir desculpas por algo que eu não ache que tenha feito errado, ou deixá-la ganhar uma discussão simplesmente para obter a paz de volta. Agora, ela iria ficar brava com o que eu disse que eu “deixei”' ganhar. E eu não quero dizer que em qualquer tipo de sentido condescendente, Ben. Eu só quero dizer, porra, se está certo ou não, se ela está certa ou não, não se deve propagar a briga e sim pedir desculpas, ou fazer o que for preciso para voltar para onde os sentimentos vão lhe fazer algum bem. E, no seu caso, você ama Kylie, mas o que você vai fazer sobre isso? Vai se manter lastimando, olhando para ela, ficando com raiva quando você a vir com Oz ? Ou você vai fazer uma escolha para fazer o que é melhor para ela?

— O que significa isso? — Ben termina sua cerveja e bota a garrafa vazia na caixa vazia do pacote de seis. Eu faço o mesmo, e o deixo tomar uma terceira.

Deixo a última cerveja onde está, e tento encontrar as palavras certas para Ben. — Você tem que decidir se você a ama o suficiente para deixá-la ir.

— Eu estou tentando deixá-la ir, Colt! Eu não sei como, porra!

— Não, Ben. Você está tentando acabar com ela. Não é mesma coisa.

Ele se levanta, vai até o riacho, em silêncio, pensando. — O que for preciso para mostrar o meu amor por ela, não é?

Eu aceno, mesmo que ele não está olhando para mim. — Sim. Custe o que custar.

— Ir embora, você quer dizer?

— Se isso é o que é preciso. Ninguém quer que você... Eu não sei... vá a qualquer lugar, mas, se a única forma de seguir em frente e deixá-la ir, para deixá-la ter a sua própria felicidade, é ir embora da situação,

então que assim seja. E, honestamente, às vezes, a única maneira de passar a dor, a única maneira de realmente seguir em frente, é colocar o tempo e a distância entre você e a situação. — Eu me levanto e me movo para ficar ao lado dele, o bato no ombro. — Minha filha se importa com você. Ela não quer lhe causar dor. Ela quer que você seja feliz. Você era o seu melhor amigo há um tempo muito longo, e ela está triste que ela tenha perdido isso. Ela me disse.

Ben apenas balança a cabeça, e eu posso dizer que ele está perdido em seus pensamentos. Eu vou embora, encosto contra a minha caminhonete, e assisto a um bando de passarinhos voar em espiral.

— Isso é uma merda. — Diz Ben.

— Sim.

— Como, a única maneira que eu posso pensar que realmente verdadeiramente sair da situação é... Deixar Nashville. Não há lugar aqui que eu possa ir que é suficientemente longe dela, longe deles. Mas aonde eu vou?

— Às vezes, Ben, não há onde. Há apenas *ir*.

Ben ri. — Agora você soa como Yoda.

— É isso, estou tentando.

Ele ri de novo, e, em seguida, solta um longo suspiro, esfregando a parte de trás de sua cabeça. — Obrigado, Colt.

Eu dou de ombros. — Qual é a graça de ficar velho e passar por um monte de merda, se você não pode passar um pouco de sabedoria, de vez em quando?

Conversamos por mais alguns minutos, e depois voltamos para casa. Ele está quieto durante todo o caminho, mas o silêncio é diferente. Menos sombrio menos irritado. Quando estamos de volta e estaciono na minha garagem, Ben agradece a mim novamente e vai para sua casa. Ele não olha para trás para ver se Kylie e Oz ainda estão na varanda, que eu acho que é uma melhoria.

Nell me encontra na cozinha. — O que você disse a ele? — Ela se inclina para um beijo, então paira sobre o meu pescoço, ficando na ponta dos pés.

— Eu disse a ele que o amor era um verbo, e que ele tinha que

deixá-la ir, se ele realmente a ama.

— John Mayer. Boa escolha.

Eu ri do fato de que ela sabia que música exatamente eu me referi.

— Yeah. A ilusão foi perdida para ele, mas, valia a pena tentar.

Ela abaixa os pés e repousa a cabeça no meu peito. — Você acha que ele vai ouvir?

Concordo com a cabeça. — Sim, eu acho que ele vai.

— Ótimo. Ela beija minha bochecha. — Estou feliz que você falou com ele. Alguém precisava.

— Onde Oz e Kylie foram?

— De volta para o apartamento dele.

Eu franzo a testa. — Eu gostaria que ele morasse em um bairro mais seguro.

— Eu também. Mas nossas escolhas não são para que eles morem juntos, que eu sei que eles já estão discutindo, ou deixar a situação ficar como está. Não me sinto confortável com eles passarem o tempo a portas fechadas aqui.

— Nem eu.

Nell dá de ombros. — Tenho a sensação que Oz vai estar comprando o seu próprio apartamento em breve. Esperemos que seja um mais seguro.

— Sim, e Kylie vai acabar ficando por lá. E eu me preocupo — Eu suspiro.

— Isso também conhecido é como"pais" — Nell brinca.

Eu rio. — É verdade.

Ela sorri para mim. — Mas, uma vez que a casa está vazia... — Ela desliza suas mãos debaixo da minha camisa, e eu sorrio para ela e a deixo tirar.

— Agora este é um benefício de ter uma casa vazia. Eu digo.

Epílogo
Há Só Um Caminhar

Ben

Entrego meu papel de teste e deixo a sala de aula, saio para a luz do sol, piscando enquanto deslizo meus óculos de sol. Essa foi a minha última prova do semestre. Possivelmente a minha última prova na Vanderbilt. Eu não sei com certeza. Eu não sei de nada com certeza.

Bem, isso não é inteiramente verdade. Eu sei que meu coração ainda está rachando e desmoronando sob o peso do que eu tenho que fazer. Eu sei que minha caminhonete está lotada. Três mochilas, cinco mil dólares em dinheiro e duas vezes mais na minha conta bancária. Um tanque cheio de gasolina. Sem destino. Sem roteiro. Eu estou indo para o oeste, eu só sei isso.

Exceto primeiro eu tenho três paradas para fazer. Em primeiro lugar, minha casa. Dar a mamãe um abraço, dizer-lhe adeus e que não se preocupe. Então, preciso parar no estádio e dizer adeus a meu pai. Ambos sabem que eu estou indo embora, e porquê. Eles não estavam realmente entusiasmados, obviamente, mas eu os convenci isso é o que eu tenho que fazer. Eu prometi ligar sempre que puder. Última parada? O estúdio de gravação no centro onde Oz e Kylie estão gravando as faixas. Colt me disse que eles estavam lá. Eu tenho que dizer adeus. Eu não posso simplesmente desaparecer, sumir dela sem dizer nada.

Eu encontro uma vaga, ando alguns quarteirões para o estúdio. Eu jogo charme e flerto pelo meu caminho passando pela recepcionista e indo para a cabine onde eles estão tocando. Eu passo pelo estande, digo oi para o produtor. Jerry, eu acho que é o nome dele. Ele levanta a mão pedindo silêncio, então eu espero o meu tempo. Ele dá um soco em um botão, e a cabine está cheia de música, com a voz de Kylie e Oz. Jerry desliza os fones de ouvido para baixo para descansar em seu pescoço.

Mais alguns acordes e a canção acaba. Kylie e Oz não me viram ainda.

Em seguida, eles vêem. Os olhos de Kylie estreitam. Eu espero, e eu sei que ela sabe que eu quero falar com ela.

— Vamos gravar mais um Jerry! - Diz Kylie, sem tirar os olhos de mim.

— Tudo bem. O que temos? - Jerry pergunta.

— Eu acabei de escrevê–la - diz Kylie. - Eu estou chamando–a *"Not Your Me"*.

Ela muda no banco do piano, toca as teclas. Oz olha para mim, então se afasta de Kylie. Ele parece surpreso, também, como se isso não fosse planejado. Quando ela canta, ela olha para mim, em meus olhos tristes, sem piscar. Sua voz é cheia de emoção, encantadora e surpreendente e perfeita, como ela:

Uma vida inteira foi você e eu
Uma vida inteira e aqui estamos
São apenas dias após dias
De falar livre
É calmo e lento
Mas sempre houve
Momentos
Momentos que se fazem
Podemos, poderíamos, deveríamos
Rejeitá-lo, ignorá-lo, fingir
Eu nunca tive esses pensamentos
Colocar os desejos um fim
Viver e respirar e mover
Encontre um caminho novo em folha
Continue indo e sendo apenas
Você e eu
Todos os dias
Você e eu
Todos os dias
E então, como uma enchente
Como um deslizar repentino de lama

Eu estou apaixonada por outra pessoa
E você e eu não somos eu e você
Você é você
E eu sou outra pessoa
Você não é você
E eu ainda sou eu
E quem somos nós
Quem somos nós
Onde está o que
Nós costumávamos ser
Descubra se não é mais ele
Tem sido sempre ele
Só que eu nunca soube
E os momentos são muito poucos
Tarde demais
O tempo se foi
Há muito tempo atrás
E o meu coração está cheio de outra pessoa
Mas você ainda é você
Eu ainda sou eu
Simplesmente não há mais qualquer um
Porque o seu coração está cheio de mim
Mas eu não sou aquele eu
sua eu
Eu sou sua eu
E você quer o que não pode nunca ser
Mas você ainda olha para mim
Como se tudo o que costumava ser
Jamais poderia adicionar até
Um novo eu e você
E eu não quero essa culpa
Eu não quero essa culpa
Eu não quero que você deseje
Não quero que você fique esperando
Continue esperando e esperando

Eu quero que você encontre o seu próprio alguém
Seu próprio novíssimo você e eu
Sua própria vida fresca daqui onde está agora
Todos os dias
De falar livre
Calmo e lento
Eu desejo que você pudesse saber
Quanto eu sinto sua falta
Quanto eu sinto
A forma como costumava ser
Mas Deus não pode ver
Eu não sou mais aquela menina
Eu não sou seu eu
"Eu não sou o seu eu."

Eu não nego a dor cortando no meu coração. Eu aceito isso. É notícia velha neste momento. Eu a deixo ver em mim, a deixo ver a minha dor e minha resignação.

Jerry olha para mim, aperta um botão, e faz gestos para mim.

— Posso ter apenas cinco minutos a sós com você, Kylie? Eu peço.

Ela balança a cabeça, desliza para fora do banco do piano. Ela para em Oz, sussurra em seu ouvido, beija-o rapidamente. Ele balança a cabeça, olha para mim. Acho que ele sabe. Espero que ele saiba. Eu estou fazendo isso por ele também. A culpa por o ter quase matado torna tudo muito pior.

Kylie sai da cabine de gravação, e eu a sigo do lado de fora, à luz do sol. Nós estamos em um beco, lixeiras de um lado a outro lado de nós. Eu coloquei minhas costas em uma parede, aguardei Kylie parar de andar e me encarar.

— Ben, eu nem sei...

— Você não tem que dizer nada! Eu a cortei. — Basta ouvir. Eu te amei por um longo, longo tempo. Não, por favor, Kylie, apenas ouça. Você está com Oz. Eu perdi minha chance. Eu entendo isso. Eu odeio isso. Dói. É do caralho, me corta em pedaços cada momento de cada dia. — Eu não me preocupo em esconder minhas emoções. — Isso me

deixa louco. Deveria ser você e eu, não você e ele. Mas eu não posso mudar isso. Eu sei disso. Eu realmente sei. E... Se eu realmente amo você, então eu não gostaria de mudar isso. Eu sou apenas fraco o suficiente para te querer para mim, mesmo que eu saiba, eu posso ver que você está malditamente feliz com Oz. Então bom para você. Seja feliz.

— Ben... — Sua voz falha.

— Não, eu não acabei — Eu me forço a ficar absolutamente imóvel, quase sem respirar.

Se eu não continuar, eu estou sujeito a fazer algo estúpido, como tentar beijá-la a mudar de ideia. — Eu não acabei. Eu quero que você seja feliz. Eu quero que você fique feliz. E, foda-se, Oz dá-lhe isso, então que assim seja. Eu vou aceitar isso, porque eu não tenho escolha. Mas eu não posso fingir que está tudo bem para mim. Não está. Dói ver você com ele. Isso me deixa com raiva, louco e ciumento, e eu não sei como mudar isso. Como mudar isso em mim. Eu não posso. Eu tentei, caralho. Durante meses, eu tentei. Não é que eu continue esperando que você mude de ideia. Eu sei que você não vai. É que eu não posso deixar de desejar. Querer. E eu acho que... Eu acho que não importa quanto tempo passe, isso nunca vai mudar. Pelo menos, não enquanto eu estiver aqui ao seu redor. Em torno dele.

— O que está dizendo, Ben? — Sua voz é apenas um sussurro.

Eu andei pra longe, corro a mão pelo meu cabelo recém cortado. É perto do couro cabeludo, fácil de manter nos longos dias de treinamento físico e sem chuveiros que eu tenho à minha frente. Eu me volto para ela, memorizo seus traços, seu perfeito cabelo loiro morango, sua pele pálida, seus olhos azuis, seu corpo. Deus. Eu a amo tanto, e eu nunca segurei sua mão.

— Eu estou dizendo... Eu não sei como estar apaixonado por você e ser seu amigo, ao mesmo tempo. Eu não sei como. Eu não acho que seja possível. Então... Eu estou querendo mostrar que eu te amo e o único caminho que me resta. Eu belisco a ponta do meu nariz, respiro fundo e, em seguida, procuro seus olhos. Uma última vez. — Estou indo embora, Kylie.

— Indo embora? Aonde você vai? Por quanto tempo?

Eu dou de ombros, sacudo minha cabeça. — Eu não sei... E eu não sei. Para qualquer lugar, menos aqui, e possivelmente para sempre. Durante o tempo que levar para que eu supere você. Encontrar alguém, talvez. Eu não sei.

Ela funga. — Eu não quero que você vá. Seus olhos estão molhados, mas ela não os limpa. — Você é meu melhor amigo, Ben.

Eu balancei minha cabeça novamente. — Não, eu não sou. Eu sou seu amigo mais antigo. Eu aponto para a porta de entrada para o estúdio. — Ele é seu melhor amigo.

Ela acena com a cabeça. — Então você está só... Fugindo.

Eu rosno. — Caralho, Kylie. Não faça isso mais difícil do que tem que ser. — Eu quero dar um soco na parede, chutar o lixo, beijá-la sem sentido. Eu não faço nada disso. Estou acostumado a desejá-la e não fazer nada. Eu sou bom no que faço, eu tenho quase dez anos de prática, depois de tudo. — Eu não estou fugindo. Eu estou deixando você ir.

— Mas eu nunca poderei vê-lo novamente.

Concordo com a cabeça. — Sim. Quer dizer, eu vou tentar voltar para o Natal, mas... Eu não sei onde eu vou acabar.

— E quanto à faculdade? Você está indo embora de Vanderbilt também?

Concordo com a cabeça. — Eu terminei o semestre. Eu não estou oficialmente afastado, mas eu duvido que eu esteja de volta no outono. Posso transferir para outro lugar. Ou eu poderia tentar os menores ou algo assim. Eu não sei. Eu não me importo. Eu só vou. Eu tenho que ficar longe de você, Kylie. Você está... Você está em mim. Na minha cabeça, no meu coração, na minha vida. Mas você não me quer do jeito que eu quero você, e esta cidade não é grande o suficiente. Então... Então...

Kylie suspira, e, finalmente, enxuga os olhos. — Eu entendo. — Ela olha para mim. — Quando você vai embora?

— Agora. Eu já disse adeus a todos os outros.

Ela se aproxima de mim, e meu coração engata até um crescente martelar apenas a partir do cheiro do seu xampu. Ela hesita, então envolve seus braços em volta da minha cintura. Eu congelo, não a

abraço de volta. Não ouso. Acabei de deixá-la se abraçar em mim e tento me lembrar de respirar. Ela solta, finalmente, e olha para mim de muito perto.

Sem a minha permissão, minhas mãos se elevam, tocam-lhe o rosto. — Eu desejo – Minha voz está perto de quebrar. — Eu gostaria de ter pelo menos te beijado. Apenas uma vez. — Seus olhos se arregalaram, e ela pára de respirar. Então, antes de eu fazer qualquer coisa verdadeiramente estúpida, eu dou um passo longe. — Mas eu não fiz. E agora... Eu nunca vou. Mais um passo para trás. — Adeus, Kylie. Eu me afasto, e levo cada grama de força de vontade que eu possuo.

— Ben? Sua voz me pára. — Você vai ficar bem?

Eu paro, mas não me viro. Lentamente, eu aceno. — Yeah. Eventualmente.

Um tenso silêncio por muito tempo. Ela está prestes a dizer algo mais. Eu posso sentir isso, e eu espero por isso. Mas, em seguida, com uma exalação triste, tudo o que ela diz é: — Tchau, Ben. Vou sentir sua falta.

Eu quero olhar para trás, mas eu não olho. Eu pisco com força contra a queimadura de dor na garganta, no peito, nos meus olhos. — Yeah. Eu também. — É claro, até mesmo para mim, se eu quero dizer que eu vou sentir falta dela, também, ou se eu vou me perder.

Ambos, talvez.

Eu não olho para trás. Não para ela, e não em Nashville quando eu dirijo passando dos limites da cidade. Quando estou longe o suficiente que eu não reconheço os marcos, ligo o som, caço através das canções que eu tenho carregado no flash drive. E encontro uma musica que fala a este momento. É uma canção de Kylie, o tipo de coisa que eu ouvia por ela.

É *"Let Her Go"* de Passenger.

Eu a ouço em repetição até que minha garganta dói de cantar junto, e, eventualmente, eu deixo o rádio me levar para outras músicas, como a estrada me leva para outros lugares.

Eu me lembro do que disse Colt no riacho naquele dia: Às vezes não há onde, tem apenas que ir.

E eu vou.

Epílogo Dois

Kylie
Um ano mais tarde

Se apresentar nunca é chato, nunca envelhece. Isso nunca perde o brilho para mim. Cada vez que Oz e eu subimos no palco, eu me sinto viva, como se energia crua substituísse todo o sangue em minhas veias, como se a própria vida fosse maior e mais colorida e mais surpreendente. Nós estamos em turnê com a minha mãe e o meu pai e The Harris Mountain Boys. Esta turnê tem sido literalmente, a experiência mais incrível da minha vida inteira. A cada dia, mesmo quando estávamos apenas percorrendo o país no ônibus da turnê, sempre houve dias de alegria, dias de novas experiências.

Oz e eu ficamos melhor cada vez que tocamos juntos. Oz, não surpreendentemente, acabou por ser uma intensa e incansável máquina de escrever músicas. Ele tem um poço inesgotável de emoção e experiência de vida pra passar para o papel, e uma vez que eu o convenci a dar-lhe uma tentativa, ele descobriu que não conseguia parar de derramar as palavras. E isso para mim é ótimo, porque eu prefiro escrever a música.

Estamos na última etapa da turnê de verão, passando pelo arco do outro lado da fronteira norte através de Michigan, onde minha mãe e o meu pai estão voltando para Nashville. O último show da turnê será em Nashville, e eu tenho medo da porra desse show. Não tinha sido divulgado até menos de um mês atrás, e os ingressos se esgotaram em menos de uma hora. Fechamos o Ryman. Em uma hora.

Andersen tem sido fundamental em tudo isso. Ele nos trouxe a imprensa durante o verão, aumentando nossa visibilidade de uma forma que nunca poderíamos ter esperado. Mamãe e papai estão juntos na turnê, mas Andersen usou suas conexões com a indústria da música para nos colocar no meio.

Oz e eu? Deus, eu amo esse homem. Nós não tivemos muito tempo a sós na turnê, já que nós estamos compartilhando um ônibus

com mamãe e papai, e eles não vão deixar-nos dormir no beliche juntos. Está tudo bem, apesar de tudo. Nós ficamos juntos depois dos shows, ou durante os intervalos de almoço, enquanto nós estamos viajando. Gareth, Amy, e Buddy, sendo mais ou menos da nossa idade, são simpáticos para a nossa situação, de modo que encontram maneiras de nos dar privacidade no ônibus sempre que possível.

Oz é criativo também. Ele me encurralou nos bastidores uma vez, em Portland, Maine, e me arrastou para fora no labirinto de caixas de equipamentos. Ele me pressionou contra a parede, nos escondendo entre uma pilha de caixas de equipamentos de som e uma caixa vazia que continha eu não sei o quê. Estávamos quase invisíveis lá, e ele aproveitou isso. Seus quadris prenderam os meus na parede, e seus dedos se ocupavam levantando minha saia em torno de meus quadris. Eu envolvi minhas pernas em volta dele, sorrindo em seu pescoço quando ele percebeu que eu não estava usando calcinha. Minha risada em sua surpresa se transformou rapidamente em um gemido de necessidade, e de lá para um grito mal sufocado quando ele me encheu. Ele me calou com um beijo, manteve a boca esmagando minha e comeu meus gritos e gemidos, sugado para baixo a minha respiração e me deu a sua, me segurando no alto com as mãos fortes colocadas em minha bunda.

Não demorou muito para que nós dois estivéssemos tremendo e ofegando juntos, ajeitando a roupa a tempo de ver um técnico de som vasculhar uma corda. Ele sorriu para nós, como se soubesse exatamente o que tínhamos acabado de fazer. Talvez ele realmente soubesse, mas isso não me incomodava.

Eu ainda estou indo para a escola. Estou em Belmont agora, estudando para uma licenciatura em gestão de música. Eu amo tocar, e vamos parar só no dia em que eu morrer, mas eu também adoro o lado técnico dela, o lado do negócio. Eu amo trabalhar com Andersen procurando uma boa melodia, ajustes e ajustes e ajustes até que a música fique perfeita. Oz se contenta em tocar, eu acho. Ele e meu pai estão se aproximando, e eles estão falando sobre a abertura de um negócio de restauração de carro clássicos juntos. Papai costumava fazer isso para ganhar a vida, e Oz tem um talento especial para o tipo

de detalhes que fazem parecer uma restauração autêntica. Isso é o que diz meu pai, pelo menos, e eu não tenho ideia se Oz tem esse dom.

Eu estou querendo saber sobre o nosso futuro juntos. Eu sei que estamos apaixonados, e eu sei que nunca haverá mais ninguém para nenhum de nós. Mas eu ainda estou morando com meus pais. Oz tem seu próprio apartamento agora, e quando estamos em Nashville eu fico lá mais noites do que em casa, mas é... Não é o mesmo. Sempre que eu falo sobre me mudar pra sua casa, ele meio que descarta o assunto, passa por cima e faz parecer que nós temos todo o tempo do mundo para descobrir isso. E, quero dizer, nós temos, eu acho, mas eu quero estar com ele o tempo todo, e eu quero isso agora. Eu não quero ter que toda vez voltar para a minha mãe e pro meu pai para ter roupas limpas. Eu não quero estar dividida entre a casa deles e a de Oz. Eu pertenço a Oz agora. Ele é a minha casa.

Mas ele parece reticente apesar de tudo. Sua grande desculpa é: *"Eu não quero apressar as coisas".* Que diabos que isso quer dizer? Nós nos conhecemos e em questão de meses fizemos sexo, e não era muito mais do que isso antes de nós dois sabermos que nos amávamos. Em menos de um ano, e estávamos totalmente sérios e comprometidos. Quanto mais apressado você consegue? Eu não preciso de mais tempo. Não é que eu o pressione a me pedir em casamento, eu não espero esse nível de compromisso com ele ainda. Não me interprete mal. Eu digo antes que ele fale qualquer coisa, eu sei que é um passo enorme pra ele. É para mim também, eu sei que essas coisas são diferente para o homem, especialmente um que cresceu como um nômade como Oz. Ele ainda podia ter o desejo de viajar, seguir em frente. Eu não acho que ele queira se levantar e sair. Ele me quer com ele, e ele sabe que eu estou comprometida a terminar a minha licenciatura.

Tudo isso significa que, apesar do quanto estou feliz, em geral, há um pouquinho de uma impaciência irritante dentro de mim. Como uma pedra minúscula em seu sapato, não é doloroso, apenas... Irritante. Eu quero tudo com Oz, e eu quero agora.

Enquanto a nossa turnê chega mais perto de Nashville, mais impaciente que eu fico. Eu não sei porquê. Oz tem agido de modo

estranho, também. Saindo com junto com meu pai, às vezes, sussurrando pelos cantos. Eu sei que eles estão escrevendo uma música. E eu sei ao que parece,que não é nada além disso. Mas por que o sigilo? Eles sempre se calam, quando eu chego perto, e isso está começando a me incomodar. Além disso, Oz tem ficado muito no telefone, não tenho certeza com quem, nem por quê.

Algo se passa, e eu quero saber.

Faltando um dia para chegar a Nashville, no segundo e último show, em Detroit. The Fox Theater está totalmente lotada. Oz está nervoso, distraído. Mamãe e papai estão quase acabando sua apresentação, e Oz está nos preparando a nossa. Eu tomo as mãos de Oz nas minhas, fico peito a peito com ele, olho em seus olhos cinza-marrom.

— Oz... Eu sei que você está escondendo algo de mim. Apenas... Apenas me diga se eu preciso ficar preocupada com o que quer que seja. Diga-me se se é algo ruim. Sobre mim, ou nós. — Eu odeio como insegura eu sou, mas eu preciso de algum tipo de garantia dele.

Oz cutuca minha testa com a dele, suspirando. — Você não precisa se preocupar. Eu sei que eu tenho agido estranho ultimamente, e eu sinto muito. Não é nada ruim, eu prometo. Eu amo você, só você, e eu não vou a lugar nenhum.

— Então o que é?

Ele sorri para mim. — Bem, eu estou planejando uma surpresa para você. Isso é tudo que eu vou dizer.

Eu franzo a testa. — Você não pode pelo menos me dar uma dica?

Oz balança a cabeça. — Não... Sem dicas.

E então aqui estamos, e não há tempo para falar. Vamos em frente, eu tento me distrair,empurrando pra longe minha curiosidade.

O show foi fantástico, mas todo o caminho de Detroit para Nashville, Oz está agitado, nervoso e estranho. Papai continua olhando para mim, e então para Oz, e, em seguida, sorrindo.

Não é que eu odeie surpresas, eu não sei... Eu gosto de surpresas. Eu só... Esta parece grande, por alguma razão, e eu não sei o que esperar. Eu só tenho que aguardar o que vou acontecer, eu acho.

Finalmente, chegamos a Nashville e é muito bom passar uma noite

em casa, em nossas próprias camas. Sexta à noite teremos um jantar de comemoração do fim da turnê com mamãe, papai, Oz e eu, além de Amy,Gareth, Buddy, e um monte de gente da equipe que estiveram na estrada com a gente desde abril.Somos todos como uma família agora, e eu sei que Oz especialmente ficou próximos de alguns dos técnicos de guitarra. É bom ver, realmente. Eu sei que Oz não faz amigos facilmente, e vê-lo abrir-se um pouco para as pessoas que não eu ou mamãe e papai é muito legal.

Passamos o dia todo sábado no Ryman, ensaiando, reunindo nosso setlist, recebendo tudo sintonizado e marcando. E então, quando eu acho que eu vou ficar alguns minutos a sós com Oz, ele desaparece com o papai. Dirijo-me a mãe, bufando de irritação.

— O que diabos estão acontecendo com eles, mamãe?

Mamãe apenas encolhe os ombros e balança a cabeça. — Eu não sei, querida. É um grande segredo, no entanto. Seu pai não vai mesmo me dizer o que está acontecendo. Diz que iria estragar a surpresa. — Ela envolve o braço em volta de mim. — Aqui está um pequeno conselho, no entanto, doçura. Quando caras fazem coisas como esta, por conta própria, e não envolvem as mulheres na mesma, você sabe que é algo romântico. Toda vez que um homem tem esse tipo de comportamento, mantendo segredo é que ele tem algo enorme, sexy e doce na manga. Eu realmente não acho que você precisa se preocupar. Apenas... estar preparada para qualquer coisa.

Eu me inclino para ela. — Ele nunca foi tão reservado. Estou estranhando muito.

Mamãe ri. — Eu sei, querida. Mas tente não surtar. Oz te ama, e isso é tudo o que realmente importa, certo?

Concordo com a cabeça e tento afastar a preocupação. — Certo.

Eventualmente, Oz e papai voltam, e nós quatro jantamos juntos. Oz e papai agem como se nada estivesse errado, então eu tento também. Mais tarde naquela noite, quando Oz e eu chegamos em seu apartamento, eu decidi tentar um interrogatório-sedução.

Assim que trancamos a porta atrás de nós, eu empurro Oz de volta contra a parede, tomo as chaves dele, as atiro de lado, não me importando onde caiam. Os olhos de Oz estão estreitos, como se ele

soubesse o que eu estou pensando. Ele está usando uma camisa branca de botão, e faço o trabalho de removê-la, deixando-o deliciosamente sexy apenas de calça jeans e botas. Faço uma pausa para desabotoar minha camisa e vou tirando o sutiã, jeans e calcinha em tempo recorde. Nua agora, eu beijo a minha maneira, do queixo ao peito, abaixo das costelas até o umbigo. Eu deslizo a fivela do seu cinto, desabotoo sua calça jeans e puxo para baixo. Passo seu jeans pelos seus quadris e puxo o cós de sua cueca para apenas o suficiente para deixar a ponta do seu pau pra fora, e eu sorrio para ele.

Ele lambe os lábios e suga uma respiração profunda. — Kylie, querida. O que você está pensando em fazer lá embaixo?

Eu deslizo a cueca, mantendo meus olhos sobre ele. — O que você acha que eu estou pensando em fazer aqui?

— Eu acho que você está tentando pescar informações.

Eu envolvo meus lábios em torno dele e chupo forte provando a sua carne, ea essência que começa a escoar para fora de sua ponta em minha língua. Quando ele está gemendo, eu levanto a minha boca dele. — Está funcionando?

— Não. — Ele emaranha os dedos no meu cabelo. — Você vai ter que tentar de novo.

Eu rio, e faço novamente. Desta vez, eu o aperto na base e deslizo os dedos ao redor de sua espessura enquanto eu trabalho na cabeça com meus lábios e língua. Ele começa a se mover com a minha aspiração, e quando eu sei que ele está perto, eu levo a minha boca a distância. — E agora? Diga-me o que está acontecendo, e eu vou deixar você gozar na minha boca. Eu sei o quanto você ama isso, e já faz um tempo. Desde Montana, certo? Você sabe que você quer isso.

Ele geme. — Deus do céu, Ky isso é malvado. Punição cruel e incomum.

Eu rio e agito minha língua. — Mas eficaz certo?

Ele estremece e seus quadris bombeiam, tentando chegar mais perto da minha boca, procurando alívio. Eu não dou a ele. — Foda-se, querida. Eu não... Não conto. É uma surpresa. Uma boa surpresa. Se você quer que isso seja uma surpresa, basta confiar em mim, ok? — Ele rosna. — Eu estou ficando louco aqui, baby.

— Só uma dica? — Eu imploro.

Ele assobia quando eu bombeio meus dedos para cima e para baixo em seu comprimento. — Foda-se... Foda-se. Se eu der uma dica, você vai me deixar gozar?

— Tão forte baby. Eu juro.

Ele ri, e, em seguida, permite que sua cabeça bata contra a parede. Eu retardo minhas mãos sobre ele, puxando-a para longe. Ele não está imune ao meu toque, e eu sei que eu tenho dele.

Mas, então, ele se move como uma cobra impressionante. Não há nenhum aviso, sem chance de resistir. Um segundo eu estou no controle, de joelhos na frente dele com seu pau grosso em minhas mãos e meus lábios descendo para acabar com ele e, no segundo seguinte eu estou em minhas mãos e joelhos, e ele está atrás de mim.

Abro a boca para protestar, mas tudo o que sai é um grito ofegante. Ele está em mim, deslizando profundo, rápido, duro, e eu só posso gemer.

– Oz... Jesus, Oz. Oh, meu Deus. — Todas as minhas exigências e planos estão arruinados. Ele está no controle agora, mãos segurando meus quadris, me puxando contra ele, arrancando gemidos de mim.

Ele se inclina e morde minha orelha. — Você quer uma dica, baby? Vou te dar uma dica. É uma surpresa. Uma muito, muito, grande. Ele enfatiza isso com um golpe duro que me balança para frente — Surpresa.

Eu não posso me conter, mas eu me movo de volta para ele, precisando o que ele está me dando agora. — Por que você não me conta?

— Porque você tem que esperar até amanhã. — Ele respira no meu ouvido, seu hálito quente. — Você não confia em mim, baby?

— Sim, eu confio em você. Eu suspiro.

— Então, deixe ser uma surpresa.

Eu estou na borda agora, a algumas estocadas antes de gozar forte. — Ok, Oz. Ok. Ok. Eu confio em você.

Ele puxa para fora, e eu choramingo em choque. — NÃO! Foda-se, Oz, coloque de volta, por favor, eu preciso disso, eu estava lá!

Ele ri, e eu sinto o deslizar a ponta, mas é longe de ser suficiente.

— Você confia em mim, bebê?

Concordo com a cabeça e tento balançar para obter a plenitude de volta. — Sim, Oz, eu confio em você.

Ele agita os quadris, e eu sinto a ponta deslizar, superficial, insuficiente, provocando pressão. — Você não gostaria de estragar a minha surpresa, não é?

— Não... Não. — Eu procuro alivio, sem vergonha, mendigando. — Por favor... por favor...

Ele está gemendo, rosnando. — Você foi sorrateira, Kylie. Isso que você fez foi uma coisa muito sorrateira e desonesta.

— Eu sinto muito... Eu só estou... Eu estou morrendo de curiosidade.

Ele puxa para fora, e eu choramingo mais uma vez, mas depois ele me rola nas minhas costas, levanta os meus calcanhares sobre os ombros e me penetra, repentino, duro, e perfeito. — Você está com medo, é o que você está.

— Sim, você nunca manteve nenhum segredo de mim.

— Eu sei. Mas este é um bom segredo.

— Um bom segredo?

Ele desliza para fora e para dentro, e eu estou gemendo de forma humilhante. — Sim, doçura. Um muito bom. Isso é toda a dica que você vai conseguir.

— Quase funcionou, porém, não foi? — Eu pergunto, observando-o através do "V" de minhas pernas.

Ele balança a cabeça, com os olhos se fechando. — Muito... Quase. Por que você acha que estamos fazendo isso no chão? Mais alguns segundos e eu lhe dizia.

Eu gemo, em parte em frustração e, em parte, no prazer encantado quando ele começa a balançar em mim forte e rápido. — Foda–se, Oz. Eu quase tive você?

Ele geme. — Sim, baby. Essa sua boca doce... Oh, merda. Eu estou bem aqui...

— É melhor você não parar, Oz. É melhor você não, porra parar...

— Claro que não...

E, então, explodimos juntos, meu calcanhar em volta do seu

pescoço e, em seguida, ele está inclinando–se sobre mim e minhas pernas estão em sua volta e estamos ofegantes e tremendo e balançando juntos, numa mesma respiração.

Alguns momentos depois seu peso descansa em mim, e em seguida, Oz se levanta, levanta-me em seus braços, e me leva para a cama. — Eu não posso acreditar que você tentou isso.

Eu rio e me enrolo em seus braços. — O quê, tentar tirar a verdade de você?

— Sim. É tão difícil de confiar em mim?

Eu fecho meus dedos sobre seu pênis, precisando de mais já. — Sim. Você tem agido muito estranho, querido.

Ele bufa uma risada, então geme quando ele começa a endurecer na minha mão. — Deus, Kylie. Você é insaciável, não é?

— Você gostaria que fosse de outra maneira?

— Porra nenhuma! Eu sou o cara mais sortudo da Terra, doçura, e bem, eu sei disso. Mas você realmente acha que eu faria alguma coisa para machucá-la?

— Não — eu disse, jogando minha perna sobre seu quadril e me enrolando nele. — Eu só... Eu acho que eu ainda não posso acreditar o quanto eu te amo, como você me faz feliz, e eu não quero que nada mude isso.

— Nada pode mudar, Kylie. Nada no mundo todo.

Desta vez, é lento e suave e gentil, e seus olhos nunca deixam os meus, e quando nós implodimos juntos, seus lábios encontram os meus e a nossa respiração se funde fazendo o tempo parar eo próprio céu quebra através de nós, tecendo nossas almas juntas.

♥

Domingo, é o dia do show. Nos bastidores e o nervosismo deixa todos nós um pouco no limite. Este é o maior show que qualquer um de nós já fizemos, mesmo minha mãe e meu pai.

Os Harris Mountain Boys vão em primeiro lugar, minha mãe e o meu pai em segundo lugar, e Oz e eu em terceiro. No final do nosso set

regular, minha mãe e o meu pai aparecem, e nós quatro tocamos algumas músicas juntos, e, em seguida, Amy, Gareth, e Buddy aparecem, e todos nós tocamos por quase meia hora, e a multidão vai à loucura.

Finalmente, o show acabou. Nós todos agradecemos, aquecendo-nos da energia selvagem da multidão.

As luzes se apagam, e nós fazemos o nosso caminho para fora do palco.

E, em seguida, as luzes se acendem, e Oz e papai estão de volta no palco, conectando suas guitarras.

— Vocês não se importam de ter mais um pouco de música, não é? — Papai pergunta no microfone.

— NÃO! — Vem a resposta entusiasmada da multidão.

Mamãe e eu olhamos uma para a outra. Isso não fazia parte do set planejado, esta é a surpresa.

— Bom, porque Oz e eu aqui temos uma pequena surpresa. — Ele bate no ombro de Oz.

Oz parece muito nervoso. Eu posso dizer pela postura de seus ombros, pela maneira como ele arrasta no chão do palco a ponta da bota. — Esta surpresa é para vocês — diz Oz — porque vocês todos são o motivo de nós fazermos música, e nós amamos vocês por isso. Mas é também uma surpresa para as meninas. Para Kylie, especialmente. Ele se vira e acena para mim — Venha, querida.

Colt olha para a mãe. — Você, também, Nelly.

Todo mundo está confuso. Mamãe e eu voltamos para o palco, e dois ajudantes nos trazem banquinhos. Sentamos viradas de frente para o palco e para os caras.

— Se alguém aí tem idade suficiente para ter visto Nell e eu tocando quando nós estávamos começando, vocês todos devem se lembrar de uma noite particularmente memorável em Nova Orleans. — Papai está olhando para mamãe com os olhos que falam de seu amor, que falam dos segredos de vinte anos de casamento. — Eu toquei uma música naquela noite. Uma música muito especial. Uma que não tocamos ao vivo em... Oh, inferno, dez anos? Alguém se lembra desse show? Qual música que eu toquei?

Oz está mexendo com os botões de ajuste de seu violão, afinando as cordas. Eu o obervava, e seus olhos encontram os meus. Os nervos eram evidentes em seus olhos, e eu sorrio, tentando tranquilizá-lo.

A multidão está inquieta, murmurando, e eu ouço uma única voz gritar na parte de trás — *Falling IntoYou*!

Papai acena. — Essa mesma. Vocês estão prestes a ouvir uma versão muito especial dessa música. Oz e eu a ajustamos um pouco para esta ocasião, então agora nós a estamos chamando diferente. Esta é '"*Falling Under*".

Ele bate a palma na sua guitarra para contar a batida, e então ambos começam a tocar. Mamãe está assistindo, mão sobre a boca, e então ela se vira para olhar para mim, e seus olhos já estão molhados. Ela está torcendo seu anel de diamantes em seu dedo. Eu compreendo quando papai e Oz começam o primeiro verso.

Toda a minha vida pareceMal
fui mantendo
Minha cabeça acima da água
E então eu vi você
Você viu toda a dor
Escondendo-se em meus olhos
E você queria
Tirá-la
Mas eu não tinha palavras para você
Porque eu estava caindo
E eu estou caindo, caindo abaixo com você
Eu não posso resistir a você, baby
Eu estou caindo, caindo sob com você
Seu amor me curou
O destino interveio
Conspirar para nos aproximar
E emaranhando nossas vidas
A sereia da sua música
E a música do seu coração está chamando
Sussurrando meu nome

E agora eu tenho as palavras para você
Porque eu estou caindo abaixo com você
Agora eu estou caindo, caindo abaixo com você
Eu não posso resistir a você, baby
Eu estou caindo, caindo abaixo com você
E eu estou caindo ainda
Eu estou caindo ainda
Agora que o destino interveio
E nos atraiu
Passado nossos medos e toda a dor
Atrás de nossos olhos
Apesar dos fantasmas arrastando em torno de nós
Como uma névoa de alma assombrada
Você ainda está se esforçando para me curar
Para tirar a minha dor e torná-la sua
Seus belos olhos estão sorrindo
Dentro dos meus
Agora eu estou caindo, caindo abaixo com você
Eu não posso resistir a você, baby
Eu estou caindo, caindo abaixo com você
E eu estou caindo ainda
Eu estou caindo ainda
Eu estou caindo ainda
Caindo sob você.

Pai continua tocando, mas o técnico de som torna o volume mais baixo, de modo que a melodia é um fraco refrão, uma trilha sonora para o que está prestes a acontecer. Oz balança sua guitarra pela alça para pendurar suas costas, vira-se para mim, agarrando o microfone do suporte.

— Kylie... é isso. Você está pronta? Ele sorri para mim, está na minha frente. Eu só posso assentir e tentar respirar. — Vinte anos atrás, seu pai tocou essa música para sua mãe. Eu queria de uma maneira especial fazer isso por você, e seu pai pensou que isso poderia ser perfeito. Na verdade, eu assisti a um vídeo desse pedido, e eu não

me importo de admitir ter ciúmes da grandiosidade de seu pai. Eu sou apenas grato que ele não se importa de eu roubar a sua ideia, e até mesmo conspirar para me ajudar a torná-la muito mais perfeita.

Ele respira fundo, enfia a mão no bolso. — Eu te amo, Kylie. Você é isso, para mim. Você me salvou você sabe. A vida que eu tinha me fazia correr. Tinha-me pelo pescoço, e eu realmente estava desmoronando, perdendo a esperança. E então eu conheci você, e você me deu uma razão para manter minha cabeça acima da água. Você me ensinou a nadar. Você me ensinou a viver. E, em vez de desistir, eu me apaixonei. Eu caí no seu feitiço, Kylie, e todos os dias desde então, eu caí mais e mais sob você.

Estou chorando, chorando descaradamente, e eu não me importo quem vê. Eu me levanto e alcanço Oz, mas ele cai de joelhos aos meus pés, segurando um anel. É um pequeno anel, simples, uma aliança de ouro branco fino comum diamante corte princesa, mas, para mim, naquele momento, é a coisa mais linda que eu já vi. Exceto o rosto de Oz e o amor em seus olhos.

Ele olha para mim, claramente lutando com suas próprias emoções. — Kylie Calloway, você quer...

Eu não o deixo terminar. Eu caio de joelhos e me arremesso nele, bato meus lábios nos dele. Nós caímos para trás no palco, e a multidão está ficando louca, gritando, aplaudindo, batendo palmas. Oz continuou segurando o anel e o microfone assim comigo deitada em seu peito, ele levanta o microfone para os lábios.

— Acho que isso é um sim?

Eu ergo minha mão esquerda, e ele desliza o anel no dedo. Eu tomo o microfone. — Sim, Oz! Claro que sim. Com todo o meu coração, sim.

Nós voltamos a nos beijar, sem nos importarmos com os milhares de pessoas assistindo.

Eu ouvi papai falar. — Eu não posso pedir-lhe para casar comigo de novo, Nelly, baby, mas posso dizer-lhe o quão perfeito os últimos vinte anos têm sido. Eu posso te dizer que eu te amo agora infinitamente mais do que amava. E eu posso te dizer que eu vou passar todos os momentos dos próximos vinte anos te amando muito

mais.

A multidão não consegue lidar com isso. Eles estão completamente loucos, apopléticos de alegria. Finalmente, Oz e eu temos que nos afastar antes que as coisas fiquem muito quentes.

Mamãe está chorando também, e ela pega o microfone de Oz. — Sabe o que é engraçado é que eu não deixei Colt terminar seu pedido, também. Tal mãe, tal filha, né?

Ela olha para Oz. — Seu sobrenome não é Calloway, mas Oz, você é tão parecido com o meu marido que é um pouco assustador às vezes. E eu realmente não conseguiria pensar em ninguém melhor para se casar com a minha filha do que você.

Sua atenção vai para Colt. — Baby... Você é tão perfeito que me deixa tonta, às vezes. Eu te amo tanto que eu nem sei como expressar, eu realmente nunca soube. Eu passei minha vida tentando mostrar a você o quanto eu te amo, e eu nunca fui capaz de acertar. E eu sou apenas grata que eu tenho o resto de nossas vidas para continuar tentando.

Eu arranco o microfone da mãe. — Minha vez. Vocês são tão românticos que é quase doentio. Mas eu te amo. Oz, tudo o que posso dizer é que estou sob seu feitiço, e eu estou tão feliz que você não me deixou tirar esse segredo de você. — Mamãe e papai ambos reviram os olhos para isso, mas eu continuo indo. — Mamãe e papai... Apenas obrigado. Por tudo. E para vocês, nossos fãs? Obrigado por assistir a tudo isso. Por nos apoiar nesta turnê, e por exigir esse show incrível em nossa cidade natal.

A multidão não parou de aplaudir todo esse tempo, mas agora eles aumentam a intensidade até que se torna ensurdecedor. Nós quatro nos levantamos damos as mãos encaramos a multidão, fazemos reverência juntos, e leva uns dez minutos antes que a multidão pareça pronta a nos deixar ir.

Estamos todos tontos e sobrecarregados com a adrenalina quando nós fazemos o nosso caminho fora do palco, e assim que nós estamos fora da vista do público, eu viro e pulo nos braços de Oz.

— Eu não posso acreditar! Eu enterro meu rosto em seu pescoço. Isso foi perfeito. Tão perfeito.

Ele apenas ri. — Eu não tinha certeza que você ia gostar. Mas seu pai me garantiu que você é bastante parecida com a sua mãe e que você gostaria de receber um pedido como esse. Eu só não acho que uma proposta durante o jantar seria tão especial.

— Eu adorei.

Ele sorri e me coloca para baixo. — Eu tenho mais uma surpresa para você, na verdade.

— Você tem? O quê? — Eu não posso imaginar o que mais há para ser surpreendida.

Ele enfia a mão no bolso de trás e puxa um conjunto de chaves. — Sabe aquela casinha que vimos?

Antes da turnê começar, Oz e eu estávamos dando uma volta. Acabamos por ficar perdido nos subúrbios, e nos deparamos com esta adorável pequena casa para venda. Eu saí e espiei pelas janelas, e fiquei toda menina sobre isso. Eu tinha essa fantasia de nós comprarmos, e até tentei convencer Oz que deveríamos. Ele descartou, dizendo que não estava pronto para isso ainda, e eu deixei pra lá. Mas eu sempre que podia, procurava por ela online ao longo dos últimos meses, perseguindo-a no Zillow[22] para ver se ela ainda estava à venda.

— Sim — eu pergunto, sentindo excitação emoção através de mim.

Ele coloca as chaves na mão. — É nossa.

— Sério? — Minha voz é chocantemente estridente, e eu tenho que controla–la — Quero dizer... Hum, é mesmo? Você comprou?

Ele encolheu os ombros. — Sim. Eu tive... Ajuda, no entanto.

Papai vem. — Feliz noivado, baby.

Oz deixou meu pai ajudá-lo a comprar... me dar uma casa... é... Inacreditável. Eu não sei quem abraçar primeiro, assim eu acabei abraçando os dois. — Vocês dois... Eu amo tanto vocês.

— Eu também te amo, querida — Oz e papai dizem em perfeita sincronia.

Eu só posso rir, e tentar não chorar pela terceira vez em menos de vinte minutos. — Quando é que vamos mudar?

— Eu aluguei um caminhão para amanhã para pegar minhas

[22] Zillow – Maior portal de venda de imóveis dos Estados Unidos

coisas do meu apartamento e qualquer coisa que você precise da sua casa — diz Oz.

Kate aparece ao meu lado, me puxa para um abraço. — Estou tão feliz por vocês dois. Vai ser solitário naquele apartamento sem Oz.

Oz revira os olhos e puxa sua mãe para ele. — Você sabe que nós vamos te visitar, mãe. E você sabe que é sempre bem-vinda. Só não... Você sabe, muitas vezes.

Kate funga e dá um tapinha no peito de Oz. — Eu sei, querido.

Depois disso, as coisas ficam loucas, com a equipe nos parabenizando e Andersen tentando apertar a mão de todos de uma vez, e o gerente de vendas nos dizendo que temos uma fila enorme para autógrafos de espera. Apesar de tudo isso, eu não consigo parar de olhar para o anel no meu dedo, e imaginando o quão incrível será viver com Oz.

Bastante surpreendente, eu acho.

No carro, finalmente em paz, antes de Oz o colocar em movimento eu me declaro. — Você fez a minha vida perfeita, Oz. Eu sei que você disse que eu salvei você, mas... Você me salvou também. Agora eu vou viver com você? Como é que pode ficar melhor?

— Eu acho que tudo isso pode ficar melhor — diz Oz. Ele me beija. — Ah... Pode. Vamos para casa, e eu vou te mostrar.

FIM

Playlist

“Monolith” by Stone Sour
“We Stitch These Wounds” by Black Veil Brides
“Home Sweet Hole” by Bring Me the Horizon
“Life of Uncertainty” by It Dies Today
“Breaking Out, Breaking Up” by Bullet for My Valentine
“I’m Still a Guy” by Brad Paisley
“Goodbye Town” by Lady Antebellum
“Four on the Floor” by Lee Brice
“Hell on Wheels” by Brantley Gilbert
“The Sadness Will Never End” by Bring Me the Horizon
“In Place of Hope” by Still Remains
“A Beast Am I” by Amon Amarth
“Freedom Hangs Like Heaven” by Iron & Wine
“Come On Get Higher” by Matt Nathanson
“Kiss Me” by Ed Sheeran
“Cannery River” by Green River Ordinance
“Down” by Jason Walker
“Set Fire to the Third Bar” by Snow Patrol (feat. Martha Wainwright)
“She Is Love” by Parachute
“Love Is a Verb” by John Mayer
“Let Her Go” by Passenger

NOTA DA AUTORA

Este livro foi um pouco complicado de escrever. E ocorre quando os filhos de Nell e Colt, Jason e Becca são crescidos. Obviamente, então, ocorre cerca de 18 anos após os acontecimentos de Falling Into You e Falling Into Us, tornando-se o futuro teórico. Mas, a fim de seguir o padrão dos dois primeiros livros, eu tive que incluir a música, que é vital para o núcleo dessas histórias. Eu tive que usar a música que captura a personalidade dos personagens, captura o coração da história, igualar a prosa eo ritmo. As músicas referenciadas nesta história, então, são do nosso tempo, o presente. Inventar cultura pop e canções indie "do futuro" não teria tido o mesmo efeito. Elas tinham que ser músicas que você pode olhar no YouTube, iTunes, Grooveshark, Spotify, ou onde quer. Elas são destinadas a ser como referências atuais para canções que Oz e Kylie teriam se familiarizado, porém anacrônico tecnicamente.

Quanto à música de Oz... Pode não ser para todos. Está longe de ser o estilo de música que eu normalmente uso em meus livros, então eu sei que alguns, se não a maioria, dos meus leitores podem não gostar, ou compreendo. É heavy metal e vários subgêneros do mesmo. É a música de Oz, importante para ele, fundamental para a forma como ele expressa as emoções durante a maior parte do livro. Incluindo que era necessário para mim, como autora, para entrar na cabeça de Oz, na alma de quem ele era. Eu tenho que agradecer ao meu cunhado pelas sugestões da banda, apesar de eu saber que ele provavelmente nunca vai ler este livro, ou esta nota. Obrigado mesmo assim.